

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
POS GRADUAÇÃO LATO SENSO
PSICANÁLISE E LINGUAGEM: UMA OUTRA PSICOPATOLOGIA

O TRATAMENTO ANALÍTICO COM CRIANÇAS-
UM CASO CLÍNICO

NATÁLIA SARDENBERG

Orientadora: Sandra Dias

Monografia apresentada como exigência para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica, pelo curso: “Psicanálise e Linguagem: Uma Outra Psicopatologia”

São Paulo
2006

“Começou, então, para mim uma vida incrivelmente estranha e complexa. Os dias passavam com rapidez vertiginosa. Recordo-me desse tempo, como de uma lenda cruel hãbilmente contada por um gênio bom, mas verídica demais. Mesmo agora, quando evoco o passado, custa-me, por vêzes, a acreditar que tudo se passou, verdadeiramente, dessa maneira (...) Lembro-me do caso, como se fôsse ontem (...) (vovô) Tinha colocado no meu pescoço o braço úmido e mantinha o livro aberto diante de meu nariz, por cima do ombro e com o dedo desenhava as letras (...). Eu conhecia o som das letras, mas não os sinais. L parecia um verme; G, Gregory; M, vovó e eu juntos, ao passo que vovô tinha algo semelhante a tôdas as letras, a um tempo só”
(Gorki, M., 1961, p. 22/ 67).

“A feiúra dos cabelos cortados me fez mal. Não sei que noção prematura de sordidez dos nossos atos, ou exatamente, da vida, me veio nessa experiência de minha primeira infância. O que não pude esquecer, e é minha recordação mais antiga, foi, dentre as brincadeiras que faziam comigo para me desemburrar da tristeza em que ficara por terem cortado os cabelos, (...) uma voz masculina falando: ‘Você ficou um homem, assim’. Ora eu tinha três anos, fui tomado de pavor. Veio um medo lancinante de já ter ficado homem naquele tamanhinho, um medo medonho, e recomecei a chorar (p. 130). Foi por uma tarde, me lembro bem, que meu pai suavemente murmurou uma daquelas suas decisões irrevogáveis: ‘É preciso cortar os cabelos desse menino’.(...) Tudo o mais são memórias confusas (...)”. (Andrade, M., 1997, p.130-132).

“Meu pai montava a cavalo, ia para o campo./ Minha mãe ficava sentada cosendo./ Meu irmão pequeno dormia./ Eu sozinho menino entre as mangueiras/ lia a história de Robson Crusoe./ Comprida história que não acaba mais./ No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu/ a ninar nos longes da senzala- e nunca se esqueceu/ chamava para o café./ Café preto que nem a preta velha/ café gostoso/ café bom./ Minha mãe ficava sentada cosendo/ olhando para mim: ‘- Psiu... não acorde o menino’. / para o berço onde pousou um mosquito. / E dava um suspiro... que fundo!/ Lá longe meu pai campeava/ no mato sem fim da fazenda./ E eu não sabia que minha história/ era mais bonita que a do Robson Crusoe” (Drummond, C., 1977, p. 53).

Resumo

O tratamento analítico com crianças- Um caso clínico, 2006

Autor (a): Natália Sardenberg

Orientadora: Sandra Dias

Palavras-chave: psicanálise, análise, criança.

Esta monografia trata da especificidade do tratamento analítico com crianças a partir dos conceitos fundamentais da psicanálise que alicerçam o trabalho do psicanalista com crianças, baseado nas contribuições da teoria lacaniana. Por meio da análise de um caso clínico, apresentamos o processo de direção de cura no tratamento infantil, particularizado o trabalho com relação ao sintoma de debilidade.

O caso clínico refere-se a uma criança de 10 anos, com sintoma de debilidade mental e que está em atendimento há três anos. A análise do processo de direção de cura foi realizada considerando os seguintes pontos: a entrada da criança na análise e a primeira operação realizada por ela; a elaboração da fantasia; o significante, a letra e o objeto; o real do corpo e os objetos pulsionais.

A análise do processo terapêutico permite considerar que, no decorrer deste tratamento, observou-se uma mudança da posição da criança em relação à debilidade. Da posição caracterizada pelo sintoma de debilidade mental- quando o sujeito flutua entre dois discursos, recusando a castração simbólica e o saber; com o tratamento- a criança assume a posição de um sujeito dividido e alienado no significante. Isso foi possível pela operatividade da função paterna simbólica; as cifrações remetidas à letra e aos traços; a identificação simbólica; a realização da operação de alienação, a subtração do objeto a e a redução do sujeito ao significante; bem como a construção da fantasia. A partir disso, a criança pôde construir uma imagem unificada de seu corpo e também desfazer o que se encontrava holofraseado.

SUMÁRIO

Introdução.....	p. 01
Capítulo 1 - A criança na Psicanálise	
1.1- A criança e o infantil em Freud.....	p. 04
1.2- A análise com criança, um percurso histórico após Freud.....	p. 12
1.3- A teoria lacaniana e suas contribuições.....	p. 16
1.3.1- Neurose infantil, neurose na criança e neurose contemporânea.....	p. 23
1.3.2- O sintoma da criança.....	p. 24
1.3.3- A clínica com a criança: Psicanálise de crianças ou com crianças?.....	p. 26
Capítulo 2 - A criança e o saber	p. 29
Capítulo 3 – O significante, a letra e o objeto	p. 32
3.1- O escrito como escritura.....	p. 38
Capítulo 4- Da inibição à debilidade.....	p. 41
Capítulo 5- Análise de um caso clínico	
5.1- Da queixa ao sintoma.....	p. 45
5.2- O discurso no Outro.....	p. 46
5.3- O discurso do Outro.....	p. 48
5.4- A falha na referência simbólica.....	p. 51
5.5 – <i>O tratamento analítico – A direção de cura</i>	
5.5.1- A entrada na análise e a primeira operação realizada pela criança.....	p. 54
5.5.2- Estrutura gramatical da fantasia- A repetição e a elaboração.....	p. 55
5.5.3- Real do corpo e os objetos pulsionais.....	p. 68
5.5.4- A letra, o significante e o objeto.....	p. 87
Capítulo 6- Discussão e Conclusões.....	p. 106
Referências Bibliográficas.....	p. 115

Anexos

Anexo 1- Sessões.....p.124

Anexo 2- Figuras/ Desenhos.....p.169

Introdução

Se inicialmente nos remetermos aos termos ‘criança’ ou ‘infância’, temos de considerar que esses tiveram diversas significações no decorrer da história. Foi somente a partir da Idade Média que começaram a ser usados termos que se referiam a fases da vida, como infância ou vida adulta. Porém, esses termos eram “eruditos” e usados somente para fazer referência a desenvolvimentos biológicos, como nascimento dos dentes ou possibilidade de procriar (Ariès, 1986, p.33-36). Nesta época, a adolescência remetia a uma fase da vida que durava até 30 ou 35 anos de idade e não se diferenciava de infância. Na França, por exemplo, só existia o termo ‘enfant’ para se referir tanto a criança como ao adolescente e, assim, era possível encontrar a seguinte construção: “Aos 24 anos é uma criança forte e virtuosa” (1986, p. 42). Só no século XVII e XVIII se passa a utilizar certos termos para se referir propriamente à infância. Na França, por exemplo, eram utilizados os termos: “bambins, pitchouns e fansfans” (1986, p. 66).

Na Idade Média também não existia um sentimento da infância, ou seja, a “consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem” (1986, p.156). Esse sentimento surge no século XVI quando a criança passa a ser vista por sua graça, ingenuidade ou como uma forma de distração para os adultos. Surge, ainda, uma atenção maior dos adultos à criança, o que segundo Ariès poderia ser denominado de “paparicação” (1986, p. 163).

É somente no século XVIII que a infância é diferenciada da adolescência e, devido à reforma religiosa e a uma preocupação com a moral e a educação, que a criança passa a ser vista como um ser frágil, que deve ser educado e disciplinado. Passa a existir assim a concepção de uma inocência infantil. Antes, no século XV ou até no século XVII, fazia parte associar a criança a uma liberdade da linguagem relacionada com a sexualidade. Ariès cita, por exemplo, a “popularidade do tema da criança fazendo pipi” (1986, p.130), ou da criança no seio da mãe.

O significado de ‘infância’, em sua origem, envolvia aqueles indivíduos que não falavam e também, remetia a dificuldade de eloquência, ou de explicar. Já o termo “infantil” tinha o significado de ingênuo ou tolo e o termo “criança” (a partir século XVIII) também evocava essa ingenuidade em uma pessoa. Além disso, infantil e criança eram usados para ambos os sexos, meninos e meninas (Ferreira, 1999, p. 20-21).

Já a psicologia da criança surge somente no século XIX. Segundo Sauret (1997, p.13-15), esse surgimento se relaciona com um período de fracasso da ciência moderna, no qual se buscava determinar o que acontecia com a criança a partir da biologia. Naquele momento, para a psicologia que, então, tinha caráter de experimental, a criança passa a ser vista como objeto da ciência, a qual busca avaliar suas capacidades (como o teste de QI), ou ainda, formas de nomear seus comportamentos. Para o autor, configura-se assim, uma ciência que experimental e objetiva que acaba por excluir o sujeito.

Quanto à psicanálise com crianças, segundo Zornig (2000), tanto as discussões antigas, o debate de Anna Freud e Melanie Klein, como as atuais referem-se aos “impasses” dessa clínica. Esses impasses se articulam ainda, aos diversos questionamentos que permeiam essa prática, por exemplo, se a psicanálise com crianças envolveria uma singularidade, como tratar da dependência da criança aos pais e como se dá essa clínica se considerarmos crianças como sujeitos em constituição (p.123-125).

Com referência à teoria lacaniana, constata-se que este tema envolvia uma diversidade de autores que muitas vezes operavam ou realizavam leituras de forma diferenciada. Parecia, assim, que se tratava de um campo que ainda estava se consolidando. Melman (1997) afirma sobre a clínica com crianças no campo lacaniano:

“A psicanálise não saiu absolutamente destes problemas, não inovou em matéria de educação, em matéria de pedagogia, e não me parece que, em matéria de psicanálise de criança ela tenha especialmente inovado. Mas talvez isso não seja impensável, ou mesmo impraticável (...)” (p. 25).

Porém, se de um lado a psicanálise não inovou com relação a psicanálise com crianças, de outro lado trouxe diversas contribuições e questionamentos quanto a essa clínica. E diferente da ciência moderna que toma a criança como objeto, como o observável, a psicanálise permite considerá-la como sujeito.

A partir das contribuições da psicanálise e da análise de um caso clínico, este trabalho vai apresentar a especificidade da trabalho com crianças. Inicialmente vamos apresentar os conceitos fundamentais que alicerçam o trabalho do psicanalista com crianças. Consideraremos o infantil e a criança em Freud e a evolução teórica e conceitual da análise com crianças, destacando a teoria lacaniana e suas contribuições. E finalmente, iremos apresentar a direção de cura no tratamento infantil e particularizar esse trabalho com criança em relação ao sintoma de debilidade.

O caso clínico a que iremos nos referir trata de uma criança que apresenta o sintoma de debilidade mental e que há três anos está em atendimento. Iniciamos o trabalho com as entrevistas preliminares, realizadas com a criança e o responsável, no caso a avó paterna que o adotou. Essas entrevistas permitiram o acesso aos significantes que marcam a história da criança e a linhagem geracional, como também, o lugar que a criança ocupa frente ao desejo do Outro. O conteúdo dessas entrevistas será dividido em quatro tópicos: da queixa que é trazida ao sintoma que se coloca; o discurso no Outro, referindo-se ao real da linhagem; o discurso do Outro; e o que se configura na estrutura familiar como sintomático.

A partir daí iremos nos referir propriamente à direção de cura no processo terapêutico. Considerando que o tratamento com a criança envolve uma subjetivação do discurso e desejo do Outro, essa análise será dividida em quatro pontos que abarcam essa subjetivação: como se deu a entrada no tratamento e a primeira operação realizada pela criança; a elaboração da fantasia; as articulações entre a letra, o significante e o objeto; e sobre o real do corpo e os objetos pulsionais.

Capítulo 1- A criança na Psicanálise

1.1- A criança e o infantil em Freud

“ Ouvi uma criança, com medo de escuro, dizer em voz alta: ‘ Mas fala comigo titia . Estou com medo!’ ‘Por que? De que adianta isso? Tu nem estas me vendo.’ A isto a criança respondeu: ‘Se alguém fala fica mais claro’ ”. (Freud, 1917, p. 408)

Os trabalhos de Freud deram início as teorizações e considerações clínicas quanto à psicanálise com relação à análise de crianças. Como também, o surgimento da psicanálise promoveu uma mudança da concepção de criança. Não se tratava mais da criança remetida a uma inocência, assexuada ou ainda, a criança como objeto (no sentido de avaliar capacidades), mas de uma nova forma de abordar essa temática.

É a partir da análise com adultos que Freud é levado a considerar a infância, ou melhor o infantil, e seu papel na vida de uma pessoa. Ele se depara através de sua prática clínica com a sexualidade infantil, o que segundo o autor, foi confirmada com suas observações de crianças, em especial, a análise do pequeno Hans. Além disso, para Freud, a análise com pacientes adultos pode permitir a reconstrução da vida mental infantil esquecida e o preenchimento das lacunas da memória (1900, p. 277). Para o autor, o mito de Édipo é considerado como tendo o: “ (...) papel principal na vida mental de todas as crianças que depois se torna psiconeuróticos é desempenhado por seus pais” (1900, p.287). Mito que será desenvolvido posteriormente como o núcleo central da neurose. A vida mental das crianças é relacionada assim com o desenvolvimento de uma psicose.

O que passará a ser destacado é a vida mental infantil relacionada ao sexual. Inicialmente, devido à experiência clínica com as histéricas, Freud não relacionava os sintomas orgânicos a lesões orgânicas, mas a fatores hereditários, constitucionais e ambientais, ao mesmo tempo em que já ressaltava a importância da vida sexual na etiologia da histeria. Além de considerar que podiam existir casos de histeria em crianças de seis a dez anos, ou ainda, em adolescentes (1888, p. 88). Depois, Freud considera que os sintomas neuróticos estariam remetidos à sedução de um adulto (uma perversão) na primeira infância, que inicialmente não pode ser significada, mas que o será mais tarde.

Porém, no desenvolvimento de sua obra, Freud coloca em xeque essa idéia, dizendo que não se trataria de um evento empírico, mas sim de uma fantasia de sedução. Além disso, para Freud, essa experiência sexual de sedução - que envolvia diferentes partes do corpo, posteriormente nomeadas como zonas erógenas- ocorreria primeiramente com a pessoa “pré-histórica, inesquecível” (1896, p. 287). Assim, era a mãe o primeiro sedutor, ou a primeira. E as cenas traumáticas ou o trauma a que Freud se refere passam a nos remeter a cenas infantis de conteúdo sexual.

O ‘infantil’ e a sexualidade têm agora papel central na etiologia da doença. Em 1900, Freud desenvolve sobre o recalque, as formações psíquicas e o aparelho psíquico. Sustenta que as lembranças inconscientes da primeira infância, que serão resignificadas no decorrer da vida da criança, são as lembranças que mais têm efeitos posteriores, apesar de serem esquecidas ou recalçadas.

Observamos ainda, em 1900, referências agora propriamente às crianças, quando Freud relaciona os mecanismos do inconsciente e o trabalho do sonho (condensação e deslocamento) com certos aspectos da linguagem das crianças:

“Os truques linguísticos feitos pelas crianças, que, às vezes, tratam realmente palavras como se fossem objetos, e além disso inventam novas línguas e formas sintáticas artificiais, constituem a fonte comum dessas coisas tanto nos sonhos, como nas psiconeuroses” (p.329).

Posteriormente, em 1910, esse brincar com a língua das crianças é relacionado por Freud ao trabalho do sonho. No sonho não existe o ‘não’, como uma palavra pode ter diferentes significações, o que ocorre nas línguas antigas (como a egípcia relacionada a hieróglifos). E a inversão do som realizado nesse brincar das crianças remeteria a algo arcaico dos pensamentos nos sonhos. Não serão aqui os pensamentos inconscientes? Ou a própria constituição do inconsciente?

Essa inversão do som no brincar com a língua nos leva assim a considerar um caráter precoce do inconsciente e a articulação entre inconsciente e linguagem, como Freud pontua: “(...) não podemos escapar à suspeita de que melhor entenderíamos e traduziríamos a língua dos sonhos se soubéssemos mais sobre o desenvolvimento da linguagem” (1910 c, p.166).

O fato de não existir ‘não’ no sonho irá ser relacionado por Freud com o inconsciente, no qual também inexistente o ‘não’. Para o autor, a presença do não no discurso refere-se a um julgamento e uma suspensão do recalque e dessa forma tem como pré-condição a função intelectual de julgamento. Essa função envolve atribuir certos atributos

ao objeto, se o objeto é bom ou mau; como também o teste de realidade, se o que se percebe realmente existe, ou não, referindo-se apenas a uma alucinação. Para que isso ocorra é preciso que os objetos sejam perdidos e que seja simbolizada a negativa, relacionada ao teste de realidade (1925b, 266-269).

Esse brincar com a língua também será considerado, por Freud, como sendo o início do chiste, ou do gracejo, e se relaciona com o momento no qual a criança aprende a língua materna. Nesses jogos, a criança:

“Reúne palavras, sem respeitar a condição de que elas façam sentido, a fim de obter um gratificante efeito de ritmo ou de rima. Pouco a pouco esse prazer vai lhe sendo proibido até que só restam permitidas as combinações significativas das palavras”(1905 c, p.122).

Para Freud, esse jogo com as palavras é prazeroso por ser proibido, por ser ‘non-sense’ (1905 c, p. 122) e também por estar relacionado a uma liberdade de pensar. Dessa forma, o brincar com as palavras para Freud envolve tanto uma lógica inconsciente precoce quanto a um prazer proibido, revelando os mecanismos que são ‘inconscientes’ nos sonhos. Esse desenvolvimento da linguagem, que poderia ajudar a compreender a ‘linguagem dos sonhos’, ou citamos, a ‘linguagem do inconsciente’, pôde ser desenvolvida por Lacan, posteriormente.

Em 1920, Freud acrescenta que o brincar da criança se relaciona a algo da ordem de uma compulsão à repetição, pois remete a uma repetição de experiências desagradáveis ou experiências marcantes da vida. Isso é feito pela criança para obter controle sobre a experiência desagradável, o que acaba por produzir uma sensação de prazer devido a seu domínio. Além disso, a repetição sempre remete-se à sexualidade infantil e ao Complexo de Édipo e, no caso dos adultos, comparece como uma forma de não recordar. Freud cita, então, a brincadeira de uma criança de um ano e meio com um carretel de madeira. Nesse jogo, o menino jogava o carretel para longe e verbalizava “o-o-o-ó” (1920, p. 25)- o que os pais diziam ser ‘fort’ e teria o significado de ir, ou partir. Quando puxava de volta o carretel pela corda, a criança dizia: ‘da’ (aqui). Essa brincadeira é relacionada, por Freud, com a experiência desagradável da criança de se separar da mãe, quando esta se ausentava e com o prazer da criança de tomar o domínio da situação pela brincadeira.

Temos de considerar, ainda, que Freud amplia o conceito de sexualidade, quando ele postula a sexualidade infantil. Segundo ele (1905b, p.128), a necessidade se expressa

nos seres humanos através da pulsão sexual *¹. Em 1915, a pulsão é definida por Freud como o: “conceito situado na fronteira entre o mental e o psíquico, (...) o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo” (Freud, 1915a, p.127).

Neste momento, Freud não diferencia pulsão de seu representante, o que fará no texto “O inconsciente”. Neste texto, o autor considera que a ‘pulsão’ só pode ter relação com a consciência se considerarmos a representação da pulsão em uma idéia, como considerar ainda que os processos de pensamento se ligam a “(...) resíduos de percepções de palavras” (Freud, 1915b, p. 207), já que somente assim, podem se tornar conscientes. Assim, Freud tratará da representação de coisa e representação de palavra (1915b, p. 182-206).

Mas, retornando ao texto de 1905, por que o autor trata de pulsão e não instinto? Para Freud, não existe um caráter inato ou instintivo do homem, ou seja, não há uma determinação inata que vincule um objeto a uma pulsão sexual. É o que se pode observar nos casos de perversão por exemplo. A sexualidade infantil perverso-polimorfa, comum a todos seres humanos, envolve pulsões parciais que são relacionadas a zonas erógenas, que inicialmente são independentes, ou desvinculadas. Trata-se da pulsão oral, anal, genital; e como Freud cita ainda, a pulsão de olhar (e exibir) e a de saber. A pulsão de saber refere-se a investigação sexual e às teorias que a criança inventa (1905b, p.183).

Essas teorias referem-se ao interesse intelectual da criança pelos enigmas da sexualidade (Freud, 1907), que num determinado momento se colocam. As teorias infantis envolvem: a teoria da mulher fálica, quando a criança imagina que tanto mulheres quanto homens tem pênis, pois a criança não tem conhecimento da existência de dois sexos entre os seres humanos; a teoria cloacal, relacionada a concepção da criança de que nasce pelo ânus; e “concepção sádica do coito” (Freud, 1908, p. 199). Nesta última, a criança pensa que a relação sexual entre os adultos ou pais envolveria o ato em que um urina no outro, ou mostram a ‘bunda’ um ao outro. Dessa forma, as teorias envolvem a origem da criança, a

* ¹ - Neste trabalho usaremos o termo ‘pulsão’, pois apesar do termo citado no texto ser ‘instinto’- na tradução americana, Freud escreve ‘trieb’. Nas novas traduções das obras de Freud, o termo considerado mais apropriado, para a tradução de ‘trieb’, é o termo ‘pulsão’(nota do editor, In: Freud, S., 1915/ 2004, Escritos sobre a psicologia do inconsciente- Pulsão e destinos da pulsão. Rio de Janeiro: Imago, p.137-144).

relação dos pais e o papel destes. Para Freud, essas teorias também tentam desvendar o papel do pai, ou seja, por que a criança seria do pai além da mãe.

Essas teorias infantis, em especial a do nascimento cloacal, podem ser melhor elucidadas se retornarmos o texto de 1917. Nele, Freud afirma que há uma equivalência no inconsciente (posteriormente, chamará de equivalência simbólica) entre fezes e dinheiro, e entre pênis e bebê, quando um pode acabar por substituir o outro. A teoria infantil relacionada ao nascimento remete a essa equivalência entre bebês e fezes: o bebê nasceria do ânus, se separando do corpo como as fezes.

Essas experiências de separação ou perda - do seio, das fezes ou do útero-relacionam-se com o complexo de castração e que vão se articular posteriormente à fase fálica, fazendo com que a criança se depare com a possibilidade de perder o falo (diferenciado de pênis). Assim, para Freud a compreensão do complexo de castração, deve ser relacionado a experiências de perda (Freud, 1923b, 159-160).

Segundo Freud, essas teorias sexuais infantis não só têm influência sobre a forma em que aparece o sintoma no adulto, como também são “o protótipo de todo trabalho intelectual posterior aplicado à solução de problemas, tendo esse primeiro fracasso um efeito cerceante sobre todo o futuro da criança” (Freud, 1908, p. 198). Pois ao serem reprimidas, elas podem levar a uma inibição neurótica e a uma intelectualização, com ou sem caráter neurótico (Freud, 1910 b, p. 88).

Assim, se de um lado, a construção dessas teorias permite à criança uma independência intelectual, a criação de fantasias relacionadas a um romance familiar também faz parte do doloroso processo de se libertar dos pais (Freud, 1909a). Esse romance familiar envolveria uma “atividade imaginativa” (1909a, p.220) relacionada a fantasias de que os pais seriam substituídos por outros melhores, heróis supervalorizados ou enaltecidos, como em um segundo momento, envolveriam um desejo colocar a mãe em situações de infidelidade ou relacionadas a ingratidão.

Portanto, é a partir da análise de pacientes adultos que Freud chega à sexualidade infantil e a importância de se retomar a primeira infância, incluindo o complexo de Édipo, nessa análise (Freud, 1910 a, p. 53). Os fatores infantis continuam a existir na vida adulta e têm influência na doença posterior e nos sintomas do adulto. Como ele cita em 1913, ao relacionar a disposição para uma neurose com pontos de fixação, ou inibições no decorrer

do desenvolvimento da libido (1913 a). Freud remete-se a um ditado que se articula com esses pontos:

“a criança é o pai do homem (...) todos os desejos, impulsos instintivos, modalidades de reação e atitudes da infância acham-se ainda demonstravelmente presentes na maturidade” (Freud, 1913 C, p.185-186).

Dessa forma, a criança remete ao infantil não concebido como fase temporal, mas como o componente que continua a viver no adulto e de forma “quase inalterada, no doente, (...) naquele que sonha e no artista” (Freud, 1925d, p. 307). No decorrer da análise, são esses fatores infantis que o paciente atua ou repete. É a partir da recordação da infância que essas repetições têm fim, quando o paciente pode ao invés de repetir ou atuar, recordar (Freud, 1914a).

Esse papel do infantil ainda se mantém mesmo considerando que as recordações da infância de pacientes adultos não podem ser diferenciadas de fantasias. Estas envolvem uma re-significação, já que as experiências da infância serão interpretadas posteriormente (Freud, 1914 a, p. 165). Assim, trataremos da fantasia.

Inicialmente, em 1910, Freud sustenta que a fantasia no adulto existe devido a uma realidade insatisfatória, pois através da fantasia, o indivíduo se distancia dessa realidade insatisfatória, ao mesmo tempo em que ele pode gozar. É devido a isso que, para Freud, em certos casos de doença, os conteúdos das fantasias acabam por se transformar em sintoma (1910 a, p. 65).

Mais tarde, Freud (1924b, p.208) desenvolve sobre como esse mundo de fantasia acaba por se diferenciar do mundo externo. Segundo ele, isso se dá devido a introdução do princípio de realidade. E afirma que a fantasia tem o material para construções de desejo.

É na clínica que Freud vai se deparar com uma fantasia que é freqüente e tem origem na primeira infância do sujeito, antes dos 5 ou 6 anos: a fantasia de que ‘uma criança é espancada’. Essa fantasia é considerada, por Freud, como “um traço primário de perversão” (1919, p.197), relacionado a perversão na vida sexual da criança, a organização pré-genital e a uma fixação.

Essa fantasia é descrita em três fases: na primeira, ‘uma criança é espancada’ e, segundo o autor, o sentido é de que meu pai bate na criança que eu odeio e assim, ama a mim somente; na segunda, ‘estou sendo espancado pelo meu pai’, fase que nunca é lembrada, sendo uma construção de análise; e a terceira fase envolve a fantasia de várias

crianças sendo espancadas e o sujeito é o espectador dessa cena. Para Freud, essa fantasia existe tanto para meninos como para meninas e se relaciona ao pai como objeto incestuoso, como o ser espancado adquire o sentido de ser amado.

Assim, a fantasia é relacionada a uma re-significação de experiências da infância, vinculadas a um traço de perversão e à organização genital infantil. É o que permite ao sujeito gozar e que tem o conteúdo e material do desejo. O infantil, articulado à fantasia e aos sintomas, pode ser observado no caso clínico de Dora, por exemplo. A partir da análise com essa paciente, Freud conclui que seus sintomas (tosse, catarro, afonia) relacionam-se com a infância de Dora e suas fantasias inconscientes. Cita que Dora era uma “chupadora de dedo” em sua infância e refere-se à cena da fantasia dela, quando ao mesmo tempo em que chupava seu dedo, ela mexia na orelha do irmão. Marca-se nesta cena uma fixação oral (Freud, 905a, p.57) e observamos que essa fantasia ainda se relaciona ao modo que Dora representa uma cena sexual entre um casal, como vai remeter a uma identificação com o pai. Dora tinha catarro como o pai e como a mãe (que teria contraído do pai). Assim, no caso de Dora observamos como seus sintomas possuem um “(...) um modelo infantil” (1905 a, p. 100) e se articulam com a fantasia inconsciente da paciente.

É por isso que Freud pôde dizer que tratou de uma ‘neurose infantil’: “(...) não enquanto realmente existia, mas somente quinze anos depois de haver terminado” (1918, p. 20). Como também, ele não se refere a uma ‘neurose infantil’ quando fala da neurose que ocorre quando o sujeito é criança, mas neste caso usa o termo “neuroses da infância” (Freud, 1923a, p. 87). Para ele, em alguns casos, a neurose ocorre na infância, mas em outros, a doença só vai se instalar na vida adulta (1933, p. 145-146). O que ocorre nos casos nos quais a neurose ocorre na infância?

Freud em 1924 afirma que se há dissolução do Complexo do ego, quando ocorre o afastamento do ego do complexo, o que existe é mais do que uma repressão desse Complexo, trata-se de uma: “destruição, abolição do complexo” (1924a, p. 197). Se esta destruição ocorre, o Complexo de Édipo não vai permanecer nem mesmo no inconsciente, mas será substituído pelo superego (Freud, 1925 c, p.285). Porém, se só ocorre uma repressão do Complexo de Édipo, este permanecerá no inconsciente e terá um “efeito patogênico” (Freud, 1924a, p. 197). Ou seja, trata-se de uma falha na destruição de Édipo, quando temos uma neurose na infância. É isso que Freud comenta em 1926, quando diz que a fobia do pequeno Hans (uma neurose de uma criança) é “uma tentativa de solucionar esse

conflito” (1926, p.104), referindo-se ao Édipo. A fobia tem o papel de eliminar a catexia de Hans para com sua mãe, ao mesmo tempo em que o pai é substituído pelo animal, no caso, o cavalo (Freud, 1913b). É interessante apontar ainda que, para Freud, a fobia de animais é “(...) uma forma comum, talvez a mais antiga, das doenças psiconeuróticas que ocorrem na infância” (1913b, p. 132).

Quanto à análise com crianças, Freud inicialmente cita a dificuldade de acesso à vida mental da criança:

“Uma análise conduzida sobre a própria criança neurótica deve normalmente parecer mais digna de confiança, mas não pode ser muito rica em material, demasiadas palavras e pensamentos têm de ser ‘emprestados’ à criança, e ainda assim os estratos mais profundos podem se tornar impenetráveis à consciência” (1918, p. 20).

Porém, em 1923, ele sustenta que o acesso à vida mental da criança, nos casos de neurose na infância, permite chegar com mais facilidade a aspectos que no caso de um paciente adulto envolveria “*investigações exaustiva*” (Freud, 1923a, p. 87). Além disso, como a análise com a criança tem certas particularidades (1918, p. 20-21), Freud considera que a técnica de análise deve ser diferenciada.

Para o autor (1933), a transferência na análise com crianças se dá de forma diferenciada já que existe o papel dos pais reais; a criança não tem superego; a técnica de associação livre não tem lugar e a resistência da análise da criança remete aos pais reais. E ainda, devido ao papel que essa influência externa tem (especialmente, no caso de resistências), Freud chega a postular a importância de: “uma dose de influência analítica junto aos pais” (1933, p. 146).

Assim, a análise com uma criança envolve dificuldades mas também possibilidades, além de uma mudança de técnica no tratamento. E mesmo com essas particularidades, segundo Freud o tratamento analítico com crianças tem ganhos e resultados:

“Não receamos aplicar tratamento analítico a crianças que, ou mostraram inequívocos sintomas neuróticos, ou estavam a caminho de um desenvolvimento desfavorável de caráter. A apreensão, expressa pelos adversários da análise, de que a criança seria prejudicada, mostrou-se infundada” (Freud, 1933, p. 146).

Observa-se ainda nos textos de Freud, diversas referências quanto ao tratamento das crianças e a sua relação com a educação. Por um lado, ele diz que a análise com criança pode beneficiar o trabalho da educação (1925d, p.308), até mesmo apontando a possibilidade de um caráter profilático das aplicações da psicanálise na educação (1925 a, p. 72), tanto para crianças neuróticas quanto para aquelas que não seguem o caminho que ele

denomina de 'normal' do desenvolvimento. Por outro lado, em 1937, Freud coloca que apesar do esclarecimento sexual não ser prejudicial, o papel desse efeito 'profilático' foi exagerado, pois as crianças muitas vezes não abandonam as teorias sexuais infantis (p.250). Observa-se isso no caso clínico do pequeno Hans (1909b). O esclarecimento sexual dado ao menino, de que as mulheres e a mãe dele não têm pipi, deixa-o mais calmo por um período. Mas depois voltam a compulsão de olhar cavalos e o medo deles.

É através de uma fantasia relacionada ao complexo de castração que Freud irá notar a melhora de Hans. Freud descreve o desenvolvimento das fantasias de Hans: a fantasia da girafa pequena e girafa grande (quando ele se senta em cima da girafa pequena amarrotada); fantasia do bombeiro que desparafusa e retira o traseiro e o pênis de Hans e lhe dá outro; e a fantasia de Hans de ter filhos imaginários, sendo mãe e pai. Para Freud, é a partir da fantasia do bombeiro que o complexo de castração é superado e que podemos verificar a melhora de Hans.

Dessa forma, se na análise de adultos se chega à sexualidade infantil e às fantasias inconscientes, na análise da criança (como de Hans) observa-se a construção de fantasias e suas articulações com a castração.

1.2- A análise com criança, um percurso histórico após Freud

Após os trabalhos de Freud, diversos analistas se debruçaram sobre a análise com crianças e suas dificuldades. Aberastury (1992, p.34-44) comenta que Hug- Hellmuth foi um dos primeiros analistas a tentar construir uma técnica para essa clínica; e foi ele quem desenvolveu um trabalho a partir de observação de jogos de crianças. Depois, a analista Sophie Morgenstern estudou desenhos, jogos e sonhos de crianças, buscando significados inconscientes, produzindo com seu trabalho um livro (Psychanalyse infantile). Por sua vez, Madeleine Rampert, incluiu em sua técnica marionetes e personagens, como bonecos de família, professor, diabo etc. Segundo Aberastury (1992, p.44), essa técnica não teria efeito em crianças muito pequenas, incapazes de conceber os papéis sociais, ou ainda, com crianças inibidas que poderiam não brincar com as marionetes e personagens, pois estes apontam certos conteúdos de forma evidente.

Temos então, as contribuições de Anna Freud e Melaine Klein. Para Anna Freud (1971, p.110), não é qualquer distúrbio do desenvolvimento ou intelectual que requer uma análise, mas uma neurose infantil de uma severidade que pode prejudicar o

desenvolvimento posterior. Por exemplo, ela considera impossível a análise com crianças menores de dois anos, devido à importância da fala. Além disso, diferentemente da análise de um adulto, a autora ressalta que não é a criança que tem uma queixa e procura a análise, mas são os pais ou outros que tomam a decisão de levá-la para a análise. Segundo Anna Freud, a criança é um ser “imaturo” (1971, p.21) e existe nela um superego ainda “fraco” e dependente de influências externas. Assim, deve ser considerada a relação da criança com os primeiros objetos de amor (os pais), relação essa que permanece. Essa concepção de superego da autora é diferente da posição sustentada por Klein, que considera o superego das crianças severo e estruturados a partir de identificações arcaicas, remetendo aos pais internalizados, ainda que sejam objetos parciais.

Com relação à análise da criança, Anna Freud considera importante que os pais possam falar sobre a história do sintoma da criança e de sua relação com ela. Para a autora, a criança não realiza a neurose de transferência, no sentido da análise de um adulto - centrar a neurose no analista e só o sintoma se coloca o sintoma da transferência, já que mantém relações com os primeiros objetos (1971, p.59). E se não é possível a criança realizar a associação livre como o adulto, o método deve ser diferenciado.

Assim, para Anna Freud, a análise com uma criança deve envolver uma fase preliminar na qual se busca o que a autora considera como ‘analísibilidade’ da criança, que envolveria possibilitar uma compreensão da criança sobre a doença (insight) e em consequência a vontade de mudar, como também estabelecer uma transferência positiva com o analista e uma confiança nesse. Essa fase poderia ser relacionada com uma tentativa de aproximação entre a análise com a criança e a análise de um paciente adulto.

O objetivo da análise com a criança é adaptá-la ao meio ambiente, influenciar seu superego e modificar seu caráter. Trata-se, para Anna Freud, de uma “função pedagógica” da análise, que irá ainda avaliar e criticar a educação da criança. Pode haver a necessidade do analista assumir a função de educadora, no lugar dos pais. O analista deve “dirigir” os impulsos da criança, já que ela não pode controlá-los, devido a um superego fraco.

Segundo Anna Freud, a técnica do brincar utilizada por Klein é de grande valor na clínica com crianças. Para Klein, o brincar é a mais importante forma de expressão da criança, tem o valor de “genuínas associações”. A criança:

“ (...) expressa suas fantasias, seus desejos e suas experiências reais de modo simbólico, através de brincadeiras e jogos. Ao fazer isso, emprega o mesmo modo de expressão arcaico e filogeneticamente adquirido, a mesma linguagem, por assim dizer, com que estamos familiarizados nos sonhos (...)” (Klein, 1997, p.27).

O brincar possibilita a elaboração de situações e vivências em forma de fantasia. E se para Klein (1997) o jogo tem o valor de uma associação verbal, para Anna Freud (1971) o brincar ou jogo tem um peso diferente, devido o caráter diferenciado da motivação de fala de um adulto.

Para Klein, na análise com crianças, o brincar envolve o jogo onde a criança representa papéis (personificação) que remetem à grande importância do 'acting-out' da criança no processo. Para a autora:

“Quando brinca, a criança mais age do que fala. Ela coloca atos- que originalmente ocuparam o lugar de pensamentos- no lugar de palavras, isto significa que 'acting-out' é para ela de maior importância” (Klein, 1997, p.29).

Anna Freud (1971) discorda de Klein e critica a idéia de que a ação da criança seria algo 'mais natural' que a fala. E considera que as interpretações feitas por Klein às crianças são exatamente as mesmas interpretações que se faz com um paciente adulto e que dão uma “(...) significação simbólica a todos seus atos e idéias (da criança)” (Freud, A., 1971, p. 54) – o que não se coloca mesmo na análise de um paciente adulto.

Segundo Klein, a interpretação envolveria colocar em palavras de forma clara os conteúdos inconscientes que surgem do brincar e tem a função de alcançar camadas inconscientes da mente (1997, p.28-29). A interpretação destes conteúdos e da transferência negativa e positiva possibilitaria à criança lidar com a ansiedade, acessar fixações e experiências reprimidas dela. De outro lado, para Anna Freud (1971), a brincadeira da criança pode se colocar sob o domínio do inconsciente e não teria assim razão para se buscar acessar camadas inconscientes ou mais profundas. Além disso, para Klein existe a neurose de transferência e esta deve ser interpretada (tanto a transferência positiva como a negativa), diferente de Anna Freud, que considera que não existe neurose de transferência e que a transferência negativa é “inconveniente” (1971, p.57), não tendo utilidade interpretá-la.

Dessa forma, Melanie Klein sustenta que a análise com criança envolve os mesmos eixos que a análise do adulto: neurose de transferência, interpretação (da transferência e da resistência) e um trabalho para remover efeitos de amnésia infantil e repressão, buscando alcançar níveis profundos e inconscientes. Trata-se de uma análise que tem como foco o

inconsciente da criança, mas que acaba por lidar também com o ego e diferencia-se da análise do adulto devido a uma “diferença de técnica e não de princípio” (1997, p.35).

Para Klien a análise envolveria também um tempo inicial de esclarecimento sexual (relacionado as fantasias de nascimento e outras teorias sexuais infantis), que permitiria reduzir o sentimento de culpa e a severidade do superego, elaborar as fixações sádicas e interferir na capacidade do ego para lidar com as exigências do superego e da realidade. A análise com a criança, ainda, nunca tem efeito de acabar totalmente com as fixações pré-genitais e o sadismo.

A compreensão de Melanie Klein sobre a criança é a de um sujeito constituído (Zornig, 2000, p. 126). A criança desde três anos já manifesta conflitos edípicos (envolvendo sentimento de culpa e ansiedade) e que desde de seu nascimento já possui um ego primitivo capaz de vivenciar fantasias, ansiedades e possuir defesas (Segal, H., 1975, p.13).

Em suma, as teorizações de Anna Freud e Klein, com relação à análise com a criança, tratam do método que deve ser usado, questionam o papel da interpretação e transferência no atendimento, desenvolvem as diferenças entre essa análise e a de um adulto, ou ainda, a influência dos pais e o que o atendimento com eles envolveria. Tanto uma analista quanto a outra apontam a importância dos pais no atendimento à criança, já que ela é ainda dependente dos pais: são os pais que tomam a decisão de levar a criança ao analista; as informações que eles podem dar no início do tratamento são importantes, e mesmo consideram que os pais podem contribuir ou prejudicar a análise da criança. Mas enquanto Anna Freud destaca o aspecto educacional e a importância de influenciá-lo, Klein não acredita em poder modificar o meio da criança, mostrando mais confiança nos resultados do atendimento à criança. Assim, prefere restringir o contato com os pais e evitar medidas educacionais.

E que contribuições a teoria lacaniana traz à clínica com crianças?

1. 3. - A teoria lacaniana e suas contribuições

A partir da teoria lacaniana, segundo Teixeira (2003), se marca a importância de dar ênfase à dimensão simbólica, o que representaria um salto nas concepções imaginárias que os analistas desenvolviam no trabalho infantil. Essa ênfase se articula com o momento inicial do desenvolvimento das teorizações de Lacan, quando ele propõe um retorno a Freud e considera importante um retorno a uma “sanção simbólica” (1953 a, p. 244), ou seja, a retomada do fundamento verbal e do campo da linguagem. Pois, para Lacan, esse lugar foi abandonado ou desacreditado pelos analistas após Freud. Assim, não se deve considerar ‘somente’ a função do imaginário, que segundo Lacan teve início com a psicanálise com crianças, mas considerar também o caráter simbólico das interpretações e fantasias. Também não se trata de desconsiderar o registro do imaginário, mas de não abandonar o registro simbólico.

Se observarmos que Freud já pontuava o papel da linguagem e sua relação com o inconsciente, Lacan irá formular a tese de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, considerando o inconsciente como uma cadeia de significantes (palavras, letras, fonemas), com leis próprias (metonímia e metáfora), que organiza o desejo (Lacan, 1960 a). É através das formações do inconsciente -o chiste, o sintoma, o ato falho e o sonho- que o desejo do sujeito se coloca em cena, desejo que em última instância é o desejo do Outro. Porém, além de se considerar a importância do simbólico e do desejo, temos também de considerar o registro do real.

Se Lacan inicialmente privilegia a questão da linguagem, ou seja, a dimensão simbólica relacionada ao inconsciente, a partir do registro do real o inconsciente pode ser articulado também com a pulsão e o gozo (Ferretti, 2004, p.59). Segundo Sauret, está é a principal contribuição à psicanálise de Lacan: “o que a psicologia, assim como uma certa psicanálise, deixa foracluído (...) a categoria de gozo” (1997, p. 42).

Quando nos referimos ao real, estamos nos remetendo ao tempo do sujeito anterior à simbolização, antes da incidência do significante. Mas não é todo o real que passa pelo vai passar pelo significante, pois algum resto sempre permanece (Sauret, 1997). O real remete, assim, ao impossível e não simbolizável, remetido tanto ao período anterior da introdução do significante, como ao resto que permanece depois da constituição do sujeito. Dessa forma, na teoria lacaniana consideramos tanto a importância do simbólico como do real, e

também como que esses registros, incluindo-se aqui o imaginário, se articulam na relação do sujeito com o Outro.

Para Lacan, 'sujeito' é algo diferenciado de um organismo, do indivíduo, ou mesmo do sujeito do pensamento consciente (Fink, 1998, p.56). Ele não é algo corpóreo, mas é um efeito do significante (sobre o real) (Lacan, 1964, p.196). Somente podemos pensar um sujeito imerso no campo da linguagem. Pois, submetido à linguagem, o sujeito é reduzido a um significante. Ou seja, para Lacan “um significante é o que representa um sujeito para um outro significante” (Lacan, 1964, p. 197).

Isso nos remete à divisão que caracteriza o sujeito. Ele é dividido entre dois significantes, entre S1 (significante que identifica o sujeito) e S2 (significante que dá o sentido), entre saber e gozo. Devido a sua divisão, o sujeito não pode ter a resposta de quem ele é. Podemos, por exemplo, falar de nosso sobrenome, profissão, RG etc; mas isso não “basta”, pois esses significantes não nos representam (com exceção do nome próprio) (Sauret, 1997, p.16).

Dessa forma, a partir de Lacan, consideramos que: “não há um desenvolvimento do sujeito, há um ‘desenvolvimento’ das fases libidinais segundo a metáfora que regula as relações do sujeito com o Outro” (Sauret, 1997, p.20). A criança é entendida como um sujeito em constituição, mas não se trata de uma fase de desenvolvimento, ou de idade. E como se dá essa constituição do sujeito, da necessidade que se transforma em demanda, em pulsão? Como ocorre essa entrada no mundo simbólico?

A criança já tem um lugar preestabelecido mesmo antes de nascer, ou seja, o campo do Outro antecede e determina o sujeito (Lacan, 1964, p.233). Consideramos o Outro como a cultura e a linguagem; por exemplo, já se tem, na maior parte das vezes, o nome da criança escolhido antes de nascer e a que ele remete. Assim, o discurso do Outro é habitado pelo desejo de outros e são os significantes desse discurso que situarão o lugar da criança nessa estrutura, ao mesmo tempo em que colocam em cena esse desejo. O inconsciente dessa criança estará, assim, remetido ao desejo dos pais, dos avós, de outras pessoas (do Outro) e se apresenta na cadeia de significantes (Fink, 1998, p. 26-27).

Ao nascer, o bebê não possui uma imagem unificada de seu corpo, trata-se de um corpo como ‘carne’ e sem zonas erógenas privilegiadas. Ele é totalmente dependente de uma outra pessoa –que realiza a função materna (Outro primordial)- para sua sobrevivência e para sua introdução à linguagem. É esse outro inesquecível ou o primeiro sedutor, como

Freud coloca, que irá erotizar o corpo do bebê, dando significados às suas necessidades, seus gritos, movimentos e reações. É por isso que a pessoa que realiza a função materna pode ser elevada a categoria de Outro (Primordial), pois ela atende tanto às necessidades biológicas, como amorosas do bebê (Zalberg, 2003, p. 60) e será ela que irá assujeitar a criança à linguagem e à ordem simbólica.

Sauret aponta que a mãe cuida dessa criança, ou a desejou, porque essa criança significa algo a ela. A criança é tomada pela mãe como “objeto do fantasma (a) (...)”, isto é, como promessa para ela de recuperar um pouco deste gozo que ela perde ao falar” (1997, p.18). Assim, é através da busca desse gozo, não alcançado pelo significante, que a mãe deseja um filho ou ainda se dirige a um homem: “Uma mulher deseja e consente em fazer um filho, porque o significante ‘A mulher’ não existe” (Sauret, 1997, p. 19).

A criança então surge num primeiro momento como objeto real, como objeto destacado, ou objeto mais-de-gozar da mãe (Soler, 1995, p. 130). É o filho como ‘rolha’, segundo Lacan: “Para esse gozo que ela é, não-toda, quer dizer, que a faz em algum lugar ausente de si mesma, ausente enquanto sujeito, ela encontrará, como rolha, esse a que será seu filho” (1972/73, p. 49). É então através da mãe que vai se apresentar para a criança o gozo do Outro.

Além disso, para Lacan, a importância da função da família não se dá quanto à satisfação de necessidades, mas está relacionada a “um desejo que não seja anônimo” (1969, p. 369). Dessa forma, a função da mãe se dá através de seus cuidados, quando marca um interesse particularizado para a criança, como pontuamos. É através desses cuidados que ocorrerá a primeira experiência de satisfação, que será marcada em traços e o que fará com que a criança passe a desejar repetir essa experiência. O que nos remete à concepção de Freud de desejo relacionado a esse movimento, ou busca. Inicialmente, a criança alucina esse reencontro com objeto e essa experiência de satisfação. Quando o objeto é perdido (da primeira experiência de satisfação), qualquer encontro com o objeto é um re-encontro, nunca o mesmo. Zalberg (2003, p.57) aponta que isso faz com que tomemos a necessidade pura apenas como hipótese.

Além disso, é também nesses cuidados que o outro pode supor no grito da criança um apelo, um sujeito que pede; ao fazer isso, esse Outro primordial faz com que a satisfação da necessidade passe a ser satisfação simbólica. Esta operação pode ser

observada quando um bebê chora e a mãe diz: “Você está com fome, não é?”. Dessa forma, passamos do campo da necessidade para o campo da demanda. É através da demanda que:

“ao mesmo tempo em que a pacificação vem do Outro, o sujeito sabe que aquilo que ele experimentava era uma falta: assim é o primeiro encontro com o gozo, sob a forma de uma falta fundamental que faz o sujeito essencialmente histórico. (...) E esse desenvolvimento (*das fases libidinais*) é marcado pelo confronto com o gozo do Outro, seja como falta, seja como excesso de cuidados, como sofrimento ou dor: o sofrimento, a insatisfação, a dor, são efetivamente interpretadas como prova de que aquilo que se inscreve como menos aqui, se inscreve como positivo na conta do Outro” (Sauret, 1997, p. 20).

É quando a mãe não responde a esse apelo ou demanda, colocando-se em falta em relação à criança e não respondendo à necessidade com objetos, que ela faz com que o objeto passe a ser significativo e assuma a função de objeto de Dom e signo de amor - objeto que pode ser dado ou não (Lacan, 1956/57, p.186-187). É nesse jogo de satisfazer ou não à demanda, na presença e ausência da mãe, que a criança pode se deparar com a falta; que o desejo pode surgir e que seja instalado o falo, significativo do desejo (1956/57, 193-194). Isso pois através da ausência da mãe a criança se depara com um desejo que vai para além dela: “Qual é o significado? O que quer essa mulher aí? Eu bem que gostaria que fosse a mim que ela quer, mas está muito claro que não é só a mim que ela quer” (Lacan, 1957/58 a, p. 181).

Sauret acrescenta que frente a esse enigma do desejo do Outro, a criança não tem a segurança de que a mãe irá satisfazê-la, ou garantir sua sobrevivência. Dessa forma, o desejo materno se configura como ‘caprichoso’ e sua demanda coloca-se como mandato, ou ainda, ‘vontade de gozo’. Frente ao desejo materno:

“Se o sujeito convier ao Outro, correrá o risco de ser devorado segundo as modalidades de gozo oral, que ele conhece, ou levado à oblatividade, segundo as do gozo anal. E se não convier, correrá o risco de ser ‘vomitado, segundo as modalidades da metáfora oral ou ‘deixado largado’ segundo as da metáfora anal. O estilo da interpretação depende do que Freud havia situado sob o termo ‘fixação’ ” (Sauret, 1997, p.20).

Devido a esses riscos, frente à falta do Outro e ao enigma de seu desejo, a criança vai se colocar como sendo ele mesmo esse objeto que falta ao Outro, escolhendo sua perda:

Pode ele me perder? A fantasia de sua morte, de seu desaparecimento, é o primeiro objeto que o sujeito tem a pôr em jogo nessa dialética, e ele o põe, com efeito - sabemos disto por mil fatos, ainda que fosse pela anorexia mental. Sabemos que a fantasia de sua morte é brandida comumente pela criança em sua relação de amor com os pais (Lacan, 1964, p.203).

É também aqui, por meio da operação presença/ausência da mãe, que a ausência dela será substituída pelo Nome-do-Pai. Isso ocorre se a mãe transmite através de sua

palavra o ‘Nome-do-Pai’. Ao ser transmitido o Nome-do-Pai, é indicado que o desejo materno está submetido à lei paterna, fazendo com que se coloque a proibição do incesto: interditando a mãe de reintegrar seu produto, o filho; e separando a criança de sua identificação como objeto do gozo do Outro. Assim, a presença da lei no desejo requer que a mãe se coloque em falta em relação à criança e que reconheça a lei do pai, lei que irá assim regular seu desejo. Dessa forma, para Lacan, a função paterna refere-se à lei no desejo materno (“Nome-do-Pai”) (Lacan, 1969). Não se trata aqui de um pai real, ou da presença e ausência dele, mas de uma função que está intrinsecamente ligada ao simbólico. O pai é um significante (S2)- Nome-do-Pai.

Segundo Lacan, nenhum homem é capaz de realizar de forma plena a função paterna simbólica (Nome-do-Pai), pois pai é o pai morto, ou ainda, é um significante. Porém, o autor considera que apesar disso, é pai aquele que pode dizer: “Eu o sou, pai” (Lacan, 1956/57, p. 209) e que faz de uma mulher a causa de seu desejo (Sauret, 1997, p. 88).

A substituição da ausência da mãe pelo Nome-do-Pai, ou ainda, a significação do desejo materno introduzida pela função paterna, refere-se a operação da metáfora paterna. Nessa operação existe a substituição de um significante por outro: S1 (significante que identifica o sujeito) por S2 (Nome-do-Pai). Assim, o desejo da mãe se colocará sob a forma do falo. É essa simbolização, ou metáfora, que se refere à decepção fundamental da criança (Naveau, 2001, p. 136).

Se tratamos da função simbólica do pai (Nome-do-Pai), citamos ainda que Lacan desenvolve sobre o pai imaginário e pai real. Segundo Chemama (1995, p. 158) a função paterna em sua complexidade deve ser tomada nesses três registros e em seus diferentes pesos. Segundo Lacan (1956/57) o pai imaginário é o pai que priva a criança da mãe, como rival fálico dela, ou ainda um pai que “se torna um objeto preferível à mãe (...) como portador do falo” (1957/ 58 a, p. 179). Ao mesmo tempo, é através desse pai imaginário que o sujeito tem acesso à identificação com o pai. Trata-se de uma figura, ou imagem, que é construída e que pode ser diferente do pai real, por exemplo, um pai que é assustador. E o pai real é aquele que possui a mãe e que tem um pênis real e suficiente, ou seja, é o homem que possui a mãe. É também, o pai real que vai permitir a integração da função viril no caso dos meninos (1956/57, p. 226; 373).

É importante apontar ainda que a constituição do sujeito e os processos que essa envolve são trabalhados por Lacan em diferentes momentos de sua obra. Inicialmente, o autor (1957/58 a) considera que a criança sofrerá uma alienação no simbólico (relacionada ao desejo do Outro) e no imaginário (relacionado à imagem corporal); considerando que é nessa relação da mãe (ou Outro primordial) com a criança que pode ocorrer a experiência de falta (ocasionada pelo objeto perdido) e a introdução da ordem simbólica.

No nível da alienação do imaginário, podemos citar a operação do estádio do espelho e a constituição do eu como unidade, ou como imagem especular; ocorre através de um Outro que funcionaria como espelho, vendo na criança a imagem de seu ideal. Ou como Freud (1914b) se refere, que os pais atribuem ao filho perfeições- o que seria a reprodução de seu próprio ideal- fazendo dele “Sua majestade o Bebê” (p.98). A criança tomará esta imagem como de si própria, alienando-se nela. É a partir da identificação especular que o sujeito pode realizar a falta da mãe e se propor como objeto que preenche essa falta (Lacan, 1956/57, p.180). Essa operação do estádio do espelho é a leitura de Lacan sobre o narcisismo de Freud.

Para Freud (1914b), o ego é inicialmente corporal, assim, podemos considerar que a primeira representação unificada que o sujeito tem de si é a imagem corporal. Antes desse momento, trata-se de um corpo fragmentado. Porém, cabe citar que para que a criança possa conquistar uma imagem unificada de si, é necessário que essa mãe, ao cuidar e erotizar o bebê, apresente-se como estando em falta, ou seja, considerando a criança como separada dela.

No seminário 11, Lacan (1964) faz uma síntese das operações relacionadas à constituição do sujeito, refere-se então a duas: alienação e separação. Essas operações envolvem os três registros- imaginário, simbólico e real, como a articulação do sujeito na estrutura (Vidal, 2001, p.27).

A alienação refere-se à dependência do sujeito ao significante e ao campo do Outro. É pela entrada do significante que o sujeito é presentificado através de um significante, ou seja, reduzido a ele. Para Lacan (1964, p. 199-202), essa operação envolve uma escolha do sujeito, de só poder aparecer nessa divisão que caracteriza o sujeito, pois ao ser reduzido em um significante, a sua significação dependerá de outro significante.

A operação de separação trata de recobrir duas faltas (do Outro e do sujeito), o que nos remete para a necessidade de que o sujeito se depare com a falta e, assim, o desejo do

Outro. É nessa operação que o sujeito vai buscar responder ao enigma do desejo do Outro: ‘o que ele deseja? O que sou para o desejo do Outro?’. Assim, relacionam-se o desejo do Outro, o desejo do sujeito e a formação do fantasma (Lacan, 1964, p. 202-203).

O fantasma, ou fantasia, é uma construção do sujeito, realizada como uma cena imaginária que vai propor um objeto ao desejo e determina uma direção ao gozo (Safatle, 2004, p. 156). Essa cena da fantasia ou roteiro representando a “*matriz das relações do sujeito com o Outro*” (Sauret, 1997, p. 21). Dessa forma, além de remeter ao imaginário, a fantasia envolve também a ordem do simbólico, pois trata-se do “imaginário aprisionado num certo uso do significante” (Lacan, 1957/58 a, p. 421).

Para Freud (1919), o modelo da fantasia é ‘uma criança é espancada’, que é desenvolvida pelo autor em três fases. Lacan, por sua vez, irá considerar que se trata de uma fantasia perversa que substitui as outras, pois remete a uma ‘estrutura subjetiva’- na qual se articulam o Outro e o significante remetido ao sujeito. Podemos, ainda, destacar três elementos ou personagens: o agente que bate (pai), a criança como objeto (submetido) e o sujeito que olha. Além de um significante, bater. Sendo que, na redução dessa fantasia, o sujeito é reduzido a apenas um “espectador, ou simplesmente de olhos” (1956/57, p.120), ou seja, ele é reduzido simplesmente ao olhar. Podemos ainda relacionar esses três termos da fantasia com os tempos da pulsão: bater- ser batido- fazer-se bater, nesse terceiro tempo envolvendo a dimensão do Outro. Trata-se de um gozo do pai, articulado a um significante (bater) e que situa o objeto desse gozo como a criança e o sujeito que olha.

Naveau (2001) articula essa passagem do desejo da mãe ao gozo do pai, relacionando à fantasia. Segundo ele, o pai toma o lugar da mãe quando entra em cena (metáfora paterna) e, se a criança originalmente é objeto do gozo do Outro (mãe), ela será então objeto do gozo do pai. Além disso, Naveau marca ainda, que mesmo na posição de olhar, o sujeito se torna objeto, objeto *a* olhar.

Temos de considerar que a fantasia, ao mesmo tempo em que remete a uma falta de gozo, é também uma forma de recuperar traços desse gozo, um “traço perverso” (Sauret, 1997, p.22). Pois a fantasia, mesmo que cubra o vazio de que não há relação sexual, é em si mesmo uma fantasia de uma encenação da relação sexual (Zizek, 1992, p.123). Podemos observar isso na fantasia de Dora.

É importante ressaltar, para concluir, que a criança antes de ser sujeito é situada como objeto a da mãe, como puro real que deverá se constituir como sujeito. Esse

desenvolvimento da posição da criança por Lacan remete a um segundo momento de sua obra. Primeiro, a criança é tomada como falo (Ferretti, 2004, p. 102). Retomando a organização genital infantil e a teoria fálica, Lacan situa o falo como marcador da diferença sexual, como significante do desejo e introduz à teoria freudiana a noção de ser o falo; já que para Freud a questão é ‘ter ou não ter’ esse - menino tem o pênis, a menina não o tem (Cirino, 2001). O que significa, então, o falo como significante do desejo? É que esse significante vai significar o desejo do Outro. Assim, o falo ou mesmo a criança como falo nos remete à função paterna, que neutraliza o desejo materno. Segundo Lacan:

“O papel é o desejo da mãe. É capital. O desejo da mãe não é algo que se possa suportar assim, que lhes seja, indiferente. Carreia sempre estragos. Um grande crocodilo em cuja boca vocês estão- a mãe é isso. Não se sabe que lhe pode dar na telha, de estalo fechar sua bocarra (...). Então tentei explicar que havia algo de tranquilizador (...). Há um rolo, de pedra . É o que se chama falo. É o rolo que os põe a salvo se, de repente, aquilo se fecha” (1970, p. 105).

Dessa forma, a castração é relacionada à entrada na linguagem e na fala, o que proíbe o gozo de ser Um, ou seja, a uma neutralização desse desejo materno. É devido a isso que o pai pode, posteriormente, ser agente da castração real. Isso remete a uma metáfora paterna que envolve em seu entendimento um para ‘além do Édipo’ (Ferretti, 2004, p.132), diferenciando-se de Freud. Se para Freud, a mãe tem a criança como substituto do falo, pelo amor, com Lacan temos que considerar que se trata de desejo e não de amor.

1.3.1 -Neurose infantil, neurose da criança e neurose contemporânea

Retomando o desenvolvimento de Freud, observamos que neurose infantil vincula-se a esse infantil que se coloca presente no adulto. Freud trata da neurose na infância quando trata da neurose presente em uma criança. Seguindo essa lógica freudiana, Sauret aponta que a neurose infantil corresponderia então, a algo “estrutural e estruturante”, e o infantil não somente nos remeteria a uma fase de desenvolvimento cronológico, mas principalmente a um “modo de satisfação pulsional” (1997, p. 47-48). E conclui, com Freud, que a neurose da criança ocorre quando há uma falha no recalçamento, ou suspensão, do complexo de Édipo e que, dessa forma, a neurose (da criança) teria como função de fazer de alguma forma um ‘arranjo’. Como podemos nos remeter a Freud, no

caso de Hans- em que seu sintoma (fobia) é visto por Freud como uma forma de solucionar um conflito.

Além disso, se a neurose infantil remete-se a um modo de satisfação pulsional, a partir de Lacan, iremos nos referir a um modo de gozo, que evidencia as marcas da relação do sujeito com o Outro, ou seja, traços de gozo do Outro (Sauret, 1997, p.21). Por exemplo, o caso clínico de Dora, no qual se observa que o modo de gozo se refere à oralidade-pulsão oral.

O infantil na psicanálise é, assim, aproximado do pulsional, ou a um modo de gozo relacionado ao corpo; pois devido a linguagem, a pulsão se liga ao gozo no corpo (Ferretti, 2004, p. 63). Ou seja, tratamos do gozo articulado com o significante, pois com a linguagem algo da pulsão passa pela palavra, se configurando como demanda.

Assim, de acordo com Ferretti e Sauret, o infantil remete a traços de gozo ou modo de gozo, que se relacionam portanto: ao pulsional, à fixação, à repetição, ao mais além do princípio do prazer- elementos que se colocam na relação do sujeito com o Outro (Sauret, 1997; Ferretti, 2004). É ainda esse modo de gozo que na fantasia se colocará como a matriz imaginária do sujeito, sendo a partir desse ponto que o mundo será entendido.

Podemos considerar a construção da neurose infantil como uma resposta frente ao impasse e enigma do desejo do Outro (Sauret, 1997). Essa construção é acompanhada pela formulação do fantasma (Melman, 1997, p.16), sendo este a passagem para o inconsciente da “solução ao pai” (Sauret, 1997, p. 21), que põe fim a esse impasse.

Dessa forma, a neurose infantil diferencia-se da infância do sintoma, que é apagada no período da latência, e também de uma neurose contemporânea no adulto que é, por sua vez, posterior à construção da fantasia e que está remetida à não existência da relação sexual (Melman, 1997, p.16).

1.3.2- O sintoma da criança

Para Lacan (1969), o sintoma da criança é representante da verdade e responde ao que existe de sintomático na estrutura familiar. A partir disso, o autor considera que existem duas formas do sintoma da criança se relacionar a estrutura familiar: o sintoma responde a verdade do casal parental, ou o sintoma da criança responde à subjetividade da mãe. No segundo caso, a criança realiza a posição do objeto da fantasia materna, ou seja,

objeto a. Para Lacan, a primeira categoria do sintoma é mais acessível a intervenções que a segunda.

Consideramos que, numa posição primordial, toda criança é substituta do objeto a da fantasia materna, preenchendo a falta da mãe, seja de uma estrutura neurótica, perversa ou psicótica. Porém, ser esse objeto da fantasia materna não é suficiente para a criança ter uma estrutura neurótica, isso vai depender de existir ou não mediação da função paterna, já que sem ela a criança permanece na posição de objeto da fantasia materna (Sauret, 1997).

Além disso, retomando Miller, Sauret (1997) sustenta que se a criança permanece na posição de objeto a, trata-se de uma criança que satura a falta da mãe, o que se relaciona com a segunda categoria de sintoma descrita por Lacan. Por outro lado, o sintoma da criança que representa a verdade do casal parental relaciona-se com uma mãe cuja falta não é preenchida pela criança, ou seja, uma mãe que é dividida. Pois, ao ser mãe, não deixa de ser mulher e consente em ser objeto de um homem, colocando-se como desejante e em falta na relação com a criança.

É diferente, portanto, a criança permanecer na posição de objeto da fantasia materna, dando corpo a isso, ou se esse objeto que se destaca irá se articular na fantasia do sujeito (quando se opera a função paterna).

Para Lacan (1969), os sintomas somáticos de crianças revelam uma maior submissão a função da criança como objeto da fantasia materna, podendo ter função, ou oferecer um benefício secundário à mãe: testemunhar culpa, servir de fetiche, ou encarnar uma recusa primordial. Ao retomar essa colocação de Lacan, Sauret fala que podemos pensar isso considerando outros sintomas além dos somáticos. Os sintomas que envolvem uma deficiência ou desvantagem também evidenciam essa maior submissão da criança a fantasia materna, considerando que “(...) quanto mais a criança é deficiente, mais ela dá corpo a esse objeto, mais ela solicita de sua mãe que se abandone à inclinação, à tendência de seu fantasma em detrimento de sua própria verdade” (1997, p.92).

Uma outra autora, Lerude-Fléchet (1989) considera que o sintoma da criança nos remete a diferenciação entre Outro simbólico e Outro real. Ela desenvolve sobre duas categorias de sintoma, que podemos relacionar com os dois casos que Lacan, em 1969, desenvolve. A primeira categoria refere-se às manifestações sintomáticas (manifestações patológicas no corpo ou nas funções) e remetem à organização familiar, pois são os sintomas que são uma forma de resposta ao Outro real. Podemos relacionar essa categoria

com o sintoma, que segundo Lacan, representa a verdade do casal parental. A segunda categoria envolve os sintomas relacionadas ao recalçamento originário; e que podemos relacionar com o que Lacan considera como sendo os sintomas remetidos à subjetividade da mãe.

No primeiro caso, as manifestações sintomáticas demonstram o fracasso da criança em ser o falo imaginário, revelam a falha simbólica dos pais e os envia à própria castração. É o sintoma como signo endereçado ao Outro real, suportado pelo pai e pela mãe; sintoma que é decodificado de uma forma unívoca pelo casal parental, forçando esse a uma simbolização.

1.3.3 - A clínica com a criança: Psicanálise de crianças, ou com criança?

Ao considerar a criança em um tratamento não estamos nos referindo a um momento do desenvolvimento ou a uma certa cronologia. Entendemos o infantil não como uma particularidade da criança, já que remete a uma posição de gozo, seja criança, ou adulto. Ou como Naveau acrescenta: *“São sempre crianças que vêm para a análise e é por isso que não há psicanálise de criança. (...) Não se pode dizer: ‘eis aí um psicanalista de criança!’.* Todos os psicanalistas são psicanalistas de crianças” (2001, p. 153-154).

Um tratamento analítico diz respeito à escuta e esta sempre pressupõe um sujeito que fala, sujeito do inconsciente, que independe de sua idade cronológica (Meira, 2004). E a psicanálise realizada tanto com uma criança, como com um adulto, vai envolver o significante, a estrutura e a relação do sujeito com o Outro.

Dessa forma, a análise com criança não se diferencia pelo fato de o paciente ser criança ou não. Colette Soller diz que a psicanálise com criança e com adulto não se diferencia da com o adulto devido a ser diferente o ‘analisante’, mas sim trata-se de uma diferença com o que nesses tratamentos se analisa. A análise com a criança tem o caráter de que *“ (...) por mais finito que se a queira, deve deixar aí alguma coisa por vir”* (Soller apud Ferreira, 1999, p. 63). Hamad (2001, p. 141-142) também cita que na análise de uma criança não se chega a tratar da não relação entre os sexos, mesmo que se confronte com a diferença sexual.

Outra particularidade da análise de criança é que a demanda não é dela, mas sim de seus pais ou outras pessoas que a trazem à consulta. Serão esses os responsáveis pelo pagamento e por trazer a criança às sessões. Além disso, a partir de Lacan, considerando

que o sintoma da criança representa o que há de sintomático na estrutura familiar (remetendo à constituição do sujeito e à função materna e paterna), no atendimento com a criança coloca-se ainda a necessidade do atendimento aos pais.

Essas entrevistas têm importância para que se possa escutar os significantes que se marcam entre as gerações (Hamad, 2001), localizando a criança em sua constelação familiar (Zornig, 2000). É também a partir desses atendimentos com os pais que se tem o material sobre o qual o psicanalista trabalha, e as representações a que ele poderá se remeter no atendimento individual com a criança. Essas entrevistas com os pais também servem para: “(..) retificar o endereço, para que eles não enviem aos seus filhos aquilo que é destinado aos seus próprios pais” (Hamad, 2001, p. 136). Assim, o sintoma remete aos pais, à criança e ao laço entre esses (Lerude-Fléchet, 1989).

Dessa forma, a transferência na análise com uma criança vai envolver inicialmente os pais. Teixeira (2003) considera que, apesar dessa transferência inicial com os pais, a criança pode dirigir suas questões a um Outro simbólico, colocando o analista no lugar de sujeito suposto saber. A autora cita o caso do pequeno Hans. Inicialmente, a transferência coloca-se entre o pai de Hans e Freud; no decorrer do processo, porém, ocorre uma transferência de Hans e Freud. Por exemplo, quando o menino pergunta a Freud se ele fala com Deus, ou pede ao seu pai para escrever a Freud sobre algo que não sabe, mas que Freud deve saber. Assim, Freud é situado por Hans no lugar de sujeito suposto saber.

Considerar a criança como sujeito e, não como objeto, é considerar que mesmo que a criança se apresente, ou se coloque, na posição de objeto, trata-se de uma escolha de um sujeito, ou seja, ela não é passiva nesta posição. Até mesmo numa estrutura familiar na qual não exista uma referência a um homem, ou ainda em que a mulher (mãe) não dê peso à palavra do homem (Sauret, 1997). A questão seria, então, se ela renuncia ou não a ser sujeito, efeito do significante, ou seja, se fica numa posição passiva, ou vai fazer construções, chistes, ou jogar com o significantes (Hamad, 2001). No atendimento com uma criança supomos nela um sujeito, sendo uma escolha se ela fica numa posição passiva ou não.

Temos dois níveis no atendimento com a criança: atendimento com os pais (entrevistas preliminares) e o atendimento individual da criança. Quanto ao tratamento propriamente dito com a criança, esse envolve sustentar a dimensão da palavra (simbólico), mas também “ (...) *toca o real do sujeito e concerne ao desejo*” (Ferreira, 1999, p.99). E se

para Hamad (2001) não chega a tratar da não relação entre os sexos, apesar de chegar ao confronto a diferença sexual; Vegh (1989, p.38) aponta que a análise com a criança, citando o caso de Hans, acaba por tocar na questão do impossível da relação sexual (através dos enigmas, das perguntas e das teorias sobre procriação, ato sexual etc), pontuando a importância de que cada um se torne um investigador do sexo - saindo de uma impotência, ou cobrindo esse real por um imaginário para chegar ao impossível dela.

O tratamento analítico com a criança visa e possibilita que ela realize construções e elaborações de fantasias, questionando-se sobre o desejo do Outro e localizando-se através de seu próprio (Hamad, 2001). Essa construção de fantasias é:

“uma exigência da estrutura edipiana. O sujeito não tem como situar-se enquanto ser sexuado, confrontado com a Lei da interdição de um gozo incestuoso, sem buscar na fantasia uma reordenação de sua economia libidinal” (Vidal, 2001, p.19).

Ao fazer isso, a análise possibilita que a criança possa se deslocar de uma posição em que estava alienada e se oferecia como objeto, completando a falta parental, para uma posição onde questione sobre seu desejo e sua história (Averbuch, 1989).

E para se deslocar da posição de objeto, construir fantasias, ou seja, ser sujeito (que é ser sujeito dividido) é necessário que a análise envolva uma ‘subtração do gozo’. Essa subtração, ou extração do objeto a, remete ao efeito significativo no processo de alienação e de separação. Assim, temos de considerar: “como foi transmitido à criança o saber, o gozo e o objeto” (Sauret, 1997, p. 42).

Portanto, mesmo que existam diferenças entre a análise com a criança e o adulto, como o fato da demanda ser colocada pelos pais, ou uma diferença do que se analisa, consideramos que a análise com criança não remete a uma psicanálise diferenciada, uma ‘psicanálise **de** crianças’. Isso não nos levaria a considerar, por outro lado, uma ‘psicanálise **de** adultos’? Ou uma ‘psicanálise **de** adolescentes? Ou como Naveau (2001) coloca, um psicanalista de criança, e outro de adulto?

Capítulo 2- A criança e o saber

Para Freud, como foi colocado, a pulsão de saber se relaciona com as investigações sexuais infantis e as teorias sexuais infantis. São essas o protótipo de todo trabalho intelectual posterior, além de se relacionarem com as inibições e compulsões em relação ao saber, que podem ocorrer após a repressão das teorias, e com uma independência intelectual. A partir disso, podemos considerar que é a pulsão sexual o fator responsável pela demanda de saber das crianças (Cirino, 2001), ou seja, o impulso da criança ao saber não é espontâneo, mas sim relacionado com o corpo erotizado (Bergès, 2001, p. 17), e as questões que a criança têm com o que acontece com seu corpo.

Lacan (1956/57, p. 258-259) relaciona as teorias sexuais infantis com a concepção de mito, que são ficções que tem uma porta para a verdade. No texto, ‘Mito individual do neurótico’ o autor considera que o mito, por mais que se refira a representações que se colocam de forma imaginária, remetem a relações fundamentais que são articuladas à verdade (Lacan, 1953 b). Como também, é só através do mito, que a palavra pode exprimir a verdade.

Podemos considerar que as teorias infantis da criança remetem a um saber sobre o sexual, sobre a origem e sua existência: O que a trouxe? Dá onde veio? Qual o papel dos pais? O que é uma relação sexual?. Se para Freud, o que leva a criança a esses enigmas é o nascimento de um irmão, podemos relacionar isso com uma falta que se presentifica: ‘não sou só eu, agora’. Assim, Vidal (1999) coloca que o ponto de partida, para que se possam ser feitas essas questões e depois, as construções das teorias, é que exista a castração no Outro, que essa falta no Outro seja reconhecida, somente assim as perguntas com relação ao desejo do Outro podem se colocar. É essa falta no Outro que podemos relacionar com o fato de que quando os adultos respondem às questões sexuais da criança, ela recusa as respostas e prefere, ao invés disso, suas próprias teorias. Ou como Freud coloca, elas ‘não largam facilmente’ suas teorias. O que se marca aqui é que nessa recusa aparece a percepção da criança de que existe uma falta de saber, que o Outro também não o tem (Lemérier, 1999).

Assim, para essa construção das teorias, além do corpo pulsional que faz a criança se perguntar disso, é necessário que a mãe da criança esteja dividida. Pois, dessa forma, ela faz com que a criança possua um “certa liberdade de responder” (Balbo, 2001, p. 24).

Essa falta no Outro e a falta no saber que levam as crianças a formularem as teorias, porém, o impossível da relação sexual permanece. E é exatamente, esse impossível da relação sexual e da origem (ou seja, o real e o gozo), que escapam do saber, que levam as crianças aos enigmas e as teorias.

As teorias, assim, acabam por fracassar, pois não há um saber que possa cobrir esse real. Mas é esse o sentido do inconsciente: “é que este saber é limitado ao gozo insuficiente que ele constitui que ele fale” (Lacan apud Saliba, 1999, p.50). Além disso, se considerarmos que o saber precede o sujeito, ou seja, o saber do Outro que é real e onde nada falta (Cottet, 1999), a criança só pode imaginar que existe um saber que falta porque ela como falante teve se perder algo para entrar no mundo da palavra (Nominé, 2002). Assim, a questão é como o sujeito vai lidar e trabalhar com esse saber (Cottet, 1999).

Porém, mesmo que fracassem ou sejam abandonadas, as teorias não deixam de ter seu papel, que é fazer uma barra ao gozo materno: “O gozo materno é o impossível a pensar, é necessário construir teorias, inventar um saber que faça borda ao horror desse gozo” (Zacharias e Peres, 1999). E após o recalque dessas teorias, esse saber da sexualidade perverso-polimorfa vai ainda “constituir, a partir de então, o saber inconsciente, particular ao sujeito” (Lemérier, 1999, p.17).

Além das construções de teorias, a novela familiar e o aparecimento da mentira também tem essa função de fazer barra, como podemos articular também, a negação. Para Freud é através da negativa que um conteúdo inconsciente pode se colocar no discurso e chegar na consciência, já que existe uma suspensão do recalque, mas não uma aceitação desse. Para Lacan (1954b), a negação com uma simbolização primordial, que remete à relação do sujeito com o ser. É através dessa negação primordial quando o sujeito é expulso, que é possível então diferenciar o eu do que é não-eu (o que é estranho ao eu) (Hyppolite, 1954). Consideramos que a negação se relaciona com a afirmação primordial (bejahung), pois é através da expulsão ou da negação que se tem como resultado uma afirmação. Ou como Hyppolite coloca: “eis o que não sou. Disso se conclui o que sou” (1954, p. 897).

É ainda a negação que separa o intelectual do afetivo, possibilitando o surgimento do pensamento, sob a forma de não ser, e do juízo. A estruturação intelectual para Lacan (1954b) envolve esse desconhecimento. E Hyppolite retoma:

“não se encontra na análise nenhum ‘não’ vindo do inconsciente, mas o reconhecimento do inconsciente, mesmo no conhecimento, sempre encontramos do lado do eu, uma fórmula negativa, a marca da possibilidade de deter o inconsciente, ao mesmo tempo recusando-o” (1954, p. 902)

O pensamento então se vincula ao não-ser, e consideramos que no inconsciente não se trata do ser do gozo que pensa, pois segundo Lacan, “penso onde não sou, sou onde não penso” (Cottet, 1993, p.11). Esse ser do sujeito se refere ao objeto, à posição do sujeito como objeto a para o desejo do Outro, e devemos separar o ser do que pensar, ou seja, considerar que o ser remete ao “não subjetivável” (Cottet, 1993, p. 22). É ainda esse ser de gozo que aparecerá na voz do supereu (Eduardo Vidal, 1999). Instância que, para Lacan, ordena ‘Goza!’ e que faz um “apelo como tal ao puro gozo, isto é, à não castração (...) Goza tanto, quanto tu és, goza” (1971, p. 173).

Se o ser do sujeito remete ao ser de gozo, o sujeito em sua relação com o inconsciente, como sujeito dividido entre saber e gozo, refere-se a uma “a rejeição do saber no Outro (...) o sujeito é definido em seu movimento de exclusão do saber e de sua rejeição no Outro” (Cottet, 1993, p. 17).

Podemos relacionar isso com a mentira. Segundo Lacan (1954 a, p. 222), o sujeito que fala é sujeito porque é capaz de mentir, ou seja, ser distinto do que diz. Isso nos remete à própria divisão do sujeito, algo fala nele, mas não é ele. É ainda através da mentira que pode apresentar a verdade. Podemos considerar também que a primeira mentira indica que a criança “barrou, de alguma maneira, o lugar do Outro onisciente. Está aí, a marca (...) do inconsciente como um saber barrado” (Eduardo Vidal, 1999, p. 22).

Assim, se inicialmente a criança é falada pelo outro, após sua constituição, ela não saberá o que fala, o sentido do que fala, ou ainda, o quê fala e que língua está falando (Lacan, 1960b). Com isso, não será esse Outro que fala e o sujeito como falado, mas o sujeito que fala para além do Outro.

Dessa forma, para Lacan (1960b), o acesso ao gozo é interditado pela própria divisão do sujeito (a barra). Para o sujeito dividido, ou sujeito que fala, o gozo vai se colocar como interditado e o saber como barrado.

Capítulo 3- O significante, a letra e o objeto

Consideramos que a criança é tomada inicialmente como objeto real, trata-se de um corpo como o organismo, corpo despedaçado, sem zonas erógenas específicas e que devido a um Outro primordial (mãe) esse corpo será erotizado e significado pela mãe. Assim, o corpo irá se apreender na rede significante, pelas palavras. Trata-se de uma perversão do natural realizada pela mãe, através de sua sexualidade. A sexualidade humana é assim relacionada à pulsão. Pulsão ou ‘trieb’ é um conceito que remete à relação da representação, com palavras ou resíduos dessa, de uma fonte somática. A pulsão refere-se assim à inscrição no aparelho psíquico, ela é:

“a forma em que o sujeito inscreve, no seu corpo, a demanda do Outro (...). O que há se sexual no ser falante está condenada a passar pela hiância do inconsciente, e essa passagem pela hiância é denominada de pulsão” (Vineiro, 2001, p. 45).

Dessa forma, tratar da pulsão nos remete ao gozo do corpo, a satisfação pulsional, e a demanda. Freud fala das pulsões parciais relacionadas à sexualidade infantil, remetendo-nos à zona oral, anal, genital, citando ainda a pulsão de olhar e saber. Esses objetos parciais, por exemplo, o seio e as fezes, recuperando Melanie Klein, referem-se a um momento no qual a criança ainda não considera a mãe como objeto total, mas a mãe seria representada pelo seio, como se o seio fosse equivalente à mãe. Além disso, são objetos que inicialmente a criança não diferencia dela mesma. Para Lacan, a mãe inicialmente ainda não é um objeto, ela se tornará objeto real através de sua presença e ausência (Lacan, 1956/57, p. 188), na demanda que a mãe às vezes corresponde e outras vezes não. É nesse demanda não correspondida que os objetos (a) podem faltar.

Se Freud fala da Das Ding (a coisa) ou de objeto perdido, relacionando esse ao objeto da satisfação plena, Lacan vai relacionar esse objeto com a mãe, com o Outro primordial, que se coloca como um “real estranho” (Chemama, 1995, p. 153).

Temos de considerar uma diferença entre objeto a e Das Ding. O objeto *a* é resto, objeto que se destaca da Das Ding, caindo do Outro e deixando um buraco no real. Quando é destacado e cai do Outro, esse objeto demonstra a impossibilidade de fazer UM com o corpo do Outro (Chemama, 1995, p.152).

Aqui encontramos a leitura de Lacan sobre o fort- da de Freud. Não se trata nesse jogo de domínio da criança sobre a mãe, mas o que se coloca é um jogo de ocultação,

referindo-se a uma simbolização primordial e relacionado à operação de alienação (Lacan, 1957-58 b). A ação da criança ao fazer desaparecer e aparecer o objeto, articulado a dois fonemas (fort e da), representa o assassinato da coisa (Lacan, 1953 a, p.320). Temos aqui o objeto a, representado pelo carretel, como separado do sujeito e vinculado à presença e ausência, como aos significantes (Lacan, 1964).

Para Lacan (1960b), é através da pulsão que pode ser isolada uma área erógena, ou seja, que o corpo pode ser 'recortado'. E se para Klein esses objetos parciais são parte de um objeto total, para Lacan trata-se de objetos que "representam parcialmente a função que os produz" (1960b, p. 832). Esses objetos a parciais são reduzidos pelo autor a: seio, voz, fezes e o olhar. Relacionam-se, assim, respectivamente, à pulsão oral, invocante, anal, e escópica (Lacan, 1964). E podemos acrescentar ainda a placenta (1964, p.187) e o fonema (1960b) como objetos a.

Se esses objetos a são objetos da pulsão, é importante considerar o percurso que Lacan realiza, a partir de Freud, com relação ao desenvolvimento da pulsão. No seminário 11, Lacan (1964) cita os quatro termos da pulsão desenvolvidos por Freud: fonte, objeto, alvo e impulso. Considera a pulsão como um impulso ou força constante, e aponta que a satisfação da pulsão não se trata de atingir ao alvo; por exemplo, pulsão oral se satisfaria com o objeto seio. Para chegar a essa concepção, Lacan recupera que segundo Freud a sublimação é uma forma de satisfação da pulsão, ora, uma satisfação da pulsão que não atinge seu alvo. Lacan irá, então, considerar que o objeto que satisfaria a pulsão é perdido, mítico e que assim, a satisfação da pulsão não se dá com um objeto, mas atinge a satisfação num movimento e fechamento da pulsão.

Esse movimento da pulsão, relacionado a atividade e passividade, refere-se a contornar esse objeto (objeto a) e constituir bordas. Assim, por exemplo, o movimento da pulsão ao contornar o objeto a seio constitui a boca como borda.

E como se dá esse circuito e fechamento da pulsão? Segundo Lacan, se Freud trata de tempos gramaticais- por exemplo, amar e ser amado- para ele a passagem da pulsão para a demanda do Outro, articulando-se com a linguagem, inclui um terceiro tempo do movimento pulsional. Trata-se do "*se fazer*" (Lacan, 1964, p.185) e suas variáveis; por exemplo, se fazer ver, se fazer ouvir etc. É nesse terceiro tempo que o sujeito torna-se sujeito da pulsão e atinge "a dimensão do Outro" (1964, p.183), instaurando o objeto como perdido.

Além disso, segundo Lacan, esses objetos (a) são inapreeensíveis no espelho e cobertos pela imagem especular (1960b). Podemos pensar ainda que para a constituição da imagem especular, que é responsável pela imagem do corpo totalizada e para a constituição do eu, é preciso que esses objetos sejam perdidos, objetos que serão portanto, caídos.

Nos remetemos à fantasia e como Lacan relê o que Freud elabora no texto?: ‘Uma criança é espancada’, mas temos de considerar ainda como Lacan relaciona a fantasia com o objeto *a*. Segundo Lacan a fantasia: “é aquilo mediante o qual o sujeito se sustenta no nível de seu desejo evanescente, evanescente porquanto a própria satisfação da demanda lhe subtrai seu objeto” (Lacan, 1958, p. 643). Assim, a fantasia é uma defesa, pois é através dela que se pode propor um objeto ao desejo, ou uma forma de ‘desejar’ (Safatle, 2004). Que objeto é esse? É o objeto *a*, tendo aqui a função de objeto causa do desejo. É esse objeto *a* destacado, separado do Outro, que vai fazer o sujeito desejar. Ao mesmo tempo em que ele sustenta a fantasia, é o objeto *a* partir do qual pode-se deduzir que objeto o sujeito é (Lacan, 1962/63).

Assim, para Lacan, a fórmula da fantasia é “*sujeito barrado desejo de a*” (1962/63, p. 113), marca a articulação entre o objeto (*a*) com o sujeito dividido, identificado ao significante (Lacan, 1960b). Além disso, para a fantasia existir é necessário: um Outro faltante (Julien, 1993, p. 83) e que o objeto *a* se destaque e caia do Outro para ser, então, articulado à fantasia como objeto causa do desejo. A queda desse objeto do Outro é possível devido a esse Outro ser marcado pelo significante, o que se dá através da função do Nome-do-Pai. É ainda essa queda que permite a simbolização desse buraco em falta. Trata-se, como Julien aponta, de um significante da falta do Outro.

Essas considerações permitem um retorno ao estádio do espelho e às identificações. Inicialmente, Lacan refere-se ao estádio de espelho considerando somente o imaginário, o eu é constituído a partir do outro, ou melhor, pela imagem do outro. Porém, num segundo tempo, temos que considerar a influência do simbólico na identificação que se superpõe ao imaginário. Se a identificação imaginária (narcísica) remete à identificação com a imagem, especular, a partir do outro, quando um imita o outro para ser; a identificação simbólica é o que permite o “inimitável” (Zizek, 1992, p. 108). Assim, é a partir da identificação simbólica que o sujeito pode se tornar ele mesmo, e não ser o outro, modificando a identificação imaginária.

A identificação simbólica é realizada a partir de traços e refere-se ao traço unário. É a partir desse traço que o sujeito poderá se contar como Um e que a imagem especular pode se manter coesa (Julien, 1993). É esse traço unário que Lacan (1964) considera como uma segunda forma de identificação, como o núcleo do Ideal do eu.

Temos então que diferenciar a imagem especular- $i(a)$ do objeto a . Pois são esses objetos da pulsão que irão se destacar de $i(a)$, fazendo “um real que pode faltar ao Outro” (Julien, 1993, p.147). Dessa forma, para que o real do corpo possa ser coberto pela imagem especular, temos de considerar a identificação simbólica.

Assim, consideramos os três registros -Real, Simbólico e Imaginário- para pensarmos a constituição de um sujeito. E consideramos também como essas três dimensões se articulam (nó borromeu). Julien (1993, p.152) refere que no registro do imaginário, o buraco, ou falta vai ser indicada como menos falo imaginário (menos ϕ), e assim, a castração dá consistência ao imaginário. Do ponto de vista do simbólico, o buraco é introduzido pelo fato de que existe um impossível de se dizer, que se relaciona com o significante da falta do Outro. Do lado do real, o buraco refere-se ao impossível da relação entre os dois sexos, como também o fato de que não há saber do gozo do Outro.

Assim, como se dá a relação entre real e o simbólico? E como isso se articula com o fato de Lacan relacionar o objeto a à letra? Essa articulação é importante para tratar o inconsciente como real, como Lacan coloca no seminário ‘Le non-dupes Errent’, quando considera que o inconsciente deve ser interrogado à escritura (Allouch, 1995, p. 136). Sendo assim, temos que começar pontuando a diferença entre significante e letra.

No campo da linguística, Saussure coloca que o vínculo que une uma palavra a uma coisa não é simples e define o signo lingüístico como o que une “*um conceito e uma imagem acústica*” (1969, p. 80) e não uma palavra e uma coisa. Imagem acústica para o autor não é som material, mas sim a “*impressão psíquica desse som (...), tal imagem é sensorial*” (1969, p. 80). É isso que permite levar em conta, como imagem acústica, pensamentos, ou lembranças que não são falados em voz alta; sendo que na fala consideramos as palavras e os fonemas.

O signo é composto então por dois termos: significante (imagem acústica) e significado (conceito). Para o autor, a ligação entre esses dois termos é arbitrária, ou seja, não há um laço ‘natural’ entre eles; e os significantes formam uma cadeia.

A partir da linguística, recuperando o valor e peso da fala como meio da prática na psicanálise, Lacan (1953 a) considera que existe uma estrutura de frase nos sonhos, ou de elementos significantes que podemos reencontrar nos hieróglifos, o que o leva a considerar que é uma “estrutura de linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente” (1960a, p.498). E retomando Saussure, sustenta que é uma ilusão considerar que o significante representa o significado, pois a significação se dá com apoio em outra significação. O significante é então definido como os fonemas, unidades que têm a propriedade de se combinar e formar uma cadeia significante, que Lacan articula com a fala. Para o autor, é nessa cadeia que está o sentido. Dessa forma, Lacan dá primazia ao significante, considerando que é a articulação significante que dará a significação, ou seja, que participa do significado.

Lacan ainda relaciona os mecanismos do inconsciente, descritos por Freud na interpretação dos sonhos, como condensação e deslocamento, com a metáfora (que trata de substituição de um significante por outro) e metonímia (1960a). E considera que o mecanismo da metáfora produz o não-senso e permite desvincular a coisa do grito, por exemplo, é o que torna possível a construção: “o cachorro faz miau, o gato faz au-au” (Lacan, 1960b). É ainda a metáfora que coloca em evidência que a cadeia significante e sua estrutura permitem usar a língua para produzir algo totalmente diferente do que ela diz (1960a).

É no texto “*A instância da letra no inconsciente*” que Lacan introduzirá o conceito de letra como uma estrutura localizada no significante, ou seja, como o “suporte material que o discurso concreto utiliza da linguagem” (Lacan, 1960a, p. 498). Trata-se da letra no inconsciente e não o significante, como o título do texto de Lacan indica.

Posteriormente, no texto da ‘carta roubada’ (carta é a tradução ao português de *lettre*, que significa letra), pode-se conceber que é a partir do simbólico que algo pode faltar e não ser achado, como um livro numa biblioteca que só pode estar perdido se há um buraco, que evidencia que ele não está lá (Chemama, 1995). Ao relacionar esse livro com a *lettre* (letra), podemos nos remeter ao objeto perdido (objeto a) que é excluído. Neste sentido, a letra se relaciona com o recalçamento original, funda a lei e se separa do real (Quilichini, 2004). Até neste momento do desenvolvimento de Lacan, mesmo que trate da letra e do significante, não é possível diferenciar com mais clareza esses dois termos.

É no seminário de 1971 que Lacan fará essa distinção de forma mais clara. Segundo ele, a letra se diferencia do significante, pois a letra remete-se ao real e o significante, ao simbólico; como é a letra que dá apoio ao significante (1971, p.118). Essas diferenciações são desenvolvidas por outros autores. Segundo Bergès e Balbo (2004), também podemos entender que o significante, que é relacionado ao simbólico, é representável, audível e só tem significação remetido ao outro; por isso é que o significante representa o sujeito para outro significante. Ou ainda, que o significante existe se considerarmos sua diferença dos outros (Damon, 2004).

Por outro lado, considerar a letra como articulada ao real, trata-se articulá-la a algo que não tem som, algo impossível, real, irrepresentável ou ainda, sem sentido (Bergès e Balbo, 2004). É devido a isso que Darmon (2004) aponta que a letra permite seu uso na matemática. Pois, são as letras que dão suporte para as operações matemáticas (Lacan, 1971, p.96). Mas como a letra é consequência da linguagem (Lacan, 1971, p.114) e ao mesmo tempo, remete ao real? O que a letra representa?

A função da letra é representar o objeto a, que é irrepresentável (seio, voz, olhar e fezes), o que o significante não pode (Quilichini, 2004). Para Lacan (1971, p.30), o real remete justamente a isso, o que resiste ao sentido, são letras, articulação algébrica e o objeto a (olhar, voz, seio e fezes).

A letra é o que vai representar o furo do Outro, que se relaciona com o objeto a, e que ocorre quando a linguagem organiza a libido (Quilichini, 2004). Dessa forma, a função da letra se coloca com relação à demanda. Se a demanda já implica numa perda, por se relacionar com a linguagem, a letra é o que faz borda da onde esses objetos a caíam (Dubois, 2004), representando-os. Assim, é a letra que “permite perceber na junção possível da linguagem com o corpo” (Hiltenbrand, 2004, p.79), fazendo o litoral entre o gozo e saber. Pois a letra faz um buraco no saber, ao se referir a uma simbolização do real (Lacan, 1971, p.113).

Além de se diferenciar do significante, é a letra que ao cair vai fazer funcionar a cadeia significante (Quilichini, 2004), funcionando então como objeto perdido e será o suporte do desejo inconsciente (Vincent, 2004). E por que é a letra que permite a cadeia significante funcionar? Porque a letra, ao cair no inconsciente, permite combinações e substituições, passando a se articular com os significantes (Darmon, 2004).

É importante marcar, que mesmo que falemos da estrutura da letra no significante, ou a diferença entre esses termos, para Lacan (1971, p. 113) não se trata de que a letra é de uma ordem mais primário que o significante. Os significantes do discurso do Outro já estão aí, a questão é como esses significantes vão se inscrever como a cadeia inconsciente na criança, ou a construção do inconsciente como o discurso do Outro.

Já citamos que o traço unário remete a uma identificação simbólica, ao núcleo do Ideal do eu e ao traço que identifica o sujeito (Lacan, 1971, p.121). Este traço tem uma relação particular com o nome próprio, pois é algo que não é substituível, é o que permite algo de ‘inimitável’. Ou como Lacan (1953/1963) coloca, o nome próprio “ é uma marca já aberta à leitura- eis por que ela será lida da mesma forma em todas as línguas” (p. 74). Podemos ainda relacionar o nome próprio com o significante Nome-do-Pai, ou ainda, ao “pai do nome” (Lacan apud Allouch, p.203), considerando o nome próprio remetido a função paterna simbólica (Lacan, 1953/1963p73). Quando esse nome é pronunciado, para Lacan (1960b), se produz o significante da falta do Outro, que é um traço impronunciável.

Além disso, consideramos que a letra é também o suporte para o traço unário, estando localizada nesse significante. Quanto à relação traço unário e a letra, Julien comenta:

“Ein einziger Zug: esse é o nome- próprio, próprio ao sujeito no Outro. Mais do que qualquer outro nome, o nome próprio como traço unário mostrar- nos- á o que é da ordem da letra, não em sua vertente de sentido, mas na do sinal e da insígnia” (1993, p. 109).

Mesmo que o traço unário faça do sujeito Um, ele não é um. Pois o sujeito é remetido de um lado a esse traço, mas de outro ao objeto a, sem ser nem um nem outro, pois trata-se de um sujeito dividido (Dubois, 2004). Ou seja, o nome próprio (traço unário) apesar de ter papel da identificação simbólica e mesmo, tornando coesa a imagem especular, ele também satura o sujeito (Julien, 1993, p.107). Pois o sujeito é um significante que representa o sujeito para outro significante, é esse vazio.

Aqui temos a função da letra. É importante que a letra transforme o nome próprio em nome comum, reduzindo esse nome próprio a um significante qualquer. Isso é feito fragmentando o nome em letras. É essa transformação que tornará possível ao inconsciente operar e advir o objeto a para além do ideal do eu (Julien, 1993).

É através da letra e suas combinações (incluindo-se aqui as letras: - + =), que pode se colocar o equívoco, ou seja, o fundamento da lei que se articula ao significante Nome-do-Pai (Allouch, 1995, p.227).

Dessa forma, a função da letra, que se escreve e cai, ou do traço unário que se forma e tem seu apagamento designando o sujeito (Lacan, 1971), remetem à lógica da negativa (Verleugnung) (Dubois, 2004, p.60). É a operação da negação que faz uma letra e exclui sua marca, assim, a letra relaciona-se ao recalque originário (Julien, 1993, p. 104-105).

3.1- O escrito como escritura

O escrito ou *écriture* não é a linguagem, mesmo que ocorra a partir da linguagem (Lacan, 1971, p.67), e não é a fala, pois essa remete-se ao significante e a divisão do sujeito. Também temos que considerar que o escrito, ou a escritura, é diferente da escrita como produção discursiva, relacionada à alfabetização (Carvalho, 1999).

O escrito refere-se à letra, ao real e ao isso, trata-se do Isso que “se escreve, isso se dispõe, isso toma forma, isso se associa, e depois ele descobre ao escrever o que não sabia, que nem havia previsto” (Melman, 2004, p. 141).

O escrito é uma possibilidade da letra, que só pode se inscrever dessa forma (Hiltenbrand, 2004). A inscrição da letra ou do traço unário no escrito refere-se a uma cifração do inconsciente, ou seja, faz que esses elementos permaneçam como saber inconsciente. Assim, se para Freud trata-se de um deciframento do inconsciente, Allouch aponta que com Lacan temos que considerar que “o inconsciente não traduz, mas cifra” (1995, p.112).

A escritura, então, se relaciona a uma cifração e a uma simbolização do real, e também envolve uma perda, pois nos deparamos ao escrever que “há letras escolhidas mas também as que caem” (Lenglet, 2004, p. 33). Ou seja, se escolho uma letra, deixo outras de fora. Além disso, segundo Lacan, assumir-se como autor, ou narrador de um escrito, é se remeter à castração (Lacan, 1971, p.100).

Allouch (1995) recupera o desenvolvimento de Lacan quanto ao que seria a escrita (e quando nos referirmos aqui a escrita, estamos nos remetendo a uma escritura) e suas relações com o objeto, o sujeito e o significante. No começo da escrita, temos a leitura do signo (hieróglifos). Por exemplo, com um desenho de um cachimbo, posso nomeá-lo

escrevendo ‘cachimbo’, mas tanto se pode dizer que é um cachimbo, como dizer que não é. Pois, na verdade, o desenho não é o objeto em si, como nunca é fiel ao objeto. Só depois desse jogo do ‘é e não é’ que se pode afirmar que o desenho do cachimbo é ‘cachimbo’. O que é na realidade, um ‘abuso’, diz Allouch. Num segundo tempo, trata-se do signo que passará a ter valor de significante. Isso ocorre quando o nome não mais irá se relacionar ao objeto, mas a um outro objeto homófono. Dessa forma, trata-se a separação entre signo e objeto, o que se relaciona à materialidade e à letra.

Na clínica com crianças, a escritura pode comparecer na evolução do desenho, pois esse como escritura podem alcançar a dimensão da letra, já que consideramos que “o desenho da criança como passagem à escritura, inscreve-se nesse processo inconsciente da letra” (Balbo, 1996 a, p.41). Assim, como o escrito, relacionado ao sem som, a traços e letras tendo a função de cifração, o desenho também se coloca como uma cifração do gozo, ou uma simbolização do real, fazendo borda a esse (Martins, 2003). Dessa forma, o ato do desenhar pode ser considerado, como Chemama (1996) coloca, um “ato de separação” (p. 24).

Capítulo 4- Da inibição à debilidade

A categoria de inibição intelectual, ou de debilidade mental, remonta ao início do século vinte, quando o termo ‘debilidade mental’ foi criado pela psiquiatria; depois foi abordado pela área da pedagogia e a psicologia (Santiago, 2005, p.17). Tratava-se de se avaliar, através de testes psicológicos, a inteligência, ou era uma forma de se evidenciar um déficit, considerando uma linha de normalidade com relação à inteligência.

A partir da psicanálise, consideramos a debilidade como uma certa relação do sujeito com o saber, ou melhor, com uma impossibilidade de saber. Além disso, podemos articular a debilidade à inibição. Trataremos inicialmente da inibição para a psicanálise, para então, desenvolver a questão da debilidade.

Freud relaciona a inibição, primeiramente, como sendo uma possibilidade após a repressão das teorias sexuais infantis, que são para Freud o protótipo do trabalho intelectual (como já desenvolvemos). Posteriormente, em 1926, a inibição é considerada como “a expressão de uma restrição da função do ego” (1926, p. 93), que pode ou não se configurar como um sintoma. As inibições são uma resposta, ou ainda, uma forma do sujeito evitar o conflito com o id, que corresponderiam à inibições específicas; ou com o supereu, e neste caso, as inibições teriam uma função de “auto-punição”.

Recuperando os desenvolvimentos do termo inibição na metapsicologia de Freud, Santiago (2005, p. 116) aponta que a inibição é o que permite reorientar a pulsão para essa procurar satisfação num objeto de realidade, o que implica diferenciar objeto da realidade de objeto alucinatório; e é ela que impede que a pulsão tenha satisfação, devido a renúncia da satisfação.

Para Lacan (1962/63, p.18-20), a inibição remete a uma paralisação do movimento, distinguindo três termos: a inibição; o impedimento, que se configura como sintoma e remete a um impedimento do sujeito, não do movimento ou da função; e o embaraço, que se relaciona à angústia. Além disso, para Lacan, a inibição corresponde a algo de estrutural e quando ela entra numa função, vai possibilitar a criação de um desejo diferente (1962/63, p.343-344). Ou seja, um desejo que não se satisfaz naturalmente, o que nos remete à diferenciação entre uma satisfação alucinatória com um traço do objeto, ou um objeto da realidade. Assim, para se dirigir a um objeto na realidade, ou existir uma ação na realidade, é necessário a inibição (Santiago, 2005, p.116). Essa relação entre ato e inibição é

desenvolvida, por Lacan, no sentido de que “o ato é uma ação na medida em que nele se manifesta o próprio desejo que teria sido feito para inibi-lo” (1962/63, p. 345).

Ao mesmo tempo em que se relaciona com algo estrutural, a inibição pode também funcionar como uma defesa frente à angústia de castração, através do desejo de reter, evitando o conflito com o imperativo de gozo. O sujeito faz isso ao inibir a função do objeto a (causa do desejo), ou seja, evita a sua divisão e se coloca como objeto fálico “tampão” (Santiago, 2005, p.150). O que impede o aparecimento do desejo do sujeito e da função do objeto causa do desejo.

Podemos relacionar a inibição, como Ericson (1999) situa, tratando-se de uma posição subjetiva na qual a falta, que se coloca no intervalo entre dois significantes, não pode aparecer e o sujeito a cobre de forma imaginária.

A debilidade mental tem a mesma lógica da inibição (Santiago, 2005). Para Lacan (1964, p.224-225), a debilidade se relaciona com a existência da holófrase entre a dupla de significantes: S1 (significante que identifica o sujeito) e S2 (significante que dá sentido ao desejo). Ou seja, existe uma solidificação entre esses dois significantes o que não permite o intervalo, no qual o segundo (S2) retroage sobre o primeiro, possibilitando a emergência do sujeito. Assim, na holófrase não temos o sujeito dividido, quando um significante represente o sujeito para outro significante.

A holófrase remete à ordem simbólica e para Lacan ela se relaciona com a introdução do sujeito na demanda, quando a mensagem e o código se juntam de uma forma na qual o sujeito é igualado numa frase (que é reduzida numa palavra); por exemplo, o sujeito se reduz a um grito (Santiago, 2005). Segundo Vorcaro, tanto essa definição como a da ausência de intervalo entre os significantes, remetem à holófrase como sendo “o nome que Lacan dá à ausência da dimensão da metáfora” (1999, p. 33).

E se a holófrase relaciona-se com uma falha na metáfora, isso nos invoca a questionar sobre a função do nome-do-pai (significante que dá sentido ao desejo materno-S2). Na debilidade, coloca Lacan: “a criança débil toma o lugar (...) desse S, em relação a esse algo que a mãe a reduz a não ser mais que o suporte de seu desejo num termo obscuro” (Lacan, 1964, p.225). É então esse ‘termo obscuro’ que podemos relacionar com uma falha a nível simbólico, porque não é possível a criança interpretar o seu significado no desejo do Outro (Santiago, 2005). O significante que identifica o sujeito, o S1, que também remete à função simbólica, fica reduzido à identificação imaginária e mais, acaba por encarnar uma:

“(…) série de sentidos de tudo aquilo que representa a falta no Outro materno” (Santiago, 2005, p.165). Além disso, consideramos que essa falha a nível simbólico se diferencia de uma forclusão do Nome-do-Pai, pois na debilidade existe a presença do significante Nome-do-Pai no Outro (Tendlarz, 1997, p. 61).

Assim, a holófrase relaciona-se com uma falha a nível simbólico e podemos relacioná-la ao processo de alienação, quando o sujeito é reduzido a um significante (fading do sujeito, ou afânise). Pois, ao mesmo tempo em que esse primeiro significante representa o sujeito, ele só o pode fazer se existe um outro significante (S2), fazendo com que o sujeito só apareça nessa divisão. Isso ainda envolve uma escolha do sujeito, se ele consente ou não em seu desaparecimento, ou seja, em ser representado por um significante e perdendo uma parte do ser (Fink, 1998).

A debilidade, então, envolve privilegiar o imaginário e desconhecer a dimensão simbólica, reduzindo o S1 à dimensão imaginária, e se relaciona com uma escolha do sujeito em evitar sua divisão, tamponá-la. Assim, remete a uma posição que envolve uma recusa da castração simbólica, o que tem implicações. Do ponto de vista de sua instalação em um discurso, a recusa de sua divisão implica que o débil não vai:

“estar solidamente instalado num discurso (...). Não há outra definição que se possa dar a ele, senão a de ser aquele que (...) entre dois discursos, ele flutua. Para estar solidamente instalado como sujeito, é preciso ater-se a um (discurso), ou, então, saber o que se faz (...)” (Lacan, apud Santiago, 2005, p. 176).

Do ponto de vista do corpo e do imaginário, ao tomar o S1 só em sua dimensão imaginária, ele faz da imagem o “reflexo do corpo uno (...) ele toma dois corpos distintos como idênticos” (Santiago, 2005, p. 177). Isso tem efeitos na constituição de uma imagem corporal unificada e coesa, já que para isso é necessário a identificação simbólica - que afetará essa imagem.

Além disso, devido à holófrase, não existindo intervalo entre os significantes, não se pode apresentar a falta do Outro e a interrogação sobre o desejo dele. E, se o saber refere-se justamente a poder questionar esse desejo, a debilidade remete assim a uma relação do sujeito com uma impossibilidade de saber. Pois, como esse Outro permanece não barrado, ele será aquele que pensa, e a posição do débil irá envolver uma recusa em saber, em colocar em xeque, duvidar, ou se questionar sobre o desejo do Outro (Rosine Leford apud Tendlarz, 1997, p.61). Frente a isso, não é o desejo do Outro que comparece ao sujeito (débil), mas sim o gozo do Outro tendo ele como objeto (Vorcaro, 1999). Ou seja,

comparece esse supereu em sua dimensão de apelo à não castração e ao gozo, não interdito, que ordena: “Goza!”. Pois, como pontuamos (capítulo 2), é a própria divisão do sujeito que faz barra a isso, o que não acontece no caso da debilidade devido à holófrase.

Dessa forma, ao recusar ser sujeito dividido, recusar sua castração simbólica, o débil fica impossibilitado de saber e de localizar-se em um discurso, e permanece flutuando entre dois discursos. A dimensão do equívoco e da mentira, relacionado ao se diferenciar do algo que fala nele, mas que não é ele, não se coloca. O débil “repete os mesmos enunciados dos outros para falar de si mesmo. (...) refaz seus ditos a cada vez que algo da ordem da enunciação se manifesta” (Santiago, 2005, p. 166). O que fala é a fala do Outro e quando aparece algo de seu dizer, ele recua. O reflexo do corpo irá se remeter a esse ‘uno’, tomando dois corpos diferentes como idênticos. E, ao permanecer nessa dimensão do ser, o que lhe vai restar é esse supereu, evidenciando o gozo do Outro que toma como objeto.

Capítulo 5- Análise de um caso clínico

5.1- Da queixa ao sintoma:

Silas tem 9 anos quando é encaminhado para atendimento psicológico pela escola (em março de 2003). O atendimento teve início nessa instituição (por um ano) e teve continuidade na clínica particular. A professora diz que Silas tem problemas de aprendizagem, freqüentando a SAP (sala de apoio pedagógico), não sabendo ler e escrever. Comenta que, apesar dele ter apresentado melhoras no início de 2003, ele não fala e quando as pessoas tentam conversar com ele, chora. Além disso, relata um episódio de encoprese de Silas na escola.

Na primeira entrevista com Silas e Maria, avó paterna (responsável pela criança já que a mãe de Silas é falecida e ele não tem contato com o pai), ela fala que considera o atendimento psicológico importante, pois o neto já havia feito duas vezes o segundo ano e tinha dificuldade para escrever e ler. Maria fala ainda, que se eles tiram um brinquedo de Silas, seus “olhos ficam cheios” (lágrimas), e que se alguém briga com ele, acontece o mesmo. Comenta que o neto fica “quietinho no canto” e, assim, às vezes até passa despercebido quando esta em casa. Esse quietinho, a avó retoma ao comentar que Silas era um “bebê mais lentinho”, que andou com 3 anos, começou a falar (e ser possível entendê-lo) quando tinha 8 ou 9 anos. Quando tinha 2 anos, o menino foi levado para fazer um “exame de cabeça” (neurológico), mas segundo a avó não foi constatado nenhum problema. Nessa consulta, o médico somente perguntou do que Silas tinha medo e ele respondeu que tinha medo de cachorro.

Maria comenta que sua filha (tia de Silas) tem um filho, F. de 5 anos, e que a idade dos dois parece trocada, pois esse primo embora mais novo é mais “esperto” que Silas. A avó relata também, que uma vez Silas disse que queria ter morrido.

É importante assinalar como se deu o primeiro contato da psicóloga com Silas, quando ele foi chamado para conversar junto com sua avó (pois ele se encontrava na sala da aula). A psicóloga se apresenta, diz sua profissão e informa que iria conversar um pouco com ele e sua avó para saber o que está acontecendo e como poderia ajudá-lo. Ele olha para ela, com os olhos arregalados e abre a boca, mas não diz nada e a fecha. Frente a isso, a

terapeuta diz que ele poderia falar, perguntando o que é, e Silas então diz: “*Eu não sei escrever*”.

Se por um lado, Silas refere-se à dificuldade para escrever, por outro, em ato, ele demonstra do que realmente se trata, de um ‘eu não posso falar’. Será que não sabe escrever por que não pode falar? E por que não pode falar? Podemos pensar que se trata de uma criança que se recusa a falar e ser sujeito; pois, afinal, como objeto, ele é falado.

Se sujeito é sujeito que fala e que pensa (pensa onde não é), essa boca que se abre muda, ou esse grito mudo, podemos relacionar com um Outro que é tamponado por Silas como rolha, ou objeto (Quilichini, 2004, p.13). Pois, se falamos para deixarmos de ser objeto, coisificado (Pommier, 2004), Silas nos evidencia aqui ao mesmo tempo sua posição de objeto e uma recusa de ser sujeito e deixar de ser objeto.

Falar é ser sujeito dividido, é trair a si mesmo, como a esse Outro não barrado e absoluto (não ser mais falado). Assim, partamos da boca muda que não se pode permitir trair, pois: “ ‘Boca’ mama e come, mas ‘boca’ trai. Ela emite sons, e esses sons descartam o valor de objeto: de um lado, come e, do outro, fala” (Pommier, 2004, p. 125).

Além disso, retomamos que segundo a avó Silas era um “bebê lentinho”, que não falava e não era possível entendê-lo até 8 ou 9 anos, e é só depois de um ano de atendimento, frente às mudanças de Silas, que ela dirá que o neto também não tomava banho e nem se trocava sozinho. No início dos atendimentos, era possível observar também que Silas tinha uma dificuldade de coordenação motora (como abrir a chave da caixa lúdica) e ao andar parecia que estava ‘mancando’.

Assim, se de um lado marca-se a queixa de aprendizagem da escola e Silas fala de não saber escrever, isso se relaciona com a própria posição dele, de não poder falar, de não ser reconhecido no laço social, mas somente ser tomado como objeto: ser falado (se recusando a falar), ser trocado e não poder saber. A queixa então difere-se do sintoma, que é uma debilidade mental.

5.2- O Discurso no Outro

Silas e sua família são do Rio de Janeiro. A avó, Maria, é a segunda filha de seis filhos. Inicialmente ela diz que eram 5 filhos e que a mais velha morreu, e não menciona o irmão mais novo (6º) que nasceu morto. No decorrer das entrevistas, diz que quando esse

irmão nasceu morto, ela estava com 14 anos. E como não havia ninguém para levar a criança para o necrotério, ela foi encarregada desta tarefa pela família. A instrução era que para que ela levasse a criança dentro de uma caixa de sapato. Ela tentou, mas o bebê não cabia. Então, Maria vestiu o bebê morto e o levou no ônibus, embalando a criança, para que ninguém percebesse que estava morta. Diz que sentiu um *“frio... um gelado no braço”*.

Ela diz também que logo cedo (7 ou 9 anos) começou a trabalhar, cuidar dos irmãos, cozinhar para família etc. Não sabia aos 7 anos como cuidar de seus irmãos. Se choravam ou faziam alguma coisa errada, ela mordida o dedo deles ou batia. Diz que foi *“severa”* com os irmãos e os filhos, e menos severa com os netos.

Relata que os pais se separaram e que desde então viu seu pai duas vezes. O mesmo aconteceu com Silas, que também só viu duas vezes o pai Celso, filho de Maria. Maria diz que sente muita falta de seu pai, diz que o pai abandonou a mãe, que sempre esperou por um telefonema ou visita dele, mas isso não aconteceu. Só tomou a iniciativa de procurá-lo depois de *“velha”*.

Maria se casou e tem três filhos, dois homens e uma mulher. Segundo Maria, seu filho Celso, o pai de Silas *“nasceu na família errada (...) tinha espírito de rico”*, pois queria levar para escola sempre muitos doces para todas as crianças. Após a separação de seu marido, Maria fala que não sabia lidar com seu filho (Celso) e chegou a sugerir que ele fosse morar com o pai, mas em denegação diz: *“não é que eu queria que ele fosse embora”*. Acreditava ser importante para o filho *“ver”* que a separação não era culpa dela. Conta que o filho, quando voltou da casa do pai, estava com a cabeça machucada. Celso não disse o que realmente aconteceu. Disse que tinha sido um acidente, que um pau havia caído na cabeça dele. Maria conclui: *“Aí ele aprendeu”*. A psicóloga pergunta se ela não procurou saber o que aconteceu. Maria diz inicialmente que não, mas que acha que o filho *“apanhou lá”* (na casa do pai). Mais tarde diz que procurou o pai do filho, mas que o achou.

Maria acredita que foi sua separação que fez com que Celso se tornasse um alcoólatra. Quando ele era jovem, Maria temia que ele usasse drogas. Às vezes ficava rondando perto da escola, olhando como ele estava. Queria ainda que o pai falasse com Celso, pois ele saía, bebia, não tomava banho e tinha um *“cheiro forte”*. Mais tarde, quando participou de um grupo de samba famoso, Celso passou a usar algum tipo de droga e tomava remédio com bebida. Para Maria isso significava que o filho *“queria morrer”*.

Após o casamento de Celso com Berenice, futura mãe de Silas, Maria fala que o filho melhorou, começou a trabalhar, deixando a bebida e as drogas. Conta que Berenice era branca, “*calma, quase loira e bem gordinha*”, gostava de cozinhar e já tinha uma filha de outro casamento. Com Celso, Berenice teve trigêmeos, mas só dois bebês sobreviveram, Sara e César. Depois, Berenice teve um casal de gêmeos, Silas e uma menina que morreu. Maria fala ainda que Celso tinha “ciúme” de seu filho, César, queria que sua mulher só amamentasse a filha e só cuidasse dela. Isso levou Berenice a se separar de Celso por um período, quando foi morar com Maria. Porém, Berenice não conseguiu ficar longe do marido, voltando para ele. Quando ela diz a Maria que ia voltar com seu marido, Maria diz que falou a Berenice: “O que eu posso fazer? Não posso proibir nada”.

5.3- O Discurso do Outro

Segundo a avó: “quando S. nasceu, a mãe morreu”. Quando ela relata isso, na primeira entrevista, Silas repete “morreu” e continua brincando no chão com os brinquedos. A mãe de Silas tinha 24 anos e estava com 7 meses de gravidez quando deu à luz Silas e a irmã gêmea que nasceu morta. Após o parto, Berenice sofre complicações relacionadas a uma infecção hospitalar. Inicialmente, a avó relata que a mãe de Silas morreu após o parto, o que relaciona com problemas cardíacos, com o fato de Berenice ser “muito gorda” e de ter na família de Berenice histórico de doenças cardíacas. Em sessões posteriores, a avó fala que após o parto de Silas, Berenice voltou para a casa, passou mal e teve que ir ao hospital onde morreu quatro dias depois.

Depois de nascer, Silas ficou internado por 21 dias devido a dificuldades respiratórias. A avó diz que Silas “voltou sem sobrancelha, sem unha, magrinho (...) parecia um ratinho”. Ratinho é um recobrimento imaginário frente a esse corpo real.

O pai de Silas, após a morte de sua mulher, torna-se um alcoólatra e passa a morar na rua. Celso não foi capaz de realizar o luto da mulher. E Maria fala ao seu filho: “*Você não pode pôr a culpa, não pode abandonar as crianças*”. Além disso, relata que a relação de Silas com os irmãos não era boa, pois eles o culpavam pela morte da mãe.

Através desse discurso familiar (Outro), marca-se então, Silas como assassino da mãe (ele matou a mãe) e ao mesmo tempo, devido a essa morte, a causa da evasão do pai do lar.

Após a morte de Berenice, a família dela e de seu marido discutem para decidir quem vai cuidar dos filhos. Além de Silas, Berenice tinha mais dois filhos com Celso e tinha uma filha que foi de seu primeiro casamento. Essa discussão segundo a avó, configurou-se dessa forma: “a mulher estava na mesa e eles brigando para ver quem fica com as crianças”.

Para Maria, a família da mãe de Silas somente queria a primeira filha de Berenice, pois ela era branca. Silas e seus dois irmãos eram negros, como o pai e a avó. Como Maria não queria separar as crianças, propôs-se a ficar com todos eles, mas diz que caberia à avó materna ficar com todas as crianças já que não trabalhava. A família da Berenice não abriu mão da filha mais velha (branca) e Maria ficou com os três netos.

O Outro desdobrado e o filho usurpado

A avó diz que desde de pequeno Silas era “grudado” com sua filha (tia do menino). “Ele (S.) achava que ela era mãe, eu tinha ciúmes dela (sorri), mais isso era normal dele, ele não queria sair de perto dela (...) é como se fosse filho dela”. Diz ainda, que o pai para Silas é o marido da tia (tio). Maria diz também que Silas e seus irmãos a chamam de mãe. Comentando que antes, outros netos de seu outro filho e não de Celso, a chamavam também de mãe, até que realmente a mãe deles disse que não podia. Como chamar a avó de mãe e o pai de pai? Afinal, Silas fica como filho de um incesto - filho do pai com a avó.

Maria fala que chamava Silas e seus irmãos nomeando-se de avó: “vem com a avó”. Mas as crianças não respondiam, então ela falava para virem com a mãe, ou “mãe-vó”. Relata ainda que sua filha (tia de Silas) falou uma vez para ele e seus irmãos que a mãe deles havia morrido. As crianças começaram a chorar e Maria diz: “Acharam que era eu”. A partir daí, a avó pendura uma foto de Berenice na parede.

Dessa forma, o Outro de Silas coloca-se desdobrado. Do lado materno, desdobrado entre a avó, que é mãe, e a tia e posteriormente, também Berenice (quando é nomeada como mãe). Do lado paterno, o Outro é desdobrado entre o pai e o tio.

Porém, apesar de se colocarem aí o pai (Celso) e a mãe (Berenice), Maria retira do casal parental qualquer referência com relação a um desejo frente às crianças. Ela fala que os pais de Silas tiveram uma “ninhada” de filhos, porque Berenice era católica e não podia usar preservativo, ou tomar outros cuidados relacionados à prevenção da gravidez. A avó

comenta que quando Berenice estava grávida dos gêmeos (já com os nomes escolhidos), ela telefonou a Maria para contar a novidade. A psicóloga diz então que Berenice parecia estar feliz com a notícia e Maria diz: “não é que eles queriam os filhos” mas não tomavam precauções e diz que se eles realmente amassem os filhos, não iam ter tantos.

O pai denegrado

Maria diz que sua família pensa que ela não quer que Celso volte para casa, ou que venha morar com ela, pois o filho sempre procura outros familiares e não a mãe. Diz que Celso começou a beber mais após a morte da mulher. Diz também que Silas teve seu primeiro encontro com o pai quando tinha 6 anos e, quando tinha 9 anos, o pai ficou mais ou menos 3 meses morando com eles. Neste período a família tentou levá-lo a se tratar no AA, mas Celso mentia e não ia as reuniões. Ele trabalhou como vendedor de sanduíche, mas Maria diz que ele gastava o dinheiro com bebida.

Maria considera que seu filho é “fraco, não tem força de vontade”. Referindo-se ao lugar denegrado de Celso, ainda diz que ele tinha um cheiro forte já que se recusa a tomar banho e considera que ele deveria trabalhar, ganhar dinheiro e ajudá-los, ou dar aos filhos, pelo menos “moral”. Cita um episódio em que seu filho chegou bêbado em casa e seu cheiro era “insuportável” e ela pediu aos netos (incluindo Silas) para ajudar a tirar a roupa do pai. Maria colocou assim as crianças frente a esse real do pai. O único traço de ideal referente ao pai de Silas é que quando jovem ele fazia parte de um grupo de samba que ficou famoso. Mas Maria destaca que ele, “claro” abandonou esse grupo.

A avó diz que, quando Silas era pequeno, ele tinha que ser forçado a tomar banho e toda vez ele fazia “escândalo”. Diz ainda que ele “não transpira como a gente” e que usava um gorro no calor. Durante esse relato da avó, Silas pega o fantoche do jacaré e abrindo a boca dele, faz ele morder seu pescoço e depois faz como se o jacaré estivesse nadando. Silas então tenta ligar o cachorro, mas esse não funciona devido a pilha estar fraca, e ele fica olhando com olho arregalado e o guarda na caixa lúdica.

Em outras sessões durante o processo terapêutico de Silas, a avó dirá que os filhos de Celso (seus netos) têm o “cheiro forte” do pai. Para ela, isso é algo que se passa entre as gerações: “alguma fraqueza pode ter passado... cheiro, suor... mas a gente luta contra”. E diz que Silas disse em uma ocasião, no decorrer do tratamento, que não ia tomar banho,

como o pai. Afinal, esse cheiro é o traço unário imaginarizado, é o que foi transmitido pelo pai ao filho- o que se coloca nesse discurso do Outro- e por isso, o escândalo de Silas.

Além do cheiro remeter ao traço unário reduzido ao imaginário, a avó diz que deve se lutar contra esse cheiro, exatamente o traço que Silas tem do pai. Denegrindo o lugar dele, além do cheiro insuportável, refere-se a fraqueza (bebida), ao fato dele não trabalhar e é também “bicha” (o que vai aparecer nas sessões com Silas). Isso aparece quando a avó relata um episódio quando Celso viu sua mãe toda arrumada e disse que queria ser igual a ela. Maria responde: “É? Ser bicha? É isso? É o meu vestido?”; e fala que Celso não falou nada. Soma-se a esse lugar denegrido, o fato da avó retirar a referência do pai para Silas, quando diversas vezes repete que o pai para ele é seu tio e dizendo que Celso não queria filhos.

Frente a esse discurso da avó, que representa o Outro primordial para as crianças, elas respondem. Os netos não chamam Celso de pai, Maria diz que eles estão esquecendo dele e ainda cita que o irmão de Silas falou ao pai: “Você não é nada”.

5.4 - A falha na referência simbólica

Existe para Silas uma falha na referência simbólica, que pode ser relacionada a dois pontos: uma confusão na linha geracional e ao lugar de Silas como objeto causa do desejo (objeto a).

Primeiro, temos essa confusão na linha geracional, quando a avó se nomeia de mãe, ou nomeia a tia como mãe, ou ainda, nomeia o tio de Silas como seu pai - além de se referir a Celso como pai. Observa-se ainda que mesmo quando nomeia Berenice como mãe de Silas, Maria continua a se colocar como mãe (ou mãe-vó) e é frente a isso que os netos respondem (a avó como mãe). Porém, ao se nomear de mãe, a avó faz de Silas um filho de um incesto (de seu pai com a ‘mãe’ dele). Assim, se no decorrer das entrevistas, Maria diz que as crianças não chamam mais o pai de ‘pai’ mas somente pelo seu nome (Celso), não é evidenciar essa confusão? Isso pois, para Silas, ao denominar seu pai Celso de pai, é confirmar sua localização como filho de um incesto.

Vemos ainda que ser mãe ou mãe-avó pode ser relacionado com algo incestuoso da parte da avó (se nomear de mãe para os filhos de seus filhos), o que se articula com uma dificuldade de Maria renunciar a uma posição sexuada. É isso que aparece quando a

psicóloga pergunta o que é ser mãe-avó, e ela responde com uma pergunta “o que é ser avó?”. Quando a psicóloga repete a pergunta, Maria ri e fala: “Não sei... (silêncio) pai ou mãe dos pais da criança?”. E se inicialmente Maria dizia que não queria falar de Berenice para as crianças para não sofrerem, depois diz que não se trata disso realmente (“mas não é isso...”), falando então de uma dificuldade dela, de que sua cabeça não coincide com a idade que tem.

Trata-se assim, nessa confusão da linha geracional, de uma filiação falseada que de início se coloca como uma transgressão da lei. Segundo Lacan, uma filiação falseada tem efeitos de “devastação, que chega até mesmo à dissociação da personalidade do sujeito, que pode exercer uma filiação falseada, quando a pressão do meio se empenha em sustentar-lhe a mentira” (1953 a, p. 279). No caso de Silas observamos isso do lado da avó, em seu não querer falar da mãe dele. Podemos relacionar esses efeitos que Lacan cita com a implicação de que essa filiação tem na função paterna simbólica, pois para Lacan a função paterna, articula-se ao interdito que já se coloca na “ordem das estruturas da aliança e do parentesco” (1953/1963, p.73).

Dessa forma, essa adoção, tanto referida a uma filiação falseada, como a uma transgressão da lei, um incesto entre uma mãe que tem um ‘filho’ de seu filho, nos remete para uma falha na função paterna simbólica.

Num segundo ponto, Silas é situado no lugar de objeto causa do fantasma materno, não se trata do filho desejado, mas como a causa da morte da mãe e a causa da evasão do pai do lar, como pontuamos.

Além disso, observamos que tanto esse ‘abandono’ do filho (Silas), como o fato de o casal dos pais de Silas terem uma filha que nasce morta remetem à história da avó. Seu pai também ‘abandona’ a família, como seus pais tem um filho que nasce morto. É esse bebê que Maria carrega no colo, fingindo estar vivo, que pode ser relacionado a outra cena dela.

Também podemos articular esses dois pontos, o lugar de Silas no desejo materno e a uma filiação falseada com uma falha na função simbólica paterna (Nome-do-Pai). Se considerarmos que a criança inicialmente coloca-se como objeto real (objeto a) para mãe, para que ela não permaneça nessa posição é necessário essa função simbólica do pai, da lei no desejo do Outro. Essa referência à lei falha para Silas, pois a avó dele não somente não dá peso à palavra do pai, como o destituiu de seu lugar. No discurso do Outro marca-se o não

desejo de Celso pelos filhos, situa ele como aquele que culpa os filhos pela morte da mulher, não 'dá moral', bebe, não trabalha, é 'bicha' e cheira mal. Porém observamos que há, sim, um traço do pai (traço unário) que se coloca, mesmo que imaginarizado, é o cheiro. Assim, não se trata de uma forclusão do Nome-do-Pai, mas de uma falha simbólica, marcando-se aqui uma debilidade e o fenômeno da holófrase.

Se, como citamos, para Lacan (1964) na debilidade a criança é reduzida a objeto de um suporte obscuro do desejo da mãe, podemos apontar esse sintoma como articulado à categoria de sintoma como o que responde a subjetividade da mãe. E como Sauret (1997) coloca, sintomas que envolvem uma deficiência, também envolvem uma maior submissão à fantasia e mais a criança dá corpo a esse objeto (a).

5.5- O tratamento analítico- A direção da cura: **Subjetivação do discurso e desejo do Outro**

No decorrer dessa análise foram citados trechos das sessões e referências a alguns desenhos do paciente ocorridos durante o processo terapêutico. No anexo 1, encontram-se as sessões ocorridas durante os três anos de atendimento, numeradas. Tanto na análise, como no anexo 1, as falas da psicóloga serão indicadas por T e a fala do paciente indicada por S. No anexo 2 encontram-se os desenhos, indicados como figura, e numerados.

5.5.1- A entrada na análise e a primeira operação realizada pela criança: **Desrealização da imagem real e nomeação pela introdução do simbólico**

Na primeira sessão, Silas pega da caixa lúdica um boneco, que diz que é o avô, duas bonecas que nomeia uma de avó e a outra de filha (“filhinha”). Então, dá à psicóloga uma outra boneca. Brincando com os bonecos, avó e avô, fala que esses estão dançando, até que um outro boneco, o ‘ladrão’, aparece e diz que ele pegou a bolsa da avó.

Silas diz que o avô vai comprar para a filha uma boneca (pega a boneca que a psicóloga segurava), que custa um real. E depois diz que se trata de “uma boneca que fala”. Ele faz a avó pentear o cabelo da filha e parece reparar que os cabelos da filha são parecidos com os da boneca que fala e diz que são “irmãs”.

Assim, se a boneca era antes presente do avô à filha, agora a boneca se torna filha da avó e do avô. E Silas se situa aqui como “boneca que fala”, filha, dada pelo avô à avó. Esse lugar, pode ser relacionado com o fato de que Silas ainda não distingue os sexos, como depois, irá se situar como menina, o que será desenvolvido adiante.

Silas põe a filha frente ao espelho, depois da avó pentear seus cabelos e diz: “Não dá para ver”. Podemos considerar essa operação como uma desrealização da imagem real, ou seja, a imagem de Silas como objeto real torna-se não visível. Além disso, essa operação se torna possível devido à introdução do simbólico, através da nomeação da ‘boneca que fala’ e ser um presente, dado pelo avô. E se é o não poder falar que é atuado por Silas no primeiro encontro com a psicóloga (a boca aberta e muda), nesta sessão, Silas é nomeado como ‘boneca que fala’.

Depois Silas irá pegar os brinquedos que se referem a objetos da casa e irá arrumá-los. Ao olhar a cama, pergunta-se em voz alta: “Quem cabe?”. E tenta pôr uma boneca, mas

as pernas dessa ficam para fora e Silas diz: “Não cabe ninguém”. Silas evidencia também que inicia um descompletamento do Outro.

5.5.2- Estrutura gramatical da fantasia –A repetição e a elaboração

A fantasia é introduzida por dois significantes: roubar e matar, e se coloca desde o início do tratamento. Na primeira sessão Silas já introduz o roubo, referindo-se à bolsa da avó que é roubada pelo ladrão. Na segunda sessão Silas articula o roubar e matar, pois o roubo é situado como o motivo para ‘matar’. Ele fala que o ladrão roubou uma moto e pega a espada: “Para matá os ladrões”, como a faca para cortá-los.

Por que se trata desses dois significantes matar e roubar? Se retomarmos a história de Silas, é através do discurso do Outro que Silas é situado como objeto causa da morte da mãe. Discurso do Outro que comparece na fala do Silas e se configura como supereu em sua face real (‘Goza!’), através de um “você matou”, ou “matá a mãe” (47ª sessão). Por sua vez, o roubo relaciona-se com o fato de que a avó como Outro ao se nomear de ‘mãe’ para Silas e seus irmãos rouba tanto as crianças que usurpa dos pais, como rouba os pais das crianças, ao se situar como mãe.

Após Silas (2ª sessão) apontar um boneco como o ladrão, a psicóloga introduz: “Quem ele roubou?”. Silas aponta dois outros bonecos e depois, pegando a arma e apontando para o ladrão, diz: “Você me roubou, vou te matar!”. Silas indica assim, a linha de interpretação da psicóloga, situando-se como filho roubado.

Silas irá, então, introduzir a história da morte da mãe relacionada a problemas de coração. Na terceira sessão, Silas põe um estetoscópio em uma boneca e diz que essa é a “médica...(que) ouve o coração”. A partir daí, em suas brincadeiras começaram a aparecer o significante: morreu. Por exemplo, bichos que caem e morrem, ou ainda inicia-se um jogo no qual às vezes eles morrem, outras vezes caem, param de se movimentar, mas não morrem.

O ladrão, que antes roubava ou era morto, é introduzido por Silas também como aquele que mata (6ª sessão). Silas diz que foi o ladrão que matou a mulher, atirando por dentro do vestido da boneca. Depois, Silas é o policial que vai pegar e matar o ladrão, mas antes disso, cai no chão. Quando a psicóloga pergunta o que aconteceu com o policial, Silas responde: “Morreu... o ladrão matou... (levanta e diz) Você quer me matar mais uma vez”.

A frase de Silas “você quer me matar mais uma vez” (6ª sessão) pode ser articulada com o supereu e, ao mesmo tempo, a uma dívida simbólica. É isso que comparece na 10ª sessão, quando Silas passa a faca em seu pescoço e diz que está treinando para matar os ladrões porque o “chefe pediu”. Se o Outro pede que ele mate, ao mesmo tempo matar implica nessa dívida, na morte dele, assim Silas treina para matar ‘se matando’. Depois, Silas vai em direção ao banheiro com uma espada, diz que ele é o chefe e começa a bater no fio da descarga, enquanto fala: “Sou o chefe... não sou o escravo... sou o chefe... sou es... chefe”. Quando a psicóloga pergunta o que escravo faz, Silas diz que faz “bagunça” e o chefe “mata.. sou o chefe”. Primeiro temos um pedido do chefe, desse Outro que pede para Silas matar; depois, temos ele identificado ao discurso do Outro, como aquele que mata. Mas também temos uma identificação de Silas com esse chefe, com esse Outro não faltante, que ‘manda’ e que demanda que o outro cale a boca, o que Silas repete ao se dirigir à psicóloga “cala a boca (...) cala a boca senão te mato ” (37ª sessão).

Frente a esse desejo do Outro, que não se coloca como neutralizado ou pacificado, ou ainda frente a essa demanda do Outro que se coloca como mandato (de que ele mate), Silas buscará metaforizar esse significante ‘matar’ incluído no discurso do Outro, no qual Silas é situado como quem matou a mãe. Como que vai se dar essa metaforização e a construção da fantasia, que inicialmente se coloca através do matar e roubar?

A elaboração da fantasia se desenvolve através de uma repetição na qual os três termos: agente, objeto e o sujeito (como espectador) vão se alternando nessas posições. Como ainda, refere-se às inversões gramaticais da fantasia que se articulada aos três tempos da pulsão, por exemplo, matar, ser morto e fazer-se ser matado.

Observamos que nessas sessões iniciais Silas situa-se como vítima, é ele o objeto roubado pelo ladrão (2ª sessão), ou é ele a vítima que é morta pelo ladrão (6ª sessão), sendo que nos dois casos o agente é o ladrão. Depois na nona sessão, Silas irá se situar como o agente que mata o ladrão, que roubara o dinheiro da mulher, mas também como vítima que é morta. Ele inicialmente diz que matou o ladrão: “com minhas próprias mãos e pés, sou Jackie Chan” (9ª sessão). Mas ao sair do banheiro cambaleando, local onde estava e no qual dizia que estavam os ladrões, diz: “Se me matarem, eu já morri” (9ª sessão).

Após a introdução desses dois significantes e inversões da posição dos elementos da fantasia, Silas começara a se referir a esses significantes articulados a sua história, envolvendo seu nascimento, roubo, como o matar articulado a mãe. Inicialmente, irá

articular o matar e o nascer. Na 34ª sessão, Silas traz bolinhas de gude e no decorrer da brincadeira, quando a psicóloga vai pegar a bolinha de um lado da sala, ele diz: “Não, nesse lugar nasce” e quando ela vai para o outro, Silas fala: “Se eu bater em você, você morre”. E joga a bolinha de gude, acertando a da psicóloga. Ela pergunta para Silas: “Morri?” e ele diz: “Matei... vai para o outro lado da sala!”. Chegando do outro lado da sala, Silas diz que a psicóloga “nasceu”. Assim, Silas busca construir como pode matar a mãe e nascer. Observamos aqui que Silas considera que matou e depois nasceu. Mesmo a frase de que matou com “com minhas próprias mãos e pés” (9ª sessão). Podemos também relacionar a essa construção de como que ele pode ter matado a mãe?

A partir dessas construções, é na 37ª sessão que Silas se localizará como o ladrão, ou seja como o agente que rouba, falando para a psicóloga passar a carteira. O que antes se configurava como sendo a vítima, a criança roubada pelo ladrão.

Depois, ele construirá através de uma encenação (38ª sessão), do que ocorreu depois da morte da mãe. Segundo a avó, a mãe morta ficava numa mesa enquanto a família brigava para decidir quem ficaria com as crianças. Inicialmente, Silas diz que é o chefe e após atirar (‘matar’) a psicóloga diz que é para ela deitar na mesa. A psicóloga fala então: “Silas, a mamãe Berenice morreu e ficou numa mesa enquanto a família conversava”. Silas sorri e fala que a psicóloga vai para cadeia, escrevendo EES na lousa e quando a psicóloga vai ver ele fala: “Não olha, vai morrer”. Observamos aqui como esse olhar se coloca mortífero, pois presentifica esse desejo do Outro, ela morra. E se aqui, trata-se que se a psicóloga olha, ela morre, depois veremos que isso será formulado por Silas como se seu olhar matasse. Assim, Silas se localiza na posição de agente enquanto a psicóloga na posição de objeto.

Silas fala então: “Poderes do tempo, você vai morrer... Poderes do preto!” e pegando a espada, brinca de dar golpes na psicóloga e fala que são “no estômago” dela.

T- O Silas nasceu da barriga da mamãe - ele dá golpes e fala:

S- Agora no seu estômago (dá golpes), no outro estômago... (dá outros golpes e passa a andar, cambaleando).

Esse ‘outro’ estômago que Silas se refere pode ser relacionado com sua irmã gêmea, que nasceu morta e que Silas situa-se como causa da morte dela, além da mãe (“estômago”). Então, Silas fala que vai pôr uma fita na boca da psicóloga e tapar seus olhos. Assim, trata-se de cobrir esse olhar que se apresenta como mortífero e voz do Outro,

que comparece como supereu em sua face real, como imperativo de gozo. Esses objetos pulsionais que presentificam o desejo do Outro que ‘Morra’, desejo que também ainda não pode ser metaforizado devido à falha na função simbólica paterna. É frente a isso que podemos entender que, após subir na mesa da sala de atendimento, ele diz: “Poderes! O bem vai lutar contra o mal (...) Quero morrer” , e pula.

Porém, depois de pular da mesa ele cai numa almofada e diz: “Os poderes, obrigado”. Silas apresenta um recurso ou uma defesa frente a esse desejo do Outro, que se coloca como devorador. Esses poderes se referem aos “Poderes do preto” como antes ele havia citado na sessão e que podemos articular com um apelo ao pai. Poderes do preto aponta um significante- ‘preto’, que aponta ao traço paterno: o pai é preto e a mãe é branca. Assim, a referência aos ‘poderes’ no decorrer dos atendimentos mostra-se estar associada ao pai, seja poderes do preto ou poderes do ventilador. De qualquer forma, a referência esses poderes na almofada trata-se de um apelo no sentido de que exista uma lei nesse desejo do Outro. Não seria uma outra saída que não a morte?

Essa luta do bem contra o mal retorna na 39ª sessão, quando Silas situa o mal como aquele que mata ou que quer o dinheiro, e o bem como aquele que luta contra o mal e mata o mal. Se inicialmente, Silas diz que é do mal e atira na psicóloga, com a introdução da mentira e a possibilidade de ‘enganar’ o outro, ele dirá: “Ah, eu estava mentindo, eu sou do bem” (39ª sessão). Ou ainda, na 44ª sessão, Silas fala que é lobo mau, que mata, mas depois dirá “eu te enganei, eu não sou o lobo mau”.

É assim, através do engano e da mentira que pode se colocar a verdade, ao mesmo tempo, trata-se de colocá-la de uma forma que esse saber (de Silas como aquele que mata) seja recalcado e situado no campo inconsciente. Pois ser aquele que mata, ser o mal, faz de Silas um “monstro”, como ele diz após brincar de dar golpes com a espada na psicóloga: “A barriga vai ficar gelada, vai nascer um monstro (...) Vou matar, vou matar você”.

Ao mesmo tempo, é a partir da possibilidade da mentira e do engano que na 46ª sessão Silas poderá cifrar através de letras (números) esse discurso do Outro (“você matou”), metaforizando-o. Observamos isso quando ele canta: “Matei 1, matei 2, matei 3, matei 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 3, 4, 5, 1, 2, 3, (...)”.

Silas, então, irá retomar a construção da fantasia articulando os significantes roubar e matar. Na 40ª sessão, Silas fala para a psicóloga passar o dinheiro, marcando-se como o agente que rouba (é o ladrão) e depois diz que ela vai morrer e ‘mata’ a psicóloga, se

colocando como agente que mata. Porém, continua: “Agora você me mata”, tornando-se o objeto que é morto. Depois, Silas irá se situar ainda como criança- vítima que é roubada. Assim, Silas se localiza quanto aos dois significantes, ao mesmo tempo em que inverte as posições, ora é agente que mata e rouba, ora como vítima, é objeto roubado ou morto. Como ainda, faz –se ser morto.

É ainda nessa sessão que Silas pôde introduzir uma interdição ao gozo, remetida ao roubar. Ele diz que a psicóloga roubou a arma “sem permissão” e que vai então chamar o pai dela, como ela vai ser levada para a prisão. Aqui não se trata mais de quem rouba é morto, ou do bem que ao lutar contra o mal o mata, pois da mesma forma referem-se a um gozo. Mas sim de uma interdição de outro nível, que é simbólica e referida à lei, interdição que Silas reenvia ao pai.

Silas irá encenar realizar um tribunal para julgar a psicóloga, nomeada como “Juliana Pais”. Estão no tribunal a Sara (nome da irmã de Silas) e o “pai...papai”. E fala:

S- Ah, ela roubou?... tá... ela roubou... Pode falar (dirigindo-se à psicóloga)

T- Roubei uma criança!

S- Ah, muito bem, que criança?

T- Roubei o Silas...

S- Eu sou o Silas pai, tem o filho Silas R. P. (fala o nome e o sobrenome)

S- Ah, ótimo, isso mesmo...

Ele se levanta e completa: “Ela roubou as crianças, o dinheiro, a mãe o pai”. Assim, Silas marca que o roubo das crianças, dos pais e do dinheiro se articulam e são julgados no nome de uma mesma pessoa. Entendemos que a avó ao se nominar mãe e excluir Berenice e denegrir o pai, realiza um duplo ‘roubo’: rouba os pais das crianças e as crianças, dos pais. Quanto ao dinheiro incluído nessa série, podemos articular com o discurso da avó, que diz que o pai de Silas não ajuda no “respeito” e também não dá dinheiro para criar os filhos. Assim, Silas parece construir que esse desejo do Outro (avó) se refere ao dinheiro e a ter a crianças (netos) como filhos; para isso os pais têm que ser retirados. Podemos ainda a partir das construções de Silas, relacionar o roubo dos pais, ao discurso do Outro (ou pedido como Silas fala) de que mate a mãe, como uma forma da avó ser mãe. Tendo a mãe morta, ou ela e o pai excluídos a avó pode ser a mãe.

Esse roubo da criança retorna na próxima sessão (sessão 41), quando Silas afirma que a psicóloga roubou uma “motocicleta” e ele diz: “Fala”. E a psicóloga diz:

T- Roubei uma motocicleta!

S- Não é isso, fala... fala....

T- Roubei uma criança...

S- Ah, sim, esse menino de quatro anos e essa menina (e fala para a psicóloga ler os nomes das crianças roubadas)

T- Sare e Deda.

E então, ao se colocar como pai das crianças, diz que vai pegar os filhos, os “quatro”, e vai levá-los para a casa. Dessa forma, a possibilidade de mentir e de enganar e a referência a uma interdição simbólica (não se trata mais de quem rouba é morto, ou quem mata é morto) cria um distanciamento desse desejo do Outro. Na 42ª sessão, podemos ver essa tentativa de distanciamento quando Silas brinca de dar golpes na barriga da psicóloga e depois fala para ela sair da sala (“saia para nunca mais voltar”) e para morrer fora da sala. Porém, esse distanciamento ainda não é suficiente. Silas repete esse brincar de atirar e ‘matar’ a psicóloga, e também, de pegar uma boneca (que diz ser a filha) e passar a faca no pescoço dela. E quando a psicóloga diz que morreram sua mãe e sua irmã, Silas joga a arma para a psicóloga atirar e depois, fazendo-se ferido, fala: “Fui atingido, tá sangrando... Vou te matar como você fez comigo...”.

Se antes Silas se referia ao seu nascimento e ao ‘matar’ a mãe, nesta sessão ele irá encenar o que ocorre com ele depois de seu nascimento. Após atirar na psicóloga, Silas anda e se movimenta como se estivesse ferido e diz “você me acertou”. A psicóloga diz que após nascer ele ficou um tempo no hospital, porque não estava bem. Silas então cai no chão e fala:

S- De novo não... Não!!! Me ajude! Me ajude! – E se contorce no chão, se arrastando para longe da psicóloga:

T- Quem ajuda?

S- Um braço ... (ele tenta segurar uma perna da cadeira, mas solta) Não tem nada! Nada (...) Vou ter que nadar ... Poderes! Poderes! (e se levanta).

Após seu nascimento e a morte da mãe, Silas diz não ter ninguém, o que podemos relacionar com o fato de que, após a morte da mãe, o pai vai morar na rua e a família briga para decidir quem fica com as crianças. A avó relata que a família da mãe não queria as crianças devido à cor deles (negros), como também diz que não queria, inicialmente, pois trabalhava. Assim, não ter nada remete a esse lugar de Silas como resto, como criança que

os adultos brigam para se livrar dela. Além disso, observa-se que frente a esse nada o que Silas diz poder fazer é nadar.

Já citamos que Silas refere-se ao matar e seu nascimento, ‘matei’ e depois ‘nasce’ (34ª sessão). Isso é possível após a referência a essa separação primordial relacionado ao nascimento. Na 31ª sessão, ao brincar com a família de bonecos, Silas fala que caiu um pedaço de um boneco, e depois vendo que se trata de um bebê, dirá que é outro. Trata-se aqui da criança que ‘cai’ no mundo, sendo a partir daí que a falta na avó pode aparecer. Veremos então, na 47ª sessão, Silas se refere a essa separação com relação à mãe e a irmã como a morte dessas. Silas pega a corda e segura uma ponta dessa, dando a outra ponta à psicóloga (que Silas pede para ficar do lado de fora da sala) e fecha a porta. Quando abre a psicóloga fala:

T- A mamãe do Silas e ele estavam ligados na barriga dela, quando nasceu se separaram.

Silas fecha a porta e depois que abre, a corda que a psicóloga estava segurando está amarrada numa cadeira vazia. Depois, ele atira na psicóloga e diz: “Morre lá fora”. E joga uma bola junto.

T- Morreram a mamãe e a irmã gêmea do Silas, ficaram separados.

Assim, o distanciamento criado por esse “morre lá fora”, se articula também a separação do nascimento. Depois, Silas diz que vai dar choque na psicóloga, luta com ela e ao cair diz: “De novo não, Poderes do tempo, me ajude mão, mãe”. Ele se levanta e fala se dirigindo a psicóloga: “Você matou minha mãe, agora vou te matar” e depois, como ordem fala:

S- Matá a mãe (fala para psicóloga e depois) Vou te matar, matar sua mãe, você matou a minha... Agora vem me matar...

É nesta sessão a primeira vez que Silas articula o matar com a mãe: “você matou minha mãe”, dirigindo-se na transferência à psicóloga. Observamos também que esse discurso do Outro, que marca Silas como causa da morte da mãe, aparece aqui como mandato: “Matá a mãe” .

Se Silas introduz a fantasia a partir dos significantes ‘matar’ e ‘roubar’, invertendo também as três posições da fantasia e articulando os três tempos da pulsão, com a introdução da função simbólica paterna e a referência a uma falta no Outro observaremos que, a partir da 53ª sessão, Silas inicia a construção da fantasia segundo o modelo do ‘bate-

se numa criança’, que segundo Lacan (1956/57, p.116) vai substituir todas as outras fantasias. Como que Silas chega a esse modelo de fantasia?

Na 53ª sessão, Silas irá se referir primeiramente ao pai que bate no filho. S. faz dois bonecos brigarem, sendo o boneco grande nomeado de pai e o pequeno, de filho:

S (filho): Seu ridículo! Seu bicha!

S (pai): Não, você é ridículo!

S (filho): Você vai ver!

S (pai): Eu sou seu pai (e bate no filho)

S (filho): Não! (quando o pai bate) você vai ver, vou fazer com você, o que você fez comigo!

O discurso do filho remete ao discurso do Outro (encarnado pela avó) que marca o pai de Silas como “bicha”. Porém observa-se também que Silas situa aqui um pai que assume sua função. Lembramos, que segundo Lacan, mesmo que nenhum homem realize de forma plena a função simbólica paterna, pai é aquele quem diz: “Eu o sou, pai” (1956/57, p. 209). Observa-se ainda que Silas vai iniciar a construção da fantasia do ‘bate-se numa criança’ situando o pai que bate no filho. Será através dessa fantasia que o bater passará a cobrir o matar.

Silas continua sua brincadeira em que pai e filho se xingam, até que o cabelo do pai cai e Silas fala (como o boneco pai): “Caiu meu cabelo, meus poderes... Cú...”. Trata-se do pai castrado, que Silas derruba da mesa. Mas depois pega o boneco-pai do chão, o levanta e diz que o pai se transformou em “Hulk” e novamente bate no filho. Assim, temos o aparecimento do pai como castrado e depois vemos esse pai idealizado, pai que faz ouvir sua voz, sua lei. Silas continua:

S (boneco filho): Você me bateu, pai...

S (boneco filho se dirige ao pai): Limpa a bosta!

A formulação de Silas: ‘Você me bateu pai’ pode ser relacionada com a segunda etapa da fantasia descrita por Freud, “eu sou espancado pelo meu pai” (Lacan, 1956/57, p. 118). Se para Freud trata-se de uma etapa que deve ser reconstruída na análise, tendo como base a análise de pacientes adultos, observamos aqui no caso de Silas sua construção. Para Lacan, essa etapa da fantasia relaciona-se com a essência do masoquismo.

Silas fala então para a psicóloga bater no filho com o boneco do pai. Mas depois diz que quem bateu foi “Maria” (que é nome da avó), pega então outra boneca e diz que o pai

vai defender o filho. E o boneco-pai bate na boneca 'Maria'. Trata-se assim de um gozo que é somente articulado ao pai, é esse que bate, mas se é a 'Maria' que bate, temos o pai que defende o filho. Assim, ao mesmo tempo, Silas marca a interdição de um gozo desse Outro (no caso da avó) e como a presença do gozo do pai articulado ao significante. Observamos também que o gozo do Outro é já articulado ao bater também.

Dessa forma, quando o pai toma o lugar da mãe, o desejo do Outro vai ser remetido ao gozo do pai e a criança não se situa mais como objeto do gozo do Outro, mas objeto do gozo desse pai que é articulado a um significante (Naveau, 2001). É a isso que Silas se refere, a 'Maria' não pode bater no filho, mas o pai bate.

Podemos também observar um terceiro tempo da pulsão relacionada ao significante bater, quando Silas fala para a psicóloga bater com o boneco do pai nele, no filho. Assim, Silas se faz ser batido. Nas sessões anteriores, temos o pai que bate no filho (53ª sessão), ou o filho (ele) que bate no pai (53ª e 55ª sessões).

Tanto a construção de Silas quanto ao roubo das crianças, dos pais e do dinheiro, como a fantasia do 'bate-se numa criança' são recobrimentos que fazem tela para esse real, de Silas situado como objeto- causa da morte da mãe. Observamos que é através do significante 'bater' que o desejo do Outro articulado ao 'matar' e ao 'roubar' será recoberto.

É desse recobrimento, quando o pai toma o lugar da mãe, que pode surgir o 'matar' articulado num jogo de afirmação e negação, além do bater cobrindo esse matar. A negação é articulada à função paterna e é pronunciada pelo boneco-pai. Observamos isso na 55ª sessão, quando Silas brinca com dois bonecos, pai e filho:

S (filho): Você matou minha mãe!

S (pai): Não matei

S- (filho) Matou sim!

S- (pai) Não matei!

S- (filho) Então vai levar soco!!! (e brigam) Idiota!

S (pai)- Idiota é você.

Se aqui é o boneco- filho que fala 'você matou minha mãe', depois, ao brincar com dois bonecos (pequenos), Silas faz um dizer ao outro: "Você matou meu pai". A psicóloga intervém: "Tiraram o pai do filho, roubaram o pai dos filhos", para que o 'matar o pai'

passa a um nível simbólico, de roubo, como ele articulou o roubo relacionado à mãe, ao pai, aos filhos e ao dinheiro.

É então que esse roubo articulado ao pai, e tendo recoberto o matar através do bate-se, permitirá a Silas se introduzir na fantasia e uma equivalência simbólica entre criança e falo. Como observamos isso? Silas vai dizer que a psicóloga roubou a “espada dos poderes” (59ª sessão). E pergunta à psicóloga o que ela roubou.

T- Roubei a espada dos poderes...

S- Fala... Fala...

T- Roubei uma criança...

S- Eu sou uma criança.

T- Você foi roubado?

S- (ri) Não, eu sou polícia adulto...

Assim, Silas se introduz na fantasia do roubo como criança (objeto) roubada (Sou criança), ou vai negar rindo, aparecendo aqui como sujeito inconsciente e confirmando a interpretação. Além disso, observamos que da criança como objeto resto, temos aqui a criança como falo.

Até aqui Silas introduziu a fantasia do ‘bate-se numa criança’, como também se referiu aos três tempos da pulsão: bater, ser batido e se fazer ser batido. O que havia articulado anteriormente com o matar e o roubar. Retomamos que na etapa final da fantasia, como ‘bate-se numa criança’, segundo Lacan temos uma “dessubjetivação essencial” (1956/57, p.119), pois além do pai não ser reconhecível, o sujeito é reduzido ao olhar. Para isso, teremos que nos referir ao objeto *a* olhar, que após recortado, caído, poderá se colocar na fantasia como objeto *a* causa do desejo. O que ocorre na 62ª sessão, quando tanto o olhar vai se configurar na estrutura da fantasia, como o matar se transforma de signo em significante (ver item 5.5.3).

Até esse momento, o objeto olhar é relacionado a algo mortífero. Como observamos na 48ª sessão, quando Silas diz que é o “ciclope” (personagem do X-men) e se dirige à psicóloga e az “tsss”. E diz que não pode olhar, pois se olha saem os raios, ou seja, ele mata se olha. Após a psicóloga deixar um óculos na caixa lúdica, Silas brincará com ele, pondo e tirando; óculos que assim encobrem o olhar que mata e que funciona como uma proteção a esse olhar. Isso pode ficar mais claro quando Silas fala: “Matei ela, não preciso mais dos óculos” (60ª sessão).

Na 62ª sessão, Silas diz que é o chefe, pega a corda, que diz ser o “chicote”, e fala para a psicóloga que se ela não trabalhar apanha e manda trabalhar, lavar louça e calar a boca. Depois bate na almofada, que nomeia como o filho e diz que esse filho é um “desgraçado” e um “animal” que não trabalha. Observamos aqui o discurso da avó com relação ao pai.

Depois Silas dirá que vai ser preso o ladrão e quem matou. Se antes o tribunal e a interdição diziam respeito ao ‘roubo’, Silas pode agora referir-se a uma interdição no ‘matar’. Tanto o matar quanto o roubo referem-se a um crime, a um gozo que deve ser interdito. E quando a psicóloga pergunta “e quem dá chicotada?”, ele diz que tem que respeitar os mais velhos e fala:

S- Eu vi na televisão que a babá bate na criança...

Observamos aqui a fantasia do ‘bate numa criança’ agora reduzida, tornar-se dessubjetivada. Não temos o pai, mas um substituto que bate na criança, essa criança é outra que não ele próprio (Silas) e o sujeito é reduzido em um “espectador, ou simplesmente de olho (...)” (Lacan, 1956/57, p. 120). Ou podemos dizer, reduzido ao olhar. É o sujeito reduzido nesse “vi”. É a partir dessa estruturação da fantasia que temos um gozo nomeado por um significante e a sua interdição: “Tem que respeitar os mais velhos, não pode matar, não pode bater”.

Frente a essa tela da fantasia, como o ‘matar’ que de signo se torna significante, Silas poderá brincar de futebol (69ª sessão) e recobrir essa matar, se colocando na posição de ‘salvar’ a bola. Ele brinca de jogar futebol e quando consegue defender o gol, fala: “Salva” e coloca a bola no colo parecendo que segura um bebê. A psicóloga diz que parece um bebê no colo. E durante o jogo, Silas passa a dizer: “Salvou o time” quando ele pega a bola; e quando não pega, diz: “Quase! Agora vou salvar”.

E esse matar como significante e cifrado aparecerá no lúdico, por exemplo quando Silas brinca de enfileirar os bonecos-bichos e jogar a bola, dizendo: “matei todos... strike, 1, 2, 3 (...)” (70ª sessão). E na 73ª sessão, ao repetir essa brincadeira, derrubando os bichos (‘matando’) dirá que sobra o “porco”. Esse porco que pode ser relacionado ao pai que não tomava banho, como ainda a um pai que permanece não excluído, como antes ele dizia, mesmo que seja pai que cai e perde poderes, é o pai que pode bater em seu filho e se tornar Hulk.

A fantasia atrelada ao imaginário comparece na sessão 84^a. Nesta sessão, Silas fala que a brincadeira vai de “novela bang-bang”, dá a psicóloga uma espada e ele com a arma começa a atirar. Depois de atirar e ‘matar’ a psicóloga, ele cai no chão. A psicóloga fala que morreu a mãe e a irmã. Silas fala então para repetir essa cena “mais uma vez”. Nessa outra cena, diz que os dois não morreram mas foram para o hospital, depois corrige e diz que morreram sim e ele foi para um caixão. E fala “vamos fazer de novo”, pois Silas diz que é para a psicóloga não falar. E nessa terceira versão, Silas atira na psicóloga, cai e sem nenhum dos dois falarem, o silêncio permanece por 5 minutos, até que Silas se levanta e diz: “Menti, eu não estou morto, eu mato você”. Repare-se aqui a possibilidade de ser sujeito - e de através da mentira colocar a verdade, que no campo do inconsciente refere-se a ele que mata.

No quadro da página seguinte citamos as inversões que Silas realizou durante as sessões com relação à elaboração da fantasia, com os personagens, agente, objeto e com as ações a que se referem.

Sessão	Agente	Ação	Objeto
1 ^a	Ladrão	rouba	bolsa da avó
2 ^a	ladrão ladrão ladrão Silas	rouba rouba rouba mata	moto duas crianças Silas ladrão
6 ^a	ladrão ladrão	mata mata	mulher/ boneca Silas
9 ^a	ladrão Silas	rouba mata	bolsa e dinheiro ladrão
10 ^a	chefe	bate/ mata	X (outro não nomeado)
34 ^a	Silas	bate/ mata	psicóloga
37 ^a	Chefe (S.)	rouba	carteira
38 ^a	chefe	mata	psicóloga (que vai para cadeia)
39 ^a	Silas	mata	psicóloga
40 ^a	ladrão psicóloga Juliana Pais (psicóloga)	rouba rouba rouba	dinheiro armas filhos, dinheiro, mãe e pai

	ladrão psicóloga	mata mata	psicóloga Silas
41 ^a	psicóloga	rouba	motocicleta/ duas crianças
42 ^a	Silas Silas psicóloga	mata mata mata	psicóloga/ mãe filha Silas (se faz morto)
46	Silas	mata	1,2,3(...) 10
47 ^a	Silas psicóloga Silas psicóloga	mata mata mata mata	psicóloga mãe mãe/ psicóloga (vingança) Silas (se faz ser morto)
53 ^a	pai filho pai Maria pai	bate bate mata bate bate	filho pai mãe filho Maria
55 ^a	filho pai	bate bate	pai filho
59 ^a	psicóloga	rouba	uma criança
62 ^a	Chefe (S) babá	bate bate	filho bebê – <u>E Silas olha</u>
70 ^a	Silas	mata	“todos”
73 ^a	Silas	mata	“todos”- resta o porco
84 ^a	Silas psicóloga	mata mata	psicóloga Silas

5.5.3- A letra, o significante e o objeto

Até a 7ª sessão, S. inicia a elaboração da fantasia e a constituição do objeto pulsional através da boca como buraco real, inicialmente. Na 7ª sessão, após brincar de introduzir o dedo na boca do cachorro e tirar, ele faz seu primeiro desenho, no qual temos o aparecimento da primeira escrita: “ACA”.

É também a partir de um desenho que Silas faz referência ao pai pela primeira vez (8ª sessão). Ele desenha duas crianças, um menino e uma menina, e uma mulher que é nomeada de mãe. E diz: “Ela (mãe) expulsou o filho... vou fazer o pai.”. Desenha o pai e mais um menino, dizendo que este é o menor. Dessa forma, temos três crianças, dois meninos e uma menina, como Silas é o irmão mais novo de três. Silas fala que o menino menor “está bravo porque a mãe mandou o filho embora”. Assim, Silas marca a partir do desenho a exclusão do pai pela avó, ao mesmo tempo se situando como menino-filho mais novo e evoca uma insatisfação frente a essa exclusão do pai, está “bravo” com isso. Pois, segundo Silas esse menino (ele) queria que o pai ficasse.

Essa exclusão não somente pode ser relacionada com o pai ir embora, sendo ‘expulso’, como se refere a mantê-lo excluído, como Silas diz: “Minha mãe vai ficar brava se ele (pai) voltar... porque ele é safado” (18ª sessão).

Após introduzir o pai, Silas poderá desenhar um pai e um filho (13ª sessão), situando-se como filho em relação ao pai e passará a se referir a esse pai em suas brincadeiras. Observamos isso na 14ª sessão, quando Silas brinca de tirar a blusa do boneco e dar banho nele. A psicóloga diz que uma vez ele ajudou o pai a tirar a blusa, perguntando o que o pai fazia quando ia na casa dele, Silas diz: “tomava banho”. Remetendo-se assim, ao traço do pai, ao ‘fedorento’, ou a esse pai que não toma banho.

Será também nessas brincadeiras que Silas busca cobrir esse pai denegrido pelo discurso do Outro materno, construindo um pai imaginário. Vemos isso quando Silas, após dar banho no boneco, o veste e quando o vê todo arrumado diz: “Ah!”. A psicóloga então diz: “Acho que você queria ver o papai assim, todo arrumado”. Silas sorri e diz “é”. Então, ele pega o boneco, diz que ele está de férias e que vai “fica rico!”. Depois pega uma boneca e nomeia como namorada dele.

T- Namorados, que nem o papai e a mamãe- Silas ri (14ª sessão).

É a partir da introdução desse pai excluído e denegrado recoberto que Silas pode fazer referência ao casal parental e iniciar o estabelecimento de uma ordem de parentesco em sua estrutura familiar. Silas passará a desenhar os elementos de sua estrutura familiar (a avó, ele, irmãos etc), a psicóloga passará a nomear esses lugares na família, inserindo os pais de Silas e situando a avó como a pessoa que cuidou dele desde que nasceu. O que se mostra relevante para que Silas possa se localizar numa filiação que não seja falseada, o que pontuamos como relacionada à falha na função simbólica do pai.

Além de desenhar, com as intervenções da psicóloga nessa nomeação, Silas passa a escrever os nomes dos seus familiares e o seu. No início dos atendimentos Silas pedia para a psicóloga desenhar essas pessoas ou escrever os nomes dos familiares, como algumas vezes ela tinha feito, ou tinha feito junto com ele. A partir da 30ª sessão, quando Silas pede para a psicóloga fazer isso novamente, ela diz que ele já pode desenhar sua família.

É na 20ª sessão que Silas passa a escrever os nomes dos familiares e o seu. Ele escolhe brincar com o jogo de formar letras e forma seu nome e o da irmã. Depois, olha na folha que a psicóloga havia escrito o nome do irmão, mas ao copiar esse nome ‘Cesar’ coloca a letra inicial S, letra de seu nome. Então, se dirigindo à psicóloga fala que vai escrever “Maria A.”. Mas ao olhar no desenho para copiar, como tinha feito para escrever o nome de seu irmão, Silas copia “mãe Berenice”. Observamos aqui o lugar da avó, situada como mãe.

A partir dessas nomeações Silas passa a escrever também outras palavras, como lugares nessa família: mamãe, pai, avó, avô. Inicialmente escreve na 20ª sessão: JAL, FEPEIAS, BANANA, SAPA, MAMÃE. E na 23ª sessão, Silas escreve PI, corrige para PAI e escreve depois VOVO (vovó) e AVO (avô), como os nomes da tia, do tio e do primo. Ou ainda, em outras sessões, Silas além de desenhar seus familiares (tio, tia, primo, avó, irmãos etc) nomeia-os com seus nomes próprios.

Essa nomeação, que refere-se tanto aos nomes dos familiares como a lugares numa estrutura familiar, segundo Balbo (1996 b) é uma escritura que coloca em evidência a função simbólica paterna. Pois essa existência de uma ordem de parentesco, segundo Lacan (1953/1963, p.73), remete à função paterna, como depende da linguagem para poder se formular. É interessante apontar que Silas pode iniciar essas nomeações da família ou essa escrita, depois que introduz esse pai excluído e busca o cobri-lo.

É frente a essa filiação falseada como uma confusão da linha geracional, que Silas fala: “Precisa organizar a natureza” e passa a organizar os bichos segundo grupos que se assemelham, como pássaros juntos, ou elefantes etc. Então pega os bonecos da família e nomeia um de avô e outro de avó. Organizar a natureza remete ao simbólico e às nomeações, como Silas introduz com a família. Depois, Silas junta os dois bonecos, avó e avô, e faz os dois dançarem e depois aproxima as faces um do outro dois, como havia feito com o boneco-pai e a namorada. A psicóloga então pergunta: “Avó e avô são namorados?”, Silas diz que “Não” e pergunta à psicóloga como faz a avó cruzar as pernas. A psicóloga fica em silêncio e Silas cruza as pernas dela.

Com a introdução de uma organização e a nomeação da família, a avó é referida a um homem, mas Silas recua nessa referência cruzando as pernas da avó, situada como mulher fálica e não dividida entre mãe e mulher. Porém, mesmo com essa recusa da castração da avó, a nomeação da família e a formulação de uma ordem de parentesco fazem um furo no Outro. É com a introdução da função paterna simbólica em seu primeiro nível que Silas, ao continuar ‘organizando os bonecos’ da família, diz: “Ih, Caiu um pedaço, Ah, não, é outro” (31^a sessão), percebendo que esse pedaço se tratava de um bebê. Cria-se, assim, um furo nesse Outro, causado por esse pedaço cai do Outro.

Depois Silas diz que não é um pedaço, mas uma outra pessoa. A negação insere-se aqui como uma simbolização primordial, que Lacan (1954b) remete à relação entre sujeito e ser e que Hyppolite articula com a expulsão do sujeito, o que permite diferenciar o eu do não-eu. Esse pedaço do Outro que Silas diz que não se trata de pedaço evidencia exatamente o que ele é, remetendo a sua identificação a esse objeto *a* caído do Outro.

Por isso, Chemama (1995, p. 152-153) refere-se que é com a queda do objeto *a* que se mostra a impossibilidade de se fazer UM com o corpo do Outro. Antes, pedaço e Outro juntos formavam UM; mas ao cair esse pedaço se fazem dois, esse pedaço é um outro agora. Operação que podemos articular com o que Lacan considera como a separação primordial do nascimento e relacionada à fase oral, quando temos o “indivíduo lançado no mundo exterior” (Lacan, 1962/63, p. 255). Aqui, Silas ‘cai’ no mundo.

Dessa forma, a formulação de uma ordem de parentesco, ou a função simbólica do pai, permite a referência à lei no desejo, a avó é referida a um homem, como é criado um furo no Outro e veremos que isso vai aparecer como falta em relação à avó. No final dessa sessão (31^a), quando Silas decide dividir os bichos entre os elementos da família, ele dá

um para cada boneco da família, e depois dá mais um para cada. É então que olha e percebe que deixou a boneca da avó sem nenhum bicho e diz: “Ah! Esqueci dela, agora vai pegar dois de uma vez”. Mesmo que essa falta tenha de ser coberta, Silas ‘esquece’ a avó, deixando-a em falta, pois o furo nesse Outro se colocou.

Na 40ª sessão, em que Silas encena o julgamento da mulher que roubara as crianças, a mãe, o pai e o dinheiro, ele fala os nomes das crianças e diz que o pai está presente e escreve PI. Quando a psicóloga pergunta quem é o pai, ele diz: “o pai não é Celso”. Vimos que a referência a uma ordem de parentesco faz furo, como a negação que se insere com relação a isso. Aqui observamos os efeitos dessa ordem de parentesco, da introdução da denegação, pois ao mesmo tempo em que recusa o nome do pai (Celso), ele não é o pai, Silas denuncia que Celso é situado como pai.

Esse duplo movimento de Silas, que ao mesmo tempo reconhece a avó estando em falta (a castração do Outro) e situa seu pai no lugar de pai e nega, pode ainda ser observado na sessão 42ª. Silas pede para a psicóloga esperar do lado de fora da sala, quando ela entra, Silas havia deixado três bonecos no chão virados para ela: uma boneca branca (como a mãe de Silas), um homem negro (como seu pai) e uma criança negra (como Silas). Quando a psicóloga fala: “ Olha, tem o pai, a mãe e o filho!”, Silas ri e pede para a psicóloga sair. Ao entrar novamente, Silas deixara somente no chão um homem negro e um menino. Assim, Silas se situa como filho em relação ao casal parental e depois como filho em relação ao pai, mas veremos que Silas irá recuar nessa referência.

Após molhar a cabeça do boneco-pai, da boneca- mãe e do menino, Silas fala que a mulher vai “morrer congelada” e joga então todos os bonecos no chão, dizendo: “a família não é nada”. Relacionamos a falha na função simbólica ao sintoma de debilidade mental, e sendo remetida tanto a uma filiação falseada como à posição dele como objeto a causa da morte da mãe. Aqui podemos ver que essa família é jogada no chão após a referência à morte da mãe (‘morre congelada’) e, ao mesmo tempo, ao traço do pai imaginarizado (‘fedorento’, que não toma banho) quando Silas brinca de molhar a cabeça do boneco-pai na sessão.

Para que Silas possa se localizar frente a uma ordem no parentesco, depende de poder simbolizar esse discurso do Outro que o situa como causa da morte da mãe e depende de uma elaboração com relação a esse pai que é remetido somente a um traço

imaginarizado- o que se inicia quando Silas refere-se a uma organização na família e busca cobri-lo.

Além disso, temos a dificuldade de Silas aceitar o pai em seu lugar, tendo como mãe a avó, já que assim remeteria ele a algo incestuoso. Observamos essa confusão com relação à linhagem novamente na 41ª sessão. Silas, ao brincar com bonecos da família, diz que mãe das crianças (Maria) é a mesma mãe do pai das crianças. Ou seja, a mãe tem filhos com seu próprio filho. E quando a quando a psicóloga fala: “Ih, se ela é mãe do pai (João) e a mãe das crianças, mulher de João?”. E Silas responde:

S- Escreve, escreve: Silas, Sara, César e F.

T- Quem é F.?

S- Primo.

T- Os três irmãos e um primo, então tem avó, netos, mãe e pai

S- Pode apagar...

É interessante que após a psicóloga recolocar a referência ao casal parental e a uma filiação não falseada, retirando a avó como tendo filho com o seu próprio filho, Silas pede para a psicóloga escrever os nomes, incluindo o seu. Assim, podemos entender que frente a essa ordem de parentesco e à função simbólica paterna, Silas pode se localizar através de seu nome. Ao mesmo tempo, se Silas insere seu primo na seqüência dele e dos irmãos, observa-se que ele também diferencia.

É a partir dessa escrita relacionada à nomeação da família, quando Silas desenha a família, escreve os nomes dos familiares ou situa a família a partir de lugares, que ele passa a destacar letras. É somente através da escrita que a letra pode se inscrever. Isso pode ser visto nos desenhos que Silas faz na folha sulfite, ou no que ele desenha e escreve na lousa, produções que ao alcançar a dimensão da letra referem-se a uma cifração do gozo e do real, ou seja, a uma simbolização do real. Como observamos essa dimensão da letra nos atendimentos com Silas?

Na 32ª sessão, Silas desenha na lousa uma forca e pede para a psicóloga falar as letras. Porém como coloca as letras que ela fala, uma em seguida da outra como a, e etc, não é formada uma palavra. Na outra jogada, Silas fala B e a psicóloga fala letras que poderiam se relacionar a B, formando alguma palavra, fala O. Silas coloca a letra L e escreve a letra A que a psicóloga fala, formando-se assim a palavras: BOLA. Depois Silas forma a palavra CARO, dizendo que “falta um R” e corrige para CARRO. E somando-se as

letras forma ainda os nomes do irmão, do primo e da irmã. Silas fala: “Agora tá fácil, agora eu consigo...” – ele então, coloca letras até formar seu nome (SILAS). É após situar os nomes dos familiares a partir das letras, que fica fácil se localizar e escrever seu nome. Observamos que nesse jogo de força, em que cada traço indica uma letra, os nomes vão sendo divididos em letras e aos poucos formados nessa junção de letras.

Depois de escrever seu nome, letra por letra, que Silas vai escrever o nome do irmão (César) e coloca como primeira letra S, corrigindo depois para C; depois escreve CERAS, trocando o R e S de lugar. Vemos que é ao dividir esses nomes no jogo de força em letras, que começam a aparecer essas trocas de letras, ou mesmo destaque de algumas. Silas ainda escreve o nome da avó (MARIA) e do primo e a psicóloga fala: “Tem avó e irmãos e os pais?”. Silas escreve Q, mas apaga a letra dizendo ‘não’ e escreve: A e D (QAD) e após olhar para o que escreveu, apaga tudo. Se antes ele apaga as letras que não formam palavra e quando consegue fazer isso com os nomes dos irmãos e a palavra carro, diz estar fácil, escrevendo seu nome, observamos que os nomes de seus pais não tem essa facilidade. A escrita dos pais se inicia e apaga, não alcançando a nomeação. Isso se articula com essa filiação falseada situada para ele e a exclusão do pai e da mãe, é a família jogada no chão e reduzida a ‘nada’, como Silas apresenta na sessão 42^a.

Percebemos ainda nessa escrita (32^a sessão) que algumas letras se destacam, o S, o R e o C. A letra S refere-se a primeira letra do nome do Silas, a letra C pode ser articulada com o nome do irmão e do pai, Celso (remetendo-se ao significante do Nome-do-Pai) e a letra R pode ser articulada com RATO, que remete também a um S1 de Silas, um dos significantes que o identificam, um nome. Lembramos que, segundo a avó, Silas parecia um ‘ratinho’ quando saiu do hospital, pois estava sem sobranalha, magro etc. Veremos como se desenvolve essa cifração remetida a letras.

Com relação à letra S, podemos nos remeter à relação entre essa letra como suporte para o nome-próprio, que veremos adiante como irá aparecer. Além disso, a função da letra se articula com o fato de após sua escrita ela é ser apagada, designando o sujeito (Lacan, 1971, p.116-117), pois o sujeito é esse vazio, como pontuamos, é o sujeito dividido. Essa escrita da letra S e seu apagamento podem ser observados quando Silas escreve na lousa os números: 1, 5, 2 e 3, sendo que o três acaba por parecer um S (35^a sessão). Depois Silas escreve: SESC, CASE, CESA, CARE, CASA e então, PATO, RATO, CASE. Ele então, circula as três últimas palavras, as transforma em rabisco e começa a fazer um S que vira

um oito e depois, se torna um ponto de interrogação. Quando a psicóloga pergunta se é uma pergunta, ele ri. Dessa forma, a letra S é escrita remetida a números, à cifração e ao não-sentido; depois é apagada ao se colocar o ponto de interrogação. É assim, a partir da letra que se apaga, que Silas, antes identificado como objeto a, pode ser “excluído do discurso” (Bergès e Balbo, 2004, p. 57).

Com relação à letra R, observamos que ela aparece anteriormente destacada e Silas a troca com S (32^a sessão), depois temos o aparecimento da palavra RATO, que remete a um S1 de Silas (35^a sessão). Assim, esse R refere-se a RATO, veremos ao que ele remete.

Na 38^a sessão, Silas diz que a psicóloga vai virar um “RATO” após brincar de jogar um pó nela. Depois, ao falar que é o Aladim, diz que vai transformar a psicóloga num “SAPO” (42^a sessão). Essa transformação de rato e depois sapo se articula com o fato de Silas, após isolar a letra R e articular pato-rato-case, pode pela troca de letras: R/ S, P/T transformar ‘rato’ em ‘sapo’. Trata-se de transformar esse signo Rato em significante, podendo se combinar com letras e se referir a outra coisa. Além disso, se são as letras das palavras pato-rato-case que vão se transformar em S, depois num 8 e num ponto de interrogação, podemos inferir que se trata de uma cifração de rato, através da letra S que pode ser apagada.

É na 43^a sessão que poderemos ver que ‘rato’ remete à localização de Silas como objeto a, tamponando a falta da Outro. Ao brincar de jogar a corda na psicóloga, corda que diz ser o rato, ele depois fala: “O rato vai ficar na sua boca”. Ora se rato refere-se a essa identificação de Silas como objeto a, podemos agora retomar a sessão 32^a quando Silas diz que “falta um R” na palavra que escreveu (carro). E pode faltar um R, porque na 31^a sessão, caiu um pedaço do Outro: caiu R, caiu o rato como objeto a que tamponava o Outro, como situa aqui. Assim, a letra R remetida ao Silas como objeto a representa o furo do Outro.

No final dessa sessão (43^a), Silas ainda dirá no meio de sua brincadeira com a bola: “eu nunca falei”. Além da posição de Silas como objeto a, isso nos remete ainda ao primeiro encontro com a psicóloga, a boca aberta sem falar. Situando tanto ele como objeto e dessa forma não fala, como a posição desse Outro representado pela avó, tomando o neto como filho, mas também como objeto mais-de-gozar ou como rolha.

Da corda como o rato jogado, ou do rato como objeto que tampona o Outro, teremos a corda-rato situada agora como o elo de ligação entre Silas e um outro, do qual se tenta separar. Na 46^a sessão, Silas pega a corda e fica do lado de dentro da sala e pede para a

psicóloga ficar fora da sala, segurando a corda. Depois fecha a porta no meio da corda, como uma tentativa de cortar essa corda que liga os dois. Quando Silas abre a porta, a psicóloga diz que antes ele tinha algo que o ligava ao outro e agora não tinha mais. Silas então pega toda corda, fecha a porta e se esconde embaixo da mesa, pondo um colchão na frente da mesa e fala para a psicóloga entrar. Ela não pode ver Silas, que está embaixo da mesa e com o colchão na frente, o escondendo.

Silas passa a jogar a corda na frente do colchão, em direção à psicóloga, falando que é o “rato”, depois diz que é a “minhoca” e que é para a psicóloga pegar a minhoca. Quando a psicóloga vai pegar, ele puxa, esconde e depois joga novamente, não sendo possível pegá-la. Então, ao jogar a corda, considerando as duas pontas de madeira, fala que são “duas minhocas” e depois um “indíó-minhoca”, e canta:

S- Abre a porta Maria chiquinha, eu não abro não, você veado no meu pagode... abre a porta, eu não abro não (e no meio de sua fala, diz ‘me amar’).

T- Não abre a porta, vão ficar separados....

Após a fala da psicóloga, Silas amarra a espada na arma (com uma corda) e joga do outro lado do colchão, na frente da psicóloga, e diz que esse é o índio e depois que é o “Silas R. P”. E canta:

S- Paraê, Paraê, tá pensando o que! Tá pensando o quê! Agora peidou, baba baby.... baba baby...

T- Peidou, S? O bebê peidou? (ele ri)

S- Cocô, pum... baba baby, agora que peidei, você me peidou, você é tudo para mim, baba bay (repete) Popozão no sol (ri), cocô, baba baby...

Nomeia então, a espada com a arma de “Enéias” e depois fala que só a arma é o “néias”. Aqui observa-se que ele destaca uma parte do brinquedo que considera uma pessoa, que é evidenciada na própria subtração do nome, ele tira o E. Então, fala que o néias:

S- Ih, ele peidou... fedorento... (...)

T- O Silas uma vez fez cocô na calça...

S- Cala a boca (...) Que cheiro, fedorento... Ih, cocô, não dá para ficar com você...

Silas solta a arma do Enéias e joga o néias para o outro lado do colchão, do lado da psicóloga, dizendo então: “Agora eu sou só Silas”.

T- Então, o fedorento fica aqui e agora é só Silas! - Ele ri.

Portanto, com a construção de uma ordem de parentesco, relacionada primeiro nível da função simbólica do pai, é possível um pedaço cair do Outro. Esse pedaço que se refere a Silas como objeto *a* caindo do Outro é remetido a rato e depois à letra R, situando esse buraco. É através da letra S que temos o suporte para o nome próprio, como a cifração de rato permite essa operação que vemos aqui. De sua identificação ao objeto *a*- rato que tampona o Outro, ou do índio-minhoca, teremos uma identificação simbólica, o traço unário remetido a seu nome-próprio, permitindo que se separe dele esse ‘fedorento’, objeto *a*- anal, resto.

Assim, de Silas situado como objeto *a* caído do Outro, marcando a falta no Outro, teremos essa separação de Silas com o objeto *a*- anal (cocô). Observamos nos dois casos que a negação se vincula ao ser do sujeito, remetido ao objeto (Cottet, 1993). Inicialmente temos a negação de ser pedaço do Outro e que evidencia a posição de Silas como esse objeto *a* que tampona; depois temos a negação (‘não dá para ficar com você’) remetida à separação de Silas do cocô/ fedorento, evidenciando que o ser do sujeito refere-se a essa identificação com o objeto anal. Não é por isso que Silas pode dizer ‘agora **sou só** Silas’? Pois Silas pode ‘**ser só Silas**’ ao negar sua identificação como sendo esse objeto anal/ fedorento. Neste segundo caso, observamos ainda que a negação possibilita a constituição desse objeto *a*- anal como caído, ou separado do sujeito.

Dessa forma, podemos relacionar tanto rato como fedorento –sendo este último relacionado ao cheiro do pai, como traço imaginarizado deste- como parte dessa série de sentidos de S1, reduzida à dimensão imaginária. Isso ocorre devido à holófrase, quando o sujeito acaba por encarnar uma: “(...) série de sentidos de tudo aquilo que representa a falta no Outro materno” (Santiago, 2005, p.165). Porém, podemos observar que esses diversos sentidos do S1(imaginarizados) são reduzidos a um, ao nome-próprio ‘Silas’. Assim, o S1 não mais refere-se a essa série, mas sim ao traço unário, correspondendo a uma identificação simbólica. Se Silas começa a cifrar ‘rato’, depois irá se separar do ‘fedorento’.

Além disso, se consideramos o nome próprio relacionado com o significante Nome-do-Pai, ou o “pai do nome” (Allouch, 1995, p.203) e ao Ideal do eu, é interessante citar que antes desse salto de Silas, na 40ª sessão, ele nomeia o pai com seu nome “Silas” e o filho, de seu nome e sobrenome: “Silas R. P. ”. O S aparece desde o início sendo às vezes trocado por C, inicial do nome do pai.

Antes dessa identificação simbólica de Silas, antes da referência à função simbólica do pai, Silas fica somente remetido ao traço imaginarizado do pai. É devido a isso, como sua avó relata, que Silas não tomava banho, fazia “escândalo” quando ela ia dar banho nele, ou ainda, numa praia, ficava bem longe da água. Ora, tomar banho era perder a referência ao pai, que antes era limitada a esse traço imaginarizado, ao mesmo tempo em que não tomar banho era uma forma de mantê-la.

Mas, retomando a identificação simbólica de Silas, remetida ao traço unário e ao seu nome próprio, já apontamos no capítulo teórico que apesar do traço unário fazer do sujeito Um, isso satura o sujeito (Julien, 1993, p.107). Isso porque ele não é um, mas sim sujeito dividido, de um lado remetido ao traço e de outro ao objeto a (Dubois, 2004). A função da letra remete à fragmentação desse nome em letras, ou a redução dele a uma letra (Laznik, 2003), ou ainda a inserção dessa letra em outros nomes.

Com relação a essa fragmentação relacionada à letra S, já citamos que Silas troca a letra S com a letra R e C, ou que a transforma em números ou dos números tira essa letra S. É assim através da letra S, que podemos perceber essa redução do nome próprio. S é a letra que Silas irá escolher para iniciar a brincadeira de forca, quando a psicóloga pede que ele comece e ele dirá “com S”, e sorri (52^a sessão). Riso que evidencia o quê? Que é seu nome que escolheu, pensou? É também a letra S, caída no inconsciente, que Silas insere entre as sílabas ao ler uma palavra. Ao ler ‘opponentes’ das regras do jogo de dama, ele lê: “os- nes- tes” (57^a sessão).

Além da fragmentação de seu nome com relação à letra S, veremos que Silas irá fragmentar seu nome referindo-se a outras letras, como em “SI-L-A-S”, ou ainda, passará a escrever seu nome de diversas formas: SLAS, excluindo o ‘i’; SIAS, excluindo o ‘l’; ou SALAR, trocando o ‘i’ por ‘a’ e o ‘s’ por ‘r’ (62^a sessão). Essa fragmentação do nome em letras, é o que torna possível transformar o nome-próprio num significante qualquer (Julien, 1993, p.107). O que vemos na sessão 67^a. Após escrever: ESESCE CESE ENCAERSARSA, Silas desenha um saci e nomeia escrevendo “SASI”. Aqui Silas troca a letra C por S, o que pode ser relacionado com o ‘si’ que é isolado de seu nome na sessão 81^a. Trata-se de Silas como o ‘sasi’, como observamos em outra sessão quando ele vem pulando com uma perna e se nomeando de “Sasi” (82^a sessão).

É ainda como o ‘sasi’, nomeado de “CAIPORA”, que Silas pode se referir ao risco de ser devorado frente ao desejo do Outro, como a criação de uma defesa frente a

possibilidade de ser engolido. Observamos isso quando, após desenhar o ‘sasi’ e uma baleia, Silas diz que aquele ia ser engolido pela baleia, mas “ele rodou e caiu fora”, e depois desenha alguns familiares que pegam o ‘sasi’. Observamos o tranquilizador é a referência à família e o nome “caipora” se relaciona com o ‘rodou e caiu fora’. Esse apagamento relacionado ao nome-próprio (Silas), que é transformado por um outro significante (sasi), remete também à dimensão da letra, como o apagamento da letra S, que se transforma em um 8 e depois num ponto de interrogação.

Silas também irá fragmentar os nomes dos familiares em letras. Após escrever, na brincadeira de forca (na 52ª sessão) os nomes da irmã, o dele, do irmão e o primeiro nome da avó, Silas pede para a psicóloga falar outra letra, para construir o segundo nome da avó. Ela fala A, que é a primeira letra do segundo nome da avó, Silas ri e diz: “não dá”. É a primeira vez que exclui uma letra no jogo de forca. E então, escreve “TONA”. Ora, o segundo nome da avó (ANTÔNIA) é reduzido a TONA. E Silas pede então para a psicóloga escolher outra palavra. Ela fala “Celso” e Silas forma, a partir de letras, esse nome e depois escreve “BERA”, corrigindo para “BERE”. Assim, Silas exclui o ‘nice’ do nome da mãe, Berenice. Se anteriormente a escrita dos nomes dos pais é iniciada e apagada, tendo dificuldade de se colocar, dessa vez se apresenta o nome do pai e frente a ele, Silas situa a mãe.

Tanto ao escrever o nome da mãe como o da avó, que se referem ao Outro materno desdobrado, Silas exclui letras, reduzindo esses nomes. Podemos relacionar essa exclusão de letras a uma forma de cifração do real e do gozo, e que representa o significante da falta do Outro, que é impronunciável. É esse significante que se marca quando Silas pronuncia seu nome próprio, que se coloca na exclusão de letras e fragmentação do nome das pessoas que representam o Outro materno. Anteriormente, Silas presentifica essa falta, quando fala da falta de R (lembramos que antes se situava como objeto a (rato) que tampona o Outro) e agora situa essa falta tanto na avó quanto na mãe através da exclusão de letras.

Dissemos nos capítulos teóricos que a letra não é primária ao significante, porém é a letra caída no inconsciente que se articula com os significantes do discurso do Outro, permitindo combinações. É também através da letra que se possibilita o processo de inscrição do isso, ou seja, o isso se inscreve através da letra, permitindo que esses elementos inscritos (letras e traços) permaneçam como saber inconsciente.

Essa inscrição do isso, a partir de letras e inserida numa escritura, pode ser observada quando Silas escreve: “1- COM C AO C ARIDO AZIRAZA DE EDO ARIZARA ZARALA (...) 2- QUE VATICO ARIADO (...) 3- ALATIÃO ARIADO” (62ª sessão). Se no inconsciente trata-se da instância da letra e de uma cifração, essa escrita de Silas pode ser relacionada com uma inscrição do isso e o inconsciente em uma dimensão real, como puro conjunto de letras. Além disso, vemos que ao ser transcrita a alíngua – que remete a língua materna, ao Outro não barrado- passa a ter seu sentido apagado (Julien, 1993); ou seja, a língua vai perder seu valor e escapar do Outro (Lauchaud, 1989). É o que vemos quando a psicóloga pergunta a Silas o que é ‘arido’, ele ri e diz “Não sei”. É assim, esse saber da língua materna, desse Outro não barrado que se torna apagado e saber inconsciente. Porém, essa transcrição da alíngua ainda continua e precisa ser cifrada, e veremos a seguir como isso se dá.

A partir dessa escrita inicial, situada como inscrição do isso, ou o início de uma transcrição da língua, Silas irá destacar letras desse conjunto e assim poderá transformar o que se colocava como signo em significante, e também ir desfazendo o que se coloca holofraseado. A psicóloga pergunta a Silas sobre ‘alatião’ e Silas articula o “alatião” com o latido de cachorro, ou como ele fala: “latiãõ ... cachorro”. Lembramos que Silas quando pequeno, segundo a avó, tinha medo de cachorro. Esse medo pode ser relacionado a uma fobia transitória na infância e assim, podemos articular o cachorro -significante fóbico- com a função paterna simbólica. E será a partir desse escrito dessas letras que Silas escreve os significantes “ (1) ZOZO E O PAI” e depois “AO MATÃO”. Do alatião, remetido ao cachorro e após a escrita do pai, Silas pode isolar o ‘ao’, o que vemos depois surgir como ‘ãõ’, quando escreve a seguir: “2- Sara e Maria com iara ãõ”.

A palavra “MATÃO” palavra refere-se a uma holófrase, que Silas pode desfazer devido à dimensão da letra e do destaque de ‘ao’. Observamos isso na seqüência da sessão. Após escrever ‘matão’ e destacar ‘ao’ e ‘ãõ’, Silas escreve “MATA”. Quando a psicóloga lê alto o que Silas escreveu, ele fala:

S- Não, é mata, mata (apontando para a fora da sala, onde tem um árvore)

T- Mata, onde tem árvore?

S- É.

E Silas então escreve: “MATA E O LEÃO” (grifando o que indicamos). Assim, observamos a desconstrução da holófrase, como a partir daí é possível cifrar o ‘matar’-

significante do discurso do Outro- que da dimensão de signo torna-se significante. Pois o ‘mata’ como significante poderá se remeter ao matar no sentido de tirar a vida, mas também, a mata- no sentido de floresta. Ou seja, um nome pode não mais se referir a um objeto, mas a outro homófono.

Temos que considerar ainda o percurso dessa cifração do ‘mata’, relacionado ao matar, no desenvolvimento das sessões, para que finalmente possa alcançar a dimensão de significante (62ª sessão). Na 38ª sessão, após Silas falar que vai ‘matar’ a psicóloga, falando para ela ficar na mesa (como sua mãe ficou após morrer), escreve na lousa as letras “EES”. Depois, na 44ª sessão, Silas brinca de dar chutes e golpes no “estômago” da psicóloga, se fazendo ficar ferido e, então, pede para ela ficar do lado de fora da sala. Quando Silas fala para a psicóloga entrar, ele havia escrito na lousa: “DEPEDA”; o que ele lê como a frase “Você vai morrer”. Essas duas escritas referem-se a uma cifração em letras do objeto voz, dessa voz do Outro que marca Silas como aquele que matou a mãe e que se apresenta como supereu. São essas escritas que tornam possível a Silas literalizar esse objeto e ao mesmo tempo, pulverizar a voz como objeto, que pode assim se tornar objeto causa de desejo (Pommier, 2004, p. 125). O que observamos também, na sessão 46ª, quando Silas canta: “Paraê, peraê peraê, tá pensando o que (...) Matei 1, matei 2, matei 3, matei 4, matei 5,6,7,8 (...) matei 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 3, 4, 5, 1, 2, 3 (...)”. Assim é a letra que permite que o ‘matar’ desapareça, restando apenas esses números, pulverizando a voz como objeto. Depois, será a partir das letras ‘ao’ destacadas que o matar, que se colocava holofraseado, se torna ‘mata’ como significante.

É ainda a partir da letra que Silas pode cifrar o gozo desse Outro, enquanto representado pela avó, que ao se nominar de mãe exclui a referência de Silas a uma ordem de parentesco, incluindo o pai e a mãe. Observamos isso na seguinte escrita de Silas: “MARIA E A ZELA”, sendo que esse Z é segundo Silas um C e ele lê ‘cela’. Ou também na escrita: “MARIA E CERA”, dizendo que é cela (64ª sessão). É a relação entre Maria, o nome da avó e a cela, que Silas diz que é onde fica o ladrão, que marca o gozo do Outro como o de roubar, como a cifração desse gozo.

É interessante comentar que nas escritas de Silas são os nomes da avó e da irmã que se encontram holofraseados, além de matão, o que é indicado na seguinte escrita de Silas: “Marião” e “Sarão” (sessão 63ª). Podemos pensar esses dois nomes como relacionados no sentido de que tanto a avó se situa como mãe, como ela diz que a Sara cuidava de Silas

como filho e dava comida a ele, em ambos os casos trata-se da perda de referência simbólica. É assim, a partir da holófrase desses nomes que podemos observar essa relação nas construções de Silas com relação à avó e à irmã.

Inicialmente com relação à irmã, vamos nos remeter à sessão 66^a. Nesta sessão, após Silas falar: “eu fiz um livro”, diz que a autora é Sara. É frente à holófrase, articulada a uma recusa da castração simbólica ou uma falha da função simbólica paterna, que Silas não pode assumir que fez algo em nome próprio, ou melhor, não pode se assumir como autor de um escrito, o que segundo Lacan (1971) se trata da própria castração. Quando a psicóloga pergunta sobre essa lógica (ele diz que escreveu o livro, mas sua irmã é a autora), Silas dirá que ele escreveu o dele e a irmã o dela, assumindo-se como autor.

Com relação ao nome holofraseado da avó, podemos relacionar com duas outras escritas. A primeira se apresenta na 62^a sessão, quando Silas escreve: “VOVO E OVO”, que após a psicóloga ler, Silas diz que não é isso e corrige para “vovo e o vo”- o que lê como sendo ‘vovó e o vô’. Vovó e ovo nos remete à posição da avó como mulher fálica que não aparece referenciada a um homem, ou seja, dividida. É isso que vamos observar na fala seguinte de Silas: “Eu não sei se tenho vô”.

A segunda escrita (63^a sessão) que podemos relacionar com o nome da avó holofraseado, que também pode evidenciar o sintoma de Silas de debilidade mental, é: “MARIA É SILAS”. Após Silas escrever essa frase, a psicóloga lê, ele então olha novamente o que escreveu e muda para: “MARIA E SILAS”.

Se de um lado, Silas constrói o nome próprio como traço unário e ele pode ler o que escreveu e diferenciá-lo da avó, por outro lado podemos observar nessa escrita que se coloca como ato falho que Silas evidencia seu sintoma. Ele reduz o S1 à dimensão imaginária, temos então a construção de que Maria = Silas, ou seja, trata-se de um mesmo S1 tanto para Silas como para avó. Ou como Sauret (1997) aponta que a debilidade refere-se a “um significante para dois corpos” (p.33). Isso tem efeito no imaginário e na constituição da imagem corporal, tomando dois corpos como um, temos o “reflexo do corpo uno” (Santiago, 2005, p.177); o que desenvolveremos melhor no item 5.5.4. Dessa forma, a holófrase “Marião” evidencia essa equivalência “Maria é Silas”, que é depois desconstruída em “Maria e Silas”.

A partir dessas construções, Silas entra na sessão (64^a) com uma foto do pai, outra do marido da avó e uma foto dele junto com os irmãos. Marca-se aqui a avó referenciada a

um homem, como a referência ao pai. E depois, escreve os nomes desses familiares sem o 'ao'. A partir da referência aos familiares, como seus nomes não holófraseados, esses nomes poderão ser também cifrados; cifração que já se colocava a partir da dimensão da letra tanto com referência ao nome do paciente (Silas), como de seu irmão. Observamos isso quando Silas, após escrever os nomes inteiros de seu irmãos, da avó e o dele (sessão 81^a), desmembra esses nomes da seguinte forma: SA/ RA, SI/ L/ A/ S, CE/ S/ A/ R, MA/ RI/ A. Se inicialmente, Silas excluiu as letras do nome da avó e da mãe, como desfaz os nomes holófraseados na irmã e da avó, trata-se novamente de cifrar o gozo do Outro (da avó) e também dos filhos (três irmãos) a partir da divisão de letras isoladas, ou sílabas (duas letras). Nessa divisão dos nomes, observa-se ainda que no caso dos nomes dos filhos-meninos (Silas e do irmão) temos um destaque maior de letras isoladas.

Será somente após essas construções e cifrações que se colocam a partir da letra, que na sessão 94^a, pela primeira vez, Silas brinca de força e nesse jogo ao escolher uma palavra coloca somente as letras faladas pela psicóloga e as insere no lugar determinado; quanto às letras que não se colocam, ele deixa de fora e as escreve no canto da lousa. Aqui observamos que a simbolização do real pela letra implica numa perda, já que “há letras escolhidas mas também as que caem” (Lenglet, 2004, p. 33).

As palavras que ele escolhe e são formadas nesse jogo é: CAIU, SAROU, CESAR, SILAS e SARA. Esse caiu é inicialmente referido na sessão 67^a, quando Silas diz que o 'sasi' ia ser engolido, mas ele rodou e caiu fora. Esse caiu que foi destacado do nome holófraseado “caipora” e que se desfaz em “caiu fora”, retorna aqui na sessão 94^a.

Depois de formar essas palavras, Silas faz na lousa só um espaço, ou seja, faz referência a uma só letra, sendo para a psicóloga falar a letra. Frente as construções de Silas, ela fala a letra 's'. Silas coloca essa letra, apaga e faz um traço grande sem dividir as letras e escreve: MA . A psicóloga fala E, ele faz não com a cabeça e forma o nome da avó (MARIA). Assim, observa-se o ciframento do gozo do Outro, encarnado pela avó e que Silas aos poucos vai cifrando. Inicialmente refere-se ao Marião, depois a Maria, depois o divide esse nome em Ma-ri-a e depois isola a letras r, i e a, nesta sessão na brincadeira da forma. Pois, teríamos aqui a construção de MA-R-I-A.

A desconstrução das holófrases e o destacamento das letras 'ao', ou 'ão' (62^a sessão), faz com que Silas possa tomar as palavras em sua dimensão de significante e ainda

marcar uma oposição entre dois significantes, remetidos aos dois sexos- masculino/ feminino.

Silas traz isso pela primeira vez na sessão 46^a. No início desta sessão, após falar seu nome, ele diz: “eu sou menina”. Quando a psicóloga pergunta por quê, Silas responde “Silo”. Assim, Silas toma como referência para diferenciar os sexos os nomes com ‘a’ e ‘o’. Após o destacamento das letras ‘ao’ ele escreve: LEÃO E LEOA. Aqui trata-se da inversão da letras ‘ao’ ou ‘oa’ que diferencia os sexos, a letra final ‘o’ marcando o masculino e a letra final ‘a’ marcando o feminino. Depois, ele escreve PEIXE E PEIXA (66^a sessão), quando o ‘a’ marca o feminino, mas não se precisa do ‘o’ para marcar o masculino. Observamos também, nessa segunda escrita (66^a sessão), que Silas destaca o ‘a’ desse ‘ao’. É então, a partir dessas letras ‘a’ e ‘o’, tomadas isoladas, que Silas irá escrever:

- GATO E GATA (67^a sessão)

- “CACHORRICA” e fala que (94^a sessão)
é cachorrinha (corrigindo), menina
e cachorro é homem.

- GATO E GATA (94^a sessão)

E Silas repete então, na 94^a sessão, a escrita “LEÃO E LEOA”. Quando a psicóloga fala dessas oposições entre macho e fêmea, mulher e homem, e pergunta sobre a diferença a Silas; ele desenha na lousa a face de um homem e de uma mulher e escreve em cima desses desenhos: “HOMEM” - “MULHER”. Depois, desenvolveremos melhor como Silas se situa quanto a seu sexo no item 5.5.4. Vamos citar aqui apenas que, se Silas primeiro diz ser menina (46^a sessão), após se diferenciar da avó e de sua fala, diz que é homem e fala seu nome inteiro- é Silas R.P (75^a sessão).

Consideramos ainda, no capítulo teórico 3, que a letra é que dá suporte para operações matemáticas, nas quais podem se colocar combinações e equívocos. Esses equívocos são, segundo Allouch (1995), possíveis a partir de letras, ou seja, dos sinais usados nas operações matemáticas, por exemplo: = + - .

Observamos que nessas cifrações de Silas se articulam os números, sinais e operações que evidenciam esse equívoco. Inicialmente dissemos que Silas faz a letra S se transformar em um número e, um número se transformar na letra S. Ainda vemos que é a

partir da cifração do S, quando o número 3 parece um S, que Silas pode iniciar fazer contas e escreve na lousa: $5 \times 5 = 10$ (35ª sessão). Sendo que o sinal de X é considerado como +. Depois, podemos observar, na sessão 62ª, os números e as operações, remetidos a uma cifração e contabilidade de gozo, que se escrevem dessa seguinte forma:

100=123	4) 12343 x 789
1) 1360+132	926523=/ (diferente) 3290
2) 80012 80012 12	329890+378
3) 80012= 8069124	324838 =/ (diferente) 10020
	312970= 34088

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23.

No exercício numerado 3 (80012=8069124), quando a psicóloga pergunta que sinal é esse entre os números, Silas diz que é menos, assim ele toma o sinal de igual (=) como menos. Vemos aqui, o aparecimento do equívoco a partir das letras remetidas à matemática, = é -, sendo nesse equívoco e nessa escrita que Silas evidencia que ele faz uma equivalência, ou igualdade entre dois números diferentes. O que vemos em $100=123$; $80012= 8069124$; $312970= 34088$. Além disso, observa-se que Silas coloca o sinal de diferente em alguns casos, mas repete essa identidade entre dois números diferentes.

Essa escrita dos números é anterior à construção de “Maria é Silas”, sendo que será após essa segunda escrita que Silas poderá diferenciar a avó e ele. Porém, Silas já situava nessa equivalência de dois números diferentes, o sintoma da debilidade. Se o equívoco na operação matemática refere a Silas escrever = e dizer que isso é menos (-), ao buscar diferenciar Maria e Silas, como dois corpos marcados com significantes diferentes, ele coloca o ‘é’. Coloca-se assim, “MARIA = SILAS”, do que deveria ser uma diferenciação e talvez uma subtração, como ele dizia ser o =.

Observa-se ainda, nessa seqüência de números (citada na página anterior), que Silas elide o número 11. É com a introdução do simbólico e desses números situados numa ordem crescente que se pode observar que um falta. Ou como Lacan comenta no seminário “A carta roubada” (1956, p. 28), que algo só pode faltar a partir do simbólico. Somente podemos perceber que um livro está perdido ou faltando numa biblioteca pela indicação de

sua ficha ou pela ordenação dos livros. E se é a cifração do real pela letra que permite que as palavras possam ser tomadas em sua dimensão de significante, é também devido a essa cifração remetida aos números e sinais (letras) que alguns números podem se destacar e se configurar como significantes. É o 12 destacado da seqüência “80012 80012 12” e que correspondia a idade dele neste momento do atendimento; como o número 11, caído e excluído na seqüência numérica.

Depois dessas cifrações, quando Silas escreve: $2X2=4$; $3X3=6$, a psicóloga refere-se ao que seria esse sinal X, seguindo a lógica dele. Fala que três vezes o número três, é $3+3+3$. Silas então faz a conta, colocando o resultado 9 como faz outra operação: $2X4=8$. Depois, Silas irá indicar os números como dinheiro, incluindo decimais nestes valores: RS 8,00/ 4,00/ 5,00/ 2,00/ 3,00. E realiza uma operação de soma de valores, indicadas pelo sinal de +, não de X como mais: $20,00+30,00+34,00+32,00=116,00$ (81ª sessão).

Portanto, observamos que nessas cifrações do gozo através da letra, quando Silas vai desfazendo o que se coloca holofraseado (alatião, matão, sarão, marião etc), são destacadas as letras ‘a’ e ‘o’. Consideramos que o ‘latiã’ remetia ao medo de cachorro de Silas, como ainda a função simbólica paterna. Na debilidade pontuamos que não há forclusão do significante Nome-do-Pai, mas uma falha nessa função, devido à holófrase. Isso pode ser relacionado com a redução do S1 em uma dimensão imaginária, remetendo ao traço imaginarizado do pai: o ‘fedorento’. Porém, nessas construções, observamos que Silas se separa do fedorento, remete-se ao cachorro através de seu latido (alatião) e destaca as letras ‘ao’. Pontuamos, também, que a letra C também é destacada por Silas e remete a primeira letra do nome do pai.

As letras ‘a’ e ‘o’ relacionam-se tanto com o latido do cachorro (latiã), como com o leão, que Silas irá relacionar com o pai, nomeando esse pai de “leão vagabundo” (72ª sessão). A letra C, além de ser a primeira letra do pai, remete ao cachorro e é a letra que Silas troca com o ‘s’. Além disso, é a partir da letra ‘c’ e as letras ‘a’ e ‘o’, que formam ‘cão’, que Silas escreve “camiciã” e diz que é “caminhão” (94ª sessão).

É também através de um desenho na lousa que Silas faz um cachorro que late “Rô... Rô” (como escreve) para uma mulher que parece grávida (sessão 67). Associando aqui a letra R ao latido do cachorro.

Assim, a partir da referência ao simbólico e às cifrações do real, podemos pensar que as letras A, O e C se relacionam ao significante do Nome-do-Pai. Segundo Allouch

(1995, p. 199), a letra como estrutura localizada no significante pode ser articulado com o significante Nome-do-Pai escrito. São exatamente as letras (c, a, o) que aparecem na escrita de Silas que relacionamos com o inconsciente real como puro conjunto de letras “C AO C”. Ou ainda, se retomamos sua primeira escrita, já observamos a referência às letras ‘c’ e ‘a’ em “ACA”.

5.5.4- Real do corpo e os objetos pulsionais

Silas inicia a constituição do objeto pulsional através da boca como borda real. Observamos isso na segunda sessão, quando ele introduz o dedo na boca do cachorro e tira, ou ainda, quando pega o boneco-cachorro e diz que ele nasceu, repetindo a brincadeira de pôr o dedo e tirar, enquanto olha fixamente para o cachorro (3^a sessão). Durante essa brincadeira com o cachorro, a psicóloga pergunta o que o cachorro está fazendo, mas Silas não responde. Então, ela pergunta: “mordeu?” e Silas sorri e diz “é” (3^a sessão). Assim, a psicóloga introduz um funcionamento na boca, ou seja, um sujeito significante, ao que se apresenta apenas como uma borda real, ou seja, como buraco do qual se introduz e retira o dedo. Essa intervenção da psicóloga também se coloca na quinta sessão, quando Silas brinca com um fantoche de jacaré e outro de uma pessoa, que Silas diz ser o “Pedrinho”. Ao fazer o fantoche mexer na boca do outro, a psicóloga pergunta:

T- O que eles estão fazendo?

S- Limpando a boca... não tem comida... (e abre a boca do Jacaré).

T- E o que o a jacaré está fazendo?

Silas diz, então, que o jacaré está comendo ele mesmo. Ainda como buraco real, boca que fecha e abre, que se introduz o dedo e tira etc. Para que a boca como buraco real possa ser acoplada a um significante, que vai agarrar o corpo e permitir um funcionamento pulsional - como por exemplo, uma boca que morde- é necessário o S1, o traço unário. No caso de Silas, encontramos nesse momento somente o traço imaginarizado, ou seja, o traço do Outro que remete apenas ao registro do imaginário, sem efeito do simbólico.

Depois será com o dinossauro, no lugar do cachorro, que Silas irá repetir a brincadeira de introduzir o dedo na boca e tirar, dizendo que o dinossauro é um bebê e que ele vai cuidar dele. Assim, Silas coloca o boneco- dinossauro em seu colo e o balança, como se o ninasse e novamente introduz o dedo na boca do boneco. Refere-se aqui a um outro que cuida do bebê e introduz o dedo na boca dele (10^a sessão), o que podemos relacionar com um outro que introduz o objeto-seio na boca do bebê e o tira.

Desenvolveremos a seguir o processo no qual esse real do corpo não somente pode ser recoberto pelo imaginário, mas como dessa imagem real em desordem, pelo efeito da identificação simbólica (traço unário), poderá se constituir uma imagem do corpo unificada, um corpo em funcionamento, tendo os objetos a como destacados ou caídos. Pois, segundo

Lacan, é só com o traço unário que se pode ter o “reconhecimento da unidade chamada i(a)” (1962/63, p. 50).

É a partir desse início da constituição do objeto pulsional (oral) que Silas, na 29ª sessão, desenha um robô (figura 1) e escreve seu nome na folha. Se na primeira sessão (item 5.5.1), consideramos a operação realizada por Silas de fazer não visível no espelho o objeto real, nesse desenho observamos a construção de uma imagem real, que se apresenta ainda em desordem, não existindo distinção entre i (a) e os objetos a. Essa imagem encontra-se em desordem, devido à falha da função simbólica, que é necessária para a constituição da imagem corporal como unificada.

Depois de desenhar esse robô, Silas pede à psicóloga que desenha uma menina e dois meninos, podemos relacionar estes desenhos com o fato de Silas ter dois irmãos (também três crianças), e então, a avó. Assim, ele busca recobrir o desenho de robô, que remete a identificação dele como objeto no fantasma do Outro, pela referência a uma estrutura familiar, uma avó e três crianças. Consideramos que essa referência se articula função simbólica do pai (Nome-do-Pai), e é importante para Silas se situar em uma ordem do parentesco. Podemos observar isso melhor quando Silas desenha a ele, os irmãos e seus familiares (tio, tia, primo, avó etc), escrevendo os nomes dessas pessoas e o dele (20ª sessão, 31ª sessão). Observamos também um salto desse desenho do robô (dele como objeto do fantasma) para os outros em que ele aparece inserido numa estrutura familiar (Figuras 3) *².

Então, ao brincar com a família de bonecos (31ª sessão), Silas acha um bebê e fala: “Caiu em pedaço” e depois reconhecendo que se tratava de outro boneco, diz: “Não! É outro!”. Podemos articular esse ‘pedaço’ com o que cai do Outro e com a separação do nascimento, na qual temos o “indivíduo lançado no mundo exterior” (Lacan, 1962/63, p. 255). Para Lacan, essa separação primordial pode ser relacionada com a separação do seio, ou seja, a fase oral. É a partir desta operação de Silas (fazer cair um pedaço) que pode surgir a falta na avó, que representa para Silas o Outro materno. Observamos isso quando Silas divide os bichos entre a família de bonecos e esquece de deixar para avó.

Na 33ª sessão, Silas novamente pede para à psicóloga para desenhar: “Desenha um homem, eu não sei desenhar”. A psicóloga diz que ele já desenhou e que vão desenhar

*2- Nessas figuras (3) foram recortados os desenhos que Silas fez dele e não o desenho inteiro, pois esses continham o nome de muitos outros familiares, que por questão de sigilo optamos por não colocar.

juntos. Ela desenha um homem e ele desenha outro na mesma folha. Porém no meio de seu desenho, Silas apaga o que havia desenhado de forma que permanecem os traços do desenho que fazia e desenha em cima uma mulher, perguntando como se faz uma saia (figura 2).

Assim, Silas desenha o robô, mas quando se trata de desenhar pessoas (homem, menino, menina) e não objeto, ele pede para a psicóloga desenhar ou diz que não sabe. Como ainda, o que refere não saber desenhar é 'homem' ou a saia, referência ao feminino. Podemos observar ainda que quando Silas acaba o desenho (figura 2) o que podemos ver são dois corpos sobrepostos, homem e mulher. E podemos aqui retomar as considerações de Santiago. Segundo a autora, como o débil toma o S1 só em sua dimensão imaginária, o que se tem é o reflexo de um corpo uno (dois corpos como um). É o corpo "à imagem da figura andrógina (...) dotado de quatro mãos, quatro pernas, duas faces, (...) quatro orelhas e dois sexos" (Santiago, 2005, p. 177).

Além disso, é interessante notar que após esse desenho, Silas vai fazer o contorno da sua mão e fala para a psicóloga fazer o dela. Marcando-se aqui dois contornos de duas mãos diferentes, um contorno é de sua mão, e o outro, da mão dela. Podemos retomar que em outro desenho anterior (Figuras 3), Silas faz seu desenho e uma de suas mãos parecem ser duas, uma mão em cima de outro, ou prolongada. Em outra sessão, ele comete um ato falho, escreve 'mão' e quando a psicóloga lê em voz alta, ele corrige para 'mãe'.

Depois de fazer o contorno da mão, Silas diz que vai fazer uma máscara para ele. A psicóloga pergunta como vai ser, ele não responde. Depois aponta para a boca:

T- Vai ter boca?- Ele sorri.

Vemos aqui que é a boca que se configura como a primeira borda (buraco) que ele traz como destacada, que na construção da máscara, Silas irá contornar no seu desenho, além de fazer o contorno dos olhos e do nariz. Ele faz listras na máscara e diz que esse é o "Homem-aranha".

Na sessão 34^a, Silas diz que se esqueceu de terminar a máscara e recorta os buracos, que antes eram apenas contornados, dos olhos, da boca e do nariz. Dessa imagem real em desordem (como robô, ou corpo uno), Silas passa assim a construir essas bordas, recortando esses objetos *a* que se colocam como não especularizáveis na imagem do corpo próprio.

Com esse recorte da boca como buraco real, Silas irá introduzir o significante 'morder' ao brincar de jogar a corda na psicóloga e falar que essa é o rato que vai mordê-la

(43ª sessão). Fala então que “o rato vai ficar na sua boca” (na boca da psicóloga). Lembramos que ‘rato’ é o significante que a avó (Outro primordial) associa quando Silas saiu do hospital após nascer, dizendo que ele parecia um ‘ratinho’. Dessa forma, ‘rato’ remete à própria localização de Silas. Ao mesmo tempo situado como objeto a que tampona o outro, como na brincadeira de jogar a corda (dizendo ser o rato) nos remete ao próprio jogo do fort-da. Trata-se do sujeito que aparece no vazio que cria ao jogar a corda/ objeto. Pois sendo o sujeito esse objeto (corda/ rato), ao se inserir nesse jogo, não se trata mais do objeto em si mas “a ação vai destruir o objeto. Esse é simbolizado. O carretel que desaparece e aparece (*ou podemos citar a corda que se joga, puxa, se joga etc*) perde seu caráter de objeto e torna-se símbolo. Ou seja, do significante” (Lauchaud, 1989, p. 16).

Essa referência ao rato como objeto que tampona o Outro, como à fantasia de devoramento (canibalismo oral), se coloca na transferência, quando Silas diz que o rato vai ficar na boca da psicóloga. Temos aqui o gozo presentificado, articulado a posição de Silas como objeto a (rolha) tamponando a falta do Outro e a fala dele: “eu nunca falei”. Isso de um lado presentifica esse Outro não faltante, de outro, marca a posição de Silas como objeto, que não fala. E se ser sujeito que fala, sujeito dividido, é ter o gozo interdito e saber como barrado, vemos aqui que esse gozo não se coloca ainda interdito.

Dessa forma, se Silas situa essa boca como borda, ou buraco real, que depois recorta na máscara, buscando expressar na imagem esse corte; é ainda, a boca que come, que devora e que fala, ou melhor, que não fala já que é tamponada.

Essa falta que começava a ser colocada na avó (Outro), quando Silas esquece de dar bichos a ela, irá aparecer também no jogo de damas, articulada à demanda. Se Silas inicialmente não comia as peças da psicóloga, deixando-se ser comido (33ª sessão), ele poderá depois tomar uma posição ativa no jogo e comer as peças da psicóloga (35ª sessão). Quando come, retirando uma peça da psicóloga, fala “Obrigado” e ri. No jogo de dominó, Silas irá novamente situar através da transferência a possibilidade de que esse Outro esteja em falta, ao dar menos peças para a psicóloga, cantando durante o jogo “I love you” (36ª sessão). Quando a psicóloga vai olhar suas peças no jogo de dominó, ele fala: “Não tem! Você não tem! Não tem” e diz “Obrigado” (como complementando às vezes, “De nada”) se ela fala que não tem. O que se agradece aqui? Se agradece a falta, o que podemos relacionar com a demanda na qual não se trata de objetos, mas que se refere ao amor que é “dar o que não se tem” (Lacan, 1958, p. 624). Observamos ainda a reversão da pulsão oral,

relacionada ao comer. Se Silas antes deixava o outro comer suas peças, fazendo-se ser comido, aqui é ele que come. É após assumir essa posição ativa, comendo as peças, que Silas passará a ganhar algumas vezes o jogo de damas. E após ganhar uma partida, na 56ª sessão, ele diz: “É fácil”.

Consideramos os objetos pulsionais olhar e a voz se relacionam com o desejo do Outro, enquanto que os objetos oral e anal se articulam demanda do Outro. Além disso, consideramos que a voz do Outro, como objeto a, também se relaciona com a constituição do supereu, sob a forma de imperativo ao gozo: “Goza!”. No caso de Silas, tanto a voz como o olhar vão marcar o desejo do Outro como sendo o desejo de que ele mate a mãe, ou ainda, estruturado como um ‘você matou’. Podemos articular esse desejo, tanto com o discurso do Outro que faz de Silas objeto causa da morte da mãe, como ainda à construção de Silas de que esse matar articula-se ao roubo, pois a avó ao se nomear de mãe, rouba tanto as crianças como os pais delas. Assim, o desejo do Outro envolve matar a mãe (Berenice) para que a avó possa ser mãe.

Esses objetos pulsionais, olhar e a voz, têm sua primeira aparição na 38ª sessão, quando Silas na sessão faz referência à morte da mãe (Berenice e não a avó). Durante a brincadeira, após ‘matar’ a psicóloga, Silas diz que ela vai ficar na mesa (morta). A psicóloga fala que depois que a mãe morreu, ela ficou numa mesa. Silas, então, vai a lousa e escreve “EES”, dizendo à psicóloga “não olha, vai morrer”, ou ainda, fala depois que vai pôr uma fita na boca da psicóloga e tapar seus olhos.

Trata-se assim, desse olhar da psicóloga que ao se articular com o olhar do Outro presentifica o desejo do Outro, que se coloca como mortífero- se a psicóloga olha, ela morre. Veremos a seguir que se trata também, da construção de Silas de que, se ele olha, comparecendo o olhar do Outro e seu desejo, ele é situado como aquele que mata. Por outro lado, o tapar a boca da psicóloga (38ª sessão) marca-se como uma necessidade de Silas de silenciar essa voz do Outro, que se coloca como supereu em sua face real e de mandato. E que evoca também uma dívida: já que ele matou, deve morrer. Observamos isso quando Silas fala “você quer me matar mais uma vez” (38ª sessão), ou ainda, quando Silas põe um duréx na boca da psicóloga e diz: “Nunca mais vai falar! Agora não fala mais... Acabou... agora acabou... acabou...”.

Silenciar a voz do Outro, assim como cobrir seu olhar, refere-se a uma tentativa de pacificar o desejo do Outro e de cortar esses objetos (voz e olhar), expulsá-los, pois se esses

se colocam presentes tornam-se “persecutórios” (Rodulfo, 1990). É esse olhar que faz Silas ser “olhado de toda parte” (Lacan, 1964, p. 73), ou ainda, olhar que se coloca “cheio de voracidade” (1964, p. 112), pois se remete a esse desejo do Outro que o engole.

É por isso que frente a esse olhar do Outro, Silas que começará a brincar de ficar invisível. Na 42ª sessão, após a brincadeira de ‘matar’ a psicóloga com golpes na barriga, ele diz que ela vai embora e vai morrer fora da sala. Ou ainda, após a psicóloga entrar na sala, ele apaga a luz, desaparecendo para o olhar do Outro. Quando a psicóloga diz que ele sumiu, Silas acende a luz, apaga, e diz: “estou invisível”. Só tem sentido se tornar invisível ao olhar Outro, pois esse já o olhava. É após a brincadeira de ficar invisível que, na sessão 43ª, Silas apaga e acende a luz e quando a psicóloga diz “aí está você”, ele diz que “não, não estou”, apagando a luz e indo se esconder atrás da cadeira. Mesmo sendo olhado do ponto de vista concreto, ele se faz não olhado pelo olhar do Outro. Fazer desse Outro que tem olhos, mas que não pode ver, é buscar um distanciamento do olhar do Outro, que se faz através dessas brincadeiras de ocultação. É o que, segundo Lacan, preserva o sujeito do fascínio desse olhar do Outro e se trata de uma “suspensão do dilaceramento do desejo” (1962/ 63, p. 264).

Buscando ‘camuflar’ esse olhar, Silas também pede para a psicóloga sentar na cadeira e olhar na abertura da janela (como se fosse uma televisão), dizendo que vai passar o jogo de futebol. Assim, Silas cria um ponto para dirigir esse olhar do Outro, fora dele. É como Lacan comenta sobre o quadro feito pelo pintor: “Queres olhar? Pois bem, veja então isso!” (Lacan, 1964, p. 99).

Mesmo com essas operações, esse olhar do Outro ainda não se coloca recortado e, na 45ª sessão, Silas novamente pegará sua máscara e dirá que: “Não fiz o olho direito”. Esse retorno à máscara evidencia a necessidade de que os objetos pulsionais sejam caídos, ou cifrados, sendo a máscara uma forma de anteparo desse olhar do Outro. A psicóloga pergunta a Silas por que não fez direito e ele diz: “Não cortei direito” e assim, recorta novamente os buracos dos olhos, da boca e do nariz. Silas, então, tenta pôr a máscara em sua face, porém o buraco dos olhos ficam na testa e ele diz:

S- Não dá para ver...

Ele tenta arrumar, mas rasga um pouco, e fica com uma expressão triste.

Até aqui as elaborações permitem que Silas se torne não olhado pelo Outro, mas ainda ele não pode olhar. Assim, Silas retorna à brincadeira e ao jogo de ficar invisível e se

esconder. Silas diz que é o ciclope (personagem do desenho x-men) e fala: “Não posso olhar, não posso olhar”; fechando os olhos e quando abre faz o som “tsss” como se saíssem raios (48ª sessão). Quando a psicóloga pergunta o que ocorre se ele olhar, ele fala: “Meus poderes saem! Não posso olhar!”. Neste momento a psicóloga oferece seus óculos (e deixará outro na caixa lúdica) e Silas repete a ação de tirar os óculos e pôr. Na história do x-men esse personagem (ciclope) tem um óculos para que ele não mate as pessoas, já que sem os óculos os poderes saem. Pôr os óculos e tirá-los, se insere nas brincadeiras de ficar invisível e visível, ou ainda, de abrir e fechar os olhos – quando as pálpebras cobrem ou não o olhar. Todas essas brincadeiras são formas de criar um distanciamento desse olhar.

Os óculos funcionam como uma forma de proteção, ou anteparo desse olhar que se coloca mortífero, é por isso que Silas fala depois que com os óculos ele pode ver (49ª sessão), ou ainda diz: “Matei ela, não preciso mais dos óculos” (60ª sessão). Ao olhar, ele se confronta com o olhar do Outro e o desejo desse que o marca como aquele que mata, ou seja, é frente a esse desejo do Outro que seu olhar pode se tornar mortífero também.

Além disso, Silas também relaciona os óculos com ‘óculos de leitura’ (48ª sessão): “Não, não dá para olhar... Professor Xavier cadê meus óculos de leitura? Agora eu sou o professor Xavier”. Sem essa função de proteção dos óculos, ou do olhar que se coloca como mortífero, Silas não pode ler. O que podemos relacionar com sua dificuldade de aprendizagem e, para além disso, com o fato de que Silas não pode ler esse desejo do Outro.

Silas então irá mudar sua brincadeira, de seu olhar como ‘mortífero’ - ele mata se olhar - ele fará esse olhar se tornar exterior, será a luz ou o olhar que vem de fora que se coloca como mortífero. Os óculos agora protegem os olhos da luz vermelha que a espada reflete e queima os olhos (50ª sessão).

Devido a esse distanciamento, o olhar do Outro (como objeto separado) poderá se articular na construção da fantasia e se colocar como objeto causa do desejo. Na 62ª sessão, Silas fala: “eu vi na televisão que a babá bate na criança”. Observamos aqui a função de uma moldura, ou de uma janela, que antes ele criou para o olhar do Outro (para a psicóloga na transferência), e é agora ele como sujeito que se reduz ao olhar.

É a partir da 95ª sessão que podemos esclarecer essa relação entre o olhar do Outro e sua impossibilidade de olhar. Após atirar na psicóloga, Silas fala “eu te matei” e depois põe os óculos, para conter os raios. Então, ele joga o óculos no chão, pisa e anda pela sala

tropeçando, como se fosse ‘cego’ e quando o coloca novamente, podendo assim olhar, ele diz “invisível”. Silas marca aqui que poder olhar é poder estar invisível para o Outro, é estar de alguma forma protegido desse desejo do Outro que vai fazê-lo ser aquele que mata. Até aqui observamos, quanto ao Outro, as seguintes inversões relacionadas à pulsão escópica: o Outro olha; Outro não pode olhar; Outro olha para um ponto outro, que não para Silas. Por outro lado, considerando o sujeito (Silas), temos: ele é olhado pelo Outro; é invisível para o Outro; ele que olha; e não pode olhar (fica ‘cego’). Silas pode agora olhar e estar invisível para o olhar do Outro, pois destacando esse olhar do Outro, o desejo do Outro se pacifica e ele pode olhar, sem que compareça com tanta voracidade o olhar como mortífero.

Retomando, observamos que Silas passa a se referir a um Outro que não pode olhá-lo e que não pode falar. Dissemos que a voz do Outro como objeto se articula com o supereu, que aparece como imperativo ou o direito ao gozo, imperativo que Lacan situa como tendo origem na “boca do Outro” (1962, p. 782) e se coloca sob a forma de um “tu és”. No caso de Silas, podemos nos remeter a um imperativo como: ‘tu és aquele que mata a mãe’, ou ainda, como um “Matá a mãe” (47^a sessão)- que é como Silas se dirige para a psicóloga e que se apresenta como mandato de gozo. Isso ocorre pois ao ser incorporado o desejo do Outro na voz, esse assume uma forma de ordem (Lacan, 1962/63). Essa importância de cifrar e fazer cair esse objeto, relaciona-se com o fato de que se essa voz se coloca presente, ela se torna persecutória.

É a partir da letra que Silas poderá cifrar esse objeto a voz, representando-o. Como citamos no item 5.5.2, quando Silas (na 38^a sessão) diz que vai matar a psicóloga e é para ela ficar na mesa, como sua mãe ficou após morrer, depois escreve as letras: “EES” e diz que não pode olhar. Essa cifração ocorre também na sessão 44^a, quando Silas, após ‘matar’ psicóloga, escreve na lousa “DEPEDA” (“Você vai morrer”); ou ainda na sessão 46^a, quando Silas canta: “Peraê, paraê, paraê, tá pensando o que! tá pensando o que! Matei 1, matei 2, matei 4, matei 5, 6,7,8, (...) matei, 1,2,3,4,5, 6, 7,8,9,10, 3, 1,2, 4, (...) tu , tu.. peraê, cala a boca vó”. Observa-se que além de uma cifração desse significante ‘matar’, incluído no discurso do Outro através de números (letras), temos a formulação de Silas de um pedido para que a avó se cale. Trata-se de calar essa voz que se pronuncia pela boca do Outro, como esse imperativo de gozo: “matá a mãe”, ou você matou etc; e que inicialmente Silas dirigia na transferência à psicóloga.

Quanto ao objeto anal, esse comparece primeiramente na 46^a sessão. Como Silas chega a isso? Na 43^a sessão, Silas havia introduzido o rato quando jogava a corda e dizia que o rato ia morder a psicóloga. Depois, situará esse rato como objeto a que tampona o Outro, quando fala à psicóloga que o rato vai ficar na boca dela. É devido a esse jogo que, na 46^a sessão, a corda que era o próprio objeto- rato, torna-se agora o objeto intermediário entre ele e o outro. Podemos observar isso quando Silas fala para a psicóloga ficar do lado de fora de sala, segurando a corda e ele fica dentro segurando a outra ponta da corda e fecha a porta. Trata-se, mais uma vez, da tentativa de separação entre ele e o corpo do Outro. Quando a porta é aberta, a psicóloga fala a Silas que antes tinha algo que o ligava a outra pessoa e agora não tem mais. Silas então, fecha novamente a porta e depois de abri-la, Silas havia se escondido em baixo da mesa pondo o colchão em sua frente e entre ele e a psicóloga.

Atrás do colchão, Silas joga a corda dizendo que ela é um rato, depois minhoca ou ainda duas minhocas. Repete o movimento de jogar a corda e puxar, que relacionamos com o jogo do fort-da. Silas amarra então, (como colocamos no item 5.5.3) a espada na arma dizendo ser esse o índio-minhoca e depois, ser ele próprio (Silas R.P.) e canta: “*Agora peidou, baba baby, baba baby, (...)*”. Após a psicóloga perguntar se o bebê peidou, ele continua a cantar: “*Cocô pum... baba baby (...) agora que peidei, você me peidou, você é tudo para mim, baba baby (...) popozão no sol... baba baby*”. Segundo Lacan, é o objeto anal que permite que o sujeito possa se constituir na função de ser representado pelo objeto, pois o que o sujeito pode dar é “o que ele próprio é” (Lacan, 1962/63, p. 356). Como vemos aqui, a identificação de Silas como objeto anal do Outro, destacado desse Outro, ou ‘peidado’.

Silas fala ainda que a arma, amarrada na espada, se chama “Néias” e que o Néias peidou e é fedorento (referindo-se ao cocô). E depois diz: “não dá para ficar com você”, referindo-se ao cocô/ Néias. E assim, joga a arma (Néias/ cocô) falando que agora é apenas Silas. Assim, Silas expulsar o objeto anal.

A partir disso, a identificação de Silas com o traço imaginarizado do pai (fedorento), pelo efeito do simbólico, pôde então ser modificada e temos aqui a identificação simbólica através da nome próprio como traço unário. Observamos também que o objeto anal (cocô, o fedorento) que Silas não pode mais ficar, é destacado ou cedido. Para Lacan, a inibição se relaciona ao desejo de reter e com o fato desse objeto a aparecer como ‘rolha’ (1962/63,

p.348). A partir dessas considerações, considerando a relação entre a inibição e a debilidade, podemos articular com o que Silas destacava anteriormente, sua posição de objeto a –rolha, tamponando a falta do Outro (no caso, a boca do Outro). Porém, Silas evidencia aqui um desejo de expulsão desse objeto anal, cedendo esse (cocô/ fedorento). Ceder esse objeto anal, segundo Lacan, refere-se ao momento no qual ele “aparece pela primeira vez como dominando a demanda do Outro, ou seja, seu desejo” (Lacan, 1953/1963, p. 67).

Além disso, a identificação simbólica pelo traço unário que a imagem especular pode se tornar coesa (Julien, 1993), como o fato de que Silas se desprender do objeto anal refere-se a uma simbolização da castração, têm efeitos na imagem corporal remetida, até então, somente ao imaginário. Silas irá retomar a referência ao robô mas agora irá se referir a um surgimento da imagem de um corpo unificado (49ª sessão), ou em funcionamento. Observamos isso quando inicialmente ele fala: “*Sou o robocop*” e anda duro pela sala e solta um ‘pum’. Porém depois repete: “*Robocop...* (andando de duro, como máquina e depois continua) *Michael Jackson* (e dança)”.

Relacionamos o primeiro robô desenhado, como uma primeira representação e um recobrimento imaginário do real do corpo, que Silas inicialmente faz do corpo como objeto real que não pode ser visto. Porém, essa imagem relacionada a esse robô é deficiente em relação a uma imagem corporal unificada, pois essa depende da identificação simbólica. Podemos articular a imagem real desorganizada e não unificada, tanto com relação a esse primeiro desenho do robô, como o que era observado no início dos atendimentos, quando Silas andava de uma forma não coordenada, quando descia escada e parecia que mancava, ou ainda, quando tinha dificuldade para abrir o cadeado da caixa lúdica.

É a partir da identificação simbólica que é possível Silas falar que tem que consertar o robô, dizendo de forma mecânica: “tem que con-ser-ta, olhos, boca, nariz, dentes, ouvido, cabelo e espada” (50ª sessão). Ou seja, trata-se de separar, ou recortar dessa imagem real em desordem, as bordas e buracos, ou seja, destacar os objetos a (olhos, boca etc).

Observamos ainda que com a identificação simbólica, temos um salto de um corpo-robô para um corpo que dança, que se pode articular com essa imagem do corpo unificada e um corpo em funcionamento, como ‘Michael Jackson’. E Silas nesse momento do atendimento, não somente tem coordenação para abrir a caixa lúdica sem dificuldade, mas também dança.

A partir dessa imagem unificada do corpo e com a separação de Silas do objeto a (fezes), teremos o aparecimento de um sujeito pulsional. Vemos isso quando Silas brinca com a psicóloga de cabo de guerra e diz: “Quem puxar primeiro peida” (49^a sessão), ou quando ele canta: “soltei pum...pu...pu (51^a sessão). Ou ainda, quando Silas fala que o nenê soltou um pum e fez cocô, e depois, dirá que enganou a psicóloga, que não é o bebê (89^a sessão). Ou seja, trata-se dele que faz cocô, e não o bebê.

Esse sujeito pulsional pode comparecer também devido às reversões da pulsão anal, que se refere tanto ao peido como ao cocô: ele peida, é peidado e se faz peidar (‘peidei’, ‘você me peidou’ ou se faz peidar na sessão).

Por outro lado, com relação à pulsão oral, pontuamos anteriormente o início da constituição desse objeto oral, através da boca como borda ou buraco real. Observamos ainda as reversões de posições articuladas a essa pulsão. Silas identificado com o objeto oral (‘papado’), quando fala do rato na boca da psicóloga; ou quando se deixa ‘ser comido’ no jogo de damas. Depois, assumindo uma posição ativa, é ele que ‘come’ no jogo de damas, podendo ganhar e o outro ficar em falta. É então, na 65^a sessão, que também podemos conceber um sujeito pulsional, quando Silas brinca de massinha e fala que é paçoca, depois pão e então diz a psicóloga: “Come (e continua) Agora eu”. Trata-se assim, de um comer pulsional articulado com o significante numa demanda. Articula uma demanda ‘come’ ao outro e depois temos um ‘deixar-se alimentar’ (Lacan, 1961, p. 201).

É ainda devido à separação de Silas do objeto a –anal, situando-se a partir de seu nome - o que corresponde ao traço unário- que poderemos observar a presença da divisão no sujeito. De um lado teremos a identificação simbólica através do nome próprio, e a redução desse em letra, e de outro a identificação de Silas com o objeto *a*, ao cocô ou ao fedorento. Teremos, ainda, a possibilidade de Silas se situar como objeto, no âmbito de ‘ser’, mas no sentido do que ele foi ou o quê ele era. Observamos isso quando Silas canta (51^a sessão): “Amor... lá...está... que foi... que está... lá no sertão... soltei pu... foi para o céu... cala a boca... lá... lá... xixi... sou... era... fui... o céu... soltei pum...pu...pu”. A partir disso, Silas poderá se perguntar: “Quem eu sou? Quem eu sou? Quem eu sou?” (59^a sessão). Assim, apresenta-se aqui como sujeito dividido, não se situando nem do lado do objeto a, nem do seu nome próprio.

Quando a psicóloga devolve a pergunta de Silas (quem é você?), ele responde: “Não te interessa quem eu sou, ou quem eu deixei de... (fica em silêncio e pensando

continua) quem eu deixei de fala...” e depois fala da mãe. Silas situa aqui que deixou de falar da mãe, que aqui se trata da avó que encarna esse Outro, que marca o lugar de “onde isso fala” (Lacan, 1953/1963, p. 71). A frase de Silas ‘eu nunca falei’ pode então ser articulada com o fato de que quem falava era esse Outro, era essa fala do Outro que ele falava.

Dessa forma, ao se situar como sujeito dividido, não há como determinar o que é: ser objeto anal resto do Outro; ser o Outro (Silas é Maria); ou ser Silas. Mas o que pode situar é quem deixou de falar, ou seja, quem deixou de ser, pois ser é ser falado, é ser objeto falado pelo Outro. É não se tratando mais da dimensão do ser, que Silas poderá marcar uma diferença entre esse Outro que fala nele (a voz do Outro) e sua própria fala. Observamos isso na sessão 75^a. Inicialmente Silas ao falar no telefone diz: “Você não trabalha (...) seu desgraçado, vai para a cervejinha... não trabalha... vai para o chiqueiro (*ou depois se dirigindo a psicóloga quando fala, Silas continua*) Cala a boca!”. Trata-se aqui dessa voz do Outro, remetida aos significantes desse discurso que vemos se presentificar como insulto e que se relaciona ao lugar do pai de Silas no discurso da avó, que ele repete. Como observamos, nessas outras falas (anteriores a sessão 75^a): “Seu ridículo! Seu bicha” – ao se dirigir ao boneco que é nomeado de pai (53^a sessão); ou ainda quando se dirige à psicóloga, “Cala a boca! Eu mando aqui (...) cala a boca, vai trabalhá! Lava a louça, lava a roupa... cala a boca.... esse é meu filho (aponta a almofada e bate) Desgraçado! Não faz nada! (...) seu animal, desgraçado!” (61^a sessão). Mas retomando a sessão 75^a, quando a psicóloga fala a Silas que ele: “Parece uma avó falando”, Silas responde que é homem, é o Silas R. P. e então imitando uma voz fininha e feminina fala: “Pi...pi...pi...qui...qui..”. A voz da avó reduzida nesse “Pi...pi...pi...qui...qui..” é a constituição dessa voz do Outro como objeto separado, como resto ou dejetivo, perda de sua significação.

Além disso, temos que considerar os desenvolvimentos nas sessões anteriores, quando Silas repete essas falas da avó e principalmente, nas ‘cantorias’ dele, quando podemos ver uma tentativa de constituir essa voz como objeto separado. Nesse sentido, essas cantorias articulam-se à função dos monólogos das crianças realizados em voz alta, que segundo Lacan se referem à constituição desse objeto a (voz) como resto, fazendo a “voz desligada de seu suporte” (1962/ 63, p. 298).

Observamos nessas falas a frequência que se apresenta esse “cala a boca”, que remete à fala da ‘boca do Outro’ e que Silas repete para falar do pai, mas que também

dirige na transferência à psicóloga. Podemos articular essa voz do Outro que se coloca como mandato de gozo, articulada a uma demanda do Outro e com a posição de Silas de objeto, com a recusa de falar presentificada no primeiro encontro com a psicóloga. Podemos articular ainda, com a fala da avó que no segundo ano de atendimento diz que Silas já pega comida sozinho, se veste e escolhe as roupas, mas que “também, agora que fala, fala palavrão”. Mesmo que no decorrer da sessão, ela pôde associar isso com a escola e com os irmãos, que também falam palavrão – o que se dá devido as intervenções da psicóloga- o que se coloca nessa fala da avó não seria a demanda, o ‘cala a boca’ que Silas repete? Se falar é falar ‘palavrão’, é melhor que se ‘cale a boca’? A avó comenta ainda que apesar de Silas cuidar de suas roupas, escolher etc, fala que ele deixa a roupa suja largada, criticando. Se faz as coisas sozinho, faz ‘errado’, é melhor que deixe que ela faça?

Observamos que o ‘cala a boca’, neste sentido, remete a esse supereu em sua face real, como: “apelo como tal ao puro gozo, isto é, à não castração (...) Goza tanto quanto tu és, goza” (Lacan, 1971, p. 173).

Ao mesmo tempo em que observamos a assunção de Silas de uma divisão subjetiva, ou seja, da castração simbólica, quando ele deixa de ser esse objeto falado, observamos que ainda algumas vezes Silas recua a essa castração, ou a se colocar como sujeito dividido. São esses os momentos em que Silas novamente repete as falas desse discurso do Outro, assumindo esse lugar. Vemos isso, na sessão 93^a, por exemplo, quando ele fala: “vagabundo, cala a boca, não trabalha”.

É frente a esse discurso e ao lugar denegrado do pai que, ao brincar com os bonecos da família (pai, filho e mãe), Silas faz o boneco-filho dizer ao pai: “vagabundo” (93^a sessão). Quando a psicóloga pergunta porque a filho fala isso para o pai e, se a avó fala isso, Silas pega o boneco do pai bate na mãe e então diz que tem que respeitar a mãe. E faz o boneco-filho repetir ao pai: “vagabundo”. Ora, Silas marca aqui que se trata de desrespeitar a mãe (aqui a avó) considerar o pai de outra forma, mas respeitá-la é mantê-la nesse lugar de um Outro não barrado, repetir sua fala, seu saber e esse lugar denegrado do pai. É também, se manter nessa posição de objeto, repetindo somente essa fala do Outro, mas se calando em suas enunciações, frente a essa demanda de ‘cala a boca’. Apesar disso, observamos (na sessão 93^a) que Silas também cria um pai que faz alguma interdição nesse discurso da avó, quando faz o boneco-pai bater nessa mãe (avó dele).

Tratamos anteriormente do recobrimento desse pai denegrado, quando por exemplo, Silas brinca de dar banho num boneco (situando o pai), o arruma e diz que esse vai ficar rico e casar (14ª sessão). A partir do traço imaginarizado do pai (fedorento), Silas é inicialmente ‘todo’ fedorento, e depois, ao se separar do objeto anal, é esse objeto anal, peido, ou cocô, que se torna agora o fedorento (46ª sessão). Esses desenvolvimentos terão um efeito nos atendimentos posteriores e Silas poderá partir desse lugar do pai denegrado, ou do pai como dejetivo, para a construção de um pai fálico, do qual Silas pode ser o herdeiro. Essa construção se inicia ao lado de uma recusa de Silas quanto a ter esse pai como ideal se deve ao lugar denegrado do pai no discurso do Outro. Esse recuo pode ser observado na sessão 75ª, quando Silas brinca de falar ao telefone: “você não trabalha, eu não sou igual a ele, é aquela (...) mulher (...) falando”; quando diz que seu pai não é Celso, pois ele bebe, ou ainda que o pai tocava no grupo de samba mas que tocava ‘mal’. Como esse pai pode se colocar como fálico?

Inicialmente, na 53ª sessão, Silas faz dois bonecos -pai e filho- brigarem, como faz o pai bater no filho e o filho no pai. Em um momento, o boneco-pai cai no chão e o cabelo do boneco cai e Silas como boneco-pai fala: “Caiu meus poderes... Cú”. Depois, fala que esse pai vira ‘Hulk’ e se levanta. Observamos aqui que os poderes que caem se relacionam ao objeto anal, o que cai do ‘cú’. Temos aqui o objeto anal situado como fálico, o que podemos articular com a função do objeto anal como simbolizador da castração e o que permitirá no nível fálico se colocar como a imagem do falo perdida (Lacan, 1962/63). É isso que se apresenta nessa sessão, um pai que se coloca como castrado, aos perder seus poderes, quando Silas faz referência ao ‘cú’. Os poderes serão então associados à espada, fazendo parte de uma equivalência simbólica entre a série: criança = poder = falo = espada (sessão 59).

É nessa sessão que Silas fala que a psicóloga havia roubado a “espada dos poderes”, o que depois se tratará de uma criança que é roubada e ele irá encenar um julgamento. Nesta sessão, ele diz que é criança mas que não foi roubado, depois diz que adulto e mais tarde, diz: “Não!” (...) sou criança”. E fala então que a espada está colada nele e fica batendo a espada no tanque da sala de atendimento para ela se soltar. Trata-se aqui do objeto fálico que podemos relacionar agora ao pênis colado em seu corpo, ou com uma tentativa de desgrudar essa espada (falo) de seu corpo. Segundo Lacan, no jogo com o falo

imaginário é “na medida em que ele (*sujeito*) perde que ele sai ganhando” (Lacan, 1962/63, p. 224).

É quando a espada cai que Silas diz: “Não!! (...) sou criança ... Poderes!! Lion (*e Silas vai lutar com a psicóloga e fica ferido*) Meu pai me ajude! (...) Quem eu sou? Quem eu sou?”. Se ser criança já faz Silas se deparar com o não ser mais poderoso/ adulto, é quando a espada colada em seu corpo cai (ou melhor, Silas faz cair), ele não somente se depara com uma aniquilação dessa espada-falo, no sentido de um pênis da criança aniquilado para depois permitir ter acesso a uma função viril, tendo dignidade (Lacan, 1956/57), mas também refere-se ao cair da posição de ser o falo do Outro. Assim, pode se perguntar quem é, se não é mais esse objeto fálico. Essa falta também se colocará no imaginário, quando Silas introduz o Saci e em algumas sessões pula com uma perna, marcando em seu corpo essa falta (que desenvolveremos a seguir).

Além do pai que pode se colocar castrado, podendo perder seus poderes, se coloca também o pai como Ideal, o ‘Hulk’. É a partir dessa que Silas poderá iniciar a construção de um pai imaginário. Em suas brincadeiras ele se refere a um pai que cuidou da criança que perdeu a mãe, dando comida, assim Silas situa a inserção desse pai nas construção de um romance familiar. Depois, nas brincadeiras com os bonecos, ele refere-se ao boneco-filho que faz as mesmas atividades do pai (luta também capoeira e jiu-jitsu) e ao filho que quando cresce se torna um homem negro (troca o boneco do filho pelo boneco-homem negro) e namora, fazendo esse boneco beijar uma boneca. Ou ainda, refere-se ao filho que leva a irmã pequena para passear, como o pai que antes cuidava da criança, dessa forma, se situando como filho e herdeiro das funções do pai, como namorar e cuidar das crianças (54^a sessão).

Depois vai surgir o pai nomeado, associado aos significantes ‘vagabundo’ e ‘fedorento’, quando Silas refere-se ao pai como “macaco fedorento” (71^a sessão) ou “leão vagabundo” (72^a sessão). E do pai como ‘todo’ fedorento, como ele antes se localizava, Silas vai supor a separação do objeto anal do pai, como antes tinha feito com ele-separando-se do fedorento, ou do cocô. Observamos isso quando Silas canta: “macaco, fedorento... fedô... peido... soltou um peido... foi no banheiro (...) macaco pão na casa do bundão... o bundão soltou... pão (...)” (72^a sessão). Mesmo que inicialmente Silas diga que não pode falar o que sai do “bundão”, pois é “falta de educação”, o macaco ao invés de ser

‘todo’ fedorento, é aqui sujeito que ‘peida’, fazendo o ‘fedô’ ser reduzido ao que sai do ‘bundão’.

Tanto o pai como Silas serão assim, marcados não mais pelo atributo “fedorento”, mas sim como sujeitos que fazem sujeira, soltam pum ou que fazem cocô (o fedorento). Observamos Silas como esse sujeito que faz sujeira, quando numa sessão ao desenhar com tintas, vê que ficou suja a mesa e fala: “sujei... cachaceiro” e limpa a mesa (76ª sessão). Ou ainda quando Silas irá jogar diversas tintas no papel e dizer: “Sujou, que nojo” e faz sinal com a mão como se estivesse cheirando mal. Depois será o pai que ele situará como sujeito que faz sujeira, quando diz que desenha o “Celso fazendo cocô” (88ª sessão).

Silas então retoma a referência ao buraco ou borda do objeto anal. Se Silas já havia se referido ao “cú” ou ao “bundão”, na sessão 76ª ele irá se referir tanto a borda como ao objeto anal. Nessa sessão, Silas diz que é do “rabinho” que sai o “cocô” e também que é desse o buraco que sai a “lingüiça”. E após jogar cola nas tintas que havia misturado, que ele havia chamado de cocô, diz que fechou o buraco de onde a ‘lingüiça sai’.

A ‘lingüiça’ é introduzida inicialmente por Silas na 70ª sessão, quando se refere à “lingüiça podre”, ou ainda, a maçã ‘nojenta’, pois está suja depois de cair no chão. Essa lingüiça posteriormente será relacionada à identificação de Silas e do pai, quando ele diz: “pai e filho, lingüiça...”. Pois, situam-se duas lingüiças, o pai e o filho, ou como na sessão 46ª Silas ele se refere as “duas minhocas”. Essa identificação com a lingüiça refere-se ao lugar dele e do pai como esse objeto a resto, como o cocô, ou ‘lingüiça podre’ e fedorento. Frente a isso, quando Silas fala ‘pai e filho, lingüiça’ (76ª sessão), a psicóloga pergunta: “Pai e filho têm lingüiça?”. Buscando assim, passar do registro desse objeto, de ser o falo, para o registro de ter o falo. E Silas responde: “Ih, vergonha” e sorri.

É assim que esse pai que já aparecia se construir como fálico retorna nas sessões, o que podemos relacionar com uma modificação da posição de Silas após a intervenção da psicóloga. Silas irá, então, fazer na sessão uma coroa que depois coloca em sua cabeça e diz que a coroa é “do rei” e quando a psicóloga pergunta o que rei faz, ele diz: “fica sentado”, e os outros “trabalham” (78ª sessão). Assim, o não trabalhar, que marcava antes o pai como ‘vagabundo’, se torna ‘fálico’, é coisa de rei não trabalhar enquanto os outros trabalham. O pai como rei e fálico e Silas como herdeiro, pode ser observamos em outra sessão, quando Silas, após ganhar uma partida de um jogo, fala: “ganhei, reizinho”. Se antes Silas dizia que

não era como o pai porque ele trabalha e o pai não, vamos ver que isso se modifica, já que ele pode ser o ‘reizinho’ que não trabalha.

Silas então introduzirá esse pai na forma de um apelo a ele e ao seu cheiro. Observamos isso quando Silas não consegue descobrir o que faz ao brincar de cama de gato, e quando tem dificuldade ele vai ligar o ventilador. Silas assim, se remete ao pai ao para conseguir resolver um problema ou uma dificuldade, como também fará isso quando consegue ‘ganhar’. Podemos ver isso de forma clara quando Silas joga futebol e ao fazer gol diz que foi gol do ‘Cel’, o pai se chama Celso. Ou ainda, após fazer gol diz: “Ele vai ser bom, eu sou bom (...) número 1...”. Como o pai é ‘bom’, ele como filho pode ser ‘bom’.

Nesta sessão ainda, após Silas sujar a mesa de tinta, ele a limpa, assim como também os pincéis e o pote de água, enquanto canta: “trabalha, trabalhando... Acabei! Limpar...Ih, sujou, tô trabalhando” (sessão 88). Assim, ele pode ser aquele que faz sujeira e cocô como o pai, mas não é nem ‘todo’ fedorento, como pode limpar a sujeira que fez.

Após esses desenvolvimentos, Silas pode então cantar: “o fedô fico, mas melhorô, o fedô ficô, mas melhorô”, após ganhar um jogo (92^a sessão). Segundo Zizek (1992, p. 104), uma identificação imaginária pode remeter a uma “falha” do outro, ou uma “fraqueza”, que no caso de Silas refere-se à identificação imaginária com esse traço do pai, ‘fedorento’, que se marca no discurso do Outro como falha, algo que se deve lutar contra, como a avó coloca. Porém, quando esse traço remetido ao imaginário sofre a influência da identificação simbólica (o traço unário), se torna possível identificar-se no imaginário com esses traços mesmo que esses sejam repulsivos. Assim, a identificação a esse “fedô” pode ficar, mas se coloca em outro nível, de forma ‘melhorada’, como Silas pontua.

É ainda com a identificação simbólica, que Silas poderá tomar banho e não fazer “escândalo”, como a avó relatava. Não tomar banho relacionava-se com a redução do traço do pai ao imaginário. Dessa forma, tomar banho era perder a referência ao traço do pai, como Silas disse a avó no início do tratamento - que não ia tomar banho como o pai. Porém, no decorrer do tratamento, a avó relata que Silas ao tomar banho (já sozinho) canta. Não há mais “escândalo”, e sim, ‘cantoria’. O fato de Silas cantar no banho pode ser articulado com ao pai que era músico e fez parte de um grupo de samba.

Ainda temos de considerar os efeitos do simbólico sobre a identificação imaginária para a construção de uma imagem unificada do corpo, quando a identificação simbólica (traço unário) permite que a imagem especular se torne coesa e unificada. No

desenvolvimento dos atendimentos de Silas, podemos observar tanto a marcação de uma falta que se insere no imaginário, como a referência a uma imagem coesa e unificada que passará a se articular também com uma raça, ou cor (preto/ branco).

Com relação à falta que se marca no imaginário, precisamos retomar que após se separar de fedorento e se localizar por seu nome próprio, Silas irá (sessão 67^a) se localizar no desenho do 'SASI' que faz na lousa, como pela nomeação desse. Reparamos ainda que Silas ao nomear o saci (SASI), ele troca o 'c' por 's'. É a partir desse desenho do saci, quando Silas situa uma falta no corpo desse marcada pela ausência de uma perna, que ele irá marcar em seu corpo essa falta através da aparente 'falta' de uma perna, braço etc. Por exemplo, na sessão 82^a sessão, Silas apaga a luz e quando acende e diz "Saci" e anda com uma perna (pulando). Quando a psicóloga diz: "Saci de uma perna", Silas ri e põe as duas pernas no chão. Ao brincar de futebol na 90^a sessão, cai o tênis de Silas e ele continua a jogar com um só tênis, ou ainda, esconde uma mão atrás do corpo. Aqui temos no imaginário a presença da falta (da castração), que ocorre quando o corpo é afetado pelo significante e "sobrevive, mas desmembrado, mortificado" (Zizek, 1992, p. 120).

Quanto à referência a cor que vai se inserir em uma imagem corporal coesa e unificada, temos de considerar o processo que isso envolveu. Silas inicialmente passa a articular a cor com uma referência simbólica através do casal parental (mãe Berenice e de seu pai) e dos significantes branco e negro: "mãe branca e pai preto" (54^a sessão). Nessa sessão, a partir brincadeiras com bonecos das família de duas cores, observamos que ele vai se situar de um lado, como filho branco que perdeu a mãe e o pai cuidou (dava comida e suco); por outro lado, se situa como filho negro que faz as coisas como o pai, que quando cresce torna-se um homem negro que namora (faz o boneco beijar uma boneca) e como filho negro que a mãe cuida.

Com esses desenvolvimentos, essa imagem do corpo em desordem (do robô) que podemos ainda relacionar com o primeiro tempo do estádio do espelho (espelho plano), vai se apagando. Silas desenha riscos, o que parece uma pessoa, a cabeça é um círculo e ele faz um traço marcando o tronco, mas ele diz que isso é "nada" (figura 4). Depois desenha um segundo "robô"- robô 2 (figura 5), mas esse refere-se agora apenas a um rosto não muito definido (67^a sessão), diferentemente do primeiro. Depois desses desenhos, Silas faz um outro no qual encontram-se ele e seus dois irmãos, estes indicando pelos nomes (81^a sessão- figura 6).

Se no caso do primeiro desenho do 'robô'- robô 1 (figura 1), Silas não podia transformar ou cobrir essa imagem do corpo em desordem, pedindo para a psicóloga desenhar ele e os irmãos, agora neste momento Silas pode fazer. Podemos observar ainda o apagamento desses 'robôs' quando Silas fala que: "Eu sou homem, Robocop 1,2 ... dormir, lavar a mão, acordar... Acabou... Eu sou Silas R.P.". Assim, Silas pôde acabar com esses robôs, agora se trata de ser 'Silas' e refere-se a uma imagem que tem os objetos pulsionais recortados, separados (o que ele chamou de 'consertar' o robô). Ele não se trata mais de robô, mas se localiza como homem, por seu nome próprio e como negro: "samba...Oh negro... abraço de negro... sou negro, o samba" (84^a sessão). Essa referência ao samba, como ao fato de ser negro, se relaciona com o pai.

É portanto, a partir da identificação simbólica através do traço unário, remetido ao nome próprio, como da diferenciação entre *i* (*a*) e os objetos *a* (que são destacados) que após esses três anos de atendimento, Silas pode se desenhar através de uma imagem real unificada, situando ainda sua cor, ou raça (Figura 6). Além disso, ao mesmo tempo em que se situa como negro, observamos em seu desenho que Silas deixa partes do corpo na cor branca. Podemos articular isso com a influência em sua imagem de uma referência simbólica a uma filiação não falseada, remetida aqui ao casal parental: mãe branca e pai preto.

Dessa forma, observamos no decorrer dos atendimentos, em relação ao real do corpo e os objetos pulsionais, que é a introdução do simbólico ou do significante afetando o corpo que torna possível o surgimento do objeto *a* como algo separado, algo que é sacrificado (Lacan, 1962/63, p. 242). Ou seja, é recortado da imagem real do corpo (desorganizada) essa multiplicidade de objetos *a*. Neste processo, observa-se que Silas pôde esburacar esse Outro, constituindo esses objetos *a* como destacados. Podemos considerar, assim, que não se trata dos objetos da pulsão em si (objetos *a*), mas sim da relação desses objetos com a borda, o que permitirá que esses possam se apresentar como falta, ou perda. E finalmente, pudemos considerar os efeitos que uma falha na função paterna simbólica (articulada à holófrase) tem na constituição de uma imagem real unificada do corpo e no funcionamento deste corpo.

Capítulo 6- Discussão e conclusões

A análise e a leitura do caso clínico permitiram situar uma evolução da queixa de dificuldades na aprendizagem, relacionada à leitura e a escrita para o sintoma de debilidade numa criança. Com o decorrer do tratamento foi possível à criança, partindo de uma posição que caracteriza a debilidade como sintoma, quando ela oscilava entre dois discursos, para se localizar em um discurso como sujeito.

A debilidade refere-se à holófrase do S1, significante que identifica o sujeito, e do S2, significante que dá sentido ao desejo do Outro (Lacan, 1964), remetendo-se assim, a uma falha no nível simbólico da função paterna, Nome-do-Pai. Essa falha é situada no caso clínico apresentado a partir de uma filiação falseada, numa confusão da linha geracional (avó é mãe), como também corresponde ao lugar de Silas como objeto a no desejo do Outro.

No decorrer do atendimento, podemos observar essas holófrases quando Silas se refere, por exemplo, ao ‘matão’ e ao ‘marião’ (nome da avó holofraseado). Nessas construções holofraseadas observamos que se colam dois significantes. Por exemplo, no ‘matão’ temos o significante ‘matar’ que se coloca no discurso do Outro, sendo um dos S1 de Silas; que se cola no ‘leão’, como Silas desconstrói em “mata leão”, ou depois isola o ‘ao’. Essas letras ‘ao’ ou ‘ão’, além da letra ‘c’, como o significante ‘leão’, nos remetem ao S2 (significante Nome-do-Pai) agora escrito. Pois, retomando Allouch (1995, p.199), a letra como estrutura localizada no significante, relaciona-se com o significante Nome-do-Pai escrito.

Consideramos que na debilidade a criança é situada como suporte do desejo materno de uma forma obscura (Lacan, 1964, p. 225), fazendo do S1 uma série de sentidos, quando essa criança encarna tudo que pode representar a falta do Outro (Santiago, 2005, p. 165). No caso de Silas, observamos que essa série de sentidos refere-se a rato, fedorento e linguíça podre. Através do significante rato (S1), por exemplo, ao mesmo tempo em que se representa a falta do Outro, é apresentada a identificação de Silas como objeto a que tampona o Outro (“o rato vai ficar na sua boca”).

O fato do débil reduzir esse S1 em sua dimensão imaginária, situando uma recusa da castração simbólica, nos remete à consideração de que ele flutua entre dois discursos, como toma “um significante para dois corpos” (Sauret, 1997, p.33). É essa equivalência de um

significante para dois corpos que podemos entender na seguinte escrita do paciente: “Maria é Silas”. O que evidencia uma recusa de Silas a sua divisão.

É a partir dessa equivalência que podemos nos remeter à figura 2, quando Silas começa a desenhar o corpo de um homem, interrompe e desenha o corpo de uma mulher em cima, sem apagar os traços do desenho anterior. Essa redução do S1 ao imaginário interfere na constituição de uma imagem corporal unificada, fazendo da imagem um “reflexo do corpo uno” (Santiago, 2005, p. 177), assim como faz com que essa imagem do corpo permaneça em desordem, não unificada e que não seja possível diferenciar dessa imagem real os objetos a (o que depende da função simbólica). É essa imagem do corpo que deve ser ‘consertada’, como Silas coloca, que sejam recortados esses objetos (a) para que ela possa se colocar como unificada.

A flutuação entre dois discursos se refere à recusa do débil de se presentificar no lugar entre dois significantes e iremos nos remeter aos atendimentos para mostrar como isso se coloca. Observamos que Silas repete o discurso do Outro e, quando aparece algo de uma enunciação, ele recua. Na décima sessão, após dizer que é o chefe, personagem que mata e não o escravo, que faz bagunça, algo de uma enunciação se coloca: “Sou o chefe, não sou o escravo, sou o chefe, sou es.. chefe”. Silas recusa-se a ser o escravo, para ser aquele que mata, como o discurso do Outro o localiza e ‘pede’, como vemos quando Silas fala que está treinando para matar, pois “o chefe pediu” (10^a sessão).

Observamos que essa fala do Outro que ele repete demonstra seu caráter de mandato, já que ao invés de comparecer o desejo do Outro, comparece o gozo do Outro, tendo o sujeito como objeto (Vorcaro, 1999). Isso aparece nessas falas que citamos no decorrer da análise: “Cala a boca; Seu bicha; Matá a mãe; Você não trabalha, seu desgraçado, vai para a cervejinha; Seu animal!, Cala a boca! Vai trabalhá! Vagabundo!; Macaco fedorento! Leão vagabundo!”. Essa voz do Outro, que se coloca como supereu em sua face de gozo e tem como destinatário tanto o pai de Silas, como também visa Silas como objeto. É devido a essa voz dirigida a ele que Silas faz referência quando brinca com o telefone. Nega ser o que é falado no telefone a ele, que não é verdade que ele não trabalha, mas que quem fala isso é a mulher, aqui situando esse Outro materno. Observa-se ainda em diversos momentos que é situada a referência paterna nesse discurso do Outro, porém essa remetia-se ao pai denegrado, ou a traços imaginários, como ‘fedorento’.

Ao recusar a castração simbólica e a falta do Outro, como desenvolvemos, o débil permanece nessa recusa de saber e de questionar o desejo do Outro, que permanece não barrado e sendo aquele que detém o saber (Leford apud Tendlarz, 1997, p.61). Isso se coloca quando Silas repete as falas do Outro, ou essa língua materna pela qual é falado e que detém o saber, onde nada falta e não há negação (Lauchaud, 1989). É o que se coloca também nas frases de Silas de que não sabe, ou de que sabe ‘nada’. Por exemplo, quando Silas começa a ler as regras de um jogo, interrompe a leitura e fala: “eu não sei” (57ª sessão), ou quando, apesar de já ter desenhado, pede à psicóloga para ela desenhar. Ou ainda, quando a psicóloga- depois de falar que ele já sabe escrever, ler e fazer letrinha- pergunta o que mais ele sabe, e Silas responde: “nada”.

Para que Silas possa se situar num discurso, para poder construir uma imagem corporal unificada e se localizar como sujeito, isso depende da castração simbólica, ou seja, do significante Nome-do-Pai. Será a partir dessa introdução da função paterna simbólica que iremos nos remeter a momentos específicos do tratamento que representaram saltos na evolução, mostrando assim como que foi possível essa passagem da posição de Silas remetida ao sintoma de debilidade, para um sujeito dividido, situado num discurso.

Dissemos que a função paterna simbólica é presentificada inicialmente nos atendimentos através da criação de uma ordem de parentesco. Esta se coloca por uma escrita, pela nomeação dos familiares em desenhos e escritas – que e referem tanto aos nomes próprios como ao lugar deles na estrutura familiar. É também a partir dessa referência a uma ordem de parentesco que Silas passa a se localizar através de seu nome próprio, o que relaciona-se também com a função paterna simbólica.

Dessa organização da ‘natureza’ ou dessa ordem de parentesco que pode surgir um furo do Outro, um ‘pedaço’ cai (como Silas se refere) do Outro, que Silas irá considerar depois como uma outra pessoa. Temos aqui a identificação de Silas como objeto a, pedaço caído do Outro. Depois será a partir da identificação simbólica, realizada através de seu nome próprio (Silas) como traço unário, Silas pôde se separar do objeto a- anal (cocô/ fedorento). Dessa forma, E da série de S1 imaginarizados, temos agora somente um S1 remetido à identificação simbólica e à função simbólica paterna.

Consideramos que podemos relacionar a holófrase com uma falha no processo de alienação, já que o sujeito não comparece como falta, mas fica reduzido a objeto do gozo do Outro (Vorcaro, 1999, p. 33-35). Nos atendimentos de Silas podemos observar que este

processo (de alienação) se configura quando Silas se aliena no significante de seu nome próprio, como é reduzido a ele. É exatamente isso que se evidencia quando Silas diz que “Agora, sou só Silas”. É ainda ao se alienar no significante que temos a separação do objeto *a*. Se antes tratava-se da separação dele do corpo do Outro, como pedaço caído; temos aqui presentificado a separação dele do objeto *a* (anal). Essa separação do objeto *a*, ou essa “subtração do gozo” (Sauret, 1997, p.42) se articula ao efeito significante que ocorre na alienação, e que não podia se colocar antes devido à holófrase.

Essa subtração que articula-se com a negação, também faz presentificar a relação do sujeito com o ser. É através da negação de que o bebê “não é” um pedaço do Outro, ou de ele “não” é o ‘fedorento’, ou o ‘cocô’, que Silas evidencia ao mesmo tempo o que é e o que deixa de ser. Assim, é a partir dessa subtração de gozo, relacionada à identificação simbólica, que Silas pode diferenciar da imagem do corpo esses objetos (*a*), pode ‘consertar’ a sua imagem do corpo-robô, em desordem, por outra unificada (figura 7). Além disso, com a queda desse objeto *a* marca-se o impossível de fazer UM com o corpo do Outro (Chemama, 1995, p. 152-153), o que não se colocava.

Vamos nos remeter agora à função dos objetos *a*, pois é através da função desses objetos (olhar, voz, anal, oral) que Silas pode se separar, colocando em jogo a alienação e a divisão do sujeito. Lacan (1964) relaciona o jogo do fort-da com esse processo de alienação, já que é através desse jogo que é situado o objeto *a* como destacado e pode-se colocar a divisão do sujeito. Se Lacan refere-se ao exemplo do jogo do carretel, Rodolfo (1990, p.122) permite ampliar as situações que envolvem esse jogo. Ele comenta que quando se atende crianças que tiveram falhas nessa operação do fort-da- que podemos nos referir a uma falha no processo de alienação- é freqüente ocorrer nesses atendimentos uma série de jogos que tratam de produzir um fosso e de simbolizar, assim, a separação do objeto *a*. São os jogos de esconde-esconde, de desaparecer e aparecer, lançar fezes, deixar cair objetos, mandar o analista para outro lugar, permanecer no banheiro, fechar a porta etc. Se retomarmos os atendimentos de Silas, observamos isso quando Silas joga o ‘fedorento’, ou o ‘cocô’ para ser ‘só Silas’, alienando-se num significante. Porém, essa simbolização remetida ao jogo de fort-da e a alienação, pode ser observada em outros jogos, quando Silas pede para a psicóloga ficar do lado de fora da sala de atendimento, fecha a porta entre ele e a psicóloga, se esconde dela, ou ainda quando brinca de ficar invisível, se fazendo desaparecer do olhar do Outro.

Nesses jogos podemos considerar os movimentos ou circuitos pulsionais, quando se coloca a inversão da pulsão em tempos gramaticais. Esses movimentos podem ser percebidos nos atendimentos, quando observamos Silas brinca de ser aquele que olha, que é olhado e se faz olhar; ou de ser aquele que peida, é peidado e se faz peidar (considerando aqui as fezes também) ou ainda que come, é comido, se faz comer. Esses circuitos permitem a construção das bordas do corpo, como fazer desses objetos da pulsão (objetos *a*), objetos perdidos. E que depois de serem perdidos, podem funcionar como objetos causa do desejo. O que situamos com relação ao objeto olhar, que após esses movimentos da pulsão, é destacado e situado como objeto causa do desejo incluído na estrutura da fantasia.

É ainda, a partir desses movimentos da pulsão que se coloca o surgimento de um sujeito pulsional. É Silas como sujeito que faz sujeira, ou faz cocô, não sendo mais inteiro fedorento, ou identificado ao objeto *a* –anal; como podemos observar também que a boca, antes como pura borda real, irá ser articulada a um significante (comer) e a uma demanda, remetendo-se a um comer agora pulsional.

O objeto voz também é destacado, ao ser cifrado através das letras EES e DEPEDA e depois transformado em objeto resto, sem significação. O que se colocava no discurso do Outro como signo pode se tornar significante, como o ‘mata’ a que Silas se refere. É ao ser cifrada e esvaziada que essa voz, antes remetida ao supereu em sua face de gozo, pode se colocar de outra forma. Essa cifração do objeto voz articula-se com o jogo de afirmação e negação dessa voz que Silas realiza: “Você matou”, “Não matei”, o que relaciona-se com a possibilidade de negar o saber do Outro. Remete também à possibilidade de Silas interpretar o desejo do Outro, que era colocado pela voz mas através de um supereu, como apelo ao gozo. Essa interpretação remete à construção da fantasia, quando Silas articula o matar e o roubar, como depois será o gozo do pai (de bater) que irá recobrir o desejo do Outro.

Podemos observar na análise que se articulam os pontos nos quais a dividimos: significante, letra, objeto, real do corpo e a fantasia. Num primeiro tempo, foi a partir da introdução da função paterna simbólica relacionada a uma ordem de um parentesco, que se cria um buraco no Outro. Depois, o sujeito pode separar-se objeto *a* devido a identificação simbólica (traço unário). É também através da letra que é possível representar o objeto *a*, como esse furo criado no Outro, ambos irrepresentáveis. Esse significante da falta do Outro

que é impronunciável e representado pela letra, se coloca quando Silas reduz o nome das pessoas que representam esse Outro materno à letras, excluindo algumas.

Da identificação de Silas como objeto a, rato que tampona o Outro, pela dimensão da letra é possível reduzir 'rato' à letra R, depois transformar essa letra em S (primeira letra de seu nome próprio) e apagá-la em um ponto de interrogação. É assim, pelo apagamento da letra ou de traços, que é possível ao sujeito antes identificado como objeto a, ser “excluído do discurso” (Bergés e Balbo 2004, p. 57), evidenciando nesse processo o recalque originário.

Com referência à função simbólica paterna e às cifrações do real pela letra e escritura, Silas pôde desfazer o que estava holofraseado, o nome da avó, o vô, o matar e mesmo o latido. Como ainda pode separar seu S1, remetido ao nome próprio, do nome da avó. Se antes Silas fazia a equivalência de um significante para dois corpos, “Maria é Silas”, ele poderá então transformar essa escrita em: “Maria e Silas”, fazendo referência a dois significantes para dois corpos.

Observamos também no decorrer dos atendimentos que quando Silas se coloca como sujeito dividido, e com a queda do objeto a, que presentifica-se uma vacilação do ser. Isso se evidencia quando Silas canta: “Sou ...era ... fui.... está... que foi...” (51ª sessão). É devido a essa vacilação que Silas pode se perguntar: “Quem eu sou? Quem eu sou? Quem eu sou?”, como o faz em voz alta. Pergunta que não é respondida por Silas, a não ser fazendo referência ao que foi deixado de ser. Pois, ela não pode ser respondida quando se trata de um sujeito dividido, já que o sujeito só pode aparecer nessa divisão, de que é um significante que vai representar o sujeito para outro significante. Mesmo o nome próprio, que representa o sujeito, satura o sujeito e é por isso que é reduzido a letra, ou ainda, transformado em um significante qualquer.

Além disso, constatamos que Silas troca as palavras ‘ser’ e ‘falar’ da frase “quem eu deixei de ser” para “quem eu deixei... da fala”, igualando deixar de ser a deixar de falar. Silas marca aqui que deixou de falar essa fala do Outro, ou deixou de ser objeto falado. E se antes, devido à holófrase, Silas não se diferenciava de algo que fala nele mas que não é ele, veremos essa diferenciação se colocar quando Silas imita a voz da avó, diferenciando-a da sua, e situando-a como objeto resto, apagado de sentido. Poder distinguir algo que fala nele e não é ele também refere-se à possibilidade de Silas mentir, como quando diz que enganou

a psicóloga, por que ele não é do mal, não é aquele que mata, pois havia mentido. Silas assim, faz do saber, saber inconsciente e barrado e não mais real.

Os desenvolvimentos do caso nos permitem retomar as contribuições da teoria lacaniana para a análise com a criança. Segundo essas contribuições, podemos considerar que o sintoma de debilidade do paciente é representante do que há de sintomático na estrutura familiar, e mais especificamente, remete à perda de referência simbólica e se articula com a subjetividade da mãe. Dessa forma, remete à posição da criança como objeto da fantasia desse Outro materno, que o marca como objeto causa da morte da mãe, como refere-se à identificação de objeto a resto, 'fedorento'. Essa localização de objeto como resto é situada por Silas como a posição também do pai; o que faz com que Silas além de realizar sua separação desse objeto a (fedorento/ cocô), a construa também em relação ao pai.

Ao analisar na clínica, observamos que temos de articular os três registros: Real, Simbólico e Imaginário. É a partir desses registros, pela introdução da função paterna simbólica (significante Nome-do-Pai), que podemos situar o surgimento da falta em cada um desses registros. No simbólico a falta é situada pelo significante da falta do Outro; no real, refere-se à queda do objeto a; e no imaginário é colocada pelo aparecimento de um furo na imagem (menos phi), marcando aqui o que do gozo não pode ser capturado na imagem. Essa falta na imagem é o que se presentifica quando Silas se nomeia de saci, pulando em uma perna, ou brinca de deixa cair um tênis e continua a jogar só com um pé.

Pontuamos, ainda, que a análise com criança pressupõe um sujeito que não se encontra passivo nessa situação. Assim, a escolha de Silas de se calar, ou de se manter nessa posição de objeto falado, representa uma recusa dele à castração. Porém, no decorrer do atendimento, observamos que aparece um sujeito que escolhe se alienar no significante e perder, assim, uma parte de seu ser (objeto a), um sujeito dividido que passará a 'falar', escolher suas roupas, tomar banho e pegar sua comida sozinho. Dessa forma, podemos retomar Saurtet (1997) que considera que mesmo quando a mãe não dá peso à palavra de um homem, temos que entender uma escolha da criança, ou seja, se ela renuncia ou não a ser sujeito (Hamad, 2001).

No caso de Silas, esse Outro materno além de não estar referenciado a um homem, não dá peso a palavra do pai (Celso), denegrindo seu lugar. Porém, observamos que Silas pôde se posicionar frente a isso nos atendimentos, manifestando seu desejo de que o pai

estivesse com ele, recobrando esse lugar do pai denegrado e fazendo referência ao significante Nome-do-Pai, quando busca organizar uma ordem de parentesco e cria um furo no Outro. A partir disso, Silas pôde construir um pai imaginário, fálico, que permite a ele se identificar e ser herdeiro de suas funções.

Frente a esse saber real, onde nada falta, desse Outro não barrado e sua recusa da castração, Silas não podia construir suas teorias sexuais, se perguntar da diferença sexual, não era possível a negação, ou a mentira. Ou seja, não se podia colocar as construções que fazem barra ao gozo do Outro. Mas isso se transforma, surge um sujeito que investiga, um sujeito que pode saber e não mais recusa isso, assim como um sujeito que pode negar e mentir.

É esse sujeito que investiga que podemos conceber quando, ao cair as calças de um boneco-homem da família, Silas abaixa totalmente as calças dele e depois levanta a saia da mulher e olha dentro. Quando a psicóloga pergunta se tem diferença, ele ri, marcando-se uma confirmação inconsciente da pergunta (55^a sessão). Isso não se colocava antes, Silas não se referia à diferença sexual, ou quando a psicóloga perguntava ele dizia não saber.

Do sujeito que antes recusava saber, observamos o surgimento de um sujeito que pode saber, inicialmente quando Silas nega que aprendeu como se brinca de cama de gato (80^a sessão), mas ao dizer “Não”, ele ri. Depois, quando interrompe essa brincadeira, não sabendo como continuar o jogo, ao invés de manter-se na posição de não saber, Silas faz diversas tentativas e busca descobrir qual seria o movimento a ser feito. E passa então a inventar movimentos, enquanto fala: “Vai vamo lá!”, “De novo, de novo!” (81^a sessão). Na 82^a sessão, quando Silas tenta ligar o ventilador por diversos minutos e tendo dificuldade, já que este encontra-se no alto, a psicóloga pergunta se ele quer ajuda e Silas responde: “Eu sei”.

Além de poder mentir e poder saber, podemos observar a criação de um chiste. No jogo de damas, Silas pega as peças brancas e diz: “Sou dama”. A psicóloga então pergunta “Você é dama?”, buscando entender a partir de que lógica ele diz isso e Silas responde: “No jogo, né? Óh... a malícia...”, sorrindo (93^a sessão). Dizer que é dama não é ser mulher, mas se coloca no ponto de vista de que as peças brancas representam a mulher, ser dama é ser branco como a mãe dele era.

O atendimento com a criança envolve, assim, considerar os três registros e remete a uma subtração do gozo (Sauret, 1997), que é necessária para que se tenha a constituição de

um sujeito e a saída da criança da posição de objeto. Envolve uma cifração do gozo, a construção da fantasia e o complexo de Édipo, construções que têm a função de cobrir o real. Além disso, Lacan considera que a construção de uma ordem de parentesco é uma construção mítica que se relaciona ao Complexo de Édipo, e permite um progresso do simbólico sobre o imaginário (1956/57, p. 273).

Portanto, no decorrer do tratamento de Silas, observamos que num primeiro tempo do atendimento, parte-se desse discurso no Outro, onde Silas se localiza como objeto do fantasma e é falado por essa língua materna. Num segundo tempo, temos o estabelecimento do discurso e a subjetivação do discurso no Outro, que torna-se o discurso do Outro. A alienação remetida ao significante e a possível subtração do objeto a, como a identificação simbólica através de seu nome próprio, permitem situar Silas como um sujeito dividido e que escolhe se alienar no significante. E ser um sujeito dividido e que agora ‘fala’ indica que o gozo está perdido e que Silas pode agora barrar esse gozo do Outro.

Acho importante apontar, finalmente, que ao desenvolver esse trabalho foi possível questionar algumas de minhas intervenções, em especial aquelas colocadas nos momentos em que Silas realizava cifrações através de letras, números, traços etc. Pois, essas cifrações referem-se à função de fazer o que remete ao campo do sentido, se transforme em não-sentido; ou seja, trata-se de inscrever essas letras ou traços para que esses elementos permaneçam como saber inconsciente. Assim, quando Silas escreve “DEPEDA”, será que caberia perguntar o que está escrito? Balbo (1996a) discute as intervenções quando se trata da escritura de uma criança, ou da cifração através da letra. Nesses casos, diz que prefere perguntar, por exemplo, ‘o que isso te evoca’, mas não o que é, ou o que está escrito. Penso que seria uma intervenção mais localizada e mais assertiva, quando se remete a esse campo da cifração. Retomo outro momento, quando pergunto a Silas o que está escrito, frente à escritura que se coloca. Ele ri e diz que não sabe. Ora, justamente não se trata do sentido, mas de produzir um não saber do gozo do Outro, ou seja, um saber barrado. Penso que essa discussão é importante no atendimento com a criança, não somente ao considerarmos que um término dessa análise deixa algo inacabado, mas que talvez esse inacabado se coloque também durante o tratamento, ao nos remetemos à função do esquecimento. Função que remete tanto às cifrações do inconsciente, como o recalque e à escritura (Mayrink, 1999). A clínica possibilitou esse aprendizado. Será isso deixar o fazer ‘esquecer’? Ou deixar um certo inacabado durante o tratamento?

Referências bibliográficas

- ABERASTURY, A. (1992) *Psicanálise da criança- Teoria e Técnica*, Porto Alegre: Artes Médicas.
- ALLOUCH, J. (1995) *Letra e Letra- transcrever, traduzir e transliterar*, Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- AVERBUCH, R. (1989) Um convite à reflexão sobre o lugar da escuta na psicanálise de crianças, In: *Psicanálise de crianças*, Porto Alegre: Artes Médicas, p. 69-70.
- ARIÈS, P. (1986) *História social da criança e da família*, Rio de Janeiro: Guanabara.
- BALBO, G. (1996 a) *O desenho como originária passagem à escritura*, In: TEIXEIRA, A. B.- *O mundo a gente traça- Considerações psicanalíticas acerca do desenho infantil*- Salvador: Ágalma, p. 29-51.
- BALBO, G (1996 b) *Do ouvido ao olho, e num estalar de dedos- Acerca do desenho e de sua letra prévia para interpretá-lo*, In: TEIXEIRA, A. B.- *O mundo a gente traça- Considerações psicanalíticas acerca do desenho infantil*- Salvador: Ágalma, p. 52-68.
- BALBO, G. (2001). In: Bergès, J. e Balbo, G.- *A atualidade das teorias sexuais infantis*- Porto Alegre: CMC.
- BERGÈS, J. (2001). In: Bergès, J. e Balbo, G.- *A atualidade das teorias sexuais infantis*- Porto Alegre: CMC.
- BERGÈS, J. e BALBO, G. (2004). *A letra e o significante*. In: MELMAN, C. et al- *O significante, a letra e o objeto*- Rio de Janeiro: Companhia de Freud, p.57-60.
- CARVALHO, J. (1999) *É possível ensinar o desejo?- Letra Freudiana*, ano XVII, 23, p.73-77.
- CHEMAMA, R. (1995). *Dicionário de Psicanálise*, Porto Alegre: Artes Médicas.
- CHEMAMA, R. (1996) *O ato de desenhar*, In: TEIXEIRA, A. B., *O mundo a gente traça- Considerações psicanalíticas acerca do desenho infantil*, Salvador: Ágalma, p. 11-26.
- CIRINO, O. (2001). *Psicanálise e psiquiatria com crianças- Desenvolvimento ou estrutura*, Belo Horizonte: Autentica.
- COTTET, S. (1993) *Penso onde não sou, sou onde não penso*, In: MILLER, G.- *Lacan* - Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- DARMON, M. (2004) *Revinamento*, In: MELMAN, C. et al- *O significante, a letra e o objeto*- Rio de Janeiro: Companhia de Freud, p.65-72.

- DUBOIS, C. (2004) O significante, a letra e o objeto, In: MELMAN, C. et al- *O significante, a letra e o objeto*- Rio de Janeiro: Companhia de Freud, p.83-86.
- ERICSON, N. (1999) A inibição no campo do saber segundo Melanie Klein -*Letra Freudiana*, ano XVII, 23, p. 87-93.
- FERREIRA, T. (1999) *A escrita da clínica- A psicanálise com crianças*, Belo Horizonte: Autêntica.
- FERRETTI, M. C. G. (2004) *O infantil- Lacan e a modernidade*, Rio de Janeiro: Vozes.
- FINK, B. (1998) *O sujeito lacaniano*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- FREUD, A. (1971) *O tratamento psicanalítico de crianças*, Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. (1888) Histeria, In: *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. I, p.77-94, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1896) Extratos de documentos dirigidos a Fliess- Carta 52, In: *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. I, p. 281-287, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1900) Interpretação dos sonhos, In: *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. IV e V, p. 39-700, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1905 a) Fragmento da análise de um caso de histeria, In: *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. VII, p. 13-116, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1905 b) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, In: *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. VII, p. 117-127, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1905 c) Os Chistes e sua relação com o inconsciente, In: *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. VIII, p. 171-220, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1907) O esclarecimento sexual das crianças, In: *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIX, p. 123-134, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1908) Sobre as teorias sexuais infantis, In: *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. IX, p. 191-208, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1909 a) Romances familiares, In: *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. IX, p. 219-224, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1909b)- Análise de uma fobia em um menino de cinco anos *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. X, p. 11-134, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1910 c) A significação Antitética das palavras primitivas, In: *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XI, p.157-166, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- FREUD, S. (1910 a) Cinco lições de Psicanálise, In: *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XI, p. 15- 71, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1910 b) Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância, In: *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v.XI, p. 73- 142, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1913 a) Disposição a neurose obsessiva- Uma contribuição ao problema da escolha de neurose, In: *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XII, p. 335- 350, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1913 b) Totem e Tabu, In: *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIII, p. 11-162, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1913 c) O interesse científico da Psicanálise, In: *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIII, p. 165-192, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1914 a) Recordar, Repetir e Elaborar, In: *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XII, p. 159-172, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1914 b) Sobre o narcisismo: Uma introdução, In: *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIV, p. 75-110, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1915 a) Os instintos e suas vicissitudes, In: *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIV, p.115- 144, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1915b) O inconsciente, In: *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIV, p. 163-210, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1917)- As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal, In: *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XVII, p. 131-142, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1918) História de uma neurose infantil, In: *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XVII, p. 13-128, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1919)- Uma criança é espancada- Uma contribuição ao estudo das origens da perversão, In: *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XVII, p. 191-218, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1920)- Além do princípio do prazer, In: *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XVIII, p. 11-76, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1923 a) Uma neurose demoníaca do século XVII, In: *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIX, p. 81-120, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- FREUD, S. (1923 b) A organização genital infantil- Uma interpolação na teoria da sexualidade, In: *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIX, p. 153- 162, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1924a) A dissolução do Complexo de Édipo, In: *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIX, p.-189-199, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1924b) A perda da realidade na neurose e na psicose, In: *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIX, p. 201-210, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1925 a) Um Estudo autobiográfico, In: *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XX, p. 10-74, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1925 b) A negativa, In: *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIX, p. 261- 270, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1925 c) Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre o sexos, In: *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIX, p. 273- 286. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1925 d) Prefácio a Juventude Desorientada de Aichhorn, In: *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIX, p. 303-310, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1926) Inibições, Sintomas e ansiedade, In: *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XX, p. 79- 168, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1933) Novas conferências Introdutórias sobre a Psicanálise, In: *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XXII, p. 11-178, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1937) Análise Terminável e Interminável, In: *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XXIII, p.223-270, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- HAMAD, N. (2001) A psicanálise com crianças, entre Freud e Lacan, In: Vidal, M. (orga) *Quando chega ao final a análise com uma criança?*- Salvador: Agalma, p.129-143.
- HILTENBRAND, J. (2004) Letra simbólica, letra real?- In: MELMAN, C. et al- *O significante, a letra e o objeto*- Rio de Janeiro: Companhia de Freud, p.75-82.
- HYPOLITE, J. (1954). Comentário falado sobre a verneinung de Freud. In: *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, p. 879-902, 1998.
- JULIEN, P. (1993) *O Retorno a Freud de Jacques Lacan- A aplicação do espelho*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- KLEIN, M. (1997) *A psicanálise de crianças*, Rio de Janeiro: Imago.
- LACAN, J. (1953 a) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise, In: *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p.238- 324.
- LACAN, J. (1953 b) *O mito individual do neurótico*. Lisboa: Assírio Alvim, 1980.
- LACAN, J. (1954a) *Seminário 1- Os escritos técnicos de Freud*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, J. (1954b) Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a ‘verneinung’ do Freud, In: *Escritos*- Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p. 383- 401.
- LACAN, J. (1956) O seminário sobre “A carta roubada”, In: *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p. 13-66.
- LACAN, J. (1956/ 57) *Seminário 4- A relação de objeto*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- LACAN, J. (1957/ 58 a) *Seminário 5- As formações do inconsciente*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- LACAN, J. (1957/ 58 b) De um questão preliminar a todo tratamento possível da psicose, In: *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p. 537-590.
- LACAN, J. (1958) A direção do tratamento e os princípios de seu poder, In: *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p. 591-652.
- LACAN, J. (1960 a) Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud, In: *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p.496- 533.
- LACAN, J. (1960b) Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano, In: *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p.807-842.
- LACAN, J. (1961) *Seminário 8 – A transferência*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- LACAN, J. (1962) Kant com Sade In: *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p.776- 803.
- LACAN, J. (1953/1963) *Os Nomes-do-Pai*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- LACAN, J. (1962/ 63) *Seminário 10 – A angústia*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- LACAN, J. (1964). *Seminário 11- Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, J. (1969) Nota sobre a criança. In: *Outros escritos*- Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p.369-370.

- LACAN, J. (1970) *Seminário 17- O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- LACAN, J. (1971) *De um discurso que não seria semblante (seminário de 1971)- Inédito*, Recife: Publicação interna- Centro de estudos freudianos do Recife. Editado pela comissão editorial do CEF, 1996.
- LACAN, J. (1972/ 73) *Seminário 20- Mais ainda*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LAUCHAUD, D. (1989) A língua materna, In: SOUZA, A.M.- *Psicanálise de Crianças*, Porto Alegre: Artes Médicas, p.13 -24.
- LAZNIK, M. (2003) O patronímico de uma criança como puro traço diferencial, In: PINTO, G. (org)- *Coisa de criança e Desenho: por que não?*- Salvador: Ágalma, p.133-152.
- LEMÉRER, B. (1999) Algumas reflexões - *Letra Freudiana*, ano XVII, 23, p. 13- 20.
- LENGLET, A. (2004) O que vocês estendem por K?- In: MELMAN, C. et al- *O significante, a letra e o objeto*- Rio de Janeiro: Companhia de Freud, p.29-34.
- LERUDE-FLÉCHET, M. (1989) Algumas observações sobre os sintomas das crianças, In: SOUZA, A.M.- *Psicanálise de Crianças*, Porto Alegre: Artes Médicas, p. 38-46.
- MARTINS, O. (2003) Das vicissitudes dos traços gráficos ou de como a estrutura se faz letra, In: PINTO, G. (org)- *Coisa de criança e Desenho: por que não?*- Salvador: Ágalma, p.153-170.
- MAYRINK, C. (1999) Função do esquecimento na estrutura- *Letra Freudiana*, ano XVII, 23, p. 99-101.
- MEIRA, Y. (1999) A criança e a escrita - *Letra Freudiana*, ano XVII, 23, p. 145-151.
- MEIRA, Y. (2004) *As estruturas clínicas e a criança*, São Paulo: Casa do Psicólogo.
- MELMAN, C. (1997) Sobre a infância do sintoma. In: BERNARDINO, L. (org)- *Neurose infantil versus neurose da criança- As aventuras e desaventuras na busca da subjetividade*. Salvador, Ágalma, p. 15-26.
- MELMAN, C. (2004) A fobia da escrita. In: MELMAN, C. et al- *O significante, a letra e o objeto*- Rio de Janeiro: Companhia de Freud,137-144.
- NAVEAU, P. (2001) A criança entre a mãe a e mulher- Conferências de Pierre Naveau: O gozo do pai e o desejo da mãe, *Curinga*, 15- 16, p. 131- 183.
- NOMINÉ, B. (2002) A criança e o saber, *Marraio- Impasses do saber*, 3, p. 57-67.

- POMMIER, G. (2004) Da passagem do objeto ao moedor do significante, In: MELMAN, C. et al- *O significante, a letra e o objeto*- Rio de Janeiro: Companhia de Freud, p. 119-126.
- QUILICHINI, J. (2004) O significante, a letra e o objeto: articulações, In: MELMAN, C. et al- *O significante, a letra e o objeto*- Rio de Janeiro: Companhia de Freud, p. 7-14.
- RODULFO, R. (1990) *O brincar e o significante- Um estudo psicanalítico sobre a constituição precoce*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- SAFATLE, V. (2004) Gênese e estrutura do objeto do fantasma em Jacques Lacan, *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p.155- 169.
- SALIBA, A. M. (1999) A letra da inocência - *Letra Freudiana*, ano XVII, 23, p. 47-53.
- SANTIAGO, A. L. (2005) *A inibição intelectual na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- SAURET, M. (1997) *O infantil e a estrutura- Conferências em São Paulo (29, 30 e 31 de Agosto)*. São Paulo: Escola brasileira de Psicanálise.
- SAUSSURE, F. (1969) *Curso de lingüística geral*, São Paulo: Cultrix.
- SEGAL, H. (1975) *Introdução à obra de Melanie Klein*, Rio de Janeiro: Imago.
- SOLER, C. (1995) *Variáveis do fim de análise*, São Paulo: Papyrus.
- TEIXEIRA, A.B. (2003) Transferência e análise de crianças. In: PINTO, G. (org)- *Coisa de criança e Desenho: por que não?*- Salvador: Ágalma, p. 21-28.
- TENDLARZ, S. E. (1997) Algumas indicações de Lacan, In: TENDLARZ, S.E.- *De que sofrem as crianças? A psicose na infância*. Rio de Janeiro: Sette Letras, p. 51-70.
- VEGH, I. (1989) *A clínica freudiana*, São Paulo: Escuta.
- VIDAL, Eduardo (1999), Um outro saber - *Letra Freudiana*, ano XVII, 23, p. 21-28.
- VIDAL, M.C.V. (1999) O saber inconsciente: seu lugar no discurso analítico- *Letra Freudiana*, ano XVII, 23, p- 6-12.
- VIDAL, M. C. V. (2001) Quando chega ao final a análise com uma criança?, In: VIDAL, M.C.V. (orga)- *Quando chega ao final a análise com a criança?*- Salvador: Ágalma, p.13-26.
- VINCENT, D. (2004) O anagrama: a letra bem próxima do real, In: MELMAN, C. et al- *O significante, a letra e o objeto*- Rio de Janeiro: Companhia de Freud, p.45-51.
- VINHEIRO, V. (2001) Um galho morto na margem, In: VIDAL, M.C.V. (orga)- *Quando chega ao final a análise com a criança?*- Salvador: Ágalma, p.44-52.

- VORCARO, A. (1999) Da holófrase e seus destinos. In: VORCARO, A., *Crianças na psicanálise: Clínica, instituição e laço social*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, p. 19-58.
- ZACHARIAS, A & PERES, R. (1999) Como o saber. *Letra Freudiana*, ano XVII, 23, p. 54- 63.
- ZALCBERG, M. (2003) *A relação mãe e filha*, Rio de Janeiro: Campus.
- ZIZEK, S. (1992) *Eles não sabem o que fazem- O sublime objeto da ideologia*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- ZORNIG, S. (2000) *A criança e o infantil em Psicanálise*, São Paulo: Escuta.

ANEXOS

Anexo 1-

Sessões

O desenvolvimento do processo terapêutico - Sessões

As sessões ocorridas durante os três anos encontram-se à baixo, numeradas na seqüência. Essa descrição refere-se a trechos das sessões ou as sessões inteiras. Quando existe mudança no ano de atendimento, ela é indicada.

2003

1) Silas entra na sala e pega na caixa lúdica a família de bonecos. Diz que um boneco é o avô, outro, a avó e me dá a boneca. Então, pega outra boneca e diz que é a “filhinha”. E brinca com os bonecos da avó e do avô.

T O que o avô e a avó estão fazendo?

S- Dançando (silêncio) aí vem o ladrão e pegou...

T- O que ele rouba?

S- A bolsa (da avó).

Silas faz então o ladrão brigar com o boneco (que é o batman) e guarda os dois na caixa lúdica, dizendo que o ladrão “sumiu” e outro boneco foi para casa. Ele pega o fantoche do jacaré e faz o boneco do avô sair correndo atrás da avó e da filha dizendo “Vamos”, fugindo do jacaré. O avô bate no jacaré e o batman aparece e bate também. Então, o avô volta-se para a filha e diz: “Estão bem”.

Silas pega ainda o boneco do dinossauro e morde o jacaré e fala: “morreu”. Depois, diz que o avô vai comprar algo para a filha e faz o avô conversar com um vendedor:

S (avô)- Uma boneca... quanto é? (silêncio) Um real... tó!

T- O que ele comprou, Silas?

S- Uma boneca que fala.

Então, os quatro bonecos (avó, avô, filha e a boneca) vão para casa e Silas põe o avô e a avó para dormir em um canto da casa e a filha e a boneca em outro. Eles acordam e o avô vai comprar pão: “Quanto é? Um real e cinquenta... tó!”. Pega da caixa, a filha e a boneca e diz novamente que vão todos dormir. Quando acordam o avô vai comprar pão e a avó fala que: “Precisa arrumar o cabelo... embaraçado...”. E a avó penteia o cabelo da filha e faz uma trança. Silas parece perceber que o cabelo da filha é parecido com a boneca que chamou de ‘boneca que fala’ e diz assim, que são irmãs. Quando pega o boneco do avô, olha que a calça dele está a baixo da cintura e diz: “Ai”, puxando as calças do avô para cima e faz os bonecos deitarem-se de novo.

T- Silas, onde eles estão?

S- Na praia.

E Silas diz que vai fazer “comidinha”, pega o fogão, as panelas e outros móveis da casa, como a mesa, cama, box do banheiro etc. Ele começa a montar uma casa com esses brinquedos quando vê uma privada e fala: “xixi”. Depois, põe a filha frente ao espelho e fala: “Não dá para ver” e tira a boneca da frente do espelho, falando que vai cozinhar. Põe o ovo e a cebola no forno e diz:

S- Viu aumentar o fogo ... o ovo está quase pronto- E Silas faz o avô comer um doce e a cenoura.

Depois tenta guardar a panela na geladeira, diz que “não cabe” e põe em outro lugar. E Silas faz o avô fazer xixi na privada e tenta fazer a filha fazer xixi também, mas quando vai colocar ela sentada na privada, essa é derrubada e ele diz “Tá bom”. E olha então para a cama, como havia colocado ao contrário, ele muda de posição essa e se pergunta em voz alto: “Quem cabe?”. Coloca uma boneca, mas as pernas delas saem fora da cama e diz: “não cabe ninguém”.

2) Silas entra na sala e fica parado em pé. Pergunto se ele quer brincar e ele anda em direção à caixa lúdica e pega dessa o jacaré e me dá um outro fantoche de um menino.

S (jacaré)- Quem é você?

Pergunto quem é o fantoche que seguro e Silas diz que é o “Pedrinho”.

S- (jacaré diz para Pedrinho)- Oi!

Silas faz o jacaré 'nadar' e comer um peixe. Quando vê um boneco com um chapéu, fala: "Olha! Cowboy". E coloca o cowboy no carro e pega também, uma moto. Silas pega a boneca e coloca ela com o boneco no carro e faz esses passearem pela sala.

T- Para onde eles estão indo?

S- Para o casamento- E Silas me dá a boneca.

T- Quem é ela, Silas?

S- Menininha- Aproxima os dois bonecos e brinca com os dois:

T- O que eles estão fazendo?

S- Dançando...

Silas então, coloca o boneco na moto e coloca a boneca no carro e diz que estão indo para a praia, "Vamos". E eu movimento o carro com a boneca.

S- Vamos nadar!

T- O que a menina (como ele chamou a boneca) é do homem?

S- Amiga... você...

Silas faz como se tirasse a roupa do boneco, pergunto se a menina nada também, ele diz que ela "vai". Ele faz os dois nadarem e depois diz que os dois vão "comer algo... voltam e vão dormir".

T- Eles estão parados!

Silas pega o cachorro e brinca de depois diz que ele dormir também.

S- Acordam!

E pega o boneco e o coloca com os braços no chão. Pergunto o que o boneco está fazendo e Silas responde: "Machando... fazendo exercício". Silas pega o homem-aranha e aponta para um outro boneco, dizendo: "Seu ladrão". Pergunto o que ele roubou e Silas responde "a moto". E faz os dois bonecos brigarem devido ao roubo, colocando o homem-aranha dentro da caixa lúdica.

T- O ladrão ficou com a moto?

S- É

E Silas pega a espada, pergunto para quê a espada e ele diz:

S- Para matá os homens...

T- Que homens?

S- Os ladrões...

Depois pega o avião e diz que vai para a praia atrás "dos homens... 20 homens... ladrões". E Silas pega a faca e diz que é para cortar os ladrões. Pega então a arma e a aponta para um boneco, nomeando esse de "ladrão".

T- Quem ele roubou?

S- Eles (aponta para a menina e o boneco).

Ele atira diversas vezes com a arma no ladrão e repete "morreu". Quando pergunto: "morreu?", Silas diz que "não morreu" e depois, "morreu". Silas pega o cachorro e põe o dedo na boca dele, atira no cachorro e desliga o cachorro (fazendo ele ficar 'morto', parado). Então liga novamente o cachorro e põe na boca dele, deixa-o em cima do ladrão caído e atira novamente no cachorro. Aí Silas tira o cachorro de cima do ladrão (batman) e, enquanto atira novamente no cachorro, diz para o ladrão:

S- Você me roubou, vou te matar!- O cachorro e o ladrão ficam caídos:

T- Os dois morreram?

Silas olha parado, guarda o boneco do ladrão e o cachorro e pega um outro boneco na mão.

3) Silas pega uma boneca, dizendo que é a "barbie", e um boneco que nomeia de "homem-aranha". Pega, então, os brinquedos relacionados a casa (móveis como mesa, banheiro etc) e encontra uma maleta vermelha de médico, dizendo que a barbie é "médica". Pergunto o que a médica faz e ele diz: "Ouve o coração", colocando o estetoscópio em outro boneco.

T- Ouve o coração para quê? (Silas não responde) É para ver se o coração bate?

Silas, então, pega o cachorro e diz que ele nasceu. Tenta ligar o cachorro, mas a pilha está fraca e o cachorro anda um pouco e pára; e Silas fica nervoso. Ele põe o dedo na boca do cachorro:

T- O que o cachorro fez? (ele não responde) Mordeu?

S- (sorri) É.

Silas pega um boneco e tenta pôr em cima do skate, mas o boneco cai e Silas tenta mais uma vez, porém desiste e o guarda na caixa lúdica. Depois, Silas pega os bichos e fala que são os “bichos da selva”. Faz o tigre pular no boneco e diz que o boneco “morreu”. Aí, pega o estetoscópio e põe no coração do boneco, como se tentasse ouvir e confirma: ‘Morreu!’. Depois, põe todos os bichos em círculo e derruba todos.

T- Eles morreram?

S- Não...

T- Estão dormindo? (ele sorri e diz “é”).

Depois, Silas pega o fantoche (Pedrinho) e põe sua mão dentro da boca dele, dizendo que depois que o Pedrinho vai “vai comer lanche”. E Silas fica abrindo e fechando a boca do fantoche, dizendo que ele está comendo um “hamburger” e que depois, o Pedrinho vai para a “escolinha”.

4) Entrevista com avó e S.

5) Silas entra na sala e fica parado. Pergunto se ele quer brincar um pouco, ele vai em direção à caixa e pega alguns bonecos da família (avó, avô e uma menina) e depois, os bichos (o tigre que chama de “leoa”, o porco, etc). Ele coloca todos no caminhão, com exceção de dois bonecos que deixa ao lado, e diz que eles vão passear.

T- Silas, dois ficam? (ele não responde, anda com o caminhão e dois bonecos caem) Eles morreram?

S- Morreu (E levanta os bichos) Não morreu!

Então, Silas faz o caminhão bater e cai novamente alguns bichos, e diz: “Morreu”. Depois, ele pega um boneco no qual ascende uma luz (no peito) e passeia com ele. Pergunto o que o boneco está fazendo, Silas diz que o boneco vai descobrir quem é o ladrão. E fala que foi um dos bichos que roubou a mochila e diz que a polícia (que é a leoa) vai prender o ladrão. A leoa procura o ladrão no caminhão entre os outros bonecos e bichos e depois, diz: “Achei”. Silas faz então a leoa morder o ladrão e diz que ele “morreu”.

Silas continua a passear com o caminhão. No decorrer desse jogo, mais dois bichos caem e pergunto se os dois morreram. Silas diz: “Fica só ele” (indicando um bicho) e levanta os outros dois bonecos que haviam caído. Pega então uma boneca e a coloca ao lado da avó, dizendo que ela é a “irmã”. Depois, coloca todos os bonecos no caminhão e derruba todos.

T- O que aconteceu?

S- Caiu!

Silas diz que no caminhão vai andar “os pequenos primeiro” e coloca nesse somente os bichos pequenos. Depois, coloca também os grandes no caminhão. Enquanto passeia com o caminhão, um outro bicho cai e Silas diz: “Tá machucado, vai pô hospital” e fala que os outros bichos vão para o zoológico.

Então, Silas tira todos os bonecos do caminhão e diz que eles vão dormir, colocando-os deitados no chão. Ele pega dois fantoches: um que é o ‘jacaré’ e o outro, o “Pedrinho” (como Silas chama). Na brincadeira o jacaré está “nadando” e então depois um fica mexendo na boca do outro:

T- O que eles estão fazendo?

S- Limpando a boca... não tem comida... (Silas faz o jacaré abrir a boca)

T- O que o jacaré está fazendo?

S- Comendo ele.

T- Comendo o Pedrinho?

S- Comendo ele mesmo.

6) Silas novamente entra na sala e fica em pé, pergunto se ele quer brincar um pouco. Ele abre a caixa lúdica e pega a família, o fogão e brinca de cozinhar (um feijão). Depois que todos comem, ele deita os bonecos no chão e diz que “estão dormindo” (e sorri). Então, Silas coloca a família e

mais dois bichos no caminhão, dizendo que primeiro entram os bichos, e faz o caminhão andar. Mas depois de algumas voltas, Silas derruba todos os bonecos no chão.

T- Morreram?

Silas pega uma arma, atira nos bonecos e pega uma boneca (que é da avó) e diz a ela: “Você também”. Depois, imita uma voz fina (como se a boneca falasse) e diz: “O ladrão, acorda”. E pega outra boneca, para a qual o ladrão diz:

S (ladrão)- Fica parada senão atiro!

S- (imita a mulher): NÃO!

Silas faz o ladrão atirar na boneca, no corpo dela e depois coloca a arma dentro do vestido dela e atira. Depois, novamente atira no corpo dela (por fora do vestido) e na cabeça.

T- O que o ladrão fez?

S- Matou (...) a polícia

Silas pega o dinossauro (polícia), derruba todos os bonecos e diz que todos “vão para cadeia!”. Coloca então, a espada no ombro e diz: “Vou pegar o ladrão (saí na sala, como se procurasse ele) Vou te matar!”. Depois, se senta e finge estar dormindo, até que se levanta, pega a espada e cai no chão:

T- O Silas tá dormindo... (Ele pega a espada e cai novamente no chão)

T- O que aconteceu com o Silas?

S- Morreu (fica caído)... o ladrão matou...

Silas então se levanta e fala que ele é o delegado, e brincando de bater no ladrão, diz: “Você quer me matar mais uma vez”.

7) Silas brinca com o cachorro, colocando seu dedo na boca dele. Depois, faz um desenho que envolve: um sol, um peixe (que está na água), duas pessoas, corações e uma flor. Neste desenho também escreve: “ACA” e faz uma ‘cobra’, que depois chama de ‘monstro’.

8) Silas desenha um sol e pergunta: “Como faz um homem dormindo?” e me dá o lápis. A psicóloga desenha e vai perguntando a Silas como ele quer, como que é o homem, onde ele fica. Depois, Silas diz que vai fazer um menino e uma menina e, ainda, desenha uma mulher.

T- Quem é?

S- A mãe, ela que expulsou o filho... vou fazer o pai.

Ele parece estar atento para fazer o cabelo do pai parecido com dos meninos.

T- O cabelo dos pais é igual dos filhos?

S- Ele (pai) tem a camisa listrada, esse também (menino)

T- Silas tem diferença de idade com essas crianças (menino/menina)

Silas desenha mais um menino:

S- Esse é o menor (...) ele está bravo porque a mãe mandou o filho embora...

T- E o menino, o que ele quer?

S- Que ele ficasse...

Silas faz 3 pipas que são de dois meninos (filhos) e do homem (pai).

9) Silas retoma a brincadeira com relação aos ladrões e, no início da sessão, diz que eles “roubaram a bolsa e o dinheiro da mulher (...) Vou matar”. Depois de matá-los, Silas diz:

S- Matei com minhas próprias mão e pés... Sou Jackie Chan..

Vai para banheiro e faz como se tivesse sido amarrado pelos ladrões e diz que foi os ladrões que o amarraram. Depois, é ele que vai amarrar os ladrões, mas volta do banheiro cambaleando e diz:

S- Se me matarem, eu já morri!

10) No decorrer da sessão, Silas passa a faca em seu pescoço.

T- O que você está fazendo?

S- Tô treinando pra matá os ladrões o chefe pediu.

Depois ele diz:

S- Eu sou o chefe!

E Silas vai para o banheiro, segurando a espada, e bate diversas vezes no cordão da descarga, dizendo:

S- Sou o chefe... não sou o escravo.. sou chefe ... sou es... (para e continua) chefe...

T- O que escravo faz?

S- Bagunça.

T- E o chefe?

S- Mata ... sou o chefe... falta dois.

Então, pega um dinossauro, bate nele com a espada e depois Silas pega o dinossauro no colo, o embalando:

T- É um bebê Silas?

S- É.

T- E o que vai fazer como bebê?

S- Cuidar dele.

Ele abraça o dinossauro, mexe na boca dele e o coloca na janela. Vai então, brincar de matar os ladrões e, enquanto brinca, o dinossauro cai da janela. Silas para de brincar de matar e pega o bebê- dinossauro que havia caído e o coloca no colo. No final da sessão falo que vou chamar a avó dele e ele diz:

S- Minha mãe.

11) Silas diz que o ladrão “Matô a mulher” e vai para o banheiro. Brinca de bater no fio da descarga do banheiro como se fosse uma pessoa e diz (gritando):

S- Gay... (como se outra pessoa falasse isso para ele) não sou gay... sou chefe...

T- Do que ele te chamou Silas?

S- De bicha.

T- O que é bicha? (ele não responde)

Ele então pega dois bonecos, diz que um é um homem e outro é mulher e faz os dois se beijarem.

T- Eles se beijaram?

S- É... são namorados... são irmãos... Ah, não! São dois homens...

12) Silas entra e pega um boneco (homem), tira a roupa dele e ri quando vê ele pelado.

S- Banho.

T- Silas, uma vez você ajudou o papai a tirar a roupa.

Silas brinca de dar banho no boneco e veste ele.

13) Silas faz um desenho e diz uma pessoa que desenhou é o “Gucu” e a outra, é o “filho dele”. Então pega o fantoche, que chama de “Pedrinho”, e faz ele abrir e fechar a boca.

S- Silas, o Pedrinho está falando alguma coisa? (Ele ri)

Silas pega as armas e diz que é “para matá os ladrões”.

14) Silas pega o boneco (um homem) e tira a blusa dele.

T- Que nem o papai foi na sua casa e você ajudou ele, o que ele fazia quando foi lá?

S- Tomava banho.

T- Vocês conversavam?

S- Não.

Ele tira a roupa do boneco, dá banho e fala:

S- Ele está de férias.

T- O que ele vai fazer?

S- Fica rico!

Silas põe um chapéu no boneco e arruma ele, quando vê esse boneco todo arrumado diz “AH!...”.

T- Acho que você queria ver o papai assim, todo arrumado...

S- É (sorri) .. Vai saí.

Silas tira a roupa do boneco, mas depois diz que ele vai ficar com a calça e blusa, porque está frio. Veste o boneco novamente e pega uma boneca:

S- É a namorada dele.

T- O namorado e namorada... que nem o papai e a mamãe... (ele ri)

Então Silas arruma o cabelo da boneca, faz ela e o boneco se beijarem e tira a roupa da mulher. Depois veste novamente a boneca e diz: “É o marido. Ele é rico e ela também, como na novela, vão se casar”.

OBS: NESTE DIA DA SESSÃO, A PROFESSORA DE SILAS DIZ QUE ELE COMEÇOU A ESCREVER, MAS AINDA, NÃO A LER.

15) Silas faz um desenho de dois camelo, como nomeia. Em cima de um camelo, ele desenha uma menina e, em cima do outro, Silas desenha um menino. Diz:

S- Meu irmão foi no zoológico.

T- Com quem?

S- Minha irmã.

16) Desenha um homem pescando e uma “baleia”.

17) Nesta sessão, Silas diz: “Vou no passeio amanhã”.

T- Aonde que é o passeio?

S- No parque.

Ele faz um desenho de uma pessoa grande e uma pequena. Pergunto quem é, ele não responde:

T- é o filho? (ele não responde)

Então, Silas desenha uma casa e mais uma pessoa, e pergunta:

S- Como faz uma mulher comprando? (e me dá o lápis)

S- E um homem? (me dá o lápis, novamente)

T- Agora vamos fazer juntos...

Após o desenho da mulher e do homem, falo:

T- Uma mulher e um homem, que nem o papai e mamãe.

S- Tem avô e avó também ...

T- Você quer fazer?

Silas fica parado, indeciso, mas então começa a desenhar essas pessoas. Depois, faz também um menino.

T- Parece uma família que nem Silas tem, tem a mãe Berenice, tem o pai celso, avô e avó. E é avó de quem? (ele não responde).

T- E o Silas onde fica? (ele faz um menino do lado do avô e avó).

T- Desde de pequeno você foi criado pela sua avó.

18) Silas pega o papel, lápis e pergunta:

S- Como faz uma avó de óculos?

E me dá o lápis. Após desenharmos juntos a avó, seguindo as indicações que Silas dava, ele pergunta:

S- Agora o vô (depois) A tia...

T- Qual o nome da sua tia? – E depois diz:

S- E., a mãe e eu (e ri)

T- Qual o nome da sua mãe?

S- Maria A.

S- Mas e a avó? De quem é? (ele fica em silêncio) E a mãe Berenice? Você nasceu na mãe Berenice e foi sua avó, Maria A., que cuidou de você desde de pequeno.

S- Agora Berenice (...) e meus irmãos... Sara e Cesar... (desenhamos) Agora meus dois irmãos que morreram... (depois) Agora meu tio S.

Depois de desenharmos essas pessoas da família, pergunto:

T- E seu pai, Celso?

S- Meu pai apareceu na Francisco Matarrazo!

T- E o que aconteceu?

S- Não sei, ouvi minha mãe (referindo-se a avó) conversando com minha tia...

T- Podemos chamar sua avó para conversarmos.

S- É né! Para ver o que aconteceu... Agora o pai! (e desenhamos)

T- Olha Silas, sua família!

S- Minha mãe vai ficar brava se ele (pai) voltar...

T- Por que Silas?

S- Porque ele é safado...

T- E como que é? O que é safado? (ele não diz).

19) Avó comparece na sessão e diz que agora Silas “fala, lê... tentamos de tudo”. Silas, que está sentado ao lado da avó, pega uma revista e começa a ler, às vezes olhando para a avó: “pa.. mo...ca...monica”.

20) Silas faz um desenho de uma mulher e diz que ela é a “mãe”.

T- Qual o nome dela?

S- Maria A.

T- Maria A. é sua avó, ela é mãe do Celso, o Silas é filho da Berenice e do Celso.

Ele pega o jogo de letras e tenta formar palavras SARA e SILAS. Como eu havia escrito embaixo dos desenhos da família, quando Silas nomeava as pessoas de sua família que havia desenhado, ele pega o desenho e escreve (copiando): CESAR.

T- Os três irmãos, Silas, Sara e César.

S- Agora Maria A.

Silas pega o desenho que tinha o nome escrito dela, mas quando vai copiar, ele copia: MÃE BERENICE.

OBS: A PROFESSORA DIZ QUE SILAS ESTÁ BRINCANDO COM OS AMIGOS E QUE AGORA ESTÁ LENDO TAMBÉM.

21) Silas faz um desenho de uma casa, um sol e duas pessoas. Então, escreve JAL e FEPEIAS.

T- O que esta escrito?

S- Ah! Fernando...

T- Quem é Fernando? (ele não responde)-

E Silas escreve: SILAS; SARA; CESAR; MÃE BERENICE (grifando a palavra mãe)

T- Mãe é Berenice?

Ele não responde e escreve: E. (nome da tia), F. (nome do primo) e outros nomes.

T- Quem é F.?

S- Meu primo.

22) Silas escolhe um jogo para brincar. Esse jogo é composto por cartas que solicitam que o participante do jogo responda ela escrevendo a resposta através de letras do alfabeto, que o jogo também oferece. Silas pega uma carta que pede um nome de um animal, ele monta com letras a palavra MACACO. Depois, quando a carta pede uma fruta, Silas escreve: BANANA. E sem pegar outras cartas, escreve ainda: SAPA. Então, Silas fala que é minha vez de escrever uma palavra.

Escrevo: pai. E ele pega uma outra carta, que pede para se escrever um nome com 5 letras, Silas escreve: MAMÃE. No final da sessão, diz:

S- Minha mãe comprou um tênis para mim.

23) Silas pega o jogo de palavras novamente, sorteia a primeira carta. Essa pede para se escrever uma palavra com 6 letras e Silas escreve: PI, e depois, PAI. No decorrer do jogo, ainda escreve: MACACO e ANTONIA. Quando a carta do jogo pede para se escolher qualquer palavra, Silas ele escolhe: “vovô” e depois “avó”. As outras palavras que Silas monta é: E. (nome da tia), BOLO E SAPATO.

24) Esta sessão é realizada com Maria (avó) e o Silas. A avó fala da gravidez de Berenice, diz que o Celso não queria um filho homem e que ele e Berenice tiveram muitos filhos, porque Berenice não tomava pílula e que se amassem filhos, teriam menos. Ela comenta ainda, da escolha do nome de Silas.

25) Silas pega um boneco de passarinho, que anda quando é dado corda nele. Coloca ele no chão e fica olhando-o. Mas o passarinho não se mexe e Silas, então, vai desenhar. Ele desenha um sol, um rosto humano e um “pato” e pede para eu fazer outro “diferente” do dele. Então, faz uma porta e uma pessoa.

26) Silas entra cabisbaixo e, novamente, pega o passarinho, dá corda nele e o coloca em cima de um móvel na sala de atendimento. O passarinho anda e pára diversas vezes. Quando o passarinho pára, Silas fica nervoso e às vezes, além de dar corda, bate no passarinho. Então, coloca o passarinho no chão, novamente dando corda e batendo nele para ele andar. Depois, ele coloca o passarinho para andar na fresta em baixo da porta, ou no canto da sala e o brinquedo fica todo sujo.

27) Silas pega o cachorro e coloca uma fita vermelha no pescoço dele. Tenta ligar o cachorro, mas a pilha está fraca e ele não consegue; então, Silas deixa o cachorro dentro da caixa lúdica e vai desenhar. Ele desenha uma mulher, um rosto, uma “minhoca” e depois escreve: SILAS; 3 C; e IVONE (que é o nome da professora).

28) Silas traz o jogo de cartas (card).

T- Que jogo é esse?

S- Bate.

Normalmente, neste jogo as cartas ficam viradas com as figuras para baixo, ocultas, e quando você ‘bate’ tem de virar as cartas, ficando visíveis as figuras. Se você consegue fazer isso, você pega essas cartas. No caso de Silas, o jogo envolvia ‘bater’ nas cartas que estavam com as figuras para cima (visíveis) e, ao virá-las, ocultar as figuras. Silas vira mais cartas que a terapeuta e diz, sorrindo:

S- Eu sabia que eu ia ganhar! – E sorri.

E durante a outra jogada, fala: “Estou quase ganhando”.

29) Novamente, Silas traz o jogo das cartas (card). Ele joga sozinho até virar todas as cartas, ocultando as figuras. Porém, deixa uma carta com uma figura de mulher aparecendo (virada para cima).

T- Ficou uma mulher.

Silas faz um desenho de um “robô”. Depois, pede para eu fazer um menino e um “outro menino” e escrever: Sara, Silas e Cesar.

S- Agora Maria A.

Ele fala para eu escrever E. (nome da tia), S. (nome do tio) e F. (nome do primo). Devido aos efeitos da entrevista com a avó e Silas sobre seus pais de Silas, retomo o que a avó falou: “Sua avó falou Silas que a mamãe ligou para dar uma notícia que estava grávida de gêmeos, sua mãe

falou que era uma ‘grande notícia’ e que seu pai não queria um menino, mas ele aceitou você e escolheu um nome, ele teve um menino e uma menina”. Silas faz sim com a cabeça, sorri e parece encabulado. Depois desenha um prédio.

30) Silas entra na sala de atendimento e pede para eu desenhar ele, sua irmã e seu irmão. Falo que ele já pode falar e desenhar sobre a família dele. Ele faz um desenho com várias pessoas e escreve “Silas ATOR”. Pergunto o que é, ele não responde.

2004

31) Silas entra na sala, abre a caixa lúdica, olhando o que tem dentro e vai desenhar. Primeiro, ele desenha uma pessoa. Pergunto quem é, mas Silas não responde, sorri e olha para o desenho e para mim. Então, pega os bonecos da família e diz que um é a avó e outro o avô, e faz os dois se beijarem:

T- A avó e avô são namorados?

Silas diz “Não!” e me pergunta como faz a avó cruzar as pernas. Fico em silêncio, ele cruza as pernas da avó. E enquanto olha os bonecos da família, diz: “Ih! Caiu um pedaço. Ah, não, é outro”- quando percebe que se trata de um bebê. Silas então, segura um boneco e uma boneca e diz: “Esse sou eu, essa é a Sara”. E depois, separa mais um boneco que diz ser o tio e, uma boneca que diz ser a avó. Silas fala, ainda, que ela está doente.

T- O que ela tem?

S- É de mentira...

T- E de mentira como que é ?

Silas fala que a família vai visitar a avó. Depois, Silas joga na mesa um saco de bichos e diz: “Precisa organizar a natureza”. E ao arrumar os bonecos, ordenando-os, diz:

S- O porco fica aqui, na lama (Silas vê outro porco) Tem outro! (ri) São irmãos (ele pega um outro bicho)... é o panda (ele vê que o panda fica em pé) Ah, não, é urso. ... Dois elefantes, são irmãos... Ih, Sujou ! Mais um porco.. Ih! Quanto... (e olhando para os outros animais, continua) Vou arrumar todos.

Após organizar os bonecos, ele diz que cada boneco da família vai pegar um bicho, depois dá outro bicho para cada um. Quando Silas olha para a boneca (nomeada de avó), ele percebe que ela está sem nenhum bicho e diz:

S- Ah! Esqueci dela, agora vai pegar dois de uma vez.

32) Silas pega diversas tintas, joga-as no papel, uma em cima da outra e diz que vai misturar para ‘ver’ como fica. Ele mistura o verde com o preto, e diz: “Olha! Arara”. Pergunto o que é arara, ele não responde. Depois pega o giz, dirigiu-se à lousa e escreve: CASA, DIAD, DEDO, EDMUNDO DE CARVALHO.

T- É a sua escola, Silas!

Então, ele desenha uma forca e fala: “Quem errar vai ter a cabeça aqui” (apontando a forca). Eu falo as letras ‘a’ e ‘e’. Silas escreve as letras que falo em seguida, não formando palavra e diz:

S- Tá errado!

T- E se errar?

S- Vai fazendo o corpo, o homem morre.

Ele apaga e na outra jogada diz B, e escreve. Eu falo O, depois L e A. Falo as letras que poderiam formar uma palavra, e não qualquer uma. Silas lê: “Bola” e depois, escreve CARO. Quando lê, diz: “ falta um R!”.

T- Silas, as letras vão formando palavras...

Silas e eu formamos o nome do primo (F.) e o nome da irmã (SARA). E ele, então, diz: “Agora tá fácil, agora eu consigo!”. E formamos a palavra SILAS, seu nome próprio.

T- Tem o primo e os dois irmãos.

Na outra jogada, ele escreve S mas apaga e corrige, escrevendo C. Diz que “é com C” e escreve CERAS. Quando lê, corrige para CESAR, o nome do irmão. Havia assim trocado a letra R com a letra S.

T- Os três irmãos, Sara, César e Silas.

Depois, escrevemos o nome da avó: MARIA

T- Tem avó e os três irmãos e os pais?

Silas escreve Q e diz “Q não”, escreve A, eu falo B, ele escreve D. Silas escreve as letras em seguida (QABD) e, depois de olhar, apaga tudo.

T- Quando fala da mãe e do pai fica confuso?

33) Silas pega o jogo de damas da caixa lúdica e escolhe as peças brancas, enquanto eu fico com as pretas. No início do jogo, quando é a vez de Silas, ele joga duas vezes. E no final do jogo, ele não come mais as minhas peças (mesmo quando é possível) até eu comer alguma peça dele.

T- Acho que você deixou eu ficar com a peça, podia comer e não comeu (Silas ri).

Depois de brincarmos de corda, Silas pega papel e material para desenhar e diz:

S- Desenha um homem, não sei desenhar...

Falo que ele sabe e que já desenhou, mas que podemos fazer juntos. Eu e ele fazemos um homem. Durante seu desenho, Silas apaga e pergunta: “Como faz um vestido?”. Eu pergunto como ele acha que é, e Silas desenha mais uma vez uma pessoa, agora com um vestido. Quando pergunto se é uma mulher, ele ri.

Ele, então, pega o papel e faz o contorno de sua mão e diz :“Depois você desenha a sua”. Após fazer o contorno de sua mão, Silas a recorta e diz: “Agora uma máscara para mim”.

T- Como que vai ser a máscara?

S- Grande! (sorri)

Ele faz listras na máscara, desenha o contorno dos olhos e da boca, um nariz e diz: “Homem-aranha”, e ri.

34) Silas traz bolinhas de gude para a sessão. Depois de diversas jogadas, as minhas bolas acabam e vou pegar uma bola de gude no canto de um lado da sala de atendimento (lado direito). E Silas diz: “ Não, nesse lugar nasce”. Vou para outro lado e pergunto:

T- E nesse lugar? (ele não responde e diz)

S- Se eu bater em você, você morre.

Quando Silas ‘bate’, acertando outra bola, falo: “Eu morri”. Ele ri e novamente joga a bola de gude. Na seguinte jogada que acerta, ele diz:

S- Matei, vai para o outro lado da sala (quando chegou ele fala) nasceu...

T- Mata e nasce.

S- Ih! Esqueci de terminar minha máscara.

Silas pega a máscara, uma tesoura e recorta o nariz, o olho e a boca, em cima dos contornos que havia desenhado). E põe ela no rosto.

35) Silas faz um desenho de um menino, uma menina (dizendo que eles são primos) e um “bichão” de 3 patas. Embaixo dele, Silas desenha o que parece ser um rio, ou mar e diz que é “água”. Depois, ele desenha um “bichinho”, um “sol”, uma “fogueira” e a “fumaça”. Pinta esses desenhos e desenha mais um outro animal, uma árvore e um rosto humano. Quando pergunta à Silas de que era esse rosto, ou sobre quem era o animal que desenhou, ele não responde e vai em direção à lousa. Silas escreve os números: 1,5, 2, 3 (o três é escrito de forma que acaba parecendo um S) e depois, “5 x 5 =10”.

T- Cinco vezes o cinco dá dez? / S- É.

Ele faz: 1
3

4

T- Um mais três dá quatro?

Silas desenha a mesma conta, ocupando a lousa toda. É importante apontar que o número 3 que ele escreve, como o número 5, passam a ser 'transformados' e acabam parecendo um S. E Silas, ainda, escreve: SESC.

T- Sesc?

Silas diz "Não!" e escreve: CASE. Quando leio o que está escrito, ele ri e diz "Não", novamente, e escreve: CESA. Depois, ele escreve: CARE, CASA, PATO, RATO, CASE, e faz um círculo em volta das 3 últimas palavras da série.

Silas vai transformando as letras dessas 3 palavras (circuladas) em rabiscos. Depois, escreve um S que é transformado no número 8. E então, transforma este número num rabisco, até que forma um ponto de interrogação:

T- É um ponto de interrogação, Silas?

Ele não diz nada e faz um ponto de interrogação grande na lousa.

T- É uma pergunta Silas? (Ele ri) Que pergunta que é?

Ele não responde, vai a caixa lúdica e pega o jogo de damas.

No decorrer do jogo, Silas desvia e não come minhas peças, só depois que eu como algumas peças dele, que ele passa a comer as minhas. Em uma jogada quando ele come uma peça minha, ele diz: "Obrigado" (ri e pega a peça que ele comeu).

36) Nesta sessão, Silas escolhe jogar dominó. Após ganhar a primeira partida sorri e diz: "Quem ganha, começa". E quando eu não tenho a peça para colocar no jogo, ele sorri. Ao dividir as peças ele conta 13 para mim e 13 para ele, mas fico com 11.

T- Silas você fica com 13 e eu com 11? (ele ri)

No decorrer do jogo, se eu não tenho a peça ele diz que é para eu passar, e se ele tem, ele compra. E quando é sua vez, ele joga duas vezes. Ele então, começa a cantar uma música que parece ser em inglês, mas que não dá para discernir a letra da música. A única frase mais clara é "I love you".

T- Que música é essa?

S- Não sei... ?

T- Tem 'I love you' (Ele ri).

Na outra partida, ele canta: "Peraê, Peraê, paraê, tá pensando o quê? Tá pensando o quê?". Depois que ganha essa partida fala: "Sou bom nisso".

T- E em que mais você é bom?

S- Ah, só nisso.

Depois, na terceira partida, ele divide as peças e conta 13 para ele e 13 para mim, mas me dá 11 novamente.

T- Silas você fica com 13 e eu com 11? (Ele ri).

Quando vou olhar as peças de dominó para ver se tenho alguma para colocar na mesa, Silas: "Não tem! Você não tem! Não tem". E quando digo que não tenho a peça, ele fala: "Obrigado!". Após diversas vezes repetindo isso, em uma jogada quando falo que não tenho, ele diz "obrigado", ele complementa: "De nada". Quando fala isso, ele começa a colocar as peças rapidamente, sem dar tempo para eu jogar, ou nem dando tempo de ver o que tenho na mão.

37) Silas entra um pouco cabisbaixo. Jogamos dominó. Dessa vez, ele divide as peças deixando 11 peças para ele e 9 peças para mim, e no segundo jogo também divide deixando mais peças para ele e menos para mim, sendo a diferença de 1.

T- Silas você fica com mais peças? (ele não responde).

No decorrer do jogo, primeiro cada um coloca sua peça. Depois, ele começa a colocar diversas peças na vez dele, inicialmente olha para baixo, depois fica se preparando com a peça na mão, eu jogar. Após o jogo de dominó, Silas pega as massinhas, uma de cada cor e as amassa, tudo junto e depois coloca uma bola de massinha na minha frente.

T- É para mim? (ele faz sim com a cabeça) E o que é para fazer?

S- Paçoquinha.

Ele faz outras bolinhas, amassa e coloca num prato, pega o telefone e fala:

S- Oi, é o Silas.... Tô fazendo... pode ser 9:30hs? Tá legal! (faz como se desligasse o telefone).

T- O que vai ter 9:30? (ele não responde e faz de conta que liga de novo)

S- (fala com voz grossa) Oi... é... pode vir? É o chefe..., 10 horas... (desliga)

T- É o chefe, o que ele quer? O que ele vai fazer?

Ele pega o telefone, e fala “tá bom” com voz grossa, deixa a massinha do lado e pega o revólver.

S- Eu sou o chefe, parado... (e atira e cai no chão)

T- Ih, o que aconteceu com o chefe? Ele morreu? (Silas ri e fica parado e depois se levanta).

S- Eu sou o chefe, cala a boca, se não vai para a delegacia...

T- Se não fica quieto vai para delegacia, por que?

S- Em pé, parada, levanta a mão, eu sou o chefe, dá a carteira... (e diz) Você morre... (depois) Não se mexe senão te mato.... Vou ligar para a policia federal. (muda a voz quando fala)

T- Por que a policia federal? O que acontece?

S- (fala ao telefone) Oi, é da policia federal? Aqui é o chefe (...) Cala a boca se não te mato (atira no telefone). Vai morrer, se mexer eu vou dar um tiro na sua cabeça, último tiro...

38) Silas entra sorrindo, pega a arma e atira.

T- Quem fica com a arma?

S- O chefe... (e pega o telefone)

T- Para quem está ligando?

S- Ninguém, Cala a boca (...) Vou matar você (atira em mim e fala para eu deitar na mesa)

T- Silas, a mamãe B. morreu e ficou numa mesa, enquanto a família conversava (ele sorri e diz):

S- Vai para cadeia.

Ele pega o giz e escreve na lousa: EES. Eu olho o que ele escreveu e ele diz: “Não olha, vai morrer!” (e atira). Ele pega a espada e diz que é X-men:

S- Poderes do tempo! Você vai morrer! (e brinca de jogar os ‘poderes’ em mim) Poderes do Preto!

T- Do preto? Poderes do preto como que é?

S- Do tempo...

T- Seu pai é preto, seus irmãos e sua avó.

Ele pega a espada e brinca de luta. Finge dar um golpe em mim, pergunto onde foi, ele diz:

S- No estômago...

Falo que ele nasceu da barriga da mãe, e Silas repete a brincadeira de dar ‘golpes’ na minha barriga (com a espada):

S- Agora no seu estômago, no outro estômago... (e começa a cambalear).

Silas diz então, que vai por fita em minha boca e tapar meus olhos. Mas depois muda a brincadeira e diz: “Sou o Wolverine”. Põe os palitos do jogo em suas mãos, como se fossem garras e brinca de me ‘matar’. Depois sobre na mesa e diz: “Poderes! O Bem vai lutar contra o mal (e fala depois de um silêncio) Quero morrer”. Pula da mesa e mira na almofada, quando cai nela diz: “Os poderes, obrigado”. Então, volta a brincar de dar golpes, fala que vai me ‘matar’ e no decorrer da brincadeira diz: “Eu matei ela”. Depois, ele fala que vai ganhar poderes e vai enfrentar o mal.

T- O que o mal quer?

S- O Wolverine! (Brinca de luta e diz) Vou fazer o que você fez comigo...

Depois da luta, brinca que joga um pó em mim. Diz inicialmente que eu estou melhor devido ao remédio (ao pó), mas depois fala:

S- Ah! O pó é que você vai virar um rato daqui a pouco.

39) Silas entra e pega a espada e me dá a arma. Fala que eu sou “do mal” e levantando a espada para cima diz “poderes do quatro” e atira em mim.

T- Quatro? (ele não responde)

É só ele que ‘acerta’ os golpes da espada, se atiro ele faz como se a espada o defendesse. Então fala: “Poder do laranja”. Joga uma bola, diz que é uma bomba, e fala: “Você vai virar cinza”. Depois fala:

S- Eu sou do mal, vou comer lagartixa (e atira).

T- O que o mal faz, o que ele quer?

S- Quer dinheiro, todo dinheiro... (aponta a arma e a espada) mais... mais (dinheiro, e atira)

T- O mal agora que ganha?

S- Ah, eu estava mentindo eu sou do bem...

Brinca de dar golpes na minha barriga e fala: “A barriga vai ficar gelada, vai nascer um monstro... Ainda não, as 13 horas... *(olha o relógio)* Ah, já é 13 horas, vou matar, vou matar você”.

T- A sua mãe B. morreu depois de um tempo que você e sua irmã nasceram...

Ele cai no chão, não se mexe e diz: “Vou descansar” .

T- Depois que você nasceu, ficou um tempo no hospital

S- A menina morreu! (e me dá golpes na barriga).

T- Você tinha uma irmã gêmea, P., que morreu.

S- Agora você vai virar um bicho!

T- O que?

S- Leoa (E fala que é o Tarzan) Sou pessoa, mas faço assim... (e movimentava-se como um macaco).

Depois fala que eu sou a “Macaca” e diz que o macaco bateu em mim. Pergunto o que a macaca é do macaco, ele diz que é “primo”.

T- Qual o nome do macaco?

S- Não sei... Fala se não, morre...

T- Celso ...

S- Rá-Rá-Rá-Rá.. fala mais dele....

T- Não sei, perguntar para o Tarzan...

S- Tarzan não sabe, você que sabe... (ele pega o telefone e diz: “Ela mentiu o Celso não é macaco”).

T- É verdade, Celso é homem, qual a história do Tarzan, S.? (ele fica em silêncio)

T- O Tarzan tem pai e mãe, mas não pode ser cuidado por eles, porque morreram, e o Tarzan é cuidado pelos macacos, você também não pode ser cuidado pela mamãe B. que morreu e o pai também não pode cuidar, e ele foi cuidado pela avó. (Ele fica em silêncio) O Tarzan não sabe?

S- Eu não sei...

40) Novamente, Silas pega na caixa as armas e brinca de luta. Diz: “Poderes do tempo” e depois: “Agora vai morrer”. Ele pede então para eu sentar na cadeira e fala: “Passa o dinheiro”. Depois fala: “Ah! Você quer matar os animais... eu não sou animal... Eu tenho o poder de todos os animais do mundo”. Continua lutando e fala: “Agora você me mata”.

Então fala: “Liga para o chefe e não diz que eu sou o ladrão”. Eu finjo ligar, ele pega o telefone e quebra e diz que eu roubei a arma “sem permissão... Vou chamar seu pai (...) Você vai para a prisão”. E encena um tribunal.

S- Agora é o tribunal, senta aqui (...) Qual é o seu nome?

T- Qual o nome da pessoa que vai ser julgada?

S- Juliana Pais... (ele pede telefone e endereço e continua) Em silêncio, meu nome é Silas.

Nas cadeiras vazias, com as quais forma um meio círculo, diz que em uma, está sentada a Sara: “Sara mulher do...” e fica em silêncio. Depois fala que na outra cadeira é o “pai ... papai...”, escreve no caderno “PI” e diz:

S- Fala (se dirigindo as cadeiras), Ah! Ela roubou... tá... ela roubou.

S- Pode falar! (Dirigindo-se a mim)

T- Roubei uma arma... (ele fica em silêncio) Roubei uma criança.

S- Ah, muito bem, que criança?

T- Roubei o Silas.

S- Eu sou o Silas pai, tem o filho Silas R.P (seu sobrenome)

S- Ah, ótimo, isso mesmo... (...)

Ele se levanta e diz: “Ela roubou as crianças, o dinheiro, a mãe e o pai”.

T-O Silas ficou sem a mãe e não pôde estar com o pai, mas continua tendo mãe B., o pai e os irmãos.

Ele sorri com cabeça para baixo, falo que continuamos na semana que vem e ele diz: “tchau”.

41) Silas entra na sala, abre a caixa lúdica, pega as armas (espada e revólver) e fala: “Poderes dos quatro (e depois) poderes do azul”. Ele então, brinca de lutar com espada e me ‘matar’. Depois, pega o papel, diz: “Matei (*e escreve sinais, riscos como fazendo contabilidade*) 15 pontos para mim, zero para você”. E como se lembrasse de algo, fala: “A máscara do homem-aranha!”. Silas pega a e coloca, e continua a brincar de luta. Diz:

S- Vou chamar a polícia!

T- Por que? (ele não responde e brinca de falar com outra pessoa: “É! Que feio, ela fez isso... Eles disseram que você roubou uma motocicleta, fala”).

T- Roubei uma motocicleta...

S- Não é isso, fala, fala...

T- Roubei uma criança

S- Ah, sim, esse menino de 4 anos e essa menina... (E Silas fala para eu ler os nomes das crianças que ele escreveu)

T- Sare e Deda...

S- é! vai para prisão (...) são meus filhos, onde estão? Pega os meus filhos (*e faz como se os encontrassem, e continua*) Meus filhos, vamos para casa. São quatro!

T- O pai e o tribunal que vai salvar as crianças de serem roubadas.

S- é, escreve.

Silas diz que é para escrever os nomes das crianças: DEDA, SARE, CESAR, RODRIGO. Então, ele escreve depois: Espada, arma, telefone, bolinha, lapa. E pede para eu ler.

T- Escreveu os nomes das crianças e os pais?

S- Escreve, e o pai não é com C.

T- Então qual é? (Ele não fala e eu digo falo: “João” e pergunto do nome da mãe. Ele também não responde e me pergunta, falo Maria)

S- Maria, Maria mãe de Deus, Maria que vai com as outras, escreve. Maria é mãe do João.

T- Ih, se ela é mãe do João, do pai das crianças e a mãe das crianças, mulher de João.

S- Escreve, escreve, Silas, Sara, César e F. (nome do primo)

T- O F. quem é?

S- Primo.

T- Os três irmãos e um primo, então tem avó, netos, mãe e pai...

S- Pode apagar... Power Rangers. (A sessão termina)

42) Silas entra na sala, pega as armas e novamente começa a brincar de luta. Durante a brincadeira, diz: “Poderes do quatro”. Então, dá golpes

T- Onde foi?

S- Na barriga... (E joga a arma para mim, depois pega a arma de volta e diz) Obrigado.

Depois, Silas pega na minha orelha e diz: “saia para nunca mais voltar” e que é para eu morrer fora da sala. Quando ele fala para eu entrar, ele está escondido. Então, fala que é o Tarzan enquanto aparece pulando como um macaco, e depois diz: “Eu sou Jane”.

T- Quem é Jane? (ele não diz)

S- Não, eu sou o Aladin, não, o da lâmpada... tenho poderes... (...) você vai virar um sapo... agora eu sou o Aladin, e tenho 4 pedidos. 1- Vou ter poderes; 2- Vou ser um príncipe; 4- Vou transformar aqui num castelo...

T- E o terceiro pedido? (ele não fala).

Silas atira em mim, pega uma boneca e passa a faca no pescoço dela.

T- Quem é?

S- A filha (e atira em mim novamente)

T- A sua mãe B. e sua irmã morreram.

Silas joga a arma para mim e dá golpes com a espada, depois de um tempo eu atiro e ele fala: “Fui atingido, tá sangrando”; “Vou te matar como você fez comigo”.

Ele então pede para eu ficar do lado de fora, próximo a porta, e quando fala para eu entrar, ele havia deixado uma família de bonecos no chão virados em minha direção.

T- Silas, tem uma família inteira aqui, mãe, pai, irmão, irmã, avó, avô.

S- É (e pede para eu sair, quando entro tem um homem negro, uma mulher branca e um menino)

T- Olha, tem o pai, a mãe e o filho!

S- Ah-Ah-Ah!!

Ele põe então, a família toda em meus braços e pede para eu sair. Quando entro, ele está deitado no colchão, com os olhos fechados.

T- O que aconteceu com o Silas? (ele não responde, levanta).

Silas pede novamente para ficar do lado da porta (de fora), depois quando fala para eu entrar, ele havia deixado boneco-pai e boneco-filho voltados para mim.:

T- Tem o pai e o filho!

Silas pega então o boneco- homem negro (que foi interpretado como o pai) e molha o cabelo dele até ficar encharcado. Então pega a família e molha também a cabeça de uma mulher na água. E diz, ao molhar a boneca: “Vai morrer congelada”. Depois, fala que é para eu molhar a cabeça de um menino e me mostra como que é para fazer: “não é assim, é assim...”.

T- O que aconteceu com a família toda? (ele não responde, canta uma música em inglês, que tem no texto essa frase “get out”).

S- A família é nada...

T- Por que nada, Silas? (ele não responde)

T- A família é importante, tem papai e mamãe... que tiveram você e seus irmãos...

Ele apaga a luz e brinca de luta, atira em mim, mas não posso ver e acertar ele porque ele está escuro.

T- O Silas sumiu? (ele ascende a luz e depois apaga) O que acontece com a luz apagada?

S- Não posso dizer, porque estou invisível.

T- Você me transforma em sapo, me mata, mas tem poderes para se proteger e desaparecer...

S- (ele ri).

43) No início da sessão, Silas pega as armas para brincar de luta. Diz então, que é o “policial”, e depois que é o “Gênio” e apaga a luz.

T- Cadê o gênio, ele sumiu! (ele bate na porta, dentro da sala)

T- Não achei o gênio...(ele acende a luz) Aí está o gênio!

S- Não, não estou.

Ele bate na porta diversas vezes, se pergunto que é, ele diz que é alguém na porta. Eu vou olhar, Silas apaga a luz e se esconde atrás de uma cadeira.

T- Ele sumiu!

S- Tchan! (aparece)

T- Apareceu o gênio!

Depois fala que ele é o Aladin, que a lâmpada é a arma que ele segurava na mãe; e pisa em cima dela, enquanto começa a cantar uma música.

T- É um samba?

S- Não, é pagode... e samba... –Silas apaga a luz e fala que a psicóloga é o gênio e que ela vai ficar presa na lâmpada, mas ele continua:

S- Eu sou o gênio da lâmpada má... não é você...

T- Lâmpada má?

S- Não, lâmpada mágica...

Ele joga a arma e diz que é um rato que ele vai me morder, e depois repete o ato de jogar e vai falando: “mais ratos”. Até que diz:

S- Pega o rato... (quando pego a arma- rato, ele diz) BUM! O rato vai fica na sua boca.

Depois, Silas pede para eu sentar na cadeira e olhar para a janela, ele fica atrás de mim e narra um jogo de futebol, como se eu estivesse vendo numa televisão. Diz então, que é uma novela e vai jogar basquete, acertando a bola na cesta de lixo. Durante esse jogo, ele diz:

S- Eu nunca falei.

T- Nunca falou?

S- (ele não fala nada).

Ele joga o telefone no lixo e depois guarda os brinquedos na caixa.

44) Novamente ele entra na sala, pega as armas e brinca de luta e fala: “Poderes do quatro” e “Power Rangers animal”. Ele dá um tiro e diz:

S- No estômago.

T- O que vai acontecer comigo? (ele não responde e repete: “Poderes” e finge dar chutes na minha barriga e atira).

Quando fecho os olhos e sento, Silas diz “Não!!” e cai no chão, se contorcendo. Quando falo da mãe dele e de sua irmã, ele se levanta, atira em mim e apaga a luz (ficamos no escuro). Depois ele acende a luz e se esconde atrás da cadeira. Fica repetindo a ação de acender e apagar a luz, sendo que quando acendia a luz dizia (rindo) “Voltei”. E fala:

S- Eu sou o lobo mau.

T- O que lobo mau faz? (ele não responde)

Depois me dá as armas e as pega de novo, dizendo: “Obrigado (...) Eu te enganei, eu não sou o lobo mau... Você me deu as armas para eu matar você”.

Ele brinca e fala para eu esperar do lado de fora da sala, quando entro ele tinha escrito na lousa: DEPEDA.

T- O que está escrito, Silas?

S- Você vai morrer... (atira em mim e diz) Não cai! (e é ele que cai após atirar em mim) Você me acertou... (cai e se levanta).

T- O Silas ficou um tempo no hospital depois que nasceu, porque não estava bem...

S- De novo ... Não!!! Me ajude! Me ajude! (ele se contorce, arrasta para longe de mim).

T- Quem ajuda?

S- (ele chega perto da cadeira e tenta segurar uma perna dela) Um braço... (e solta) Não tem nada! Nada!

T- Não tem ninguém para ajudar?

S- Vou ter que nadar... (se arrasta e diz) Poderes! Poderes! (e grita enquanto se levanta) Não! Não! Não!

T- Você conseguiu ficar bem...

Silas volta a brincar de luta e diz que está “invisível”, pega o colchão e põe na frente da mesa, como se fizesse um ‘esconderijo’ para ele e atira em mim, sem olhar, tirando somente a mão para fora do ‘esconderijo’. Então, ele põe a arma do lado dele, a espada do outro e fala: “Silas entre as bombas”. E, se dirigindo a mim:

S- Nunca mais vai falar! Agora não fala mais! (coloca um duréx na minha boca, fraco)

S- Acabou.. agora acabou.... acabou. (eu levanto e falo)

T- Não posso ver você porque fica invisível e não posso falar...

Ele sorri e termino a sessão e ele diz “tchau” ao ir embora.

45) Ao ir em direção à sala de atendimento, Silas pára no corredor e bebe dois copos de água. Entra na sala, pega as armas e fala: “Você está presa”.

T- O que eu fiz?

S- Fala com o homem...

Brinca de me amarrar e diz que “o tribunal vai ser hoje ou semana que vem”.

S- Você matou meu irmão, Silas, como você fez?

T- Como foi? (ele não responde e começa a cantarolar uma música, e com voz fina, de mulher fala: “meu filho”).

T- É a mãe?

Silas então, pega a família, a coloca numa tigela e diz que é uma bomba, jogando-a em minha direção e fazendo o som :“BUMMM!”. Ele pega o saco com diversos brinquedos- bichos e diz:

S- Olha! A floresta Amazona... quanto bicho ... não olha, senão o urso vai te pegar... (...) Olha, o elefante, o cavalo, tem 3, três irmãos...

T- Que nem você, são três irmãos que moram juntos, você, Sara e César.

Então, ele fala que os bichos vão me atacar, mas retoma o “Tribunal”. Olha o caderno e acha a máscara: “Ah! Minha máscara!” e a pega.

S- Não fiz o olho direito...

T- Por que não está direito?

S- Não cortei direito (ele corta o buraco dos olhos, da boca e do nariz e tenta pôr em cima de seu rosto, mas o buraco dos olhos ficam na testa e ele fala)

S- Não dá para ver...

Quando tenta colocar, ela rasga um pouco e Silas a guarda na caixa com os outros brinquedos, ficando com uma expressão triste.

46) Silas entra e começamos a brincar de luta, então ele bate na mesa e fala que tem alguém na porta, para eu ver quem é. Quando estou na porta da sala, ele me dá um lado da corda, fala para eu ficar do lado de fora, e ele fica dentro com a outra ponta da corda, então, atira em mim e fecha a porta (a corda fica no meio). Depois de alguns segundos, ele a abre novamente:

T- Silas antes tinha algo que ligava você com outra pessoa e agora não tem.

Ele pega toda a corda toda, me dá um lado, pega outro e novamente fecha a porta. Depois, ele joga a corda para fora, fecha a porta e depois fala para eu entrar. Quando entro, ele está embaixo da mesa e havia posto um colchão na frente.

T- Cadê o Silas?

S- Joga a corda para mim! - Eu joga para ele, ele a pega e a joga de volta, dizendo- Rato!!

T- Um rato! O que ele faz?

S- Não, é minhoca... Pega... (ele então deixa a corda pendurada em cima do colchão, um pedaço para o lado dele, e outro para o meu lado).

S- Tem dois, duas minhocas... Puxa... (Quando vou puxar, ele puxa a corda e não dá para pegar).

S- é uma minhoca e uma barata! Eu índio-minhoca!

T- Um índio minhoca, como que é isso? (ele não responde)

S- (canta) Peraê, peraê, peraê, tá pensando o quê! Tá pensando o quê! Matei 1, matei 2, matei 3, matei 4, matei 5 , 6, 7, 8,

T- Matou quantos?

S- Matei 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 3, 4, 5, 1, 2 , 3....

Começa a fazer um som, parecido com um rap “tu...tu...”. E fala que é música. Então, joga a corda e fala para eu tentar pegar, enquanto canta: “Peraê” (repetindo) e depois diz no meio da música: “Cala a boca, vó”.

T- Sua avó precisa calar a boca? Parar de falar o que? (ele ri)

E começa a cantar:

S- Abre a porta Maria Chiquinha, eu não abro não, você veado no meu pagode.. abre a porta, eu não abro não... (no meio fala “me amar”).

T- Não abre a porta, vão ficar separados.

Ele amarra a arma na espada e joga as duas para o lado de fora do ‘esconderijo’, sendo que ele fica atrás, não dando para vê-lo. Silas fala que esse (arma mais a espada) é o Índio e depois fala:

S- é o Silas R. P. (...) Eu sou menina...

T- Por que?

S- Silo

T- O nome termina com a, mas é um menino.

S- (canta) Peraê, peraê, tá pensando o quê! tá pensando o quê! Agora peidou, baba baby... baba baby...

T- Peidou Silas, o bebê peidou? (ele ri)

S- Cocô, pum... baba baby, agora que peidei, você me peidou... você é tudo para mim, baba baby... (repete) Popozão no sol (ri), cocô, baba baby..

Depois diz que a arma e a espada, que estão amarradas, é o “Enéias”. Mas depois, aponta somente para a arma e diz que ela é o “Néias”:

S- Ih, ele peidou... fedorento...

S- Que cheiro, fedorento... Ih! Cocô, não dá para ficar com você... (solta a arma da espada e a lança para fora da onde estava, para longe) Agora eu sou só o Silas.

T- Então, o fedorento fica aqui e agora é só S. (ele ri).

A sessão é terminada, durante essa última brincadeira e a música, Silas solta gazes.

47) A primeira brincadeira de Silas é de luta, depois ele bate na mesa e fala que é alguém batendo na porta, fala: “Vai ver a barata”.

T- Cadê a barata?

Ele pega a corda me dá uma ponta e segura a outra, e fecha a porta no meio entre nós dois.

T-A mamãe do Silas e ele estavam ligados quando ele estava na barriga dela, quando nasceu se separaram.

Quando Silas abre a porta, a ponta da corda que Silas estava segurando estava amarrada numa cadeira vazia.

T- Estava ligado, mas não está mais (ele atira em mim e fala)

S- Morre lá fora... (E joga também uma bola e fecha a porta. Quando ele abre, eu falo)

T- Morreram a mamãe e a irmã gêmea, ficaram separados de você.

Ele puxa toda corda e fala que vai dar choque com ela. E depois diz: “você matou meu irmão, agora eu te mato (...) eu sou o Wolverine”. Brinca de luta e cai:

S- De novo não, Poderes do tempo, me ajuda minha mãe (e corrige) mãe...

T- A mãe te ajuda?

S- Poderes dos 3, 3 garras... 3 irmãos...

T- Você tem três irmãos, Sara, Cesar e a P. que morreu..

S- Quieta, quem faz as perguntas sou eu! Vou de duplicar em quatro, 4 irmãos, você matou minha mãe, agora vou te matar...

S- Matá a mãe! Matá a mãe (e depois fala) Vou te matar, matar sua mãe, porque você matou a minha... Agora vem me matar...

T- Quem mata é morto, morre a mãe e o filho... (Silas cai e se levanta)

T- A mãe morreu, mas o filho não.

48) Silas entra, abre a caixa lúdica e pega as varetas (do jogo de varetas), colocando-as nas mãos e novamente diz: “Sou o Wolverine”. Durante a brincadeira, as varetas caem das mãos dele e ele diz: “Olha o que você fez, caiu. Meus poderes...”. E Silas fala que vai chamar a polícia, pergunto por que a polícia vai vir, mas ele não responde e começa a jogar a corda na parede. Num desses movimentos, a corda se prende em um prego, Silas segura a corda, uma mão em cada lado e faz como se estivesse preso:

S- Você me prendeu! (E depois ele se solta).

Ele prende depois um lado da corda em uma mão minha e o outro lado, na mão dele.

T- Duas pessoas vão ficar amarradas!

Silas se amarra sozinho e pede para eu cortar, e depois fala “Obrigado” quando corto a corda.

Depois, fala novamente que é o Wolverine e me pergunta quem eu sou. Eu retorno a pergunta, e Silas responde que tem a “Vampira, só lembro dessa”. Depois, muda seu personagem e fala que é o “ciclope” (outro personagem do x-men). Ele olha para mim e fala: “tsss”.

T- O que é isso?

S- Não posso olhar, não posso olhar (fecha os olhos, abre os olhos e faz “tsss”)

T- Se olhar o que acontece?

S- Meus poderes saem! Não posso olhar! (fecha os olhos e vira. Eu ofereço meus óculos)

T- Um óculos.

S- Agora dá... (ele brinca de tirar e por os óculos). Não, não dá para olhar... Professor Xavier cadê meus óculos de leitura? Agora sou o professor Xavier.

T- Pode olhar se tem proteção e por ler...

49) Ele entra e brincamos de luta, depois de alguns minutos, ele abre a caixa e pega o óculos (outros que eu havia posto na caixa) e o coloca.

S- Posso ver... Sou a polícia, sou o Power Rangers...

T- O que a policia vai fazer?

S- Você é a policia, fala o que você faz... (...) Você é policia mau...

T- Por que, o que policia mau faz? (ele não responde).

Depois de brincar de dar golpes, vai para trás da porta e canta: “No samba... a vaca.. o que tem no meio da bunda... (batuca)”.

T- S. o que tem no meio da bunda? (ele ri)

S- (põe os óculos) Posso ver tudo azul... tudo verde... Sou o Rocabop... (anda duro pela sala e tira os óculos).

Enquanto anda como robô, ele solta um pum e ri.

T- O que foi isso? Um pum?

S- (rindo) Robocop... (anda duro) Michael Jackson (e dança)

T- é uma dança?

S- Não.

Silas vai para o outro lado da sala e grita alto: “O senhor do destino mata a lagartixa (...) Mata ela!”.

T- A lagartixa é morta?

Ele pega corda fala:

S- Minha corda, você puxa de um lado... Ahhh (faz força, até que pega a espada e faz que corta a corda) De volta ao mundo...

Diz depois que é para cada um puxar a corda para um lado e que “quem puxar primeiro peida”. Eu acabo ficando com a corda, ele solta aos poucos.

T- E quem peida? Agora é eu que peido! (ele ri).

50) Silas pega as armas, mas as deixa de lado, pega uma bola e chuta por um tempo, mas depois a guarda e vai se esconder em baixo da mesa e fica lá limpando os óculos. Depois, pega a corda e fala que “é a cobra”.

T- O que a cobra faz?

S- Pica! (e joga em cima de mim)

Então, pega uma boneca da família, atira nela e a joga no chão.

T- A mulher morreu... como a mãe do Silas morreu, ela teve um problema do coração (Ele atira na cabeça do boneco homem e diz depois)

S- Sou o robocop... robocop... robocop (anda de forma mecânica e deita na mesa e fala como se fosse máquina, ou um robô) tem que con-ser-ta, olhos, boca, dentes, nariz, ouvido, cabelo, espada (segurando essa na cintura).

Depois, ele vai em direção ao tanque, abre a água e faz sinal para eu como se fosse para ficar em silêncio, e permanece alguns segundos com os olhos fechados ouvindo o escutando o barulho da água escorrer:

T- Esse som de água, parece o que? (ele não responde e depois de um tempo desliga a torneira).
Depois, põe os óculos e fala “MIB, homens de preto...”. Pega a espada e diz que sai uma “Luz vermelha”, tira os óculos e olha.
T- Pode olhar agora...
S- Não, a luz queima... não pode olhar...
Ele então, se levanta e fala que o ladrão está ali na sala. E como sendo o ladrão, diz para mim (me roubando): “Dá o dinheiro”. Depois, se esconde em baixo da mesa e fala:
S- Você roubou meus filhos e o dinheiro.
T- e não pode roubar os filhos... (ele ri)
S- Você roubou meus filhos e meu dinheiro...

51) Silas escolhe brincar de jogar futebol. No decorrer do jogo diz que seu time “Passa para Rabinho... ele pega ... gol”, sendo ele esse jogador. Um time tem um jogador que se chama Robinho, ele diz ‘Rabinho’.

T- Rabinho? (ele não responde, mas na outra vez fala: ‘Robinho’).
Depois do jogo, diz que “Agora é briga”. Quando pergunto por que vai ter briga, ele responde que é “Porque é Corinthians e Palmeiras” (ele é Corinthians) .
T- Briga por que são diferentes?
S- Você enganou, não falou que era do Palmeiras (e atira).

Então, põe os óculos, tira e faz “tsss”, colocando novamente. E atira para baixo, pega a espada e segura ela como se fosse um violão e começa cantar. Ele atira, se abre os olhos, ele atira e pára de cantar, fico com os olhos meio abertos e ele canta:
S- Amor ... lá... está lá... que foi... que está... lá no sertão... soltei pu... foi para céu... cala a boca... lá... lá... xixi... sou... era... fui... o céu... soltei pum... pu... pu... (faz o som de violão)
Depois, pára de cantar e volta a brincar com os óculos. A sessão termina.

52) Silas entra e pega a espada, a arma e brinca de luta. Faz então um barulho de sirene e diz que é a polícia e se dirigindo a mim, diz: “Você roubou minha arma! Silêncio, cala a boca!”. E atira.

T- Você me mata e não posso falar?

S- Não...

T- Não, o que?

S- Não, pequeno homem...

T- Pequeno homem? (ele ri)

Ele pega a bola e começamos a jogar futebol. Depois, ele joga sozinho, chutando em direção à parede, até um momento em que está sentado em cima da mesa, chuta a bola e ela vai mais longe, ele faz um gemido, como se conseguisse pegar a bola. Eu não entendo e falo: “eu não entendo, o que é?”. Ele fala “Pega!”, rindo.

T- Quando você era menor, não falava e precisava de alguém para ajudar, mas como é quando é pequeno homem? E hoje? (ele sorri, desce da mesa, joga a bola algumas vezes e acerta no cesto).

Então, pega o giz, vai para a lousa e escreve: SARE, e corrige: SARA. Depois, escreve: SILAS, sendo que a letra S parece um 5, depois ele rabisca outro S.

T- Sara e Silas, dois irmãos, uma menina e um menino...

Ele escreve: SESAR, depois apaga o S e coloca C (CESAR).

T- Os três irmãos.

Ele faz então, o desenho de uma forca. Fala para eu falar as letras, mas falo algumas e ele coloca em seguida, não formando assim uma palavra; e ele apaga.

T- Agora você começa...

S- Com S... (sorri)

Eu falo A, ele R, eu A; formando SARA. Depois, formamos seu nome: SILAS e CESAR. Então, formamos MARIA, falo “A”. Ele olha, ri e fala “Não dá”.

T- Por que? (ele aponta o ‘A’ e escreve ‘TONA’. Eu leio, ele ri).

Silas diz que é para eu escolher uma palavra, falo CELSO e escrevemos. Quando olha o nome do pai, escreve ao lado “TE” e circula. E depois faz o que parece ser um G.

T- É um G? (ele rabisca e escreve: BERA e corrige BERE).

T- Bere... o nome de sua mãe é Berenice. (ele apaga tudo).

E Silas desenha um homem e uma mulher.

T- Um homem e uma mulher que nem papai e mamãe, e qual a diferença de homem e mulher?

S- Não sei...

Depois, desenha um rosto na lousa, que diz que é o “palhaço” e ainda, desenha um rosto de um “índio”.

53) Silas pega dois bonecos, um pai e um filho e faz um bater no outro e conversarem:

S (filho): Seu ridículo! Seu bicha!

S (pai): Não, você que é ridículo!

S (filho): Você vai ver!

S (pai): Eu sou seu pai... (e bate no boneco- filho)

S (filho): Não, você vai ver, vou fazer com você o que você fez comigo!

O boneco- pai bate no filho e ele cai da mesa. Depois, é o filho que bate no pai.

T- Por que o filho bate no pai?

S (filho fala para o pai): Você bateu em mim...

Enquanto faz os dois brigarem, o cabelo do boneco- pai cai.

S (pai): Caiu meu cabelo, meus poderes! ... Cú... (e brigam)

T- Cú? O que sai do cú?

Silas continua fazendo os dois se xingarem: “Seu ridículo! (...) Seu bicha! (...) não, você que é!”.

T- O que é bicha? (ele ri)

Então, Silas derruba o boneco- filho, o coloca na bacia e diz: “tem um morto (...) o pai vai ver”. E faz depois os dois brigam. Quando o pai cai, ele coloca o pai de novo na mesa.

T- Esse pai é forte, ainda está vivo!

Ele fala que é “briga internacional” e que o pai virou “Hulk” e bate no filho.

S (boneco-filho): Você me bateu, pai...

Ele fala para eu (com o boneco do pai) bater nele e fala:

S (filho) Você matou minha mãe!

T (pai) Não, eu amava ela, casei com ela...

S (filho) Limpa a bosta!

Então, Silas pega outro boneco que também é pai e fala se dirigindo ao boneco que eu segurava: “você bateu no meu filho, você vai ver! Seu bicha!”.

T- Não sou bicha, sou pai e não sou bicha! (Silas fala baixinho- “Bate no filho”).

Depois que bato, Silas fala que a “Maria gorda bateu”, e ele como pai vai defender o filho e bate nela.

54) Silas novamente pega os dois bonecos na caixa lúdica. O pequeno fala: “Eu sou mais forte”, mas o boneco grande derruba ele. Então, ele deixa esses dois bonecos e pega outros dois da família (um branco e um negro):

S- Nós somos gêmeos...

T- Qual o nome deles? (Silas fala que o nome de um é Silas e outro é Silas).

T- Mas os dois gêmeos tem o mesmo nome?

S- é.

T- Você é também gêmeo da sua irmã, que morreu.

Silas brinca que os bonecos (irmãos) fazem “jiu jitsu” e depois fala que um faz “capoeira” e o outro “jiu jitsu”. E os dois irmãos batem num terceiro boneco, que chega e bate num dos irmãos.

Silas fala que um tem pernas maiores (boneco branco), que esse vai lutar capoeira e o outro irmão (negro): “Vai tomar banho”. Silas pega mais um boneco na caixa lúdica e diz que esse é o filho.

T- E esses dois? O que são?

S- Os pais.

T- Ele tem dois pais?

S- é (e fala que o nome do filho é Silas também).

T- O nome do filho é igual ao dos pais? (ele sorri e fala com o boneco-filho)

S (filho)- Eu também faço capoeira, jiu jitsu.

T- O filho luta como os pais...

No decorrer da brincadeira, ele vira as pernas dos bonecos (dos pais-irmãos e do filho) e fala que os homens “não tem pernas”.

T- Não tem? (ele ri e fala)

S- Tem sim (e solta as pernas dos bonecos).

Silas fala então, que o menino “cresceu” e troca o boneco de criança, por um de um adulto negro.

T- Parece com o pai (Ele ri e faz os movimentos de capoeira com o boneco, e depois pega uma boneca- mulher e faz os dois se beijarem).

T- Cresce e namora, que nem papai e mamãe.

Silas pega o resto da família, separa um boneco grande branco e um menor; e um boneco negro e um pequeno. São pais e filhos.

T- Os meninos, os filhos tem a cor do pai? (ele não responde e faz os dois meninos conversarem:)

S (menino branco)- Quantos anos você tem?

S (menino negro)- 10 anos.

S (menino branco)- (ri) Eu acabei de fazer 10 anos... Minha mãe morreu...

T- E quem cuidou dele?

S (menino branco)- Meu pai, me dava comida, suco.

Silas coloca todos os bonecos, brancos e negros na mesa, arruma os brinquedos de casa e fala que todos vão ver TV. Então, diz que o filho branco é “muito pequeno, vai ter que ficar no colo” e faz o homem negro abraçar uma boneca (que ele diz ser a mãe).

S (filho negro) Eu sou forte!

S (boneca-mãe): Você é meu filho mais forte...

Ele fala para eu pegar outro boneco e bater no filho (negro). E então fala:

S (boneco-filho)- Você vai ver, minha mãe vai dar em você, ela não deixa xinga, MÃE!! (Pega a boneca da mãe e bate no boneco que seguro).

T- Essa mãe é brava!

S- Ela bate na cara...

T- De quem? (ele aponta para o boneco do filho) Ela bate no filho na cara!

Ele junta todos os bonecos, brancos e negros.

T- Tem pessoas brancas e negras, que nem na sua família Silas, tem irmãos de cor diferente, pais de cor diferente, como que é?

S- Mãe branca e pai preto.

Ele começa então, a pegar os bonecos e nominar “A vó ... o Vô... trigêmeos...”. E tenta separar por cores, mas fala: “Sujou” Ih! Meu Deus, sujou!”, vendo que tem mais bonecos de uma cor que outra, não sabendo mais quem que ele já havia nomeado. Ele conta então, 6 bonecos da família negra e 4 da branca, vai no saco e procura mais bonecos, quando encontra um bebê negro e diz:

S- Ih, sujou! (Repete os nomes, vó, vô, mas se perde e fica confuso)

T- Parece uma confusão nessa família...

55) Silas pega novamente a família de bonecos, separa em brancos e pretos. Enquanto separa eles, a calça de um boneco desce, Silas puxa para baixo, olha e depois pega uma boneca e olha dentro da saia.

T- Tem diferença? (ele ri).

Silas forma então, um casal, coloca um homem negro ao lado de uma mulher branca.

T- É um casal? (Ele não responde e coloca ao lado do casal, uma mulher branca sozinha)

T- Essa está sozinha? (Ele pega outro boneco branco).

Silas põe os dois bonecos de mãos dadas. Depois, monta uma casa com os brinquedos (cozinha, sofás, banheiro etc). E pega o bebê (boneco), põe na mesa, tira e passeia com ele.

T- Dá onde que veio esse bebê? (ele ri e põe dentro do armário, tira e coloca em outro, depois coloca na geladeira).

T- Bebê estava num lugar, foi para outro e ficou na geladeira? Como que está?

Ele pega um boneco (homem) e faz ele se sentar na privada, depois tomar banho. Aí, pega um menino e também dá banho.

T- O homem e o menino tomam banho!

Silas faz então, o filho branco lutar com o pai negro, e o filho negro lutar contra o pai branco.

S (criança branca)- Você matou minha mãe!

S (pai negro)- Não matei!

S (criança)- Matou sim!

S (pai negro)- Não matei!

S (criança)- Então, vai levar soco!! (brigam os bonecos) Idiota!

S (pai negro)- Idiota é você!

Depois, pega um boneco grande e o menino negro e fala: “Cresci”, trocando esse boneco por um homem negro. Mas depois fala:

S- Sou criança... (e pega novamente, o boneco pequeno, ‘criança’):

S (menino negro)- Você matou meu pai...

T- Tiraram o pai dos filhos, roubaram o pai dos filhos.

Silas pega alguns bonecos e diz que eles vão sair de carro. O pai branco pega o bebê negro e Silas, quando olha, fala: “é diferente”.; e olha para os bonecos negros (bebê é mulato).

U- O bebê tem a cor misturada...

Ele pega uma mulher e um menino branco que fala:

S (filho branco) Pai, paizinho...

S (pai)- Eu que sou grande, eu que vou, meu filho (e é ele que vai dirigir o carro)

T- Então, quando crescer que pode ficar grande como o pai e dirigir (ele ri).

S- Cadê minha irmãzinha? (Silas olha para mim, depois pega o bebê e fala) Vou levar minha irmãzinha para passear.

56) S. entra e falo das férias do final do ano. Ele escolhe para brincar o jogo de damas. Na primeira partida ele ganha, na segunda partida, ele começa a deixar peças para eu comer (me ajudando).

T- Acho que você deixa as peças para eu comer (ele sorri e eu ganho a segunda partida).

Na terceira partida, sobra uma peça minha, mas ele não come e fica andando com as peças no tabuleiro. Mas depois de um tempo, come (ganha) e fala: “É fácil”.

2005

57) Silas entra na sala e pega o jogo de damas. Escolhe as pretas e aponta para eu jogar.

T- Com quem você joga?

S- Meu irmão.

T- Como que você joga com eles, como que é o jogo?

S- Não sei...

T- Podemos decidir como jogar, ou ler as regras, como que fazemos? (Ele aponta para o papel das regras).

Começa a ler as regras, lê 'CASA' e pára.

T- Por que você não lê?

S- Eu não sei.

T- Mas você já está lendo agora... vamos ver (e ele tenta ler).

Silas lê as sílabas isoladas, não a palavra inteira. Em um momento de sua leitura, Silas lê as sílabas isoladas, mas acrescentadas de S. Por exemplo, ao ler 'oponente', Silas leu:

S- Os... pos.. nes... tes...

T- Tem o som de S.

E lemos as regras juntas. Às vezes, ele lia e olhava para mim, como se não entendesse e eu lia novamente. Conforme jogamos, Silas perguntava: "Pode fazer isso?" (se referindo a me comer); ou "posso?". Eu perguntava a ele, "Pode?"; e Silas sorria e às vezes comia.

58) Novamente Silas escolhe jogar damas e escolhe as peças pretas. E no início do jogo, diz que: "o preto dá sorte!".

T-Por que o preto dá sorte? (ele não responde)

Ele seguia em parte as regras, outras vezes não, e perguntei como é as regras, como que íamos jogar; e o Silas apontou para as regras escritas. No decorrer do jogo, ele algumas vezes protege as peças dele, outras vezes, ele pode comer e não come.

T- Acho que algumas vezes você pode comer minha peça e não come.

Porém, depois dessa fala, Silas começa a comer as peças (todas) que é possível. Ele ganha uma partida, depois eu outra e na última ele passa a jogar melhor e a proteger suas peças. Ele ganha a última partida e ficam sobrando 3 damas e 3 peças dele.

T- Sobrou 3 damas e 3 peças, 3 pretos... (ele ri)... que nem três irmãos, Sara, César e o Silas. (Ele ri e guarda o jogo na caixa lúdica).

59) Silas entra e pega o jogo de dama e escolhe as peças pretas:

T- Por que você sempre escolhe as pretas? (Ele sorri e olha para baixo).

Jogamos algumas partidas, e no decorrer dos jogos ele perguntava: 'Posso fazer assim?', referindo-se a comer minhas peças. Repete isso diversas vezes:

T- Por que você pergunta? Acho que você está perguntando para saber o que eu acho disso. (ele ri).

Ele então come a minha peça. Após o jogo de dama, ele pega a espada e fala para eu ficar com a arma e diz:

S- Vem... vamos brigar..

T- Por que vai ter briga?

S- Você é ladra.

T- O que eu roubei?

S- A espada dos poderes (ele me dá a espada e pega a arma que eu segurava).

T- Que poderes que ela tem?

S- Eu não vou falar... quieta, eu sou da polícia... cala a boca!

Depois, dessa brincadeira de luta, ele diz:

S- Eu sou o ladrão...

T- E eu? A polícia?

S- Não, eu sou a polícia...Encoste lá, você vai ser condenada ... fala... fala...

T- Roubei a espada dos poderes...

S- Fala ... Fala...

T- Roubei uma criança...

S- Eu sou uma criança...

T- Você foi roubado?

S- (ri) Não, eu sou polícia... adulto (E Silas pega a espada e me joga o revólver).

Ele brinca de dar golpes com a espada, e se eu atiro não acerto ele. Depois em uma jogada eu atiro e ele, como se estivesse ferido, fala: “Não! ... Sou criança...”. Se apóia na mesa e bate a espada na tanque da sala de atendimento, como se estivesse presa nele. “Tá colada (...) Sou criança...”. Então, depois de bater ele faz a espada cair e, ao se soltar, Silas diz:

S- Não!! (...) sou criança ... Poderes!! Lion (...) Meu pai me ajude! (...) Quem eu sou? Quem eu sou? Quem eu sou?

T- Quem você é?

S- Não te interessa quem eu sou, ou quem eu deixei de... (fica parado pensando e continua).. quem eu deixei de fala...

T- Quem deixou de falar? (ele não responde) Quem deixou de ser, de falar? (Ele ri)

S- Fica quieta.. você acha que aqui é casa da mãe joana, e você é mãe joana?

T- Sou ladra e mãe? (Ele ri)

Depois, Silas se esconde e brinca de luta, faz que ficou ferido com um tiro e diz: “Você acertou meu coração (e ele vai em direção à mesa) Vou melhorar, vou.. Por todos meus corações”.

T- Mamãe Berenice morreu, avó diz que tinha problema de coração. (Ele põe os óculos e diz:)

S- Você quer me matar.. (e como se estivesse já curado, diz) Posso ser adulto quando quiser.

E continua a brincar de luta. Mas novamente fica ferido.

T- Dois ficam feridos ... (ele ri)

60) Silas entra na sala pega as armas e diz:

S- Combater o crime!!

T- Que crime? (Ele não responde, fica um pouco em silêncio e diz:)

S- Você matou minha mãe... (silêncio) Agora você matou minha mãe, vou vingar. (E continua a brincadeira de luta, quando ele vai ‘matar’).

T- Quem mata é morto? (Silas não responde, pega os óculos, e tira-o e faz como se saísse raios, tinha dito no início da sessão que era o ciclope).

T- Se olhar, fere alguém.

S- Quieta... vou pôr lentes (tira óculos).

T- Agora não acontece nada comigo...

S- Não, é lente vermelha... (depois faz como se ainda saíssem raios) Matei ela, não preciso mais dos óculos (E atira em mim)

S- Sou mal... (fica um pouco em silêncio e diz) não, sou bom...

T- Por que é mal?

S- Bom.

No decorrer da luta, Silas diz que ficou invisível, brincando de repetir isso, aparecer e desaparecer, ou como ele mesmo ia falando durante a sessão: “ Invisível, desinvisível, invisível, desinvisível”. E em um momento, Silas fala “Estou invisível, não posso falar”.

61) A sessão se inicia com a brincadeira de luta, ou de ‘matar’ e no decorrer dessa, Silas começa a brincar de desaparecer, estando “Invisível” e depois “desinvisível...”. Quando está invisível, eu não acerto ele, Silas se defende com a espada que tem poderes. Depois dessa brincadeira, Silas vai até a caixa, pega a corda e diz que é o “Chicote! Vai trabalha senão apanha... trabalha (bate a espada na mesa) sou o chefe...”

T- O chefe bate?

S- Cala a boca! Em mando aqui... (e bate a corda na mesa)

T- Parece uma avó falando! (ele ri)

S- Não sou velha, sou chefe, cala a boca, vai trabalhá!, lava a louça, lava a roupa...

T- Ih, chefe não deixa fala, manda lavar e trabalhar...

S- (cai na gargalhada) Cala a boca... (e diz) Esse é meu filho (aponta almofada) Desgraçado! Não faz nada (e bate na almofada)

T- Por que isso acontece com o filho?

S- Cala a boca! Ele me desrespeitou ... e você trabalha ou vai embora!.

T-O pai do Silas não ia trabalhar e foi embora... (Silas ri compulsivamente, e começa a bater na almofada com a corda e falar)

S- Seu animal... desgraçado!!

Depois, Silas diz que eu vou ser presa porque desrespeitei.

T- Quem fica preso?

S- Os ladrões, 20 ladrões e quem matou...

T- E quem dá chicotada?

S- Também, tem que respeitar os mais velhos... (depois fala) eu vi na televisão que a babá bate na criança.

T- E como que é? (ele não responde).

Então, Silas diz que é policial e fala que a criança vai ser levada para a casa da mãe e continua: "Tem que respeitar os mais velhos, não pode matar, não pode bater".

62) No início da sessão falo para Silas que iria chamar a avó dele depois para conversar (sozinha), dizendo a ele que isso ocorreria porque às vezes ela fica confusa com a criação dele e de seus irmãos. Então, Silas abre a caixa, pega a arma e aponta a espada para mim e atira:

T- Por que você está atirando?

S- Você matou minha mãe! (atira) Vai trabalhá! (bate a corda na mesa)

T- Tem que trabalhar, e seu pai como que é? Ele trabalha?

S- Não.

T- E se não trabalha como que é?

S- (ri) Fica sem trabalho...

Ele fica pensativo pega o giz e vai escrever na lousa.

S- Vai escreve! Lição, pega o lápis!

Ele escreve: SLAS.

T- O que está escrito, S.? - Ele não responde e escreve: "SIAS".

T- É Sias? -Ele apaga e escreve: "SALAR"

S- Escreve!

E na lousa escreve: "ARALARA" e depois "PARA CASA".

T- Para casa? (ele ri e fala: "outro, mais").

Escreve "100 = 123". Pergunto como duas coisas diferentes podem ser iguais, ele não responde e fala: "Agora conta", escrevendo na lousa:

1) 1360+132

2) 80012 80012 12

3) 80012= 8069124

T- Que sinal é esse entre esses números (número 3)?

S- Menos.

4) 12343 x 789

926523 # 3290 (faz entre os números o sinal de diferente)

T- Que sinal é esse? São diferentes os números?

S- É (e ele escreve)

329890+ 378

324838 # 10020

312970 = 34088

Então, Silas escreve os números de 1 a 23, esquecendo o 11. Ele lê e fala 11, sem estar na lousa.

T- Cadê o 11? (Ele olha e escreve 11)

T- O que tem com 11? 11 anos? (ele sorri e escreve na lousa: “MATEMATICA” e fala)
S- Agora é exercício! (escreve na lousa)

1- COM C AO C ARIDO AZIRAZA DE EDO ARIZARA ZARALA

T- Como que lê isso?
S- C ao C risco...
T- Arido, o que é?
S- Não sei ... (ri)

2- QUE VATICO ARIADO

3- ALATIÃO ARIADO

T- Alatião, o que é? Tião?
S- Latião... cachorro.
T- Um cachorro que solta um latidão, um latido grande? Como que é? (Ele sorri)
S- Agora conta (Escreve “3+6” e olha para mim).
T- Quanto é? (Silas tenta contar na mão e não consegue, eu falo para contarmos juntos, na mãe, fazemos essa conta e ele diz)
S- De novo! (Ele escreve: “4+8”, ele tenta contar com os dedos das mãos mas o número excede, então, ele diz para mim) Põe 4... (e conta) 12.
S- 12.
Silas escreve então: “PORTUGE”.
T- O que é?
S- Português! – E escreve:

1) ZOZO E O PAÍ

T- Zozo e o pai, quem é zozo? (ele sorri e fica em silêncio) E esse pai?
S- Pai folgado!
T- Por que folgado? (ele não responde e escreve: “AO” e depois “MATÃO”).
T- Matão?
S- Não escreve! (eu não escrevo no caderno).
Silas escreve depois “SARA E SILAS” e depois “MARIA”
T- Tem zozo e o pai, Sara e o Silas que são irmãos e a avó.
Ele escreve:

2) SARA E MARIA COM IARA ÃO

T- Iara, quem é Silas?
S- Da história...
T- Que história?
S- Da sereia, ah, não... não é não, não sei.
E escreve:
“PAI A SARA VOVE MO NA”
Ele lê em voz baixa, olha e diz: “Risca, tem muita coisa” e continua escrevendo: “SAPA”.
T- Sapa? O que é sapa? (Ele pensa e escreve)
“TOTO”
Forma-se: SAPA TOTO
T- Sapatoto... totó...
S- (Sorri) Cachorro.

3) MATA

T- Mata?

S- Não é mata, mata (aponta para fora da sala onde tem um jardim)

T- Mata, onde tem árvore...

S- É.

E então, ele escreve:

MATA E O LEÃO (Grifando essas partes da frase e depois escreve:)

PATO E LALE

ZAZA E SARA

MARIA E ZELA

T- O que é depois de Maria?

S- É C...

T- Cela? O que é cela?

S- Onde prende ladrão, mas não escreve ladrão...

T- Cela com ladrão, quem é o ladrão? (Ele não responde e escreve)

VOVO E OVO

T- Vovó e ovo?

S (olha o que escreveu e corrige)- Vovó e o vô (pronuncia dessa forma, mas na escrita ele não põe os acentos) Não sei se tenho vô...

T- Tem vô, porque a vovó casou com vovô e nasceu seu pai. Vovô é o pai do seu pai.

AZALA

S- Já escrevi o texto.

T- O texto tem vó e vô, pai e filhos...

S- Quatro...

T- Continuamos na semana que vem.

63) Silas entra na sala, pega o giz, o caderno e vai para a lousa:

S- Lição, escreve (E sorri).

4- VATIDODÃO

T- O que é vaticodão? (Ele sorri e levanta os ombros) Tem a alatião, latidão e agora vaticodão? (Ele ri e escreve)

$4 \times 5 = 9$

T- Que sinal é esse?

S- Vezes.

Ele então escreve: “ARAFIÃO” e depois “GEOGRAFIA”

5- MARIÃO SARÃO FRADÃO (E Silas diz: “É um texto”).

T- Vaticodão, marião e sarão... quanto ão...

Ele escreve 6 () e pede para eu escrever a resposta, como também no 7 (), mas falo que não entendi o exercício, o que é para responder:

S- Então, não escreve, tanto faz, sua burra! não sabe ler!

T- Mas quem não sabe ler, não pode aprender?

Ele novamente escreve:

7- CI

8- ...

9- ...

10- MARIA É SILAS.

T- Maria é Silas?

S- Não! (ele apaga e escreve “Maria e Silas”, mudando o é por e)

11- GORDO E LEÃO

GARDO E LEÃO

SILAS E MARIÃO

SARA?

T- E a Sara? (Ele não responde).

E ele escreve: “MASA FIADO FIADA VACA VIADO LEÃO LIRORA DOSÃO
LIERÃO LERÃO”.

T- Viado? O que é isso? (Ele não responde)

T- Lerão? Vão ler? (E Silas fala que é “lição”).

Ele então escreve alguns números, no exercício 13 e:

14- FACA E DZE SE (faz desenho do símbolo de uma pessoa)

T- O que está escrito?

S- Coma... é lanche, burra! É recreio

T- Por que burra? (Ele não responde e escreve)

15) Dora

64) Silas entra com algumas fotos na mão. Pergunto quem é, ele fala: “Celso e P.”, ou seja, o pai dele e o outro é o ex-marido da avó dele, que não é pai de Celso (Maria). Na foto, os dois estão tocando música. E Silas mostra também uma outra foto dele com seus dois irmãos: “Sara e o Cesar”.

T- E você! (Ele ri)

T- Então, tem pai, marido da vó, você e seus irmãos...

S- Não é meu pai!!

T- Como assim, por que não?

S- Ele bebe...

T- Ele bebe, mas continua a ser pai, por que se bebe não é o pai? (ele não responde e vai escrever na lousa).

10- O BOBÃO E ABABI

A MARIA E CERA

T- Maria e cera? (Ele olha e muda CERA para CELA). Maria e a cela, onde fica ladrão? (Ele continua a escrever)

ABABO E MIMA

MARA E SILAS E SARA

MATEMATICO

MAISA E AMO

T- Quem que ama? (Ele escreve)

MARIA E AMO

MARIÃO

T- Tem Maria e Marião, como que é Marião? (Ele não responde)

S- Vou ganhar um ovo da professora...

T- É? Quando?

S- Não sei, da escola... (E continua a escrever na lousa: 17 depois apaga, escreve 47 e depois 17 e depois deixa 7).

MATOSA

BONECA

MATO

MARI

NAVI

GERA

AMO

MÃE

GERDO

CASA

(desenha um coração em baixo)

Silas escreve inicialmente a primeira fileira. Quando escreve, pergunto: “Mari amo, ama a mari, quem é?”. Ele escreve a segunda e terceira fileira.

T-E o coração, o que é? (Ele não fala)

65) Silas abre a caixa lúdica, pega dois bonecos e uma bolinha de gude do bolso, depois faz os dois bonecos brincarem. Guarda esses brinquedos e então, pega a massinha e fica fazendo formas. Diz que é “paçoca”, depois que é “pão”. E fala que é para eu comer, depois diz “Agora eu”. E com a massinha, Silas faz cobrinhas e depois começa a fazer letras e forma o nome da irmã (SARA). Ele diz “Come” novamente a mim.

S- É sopa!!

E Silas escreve com as cobrinhas de massinha, seu nome própria e de novo o nome da irmã: SILAS e SARA (fazendo letra por letra).

T- Da sopa tem palavras!

S- Agora Maria A. (nome da avó e escreve: “MARIA E F.”, sendo F. seu primo)

T- A avó tem outro neto!

Desenha então, a avó numa folha, a irmã do outro lado, a tia e atrás o F. (primo). Nesse desenho escreve o nome do primo e em baixo da tia e depois do lado, o nome da avó (MARI sem o A) e os três irmãos em baixo.

66) Silas entra com uma garrafa de água e se senta.

T- Na outra sessão teve comida e nessa tem água para beber! (Ele ri e vai escrever na lousa)

São Paulo 2005

E REIAL MARIÃO

SÃO IARTO ãO DIA

QUERÃO SATO

MARIÃO E SARÃO

RASA MARIARA

MEIRA SARÃO

Eu leio e ele fala, “Sarão” e aponta para o cotovelo. A avó comentou estar com furúnculos no braço.

T- De sarar? – E Silas escreve:

TEXTO

*PEIXE E PEIXA LEÃO E LEOA
LOLA E LALE*

T- Tem peixe e peixa, leão e leoa, um casal de peixe e de leões, como casal homem e mulher (Silas continua a escrever:)

MATEMATICA

110- MARIA

MORDA MARIA

T- Vai morder a Maria, o que? -Ele ri e escreve:

LEÃO E LEIA

São Paulo / SILAS / SALAS (Ele corrige Salas por Silas e fica):

São Paulo / SILAS / SILAS ROCHA PEREIRA

S- Eu fiz um livro! (Mas escreve: SARA e fala que ela é “autora”).

T- Como que é isso, você escreveu o livro e ela é a autora?

S- Eu o meu, e ela fez o dela... Escreve o título...

T- Qual que você pensa?

S- (ele pensa, mas fala) Escreve...

T- Silas, a família e o leão, o que você pensa?

Depois, olha para mim e não lê o título. Pergunto se ele não quer ler, ou talvez ele queira mudar o título, ele lê com dificuldade fecha o caderno e passa a dar visto nos exercícios das últimas sessões, dando ‘visto’ e fazendo um desenho de uma carinha, um sorriso e uma língua. Enquanto Silas mexe no caderno, cai seus desenhos e ele então, faz mais uma máscara. No momento em que ia cortar o buraco dos olhos, Silas acaba cortando a máscara. Ele coloca duréx, joga a antiga máscara fora e olha para a nova.

T- Não precisa da máscara velha, mais... (Ele pega a nova e coloca na cara, mas fica olhando com olhar triste, devido ao corte que ficou nela).

67) Silas entra na sala e escreve na lousa os números: 201, 203, 204, 205 até 229 e, depois escreve 2010, 202, 2211, 222, 223 (...) e “ESESCE”.

T- Esesce?

E então, ele escreve: “CESE” e depois:

GAGA (e muda para) GATA E GATO

LEÃO E SESE

E Silas fala que é um leão “grande”.

T- Gato e gata, é um casal? (ele não responde e continua a escrever)

ENCAERSARSA E SARÃO

Depois, Silas desenha o que parece ser uma pessoa de perfil e parece estar grávida (já que Silas desenha uma barriga grande). Depois, faz o desenho de um leão com dentes.

T- Que dentão o leão tem? O que o leão faz? (Ele ri)

Ele desenha ainda: uma aranha e teias,; o homem- aranha; uma cobra voadora; um cachorro; um elefante e um “lambrusco” – que parece um animal.

Depois, Silas desenha um robô. Escreve inicialmente “BOLO”, mas depois apaga e escreve “ROBÔ”. Então, escreve “CACHRRO” e “Rô ... Rô”, perto do desenho do cachorro, que está na frente da mulher que parece grávida e late em direção a ela.

T- O cachorro está latindo para a mulher grávida? (Silas ri.)

Silas desenha um “SASI” (com uma perna) e escreve o nome em baixo de seu desenho. Depois faz um outro Saci, com duas pernas, e mais uma pessoa – que nomeia de “IARA” (e escreve). Silas fala que ela é a irmã dele e que vai pegar o Saci. Depois, ele desenha outro SASI, mas esse tem 1 perna.

T- Um saci tem uma perna e outro tem duas? (Ele ri e apaga uma perna).

Depois, ele desenha mais uma pessoa que parece com o parece o Sasi (tem também uma perna), e fala que o nome dele é “CAIPORA”. E faz uma baleia e diz que ela:

S- Vai engolir ele (caipora)... e ele rodou e caiu fora...

Então, Silas faz um desenha dele, de sua irmã, da avó, do irmão e de seu primo, F.. E fará todas essas pessoas pegando o Saci.

T- O saci ia ser engolido, agora tem várias pessoas que vão pegar ele (S. sorri e desenha mais um saci e uma pessoa).

68) Silas brinca de futebol. Fala que é o jogo do Corinthians com Palmeiras. No decorrer do jogo, se os dois se aproximam para pegar a bola, ele fala que é “Falta” e às vezes cai no chão. E depois, toda vez que faço gol, ou pego a bola, ele fala: “Falta”.

T- Toda vez que faço gol, ou pego a bola é falta!

S- Mentira! (Ele ri e fala que foi falta e fala que vai mostrar em câmara lenta).

Depois, diz que vai ser um outro jogo, do São Paulo contra o Santos. Quando ele tenta driblar, ele fala: “Letrinha”, ou quando ele dribla, diz “Dei uma letrinha”.

T- Letrinha? (ele não fala nada)

Diz ainda, que ele é o zagueiro “Rabinho”.

T- Rabinho? - Ele continua a jogar, dribla e fala:

S- Palavra! (E faz gol)

T- Está fazendo letras e palavras...

69) Silas escolhe jogar futebol novamente. Durante o jogo, quando faz gol ele dança um pouco, comemora; e quando defende a bola que eu jogo, diz: “O goleiro é muito bom!”. Ou ainda, fala que ele (goleiro) ao pegar a bola, “Salva” o time. Em algumas comemorações de seus gols, ele colocando a bola no colo e parecendo embalar uma criança:

T- Parece uma criança no colo...

Na outra jogada que ele defende, ele se contorce no chão (como se fosse difícil), e fala: “Salvou o time”. Quando não pega a bola, fala: “quase”. E então, ele passa a deixar eu fazer gol. Falo: “Parece que você deixa eu fazer gol, não salva...”. Ele sorri, e diz depois de algumas jogadas: “Agora vou salvar”.

70) Silas escolhe jogar futebol, e durante o jogo ele vai contando os gols. Quando o jogo está 10 (para ele) e 2 (para mim), ele faz um gol e fala:

S- 9 a 2!

T- Você tinha 10, fez gol e perdeu 1? (ele ri)

S- Não, é 11.

Depois, ele dirá: “Corinthians (*time de S.*) ganha do São Paulo... faz letrinha”.

T- Você sabe fazer letrinha, como sabe escrever, ler... e o que mais você sabe?

S- Nada!

Depois, conforme jogamos, ele fala: “Você precisa aprender a pegar a bola (...) precisa treinar” e jogamos um pouco, e ele joga para eu treinar, me explicando como é o jogo.

Então, Silas guarda a bola na caixa lúdica, pega a espada e uma bola e fala: “Você joga e eu bato”. Quando joga, ele diz que a bola é uma maçã e quando acerta-a, diz: “separou”.

T- Separou como você e sua irmã e mãe

Ele fala:

S- Linguíça! (...) A linguíça tá podre!

T- Podre? (Ele bate na bola que ele chama agora de linguíça).

Fala que é para eu comer a maçã, mas depois diz que é linguíça estragada, ou depois retoma que é a maçã. Quando bate na bola, diz:

S- Tenho que treinar separar! (...) Maçã do amor...

T- Como que é maçã do amor? (Ele não responde)

Fala que é para eu comer, brinco que como e ele fala: “Comeu a maçã do amor podre...”.

T- A maçã do amor, tá podre? (ele sorri)

Joga no chão a bola e diz: “Nojenta!!”; dizendo que tem que lavar, porque ela caiu no chão.

S- Caiu, lavagem regressiva, 5, 4, 3, 2, 1...

T- Silas se não lava fica nojento, e como é com o papai, que às vezes não tomava banho?

S- Lava seu mostro!! (e joga a bola) 5, 4, 3, 2, 1... (e lava) Acabou...

Ele começa a cantarolar.

71) Silas entra na sala, tira um boneco, um macaco do bolso e fala: “Liga o ventilador!” e ri. Então, escolhe brincar de bola (futebol) e quando faz gol, ele dança como macaco (imitando os movimentos de um macaco). Então, ele coloca o macaco em cima da mesa, o coloca de costas para ele (Silas) quando ele faz gol, virando ele de lado. Depois, pega a bola e tenta derrubar o macaco, até que o macaco cai.

T- O macaco caiu? O que acontece com ele? (Ele ri).

Uma vez, quando a bola bate no macaco, derrubando-o, eu pergunto o que aconteceu com ele:

S- Matei!

Silas pega então, outros bichos e fala para colocar no chão: “Virados, a bunda”.

T- E onde que a bola vai bater? (ele ri)

Eu coloco os bonecos virados para mim e eles ficam de costas de S., ele ri e fala:

S- Não! Para lá!!

T- A bunda para a parede? (ele sorri)

Ele joga a bola e vai derrubando os bichos. Durante essa brincadeira, diz: “Matei”, ou “Strike”. Quando tenta acertar o macaco, diz ainda:

S- Macaco fedorento! (E começa a cantar uma música, no ritmo de um samba) Trabalha o dia todo... abunfa... e você mostra a coxa... o samba... casar...

72) Novamente, Silas pega da caixa lúdica o saco com bichos e a bola para brincar de derribá-los. Quando consegue, ele diz: “Strike”. E também, começa a cantar: “Macaco... fedorento... fedô... peido... soltou um peido... foi no banheiro...”.

T- O que ele foi fazer no banheiro?

S- (cantando) Não pode falar, é falta de educação... macaco pão... na casa do bundão... o bundão soltou ... pão... o pão roubou o macaco... o pão... bundão... pegou o pão...

T- O que sai do bundão? (Ele ri).

E enquanto joga a bola, fala:

S- Macaco fedorento... leão vagabundo... (...) Matei todos... vão tomar banho... Strike, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10...

E então, desliga o ventilador.

73) Silas pega a bola e pede de novo para colocar os bichos no chão, quando Silas tenta acertá-los. Quando consegue, ele fala: “Acabei com todos (...) Matei todos”

T- Não sobre ninguém?

Silas fica em silêncio, mas depois diz:

S- Sobra o porco!

Ele então, pede para eu anotar os bichos que ele vai derrubando, fazendo uma contabilidade que eles às vezes fazia, cada bicho que caía, ele riscava no caderno. Depois, ele pega o telefone e fala: “Aqui é o S. R. P. (*fala o nome inteiro e sobrenome*), quero duas pizzas ... é... não, eu que mando aqui... Desgraçado... não trabalha...”.

T- Quem não trabalha?

S- É assunto meu, da minha mulher e eu...

Ele então, passa a jogar a bola, mas quando sobram 3 bichos, ele pára.

T- Não morre todo mundo, ficam 3...

Ele continua a falar no telefone: “Você não trabalha, eu não sou igual a ele, é aquela gorda, mulher baleia falando... Seu desgraçado... vai para cervejinha... não trabalha... vai para o chiqueiro”.

T- Chiqueiro onde fica o porco? O papai as vezes bebia e não tomava banho...

S- Cala a boca!!

T- Parece uma vó falando.

S- (ele imita uma voz fina, de mulher) pi-pi-pi.... qui..qui..qui....

76) Silas entra na sala pega as folhas e as tintas e primeiro desenha o que parece ser uma pessoa, pergunto quem é, mas ele diz: “Nada” (e ri). Desenha depois, o robô, uma “índia” e um “índio” e fala que ambos caçam.

T- Um homem e uma mulher? É um casal? (Ele sorri).

Silas desenha também, uma bola, um “sorvete” (e fala que é para avó dele), uma panela e ainda uma casa. Depois, ele começa a limpar a mesa, que está suja de tinta e fala: “Sujei... cachaceiro...”.

T- Cachaceiro faz sujeira? – Silas não respondo, mas desenha um mar.

T- O que é?

S- Água.

T- Aonde que tem?

S- Rio.

Ele se dirige ao tanque e lava o pote de água, como os pincéis. Depois, brinca de pular corda, amarrando-a na cadeira e contando quantas vezes ele pula. E, às vezes, quando vou pular ele diz que a corda é a “Cobra, tem que pular”.

T- E se pegar?

S- Morde...

77) Silas entra e pega a bola na caixa lúdica e a brincadeira e jogamos a bola um para o outro e não pode deixá-la cair. Quando ele joga a bola e eu não consigo pegar, ele diz: “Eu pego!!!”. E quando ele joga uma bola que cai, ele diz que “é ponto para mim”.

T- Quando eu não pego e cai, é ponto para você! (Ele ri).

Ele peg, então, as armas na caixa lúdica e fala: “Leão”. Pergunto o que o leão faz, ele responde: “Morde! Vai pegar você”.

T- Estou com medo, leão vai me pegar e me morder... (Ele ri e fala:)

S- Macaco! (E brinca que liga para alguém e fala) Ajuda... acabou as forças... Ajuda... não tem ninguém...

T- Não tem ninguém para ajudar?

S- ... Eu tenho a força agora... (E brinca de luta) Cansei, acaba a luta...

T- Cansou de brigar. (a sessão termina)

78) Silas entra, pega na caixa lúdica as armas e brinca de luta, me dando a arma e pegando a espada. Depois, deixa as armas e pega na caixa uma tesoura, papel e duréx. E faz um “Um bigode” que ele coloca em cima de sua boca.

T- Quem tem bigode? (Ele não responde e depois de um tempo diz: “Tá feio”).

T- Por que está feio?

Ele, então, faz uma coroa (feita com uma colagem) e põe na cabeça, mas não cabe e ele faz outra maior e põe em sua cabeça e tira, e se senta numa cadeira.

T- O que é Silas?

S- De rei...

T- Uma coroa de rei, O que rei faz?

S- Fica sentado...

T- E os outros?

S- Trabalham...

T- Rei não trabalha, são os outros....

79) Silas entra na sala e liga o ventilador.

T- Ih! Hoje não vai ficar nenhum cheiro... (Ele ri e aumenta o ventilador).

Ele pega o jogo de damas, na caixa lúdica, e escolhe jogar com as peças pretas e eu, com as brancas. Enquanto joga, ele canta algo que não é possível entender, e faz junto um batuque na mesa.

T- Que som é esse? Um samba? (Ele ri e bate mais forte na mesa) Seu pai, era de um grupo de samba, o que ele tocava Silas?

S- Não sei...

Na primeira jogada, ele ganha; e quando ganha, ele cantarola mais. Na segunda partida, passa a me ajudar, não comendo as minhas peças quando é possível:

T- Acho que você não está comendo minhas peças, me ajudando! (Ele sorri).

Jogamos outras partidas, a terceira ele ganha e a quarta, eu ganho. Ele passa a jogar não deixando de comer as peças, ao mesmo tempo em que continua a batucar.

T- Muita música, sem cheiro!

80) Silas entra alegre, pega o cordão de barbante e a tesoura e faz uma ‘cama de gato’. Primeiro corta muito pequeno, mas depois faz outra.

T- Como que é que brinca?

S- Assim... (e mostra, depois fala) não, é assim...

T- Silas você aprendeu, da outra vez que brincamos, você não sabia...

S- Não! (Ele ri e começa a dançar).

No decorrer da brincadeira, chega um momento no jogo que ele não sabe como fazer, tentamos juntos. Mesmo que não consiga, Silas fica tentando e pedindo para fazer de novo (“De novo!”). Além disso, quando ficou difícil o jogo, Silas ligava o ventilador.

T- Tirar o cheiro para ajudar... (Ele tenta, não consegue e fala)

S- Errei (e finge que está chorando)

T- Parece que está chorando!

S- Manhê... (e imita um choro)

T- Chamar a mãe...

S- Vai vamo lá! (dança e começa a cantar) Eh... E... Oohh... e quem quiser brincar com a gente...

T- Agora pode aprender e tentar quando está difícil...

No final da sessão, ele sai correndo e se esconde de mim fora da sala.

81) Ele entra e pega o barbante para brincar de ‘cama de gato’. Depois de alguns minutos, chega em uma parte mais difícil do jogo, Silas liga o ventilador:

T- Quando é difícil, tira o cheiro para ajudar...

Depois de algumas tentativas, ele começa a inventar o que pode fazer com os fios.
T- Antes não conseguia, agora você inventa e tenta algo diferente
S- De novo! De novo!

Silas, então, vai para a lousa e escreve:

MATEMATICA

$2 \times 2 = 4$

T-Duas vezes o dois, dá 4?

$3 \times 3 = 6$

T- 3 vezes o 3, é 3 mais 3 mais 3... (fazemos juntos, ele põe 9 e ele faz)

$2 \times 4 = 8$

Seguindo a lógica de Silas, falo que duas vezes o dois é dois mais dois. Ou que três vezes o três- $3+3+3$. Silas faz as contas e dá 9. Depois, ele escreve 2×4 e fazemos também a conta. Depois, Silas continua escrevendo:

SARA

SA/ RA

SILAS

SI/ L/ A/ S

CEASR (e muda para: CESAR)

CE/ S / A / R

MARIA- MA/ RI/ A

MA/ RI/ A

T- Os meninos tem letras separadas?

Depois, ele escreve: “SES” e muda para “CESAR”.

T- Os três irmãos tem S, mas é diferente os nomes... - Ele continua a escrever:

R\$ 8, 00 / 4,00/ 5, 00/ 2, 00/ 3, 00 (Em seguida, S. põe números e soma)

20,00	35,00
30,00	36,00
34,00	37,00
32,00	38,00
<hr/>	<hr/>
116, 00	146,00

Depois vira a folha e desenha os seus dois irmãos e ele.

82) Silas entra na sala e pega na caixa a espada e a arma. Brincamos de luta. Quando dá ‘golpes’ de espada e são próximos da barriga, pergunto:

T- Aonde foi? (Ele repete o golpe na minha barriga) Na barriga! E o que acontece comigo?

S- Vou te matar!

Ele então, pega os óculos, põe e quando tira faz: “tsss” (como se sáísse os poderes) e coloca de volta.

T- Você pode proteger, se pode olhar ou não, se matar ou não!

Ele tira os óculos, põe no chão e fala: “Vou quebrar o óculos!”. Pisa nele devagar e fala: “Voltar no tempo” e atira em mim.

T- No passado... você mata...

S- Vou te matar! Poderes...

T- No passado, a mamãe e a irmã morreram... E você?

S- Eu vivi! Poderes (e vai no ventilador e faz como se pegasse poderes)

T- Esses poderes, tiram o cheiro...

S- Vou destruir você, destruir o tempo... Não dá para voltar...

T- O que acontece não volta? (Ele pisa nos óculos, mais uma vez).

Ele então, apaga a luz e fala: “O lobo... (acende a luz)”, ele faz que ‘o lobo e atira em mim. Depois, fala: “Vou matar o lobo”. Depois apaga e acende a luz, e fala: “Saci”, vindo pulando em uma perna.

T- Primeiro é o lobo, que mata e morto e o Saci de uma perna!

S- Não! (ri e coloca as duas pernas no chão).

T- O que saci faz?(Ele não responde, e começa a fazer um batuque).

T- É um samba? O que faz quando tem samba? (Ele ri e dança)

S- É lá, olha lá... (como se indicasse que a música viesse de fora)

T- O pai do Silas era de um grupo de samba famoso! (Ele sorri)

Em um momento, durante a sessão tenta ligar o ventilador, mas é alto, pergunto se ele quer ajuda, ele fala: “Eu sei” e coloca. Falo: “É verdade, você sabe”. Quando a sessão termina, falo que continuamos na outra semana e ele fala: “Não!” e continua a brincar.

T- Não, o que? (Ele ri).

Falo que acho que ele queria que não terminasse a sessão hoje, mas que continuamos depois, ele guarda as coisas na caixa. Na saída, se esconde de mim, depois sai correndo quando acho ele. No corredor, ele aponta um papel que tem na parede do corredor na clínica, e coloca o dedo, parecendo estar lendo. Quando pergunto se ele está lendo, ele sorri e sai correndo.

83) Silas pega as armas, o óculos e coloca-o. Quando tira faz “tsss” e atira em mim, e então, começa a fazer batuque e diz ele é “o ciclope”. E tira óculos.

T- Pode tirar, ou colocar o óculos! (Ele tira e faz “tsss”).

Pega a bola e começamos um jogo de futebol. Se eu faço gol, ele se joga no chão e fala: “Falta”. E quando fez gol, grita “GOLLL” e diz: “Ele vai ser bom... eu sou bom... Fábio Costa” (goleiro do Corinthians). Em um momento que faz gol, ele fala:

S- Gol do cel...

T- Gol do ccel? (ele não responde) como assim, Cel?

S- Nada!

Continua jogando e ele dele como goleiro do time: “Ele é o número 1... o número 1”. E quando faz gol, começa a dançar. Inicialmente, dança como um robô, mas depois ele dança como se fosse um samba. E começa a driblar e tentar enganar.

T- É para enganar! (ele sorri)

84) Silas entra na sala e pega novamente as armas e brinca de luta. Fala: “Pega! Luta”. Ele brinca de dar golpes e fala: “Na barriga...(e depois) você tem mais uma vida”.

T- Duas vidas, como a mamãe e a irmã...

S- Cala a boca!

T- Parece uma vó falando!

S- Eu sou homem... Robocop... 1, 2... dormir, lavar a mão, acordar... Acabou! (depois continua) Eu sou Silas R. P. (e mexe no ventilador e no tanque, e indica que acabou a água)

T- Vamos ficar sujos!

S- Poderes! (E ele liga a torneira) Água sanitária...

Depois, pega a arma novamente e fala que é o robocop, atira em mim e fala: “Voltar para as trevas (...) Vou dormir”. Então fala que ficou “invisível”, vai no ventilador e fala: “Poderes”.

S- Poderes do ventilador! (ele começa a cantar) Samba... Oh, negro.. abraço de negro... sou negro... o samba... mensalão... Parabéns prá você... nesta data querida, muita felicidade... ela faz anos, cada ano mais velha... vai casar e ter filhos com o cara...

T- Com quem que ela vai casar? (Ele não responde) Cresce, casa e tem filhos!

85) Silas entra na sala dando saltos e pulando, abre a caixa, pega bola e começa a jogar. Quando fez gol, falou:

S- Gol, Robicopa...

T- Robicopa?

S- Fabio Costa...

Depois de algum tempo jogando bola, Silas pega os bichos e brinca de derrubá-los com a bola. Quando consegue fala:

S- Eles morreram! (...) Ih! Consegui...

T- Todos morrem? (Ele novamente joga a bola, quando derruba todos fala:)

S- Urrá! Todos morreram...

86) Silas traz as cartas para brincar (card) e diz: “Vamos”. Fala que é para jogar joken pô antes de alguém começar, quem ganha começa. No início do jogo, ele fala para colocar de 2 cartas em cada jogada e no decorrer da brincadeira. Quando é para arrumar as cartas, ele diz: “Arrumes!”, e quando as crtas batem em algum móvel ou na roupa, ele fala “Volts” ou “quina volts”. E quando ele arrumava as cartas falava: “arrumadinhas”. Em uma jogada, ele ganha e diz:

S- Você não gosta de perder, seu chorão...

T- Sua vó falava que quando você perdia um brinquedo, tiravam, você chorava... (Ele sorri e quando ganha esta jogada e fala)

S- Ganhei, é o reizinho...

T- Reizinho que fica sentado, como o pai, rei ...

S- Não, só isso...

Então, Silas fala que é para colocar agora 3 cartas no início (“Agora três!”) e fala para eu pegar as cartas pequenas, enquanto ele olha as figuras.

T- Três pequenos... – Depois ele fala que na outra jogada, vai ser:

S- Três pequenos... –Mas ele coloca além dos três, uma carta grande:

T- 3 pequenos, como três crianças e uma grande, como um adulto...

S- Duas grandes!!!

T- Dois adultos!

Silas continua o jogo e em uma partida, quando coloca 3 cartas para começar, ele diz:

S- 3 lingüiças!!

T- Três lingüiças, como assim?

S- (ri) Mentira!

Depois de um tempo começa a jogar e cantar no ritmo de uma música:

S- Ah... Lê... lê... lê...

T- Parece ritmo de samba (ele ri continua jogando e continua cantando)

S- Onde a lingüiça vai, o boi vai atrás, onde o boi vai, a lingüiça vai atrás, onde a lingüiça sai... eu falei... que samba bom... onde a lingüiça vai... o assis vai... o assis eu atrás...

T- Você, assis?

S- Não (ri)

S- (cantando) Eu segui meu caminho... lingüiça estragada... que cheiro ... mas esse samba fede.. fala... lingüiça... comi arroz com lingüiça... arroz bom... esse samba é bom...

T- O samba é bom e fede...

S- (ri) Mentira, é ruim...

Silas sai da sala e olha para o ventilador, ele não ligou nessa sessão.

87) Silas entra sorrindo e fazendo barulho com o braço e a mãe, e diz que é “Peido” e liga o ventilador.

T- Não vai cheirar ruim hoje!

S- Não (e ri)

Ele traz as figurinhas para jogar “bate” (ou card) e coloca a figura de uma boca com dentes no final das cartas.

T- Por que essa figura vai no final? (ele não responde)

No decorrer do jogo, quando vira as cartas, fala: “Nalesce!!”.

T- Parece nasce...

S- Não! (e sorri).

Ele também sempre coloca no início duas cartas e eu duas.

T- Sempre duas... Que nem você e sua irmã, eram gêmeos...

Ele coloca 3 cartas.

T- Agora são, 3 irmãos... você, Sara e Cesar. –depois dessa jogada fala:

S- Seis...

T- 6 irmãos? (conto com ele: trigêmeos, ele e a gêmea e mais a filha só da mãe) Quantos irmãos...

S- (ele ri).

Quando está indo embora, levando as cartas nas mãos, uma cai, ele pega; depois cai outra e ele novamente guarda.

88) Silas entra e se esconde de mim quando vai para a sala, depois aparece, entra na sala e pega papel para desenhar. Desenha o que parece ser uma pessoa e faz mais dois desenhos. Pergunto quem é, mas Silas sorri e tenta jogar tinta em cima do desenho, que acabou. Ele então, joga diversas tintas no papel e fala: “Vai ficar bonito, Saci 2005”. Mas depois de jogar fala: “Sujou, que nojo...”. E olha para o desenho e faz sinal com a mão, como se cheirasse mal.

T- Cheira mal?- Ele não responde e fala:

S- Vou limpar... (e pega o pincel sujo) Ai! Que nojo...

E faz outra mistura de tinta e começa a batucar e fala: “Rabinho”.

T- O que sai do rabinho?

S- Cocô... (joga mais tinta e fala) cocô azul...

Ele faz um outro desenho, que diz ser uma “linguiça” e também mexe a mãe, como se tentando tirar o cheiro, como se cheirasse mal. E pinta de vermelho.

T- O que é esse vermelho?

S- Sangue... Agora um cocô não azul...

T- Vovó fala que, às vezes, papai não cheirava bem...

S- Linguissomo! (...) Celso tem que fazer cocô na calça...

T- Por que ele tem que fazer? (ele não responde).

Silas joga então, cola em cima do que chamou de cocô e diz: “Vou acabar com tudo”. E se levanta, para fazer força e acaba com a cola.

T- O que é isso? (Silas indica que é algo que tem cheiro ruim)

S- A linguiça, o buraco fechou.

T- Que buraco?

S- Dá onde ela sai...

Ele pinga mais cola em seu desenho e faz rabisco com as tintas:

T- O que é?

S- Celso fazendo cocô (rabisca) cocô na calça...

T- Quem faz cocô na calça?

S- Pinico...

Mexe na tinta e diz: “trabalho, trabalho”. Ele pergunta onde os desenhos vão ficar, falo que vou colocar no armário, para secar, depois guardamos na caixa lúdica (na pasta de desenhos) e então, ele pergunta: “Minha avó vai ver”.

T- Ih, e como que é se a avó ver todos esses cocôs? (Ele ri e fala:)

S- Tem que pôr aqui! (aponta para debaixo da mesa) Vou pôr... (coloca e depois continua)

T- Que mais o Celso faz?

S- Nada, linguiçeiro... (faz sinal com as mãos de cheiro ruim)

T- Por que é linguiçeiro?

S- (não responde e fala)

T- Seu pai também tocava numa banda...

S- Não...

T- Não tocava?

S- Tocava mal...

T- Mas ele fez parte de um grupo que ficou famoso...

S- Mentira.

Ele mexe no pincel e fala: “Trabalha... trabalhando (...) Acabei! Limpar... Ih, sujou... tô trabalhando”, continua limpando o pincel, potes e a mesa.

S- Ih, vai ficar assim? (olha para desenhos) Onde coloca?

Eu falo que vou guardar para secar.

S- Minha avó vai ver?

T- E se sua avó ver? (ele ri e diz)

S- Tem que pôr aqui (embaixo da mesa)

T-Esconder? (ele ri) Onde você quer deixar? Quer deixar aí ou guardar?

S- Não sei... guardar..

Quando Silas está saindo, ele olha a mão e vê que está suja, então pára na porta e olha para mim:

T- O que você quer fazer?

S- Lavar a mão... (voltamos à sala)

T- Pode sujar e depois lavar...

S- Não (ri e se lava).

Silas sai jogando água.

89) Silas entra rápido com as cartas na mão (card).

T- Você trouxe as cartas hoje?

S- Não (ri).

Olha os desenhos da sessão passada e junta eles. Ele divide as cartas em dois blocos para mim e para ele, depois tira 3 cartas do meu monte. E quando ganha, fala:

S- Peguei o cel!

T- Pegou o cel (ou cel)?

S- O seu!!

T- Falou cel / céu!

S- Mentira (e ri).

E começa a batuca e a cantar uma música que toca nas rádios. Uma música em francês, que tem a frase “est- ceque tu me sent?” e ele canta:

S- Esquitomase ...oh.. ohh..

No decorrer do jogo, quando coloca a carta que tem uma figura de uma boca com dentes, ele pede para esperar, procura a outra figura igual e coloca as duas juntas:

T- Duas bocas?

S- Duas linguíças...

Continuamos o jogo e quando ele perde, ele faz como se chorasse.

T- Parece que está chorando...

S- Nenê tá chorando (imita) lá...

T- Quando perde, chora...

S- Nenê soltou um pum... (faz barulho de bebê) É o bebê... fez cocô (faz sinal como se cheirasse mal).

T- Esse cocô cheira mal...

Ele fala para eu limpar, falo: “Eu limpo o cocô que cheira mal, limpar bebê”. Ele diz: “Te enganei, não é não, não é o bebê”.

T- É você! Você me enganou... (Ele ri e aponta falando que o bebê está em outro lugar).

90) Silas entra sorrindo e pega a bola para brincar de futebol. Durante o jogo, o tênis dele cai e ele continua a jogar com um tênis:

T- Vai jogar com um tênis só? (ele sorri)

No decorrer do jogo, ele amarra o tênis mas ele cai de novo e Silas continua a jogar sem um tênis. Como também, às vezes esconde uma mão (para trás) e joga só com uma mão.

T- Parece que só tem uma mão!

Ele pára de jogar, pega as armas e fala: “Vai”.

T- O que?

S- É novela bang-bang... você tem essa (espada) ... aí você me ataca

T- Por que?

S- Porque é novela bang-bang...

Ele atira em mim e cai.

T- Morre duas pessoas, que nem mamãe e a irmã...

S- Mais uma vez... (ele atira em mim e cai)

T- Morrem dois!

S- Não, eles vão para hospital... ah, não, morreram... aí eu vou para caixão embaixo da terra... Vamos fazer de novo!

E Silas fala que é para não falar. Após repetir essa cena, depois que atira em mim, ele cai e fica um silêncio que dura uns 5 minutos. Depois, ele se levanta e em silêncio se senta.

T- O que aconteceu?

S- Mentí, eu não estou morto, eu mato você!

91) Silas entra com uma revista de motos, olhando para ela:

T- Você está com uma revista! Está lendo? (ele ri e faz não com a cabeça).

Ele entra na sala, se senta e começa a folhear a revista, depois se levanta e liga o ventilador e volta a olhar a revista. Pergunto do que é, ele fala que é de “moto”. Ele fica olhando:

T- E como que é a revista?

S- (vira as páginas) É duas iguais! (...) Aqui é três iguais...

Depois, decide jogar dama. Ele escolhe jogar com as peças brancas e eu jogo com as pretas.

T- Hoje você joga com brancas e eu com as pretas?

Silas faz não com a cabeça e troca as cores. Falo: “Eu jogo com as brancas e você com as pretas, na sua família tem pessoas brancas e pretas, mãe era branca e o pai é preto”. Silas volta a olhar a revista das motos:

T- Tem irmãos que tem cor parecida e tem uma irmã que é de cor diferente, branca. Primeiro nasceu 3 irmãos –Sara, C. e mais um menino; e depois, você e P.

Silas volta a jogar dama e batucar. Em um momento no jogo, ele olha para mim e pergunta se pode comer para trás.

T- Como que é, nas regras, pode?

S- Não (e faz sim com a cabeça de depois fala) Não...

T- Como que é?

S- Não.

T- Então, você jogou contra as regras! (ele ri).

Depois, ele faz um outro movimento com as peças e fala que podemos escolher como queremos fazer. E então, Silas começa a cantar: “Sou eu... sou eu... sou eu...”.

92) Silas entra e liga o ventilador.

T- Aqui não vai ficar nenhum cheiro ruim...

Ele abre a caixa pega o jogo de dominó. Quando começamos a jogar, ele começa a cantar e batucar: “lá na rua 24, a mulher deu pro sapato, lá na rua 24, a mulher deu de 4”.

T- O que é isso, Silas, mulher deu de quatro e deu pro sapato? (ele não responde e continua a batucar).

Inicialmente, no jogo de dominó, Silas conta em voz alto quando divide as peças (1, 2, 3, 4, 5...). Depois, no decorrer do jogo ele fala: “eu só tô com 4 (...) só tô com três”. Diz que ele é rápido e quando ele perde uma partida, ele bate com a peça ou a mão na mesa, como se estivesse frustrado,

ou bravo, às vezes, ainda meio ‘resmungando’. E em outra jogada, quando ele não tinha onde colocar a peça, ele coloca num lugar que não pode pelas regras.

T- Pode pôr aí?

S- Não tem regra, quem manda sou eu... (para, pensa e continua) no jogo...

T- No jogo, a regra é sua?

S- Não... (com a cabeça faz sim)...

T- E agora? Como que é?

S- Não...

T- Ih, então você roubou! (ele sorri)

E quando ganha, ele fala: “ganhei” e começa a batucar e cantar:

S- O fedô fico, mas melhorô... o fedô fico, mas melhorô...

Continuamos a jogar dominó. Ele ganha e fala que está 8 (que ele ganhou) e 3 (que eu ganhei), eu tinha ganhado 5, falo:

T- Diminuiu o que eu ganhei, é 5 e ficou 3...

S- (ri) Você quer roubar...

T- E você?

S- 10 a 3, 11, 12, 13, 14 (e fala até 20)

T- Você quer ganhar tudo isso?

Depois de um tempo de jogo, ele fala: “Nove a ...”. E pede para eu falar.

93) Silas entra na sala e fala: “jogo” e pega o jogo de damas. Pergunto que cor ele vai ser, ele responde:

S- Sou dama! (e fica com as peças brancas)

T- Você é dama?

S- No jogo, né? Óh, a malícia...

T- Branco é ser dama? (ele faz sim com a cabeça) Como sua mãe, que é branca e é dama...

Ele ganha a primeira partida e fala: “o branco dá sorte”. Depois, ganho outra partida, ele deixa o jogo de damas de lado, pega dois bonecos da família e fala que é “luta”.

T- Por que tem luta? – Então, Silas pega um boneco e faz como se esse dissesse para o outro:

S- Vagabundo, cala a boca, não trabalha...

T- O que um é do outro?

S- Pai e filho, linguíça...

T- Pai e filho tem linguíça?

S- Ih, vergonha (sorri) Éssa é a mãe (pega outra boneca)

T- Mãe de quem?

S- Dos dois...

T- Que confusão, se a mãe é dos dois, o pai é irmão?

Então, ele faz a conversa dos bonecos:

S (boneco-filho)- Vagabundo!

T- Por que o filho fala isso, a vovó fala isso do papai? (o boneco pai bate na mãe)

S- Tem que respeitar a mãe... (os dois bonecos falam um para outro- pai e filho ‘Vagabundo!’)

T- E o pai?

S- Tem que respeitar o pai...

94) (sessão após uma semana do aniversário de S.)

Ele entra sorrindo, abre a mala e pega um celular e mostra. Pergunto se ele ganhou, ele não responde e tenta ligar, mas acabou a bateria, ele diz que o carregador ficou em casa, que vai carregar. Depois, ele pega o giz e o apagador e vai na lousa e faz uma forca e os traços para escrever uma palavra.

Pela primeira vez, falo A e ele coloca no lugar de A, não no primeiro espaço (repetindo isso com as outras letras). As letras que não existem na palavra, ele as escreve ao lado. Falo S (ele coloca fora), C (ele escreve), E (ele deixa fora), I e U (ele coloca as duas).

Assim, a palavra formada é “CAIU”. Depois, formamos a outra palavra que ele escolhe que é “SAROU”.

T- Caiu e sarou!

A terceira palavra é CESAR (nome do irmão), a quarta é SILAS (seu nome) e depois, a palavra é SARA (nome da irmã).

T- São os 3 nomes, dos 3 irmãos.

Então, ele faz só um espaço.

T- Só uma letra?... S...

Silas escreve o S e apaga e faz um traço grande (sem divisória) e depois outro traço grande sem divisória e escreve “MA” (sem separar letras e os espaços, como fez nas outras palavras).

MA

Falo “e”, Silas faz não com a cabeça, falo “R” e escreve “MARIA”. Depois, desenha um carro e escreve “CARRO”. E faz outro desenho maior e escreve em baixo: “Camicão”

T- Camicão?

S- Não! Caminhão...

T- Parece camicão!

S- Mentira! (e sorri)

Então, ele faz um quadrado na lousa e escreve ‘sim’ na frente, e outro que é ‘não’ e olha para mim.

T- Para escolher, sim ou não?

S- É! Sim ou não?

T- Mas o que sim ou não? (Ele levanta os ombros e fala para eu escolher:) Não.

Silas ri, apaga e fala para eu escolher de novo. Pergunto: “É sim ou não?”. Ele aponta para sim, falo sim, ele faz um X no ‘sim’. E fala: “De novo!”. E faz os dois quadrados.

T- E o que é sim, ou não!

Silas escreve “SRICO”.

T- Srico?

S- (ri) Não! (E corrige “CIRCO”) Vai?

T- Se vou no circo ou não?

S- É isso! (ele aponta o sim)

T- Sim... E você? (ele não responde).

Depois, desenha um urso com dentes na lousa e escreve: “US” e muda: “URSO”. E então, desenha um cachorro, escreve: “CACHORRO” e depois “CACHORRICHÁ”.

T- Cachorricha! (quando leio ele troca a letra C por N).

Silas fala que a cachorrinha é menina e cachorro é homem. E escreve: “GATA” e depois: “GATO”; e “LEÃO E LEOA”.

T- Qual a diferença deles, macho e fêmea, homem e mulher?

Ele desenha então, um homem com chapéu e com bigode e uma mulher com cabelo comprido. E escreve: “HOMEM” e “MULHER”.

Ele então, pega a mochila e fala que quer brincar de cobrinha.

T- É a cobrinha? – Ele faz não com o dedo.

95) Silas entra na sala com um saco na mão, pergunto o que é, ele mostra um certificado e um chapéu.

T- Ganhou um chapéu, do que é? – Ele abre o certificado do curso da escola, PROERD- Um certificado, você acabou um curso! (Ele sorri).

Silas então liga o ventilador, abre a caixa lúdica, pega os óculos e as armas e fala para eu levantar a mão, que ele é policial e que eu roubei os óculos (e fala para eu dar a ele).

S- Vem! (como se preparando para lutar)

T- Por que?

S- Você é do mal... você matou o homem...

T- Quem mata é do mal?

S- Do bem... não, do mau...

Depois, desliga o ventilador.

T- Ih, agora vai ficar cheirando a sala!

S- Você soltou um pum... (ele apaga luz).

Ele acende a luz e anda com olhos fechados, com a mão andando pela sala e tocando os móveis. Depois, atira em mim e fala: “Eu te matei”. E põe os óculos e fala: “Sou o wolverine! Não, sou o ciclope...”. Quando levanta, sai “raios”.

T- Pode controlar se sai os raios ou não?

Ele levanta os óculos e faz som como se saíssem os raios, então, deixa os óculos caírem e procura por eles, como se os perdesse, pisando nele.

T- Não pode olhar...

Ele põe os óculos e diz: “invisível!” e começa a fazer um batuque na mesa. E cantar: “Socorro, socorro”.

T- O que? Socorro, por que?

S- O lobo vai te pegar...

T- E o que acontece?- Ele batuca e não fala.

Silas volta para a caixa e desenha, um leão e escreve diversos nomes dos familiares.

Anexo 2-

Figuras/ Desenhos

Desenho 1



Desenho 2



Desenho 3



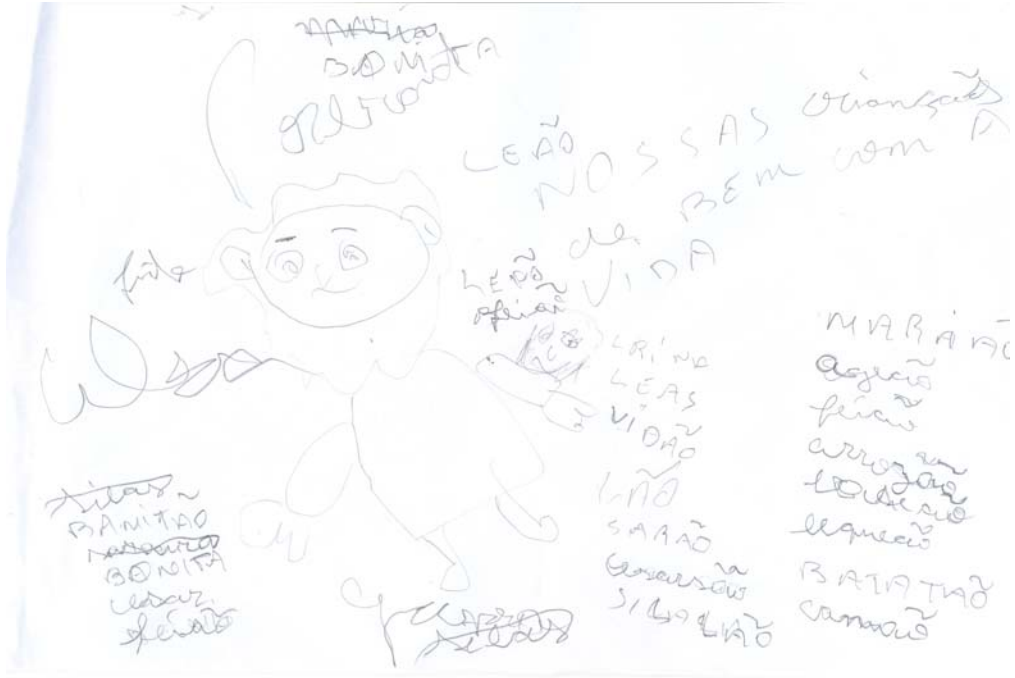
Desenho 4



Desenho 5



Desenho 6



Desenho 7

